UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Heloisa Antonelli Aun

A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas.

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em Ciências**

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Antonelli Aun , Heloisa

A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas. / Heloisa Antonelli Aun ; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2019.

158 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. fenomenologia existencial. 2. Bandeira Científica . 3. extensão universitária. 4. formação profissional. 5. permanência estudantil. I. Tognetti Penha Morato, Henriette , orient. II. Título.

HELOISA ANTONELLI AUN

A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas.

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof^a Dr^a Henriette Tognetti Penha Morato

São Paulo

2019

Nome: Aun, Heloisa Antonelli

Título: A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof (a) Dr (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a) Dr (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a) Dr (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a) Dr (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a) Dr (a) _____ Instituição: _____

Julgamento: _____

Aos meus filhos, Tomaz e Manuela, pelos novos mundos que fazem rodar a cada instante.

AGRADECIMENTOS

Ao Walter, pela construção de um habitar constante, por permanecer em minha árida ausência, por me fazer pertencer.

Aos meus pais, Sebastião e Ana Maria, por nos ensinar tanto sobre a importância de vivermos em comunidade.

Às minhas tão queridas irmãs, pelo companheirismo mesmo que por caminhos desencontrados.

Aos meus sobrinhos, por me fazer estrangeira de época, por vias tão pertinentes.

Aos meus cunhados, pelo café com bolo em momentos de descanso.

À Vó Nise, por sua disponibilidade eterna para cuidar.

À Lucélia, pela forma alegre e carinhosa de estar conosco.

À comunidade Estilo de Aprender, pelo nascer de novas memórias à minha família.

À comunidade IPUSP, pelo companheirismo e anos de resistência.

Aos amigos do LEFE, velhos e novos, íntimos e nem tanto, pela história compartilhada de muitos anos.

À Lígia - companheira, à Luciana – presente, ao Tiago – forasteiro, e à Helena – a novata, pela leveza dos tensos dias de plantão.

À Neide, pelo apoio mesmo que em momentos tão difíceis.

À comunidade Bandeira Científica, áreas e municípios, pela convivência, matéria-prima na realização desse trabalho.

Em especial à equipe de Psicologia de Belterra: Milena, Tereza, Mariê, Mari Rivera, Felipe, Danilo, Bianca, Tatiana e Ianni, pelo convite para compor, pela confiança em estar, pela oportunidade de criar.

À Henriette, por desafiar as entranhas, por acreditar mais do que eu mesma.

Aquilo que ainda vai ser depois... é agora. Agora é o domínio de agora. E enquanto dura a improvisação, eu nasço.

(Clarice Lispector)

RESUMO

AUN, Heloisa Antonelli. **A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas.** 2019. 158 f Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Tendo como fio condutor a fenomenologia existencial, o estudo recorre a autores da filosofia à literatura, propondo uma reflexão acerca da ação da extensão universitária na formação profissional do aluno. Como *locus*, está o Projeto Bandeira Científica, utilizado como pretexto para discussão sobre a formação e aprendizagem, ação e promoção de saúde. Para isso, retoma-se breve história do projeto desde seu início. Tal cenário é possível, pois o projeto é organizado e construído por alunos de graduação de diversas áreas da saúde para intervenção em municípios brasileiros. Foram realizadas entrevistas com seis ex-alunos do projeto Bandeira Científica, de áreas da saúde diversas, no intuito de refletir como o espaço interdisciplinar pode encaminhar a formação profissional do aluno. Deste modo, embora curto no tempo, o projeto revelou uma intensidade significativa, inclusive nas relações que dele surgem, em meio ao cansaço e às expectativas dos protagonistas. Através das narrativas, deu-se a ver que uma ação universitária aberta às questões do mundo, num contexto histórico, social e político, e à construção de novos conhecimentos e metodologias para a comunidade, propõe um *vir-a-ser* profissional imerso no encontro com o outro, no diálogo e na ação, criando possibilidades para cuidar do outro e de si mesmo. No construir em conjunto com outras disciplinas, o aluno diz poder se reconhecer no próprio agir e dizer da profissão: modo outro de aprendizagem, distante dos clássicos modos formativos. Olhar a promoção de saúde, pelo caminho da experiência *com* e *entre* outros, possibilitou reflexões sobre temáticas que envolvem a atenção à saúde para a co-construção de uma forma de clinicar, como: corpo, vida, história, desejo e decisões. Por fim, a Bandeira Científica, sendo comunidade em comunidade, mostra que a extensão universitária pode ir além da formação. Por sua intensidade e proximidade, ela exige presença e pertencimento. Foram espaços compartilhados que, na con-vocação para participar, dividir, vincular e criar, fortalecem o encontrar-se do aluno como projeto de si.

Palavras-chave: fenomenologia existencial, bandeira científica, extensão universitária, formação profissional, permanência estudantil.

ABSTRACT

AUN, Heloisa Antonelli. **University extension programs as action for health and belonging: the *Bandeira Científica* through narratives.** 2019. 158 f Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Having existential phenomenology as a connecting thread, this study explores authors from philosophy to literature, aiming to reflect about the meaning of university extension programs action for the student's professional education. As *locus*, there is the *Bandeira Científica* Project as a pretext to discuss learning experience, as well as action and health promotion. In order to accomplish that, it undertakes a brief history of the Project from its beginning. Such scenario is possible because the Project is organized and built by undergraduate students from several health professions, in order to make a monthly intervention in Brazilian cities. Six interviews were made with *Bandeira Científica* Project former students, from different health areas, with the purpose of thinking how an interdisciplinary space can lead the student's professional training. Therefore, although being short in time, the project reveals its significative intensity, and also among the relations that arise from it, in spite of the protagonists' fatigue and expectations. Throughout the narratives, it became clear that an university action opened to worldly issues, in a social, historic and political context, as well to new knowledge and methodology for the community demands, suggests a professional to *becoming* that is immersed in encountering the other, in dialogue and action, creating possibilities to take care of the other and of oneself. In such collective construction with other areas of knowledge, the student claims to recognize himself in his professional way to act and say: another way of learning, different from the classic formative modes. Through the experience of being *with* and among others, to think about health promotion made possible to reflect about questions involving attention to health in a clinical co-building way, as: body, life, history, desire and decisions. Finally, *Bandeira Científica*, by being a community in the community, shows that university extension programs may go beyond the educational period. By its intensity and proximity, it demands presence and belonging. It were the shared spaces that, con-vocating to participate, bind and create, strengthened the student to find himself as a self-project.

Keywords: existential phenomenology, *Bandeira Científica*, university extension program, professional education, student's assistance

SUMÁRIO

Capítulo I – Trajetórias entre áreas: como se encaminha a questão.	10
1.1 Graduanda entre quase áreas.	11
1.2 A Casa.	12
1.3 Obras e Cidade.	15
1.4 Universidade: o retorno.	17
Capítulo II – Bandeira Científica: um ensaio cartográfico.	19
2.1 A Bandeira ela mesma: um dia.	25
2.2 Psicologia e o olhar estrangeiro.	28
2.3 Fala e Saúde: projetos perdidos.	30
Capítulo III – Entre visitas e falas: cartografando narrativas inventadas.	32
3.1 Narrativa construída entre falas.	34
3.2 Protagonista/Narradores	39
Capítulo IV – Um olhar clínico para experiência e formação via extensão universitária.	41
4.1 Graduandos-errantes em busca de sentido: des-afio em/para encontrar-se.	42
4.1.1 Do além do muro da estrada: o jovem em busca/transgressão.	44
4.1.2 Deixando o caminho errado: crises	47
4.1.3 Orna-lhe a frente esquecida: a comunidade como <i>locus</i> de aprendizagem.	49
4.1.4 rompe o caminho fadado: o aprendiz para além da graduação.	53
4.1.5 Cada um cumpre o Destino: entre-áreas.	57
4.1.6 Vencendo estrada e muro: o cuidado.	65
4.1.7 Encontra hera: pertencer/permanecer.	69

Capítulo V – Tudo o que já foi é o começo do que vai vir.	78
5.1 Um pano de linho.	86
REFERÊNCIAS.	88
ANEXO A – Entrevista com o profissional da Fisioterapia.	93
ANEXO B – Entrevista com a profissional da Terapia Ocupacional.	103
ANEXO C – Entrevista com a profissional da Psicologia.	117
ANEXO D – Entrevista com o profissional da Medicina.	127
ANEXO E – Entrevista com a profissional da Medicina (Politécnica)	138
ANEXO F – Entrevista com a profissional da Farmácia	149
ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	158

Capítulo I

Trajetórias entre áreas: como se encaminha a questão

Seu nome?... pouco importa. Ela era uma como muitas outras Marias. A procura pelo posto de saúde do Projeto Bandeira Científica que, naquele ano, visitava a sua cidade, era um sopro em meio à desesperança. Pediu já pela Medicina com muitas dores em várias partes do corpo, que persistiam apesar da medicação que tomava. Num primeiro momento, atendida pela fisioterapia, Maria já entregou todos os exames realizados nos últimos anos. Eram muitos. Nada que indicasse as causas para as dores de Maria. Foi então que a Medicina decidiu buscar pela Psicologia. Dona de casa, com 60 anos de vida, Maria conta como seu atual marido a ajudava nessas buscas incansáveis pela cura de suas dores. Em certo momento, fala de sua dificuldade em dormir pelas fortes dores de cabeça. Maria tem pesadelos constantes. Quais seriam eles?... Aí... abre-se à fala e à escuta. Maria abre-se à lembrança quase esquecida, já escondida. Maria apanhava muito de seu primeiro marido e assim foi até o dia em que ele faleceu. Ninguém sabia disso, nem mesmo seu atual companheiro. A violência doméstica sofrida ainda a envergonhava. E as dores pareciam atualizar a força daquele homem exercida em seu corpo. Urgia um acompanhamento psicológico. Maria precisava lembrar.

São encontros entre áreas, entre Marias, que criam sentido às expedições de projetos entre disciplinas como o Projeto de Extensão Universitária Bandeira Científica. Quando atendemos Marias, Marias como muitas nos fazem lembrar e nos dá vontade de voltar e encontrar outras e mesmas Marias. Não para salvá-las, mas para que elas nos salvem em meio à criação de sentido, de existência. Por que a Psicologia?

Duas áreas atuaram juntas nessa ação clínica. Duas, porque o encontro convocou apenas duas. Foi um encontro múltiplo já que assim foram reveladas as demandas de Maria. Assim aconteceria em qualquer posto que se pretende de saúde? Destinando-se às várias áreas, como se dá esse encontro entre profissionais de demandantes? Nunca trabalhei em postos de saúde, apenas durante as expedições do projeto. E lá encontrei essa disponibilidade para “entrar junto”, conhecer outra área, para dialogar. Para isso, nas expedições das quais participei, via-me realizando um trabalho nos bastidores: corpo a corpo com as áreas, apresentando-me e

deixando-me conhecer. Compreendia assim que a riqueza do projeto estaria nesse diálogo: rico para o usuário que buscava o posto, rico para o aluno que buscava a experiência.

Na situação de violência doméstica sofrida por Maria-das-dores, que tanto já havia perambulado por postos das regiões, até mesmo da capital, só conseguiu encontrar o escoamento que precisava quando Medicina e Psicologia fizeram acesso entre si e com Maria. Poderíamos dizer que a Psicologia ainda é uma ciência bastante inacessível, elitizada ou até mesmo urbanizada, reclusa nos grandes centros. Ou ainda, que a Medicina é organicista, tecnicista. Mas se um médico encontra Maria numa UBS, discutiria o caso de uma mulher que sente dores sem razão em uma reunião de equipe? Como aconteceria essa interlocução entre áreas? Parece-me que a expedição, por seu caráter de encontro limitado e absoluto, oferece *locus* facilitador para um tal olhar de Maria como ser humano enroscado em áreas muitas, e o diálogo entre elas poderia até mesmo fazer abrir mão de saberes. Maria-das-dores não revela um atendimento inter, trans ou qualquer coisa assim.... Maria-das-dores revela um atendimento de dizer, de escuta, de diálogo.

1.1 Graduanda entre quase áreas

Ao longo de minha trajetória, posso dizer que fui inaugurada em experiência entre áreas em um estágio realizado, ainda no terceiro ano da graduação, na Supervisão Regional do Bem Estar Social da Prefeitura Municipal de São Paulo - SURBES. Lá, trabalhando com sociólogos, psicólogos, pedagogos e assistentes sociais, estranhava a falta de personalidade de cada profissão: como se todos tivessem se fundido em uma única tarefa - supervisionar equipamentos sociais. Não consigo avaliar se era bom ou ruim. Era apenas uma aluna de Psicologia tentando me encontrar na minha profissão e, assim, perdida na ausência de fronteiras claras das áreas.

De volta ao reduto da “Psicologia pura” – na universidade, encontrava-me nos atendimentos do Serviço de Aconselhamento Psicológico e da psicanálise com crianças da Clínica Durval Marcondes, ambos do Instituto de Psicologia da USP. Lá o único interlocutor entre áreas que encontrei na graduação foi a Psiquiatria. Poderia contar de um atendimento que tinha muita dificuldade em realizar. Era um vendedor ambulante, morador de rua talvez, que, com um discurso bastante difuso, não sabia ao certo se nascera em São Paulo ou em Minas: dizia que nascera numa zona fronteira que guerreavam entre si, roubando territórios um do outro. Tentando encontrar história, era com muita dificuldade que aconteciam meus encontros

com aquele moço. Vez ou outra, era presenteada com incensos que ele vendia na Av. Paulista. Um único atendimento foi realizado com o psiquiatra do serviço e era incrível perceber como o foco das intervenções dele revelava outros ângulos da história de vida do ambulante, que já tinha sim toda uma vivência com tratamentos psiquiátricos, não revelada ainda nos meus atendimentos com ele. Poderia restringir essa situação à minha falta de experiência, mas gostaria mesmo era de marcar a mestiçagem daquele atendimento.

1.2 A Casa

No término de minha graduação, fui lançada às unidades de internação da Fundação CASA – tema de meu mestrado (AUN, 2005). Eram os primeiros trabalhos realizados pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE), recém-criado no IPUSP. Tratava-se de prática de atenção psicológica à comunidade que circulava pela fundação, um projeto que dizia de demandas variadas. Desde a entrada na instituição, a atenção psicológica se apresentava conosco, através da atitude (ou postura?) de inclinar-se ao outro. Já no portão, com um ou outro segurança da revista de entrada, iniciava uma conversa, que ressoava demanda. Era um modo de ser psicólogo clínico em meio às relações no cotidiano social. A instituição fazia-se conhecer em cada contato que estabelecíamos, pelos afetos vividos, conquistados ou impostos pelas relações instituídas. Assim era a dinâmica do projeto na fundação, criado e pensado a cada contato com e pelas narrativas que surgiam.

Eram muitas as chaves e cadeados que aprisionavam jovens infratores e funcionários. Um quadro que se pintava em meio ao medo, à raiva, solidão e sofrimento, nos levou a oferecer dois espaços para atender a demanda: o Plantão Psicológico a adolescentes e funcionários de pátio (mais amplamente discutido na dissertação) e Supervisão de Apoio Psicológico.

A supervisão, já tão conhecida pela Psicologia, era reveladora de um tal jogo de espelhos¹, *locus* do vivido e sentido nas relações múltiplas e mestiças. Tratava-se de um espaço de experiência² e invenção cartográfica³. Durante os seis anos em que estive nesse projeto com a Fundação Casa, ofereceu-se Supervisão de Apoio Psicológico a três grupos de trabalhos ou

¹ Supervisão como “espelho mágico” é proposta por Morato *et all* (1999).

² Vivência e experiência serão temas retomados ao longo desse trabalho.

³ Cartografia clínica foi um conceito criado em minha dissertação a partir do trabalho que realizávamos na fundação. Esse termo remete ao conceito de cartografia como a possibilidade de criação de um território pelas vivências e experiências construídas nos contatos estabelecidos pelas andanças no terreno e não um sobrevôo teórico de um mapeamento.

equipes: aos agentes de educação (pedagogos, psicólogos e outros profissionais que tinham como função criar atividades extra-escoltares aos adolescentes), técnicos (psicólogos e assistentes sociais que acompanhavam os adolescentes, sendo o olhar técnico da instituição ao judiciário) e coordenadores de turno (equipe de coordenadores dos funcionários que trabalhavam na segurança da unidade).

O trabalho da Supervisão de Apoio Psicológico acontecia em meio à discussão de condutas, ou seja, de como proceder com esse ou aquele acontecimento, quais as dificuldades que encontravam, quais possibilidades de ações da função e, principalmente, como a cultura institucional atravessava os projetos das equipes, fazendo-os viver como vítimas e algozes de intrigas, como que rivais entre si, espelhando um maniqueísmo tão presente quando se discute a questão social dos atores de ato infracional. Era um encontro entre áreas, mas as áreas novamente eram esquecidas em meio ao jogo de espelhos de medo e solidão, revelando esse modo de proteger-se do monstro algoz de si e do outro.

Construía-se um espaço, no qual as questões profissionais e situacionais, por vezes pessoais, eram trazidas ora com lamentos, ora com revolta ou letargia, mas sempre com paixão e sofrimento. Propunham-se assim olhares possíveis para as diferentes posições, questionava-se a cultura instituída do há tanto tempo que “não se sabe quem ou quando”, só se sabe: “Só sei que foi assim!”. Pelo trabalho de Supervisão de Apoio Psicológico na Fundação, garantindo o sigilo de cada um, notava-se que as equipes se empenharam em abrir-se ao diálogo entre si, possibilitando uma maior compreensão entre a maioria dos atores/personagens desta instituição.

Assim Supervisão de Apoio Psicológico constituiu-se espaço para profissionais buscarem, através do dizer de relações, compreenderem-se na função exercida na instituição. Fazia-se momento de alteridade, *locus* para falar da ação e do discurso, para diferenciar-se e encontrar-se. Entretanto, foi em um outro projeto, proposto pela própria Fundação, que encontrei esse estranhamento entre áreas que venho retomando aqui. Trata-se do *Apoio Psicológico*, com nome bastante parecido, mas com proposta diversa. Contando com nossa presença através de supervisões semanais, adolescentes teriam atendimento psicológico realizado pelos próprios psicólogos do complexo, suprimindo uma demanda por trabalho clínico sempre difícil de ser contemplada. Seriam psicólogos, agentes de educação ou técnicos do complexo, que atenderiam somente adolescentes internados em quaisquer das outras unidades que não a de sua lotação.

A princípio, o projeto teria sido criado como um remendo para suprir à demanda de psicoterapia dos jovens, mas revelou nos encontros de supervisão um resgate da própria profissão, perdida em meio à função instituída há anos. O criar-se nessa outra função era como um encontrar-se em sua própria área: um psicólogo em mim, capaz de exercer a clínica - cuidado e atenção ao outro.

Assim, a supervisão do “Apoio Psicológico” inventava uma outra atuação do profissional psicólogo numa instituição que, com característica tão controladora, controlava até seus profissionais no que se referia à ação como clínico, especificidade de sua profissão. Ouvindo narrativas, seja em atendimentos ou em supervisão, os psicólogos experienciaram a atitude clínica própria, desvelando para si mesmos uma outra forma de poder ser e estar na Fundação: legitimavam-se profissionais em ação pela ação.

“Ele tem medo de falar... Eu tenho medo de ouvir!!!!”. Dita por uma técnica, esta frase escancarava o já conhecido, mas não compreendido: o relatório a ser enviado ao juiz como impedimento para dizer e ouvir. Como se uma avaliação nesta instituição precisasse ser vista como punição/compensação. Seria apenas para isso que poderia servir um relatório técnico? Ou seria possível ampliar sua atuação? Deste modo, estes grupos de supervisão abriram-se para criar uma ação do técnico na unidade que se mostrou ser ainda mais rica ao adolescente do que qualquer outra atenção psicológica oferecida por organizações fora da instituição, como por nós (Instituto de Psicologia da USP).

Através desse trabalho, pudemos perceber o quanto, de certa forma, pela atitude distanciadamente arraigada dos técnicos em sua própria supervisão, também compreendíamos seu trabalho como estritamente avaliador na unidade, mal interpretando o necessário sentido do relatório, que poderia ser algo construído junto com o adolescente, propondo-o como uma apropriação de seus atos na instituição. E o fazer-se psicólogo perdia-se na função instituída. Pelo “Apoio Psicológico”, criava-se o traspassamento para com dificuldades de tarefa de elaborar relatórios de avaliação, estrategicamente polarizada pela instituição como atribuição de uma função específica. Nesse sentido, foi num encontrar um outro em si que a Psicologia se apresentou como prática possível e específica.

Assim, num momento em que pretendo falar desse entre áreas, foi num projeto intra áreas, que o outro psicólogo pode surgir. Esse encontro tão significativo com as mesmas áreas e entre funções instituídas dava sentido ao fazer, propondo um olhar ao desconforto do enclausuramento da profissão num lugar institucional tão preso quanto qualquer outro sentenciado pela justiça pelos atos infracionais cometidos. O encontro da área entre funções foi, nesse sentido, libertador.

1.3 Obras e Cidade

Recém-graduada, fui ao encontro de São Paulo das favelas, das áreas de risco, da ocupação desordenada e da desocupação descuidada. Era uma cidade cada vez mais limitada no acolhimento de seus “novos paulistanos”, que se abrigavam às suas margens. Nesse contexto, encontrei políticas públicas para a inserção social da população que vive em situação de risco social, habitacional e ambiental.

Assim, iniciei-me como “técnica social” em um dos programas pró-moradia existentes: no chamado “Mutirão”. Genuinamente brasileira, a palavra mutirão tem origem indígena, no tupi, e refere-se a uma mobilização coletiva para auxílio mútuo. Há no canteiro de obras, ou talvez canteiro de mutirão, a participação de todos os envolvidos na construção coletiva de um bem comum: a moradia. Durante a construção, eu deveria acompanhar as famílias, visando à convivência através de atividades participativas para a constituição de uma mesma vizinhança. Constante no dia a dia da obra, eu inventava ações numa construção e criação sem fim de acordo com as emergências da comunidade. Propunha atividades coletivas e/ou individuais com as equipes e mutirantes, sempre me dispondo como atenção psicológica.

A ação do mutirão era o de construir casas populares a famílias de baixa renda. A diferença deste trabalho para qualquer outro trabalho de construção civil era que os próprios beneficiados faziam parte da mão-de-obra nesta construção. Nesse contexto, diferente de um canteiro de obras geralmente é composto por homens, o canteiro de mutirão é composto por famílias, banheiros masculino e feminino, refeitório, espaço para as crianças e idosos estarem, e tantas outras coisas que compõem um condomínio. A tarefa do técnico social, minha posição no canteiro, era então transformar a dureza da obra nas cores da comunidade. Para isso, era preciso me infiltrar, negociar com prazos, reconhecer talentos, propor atividades, inventar.

Era uma manhã de domingo bem cedo, quando peguei o Rodoanel ainda vazio para chegar ao canteiro, antes mesmo que os trabalhos comessem. Em geral, as famílias chegam, tomam café da manhã juntas e apresentam-se ao trabalho, todos divididos em equipes. As crianças então se destinam ao “Espaço das crianças”, com as mutirantes responsáveis por ele. Já, no refeitório, outras cuidam de esquentar as marmitas para o almoço. No ambulatório, a mutirante auxiliar de enfermagem fica à disposição e já inicia o dia medindo a pressão das idosas que participam do quadro. Os banheiros são limpos, as ferramentas entregues e os trabalhos de construção iniciados. Naquela manhã, eu chegava mais cedo e propunha uma

grande roda com a maior equipe de trabalho. A interrupção na rotina chama a atenção de todos. Sim! Chama a minha atenção também e chego a pensar na loucura da proposta!... Mas vou adiante e começo a cantar:

Mandei fazer um baralho de outro
Oh, meu benzinho, é para nós dois jogar
Se eu ganhar, lhe dou um beijinho
Se eu perder, você quem me dá.

Na roda, estavam as mulheres da equipe que, desde o início da construção, trabalhavam transportando os materiais que chegavam à obra. No início, era o trabalho mais aparente: homens e mulheres, um ao lado do outro como uma grande corrente, fazendo os materiais percorrerem grandes distâncias no canteiro - mão a mão. Poderia ser a clássica cena de cooperação. Mas com o tempo, nada se aprendera mais com aquele trabalho, diferente das outras equipes que se formaram, como as pedreiras ou equipes de elétrica ou hidráulica... Tudo parecia igual. Apenas as relações estabelecidas pareciam ainda causar interesse em estar no grupo de trabalho, mas também elas já estavam se esgarçando com o tempo e cansaço: melhor seria viver um fim de semana longe da obra. Mas aquele dia de domingo seria diferente. Iniciava com estranhamento e talvez até pouca disposição... Vergonha? Assim o círculo era formado e de uma voz vieram as outras: fazia-se o dançar e brincar da ciranda de roda. Qual o sentido de fazer aquela roda como início de domingo de trabalho entre o cansaço da semana e o descanso por estar construindo algo para si: sua moradia. Seria isso atenção psicológica para saúde? Uma ação ética?

O espaço do trabalho social se fazia num esforço na pressa da construção: uma brecha sempre negociada entre cronograma de obras, entre a parede que “subiu”, o andar que foi limpo, o almoço entregue, conduítes instalados... O trabalho social fazia-se pela negociação dura, realizado com pouco orçamento, com colaboração: um laborar com. Isso porque, mesmo sendo um programa social, o mutirão era financiado por “medições”: quanto construído era quanto pago. A construção social não era vista, nem medida, e negociar com o concreto da obra era uma ação desafiadora. Eu, uma mulher, em meio a tantos homens tentando promover saúde no desgaste da obra que ocupava os finais de semana das famílias. Era através dessa ação com o outro tão diferente, que se propunha uma ação política. Ou seria, um resgate de relações?

Nessa negociação, por vezes conseguíamos uma tarde livre para comemorar o Dia das Crianças, revelando talentos de um palhaço entre nós. Ou propunha-se oficinas de recursos expressivos para pensar nos espaços por onde já vivemos. Fazia-se também espaços de aprendizagem, onde mutirantes conhecedores de ofícios (crochê, tricô, mosaico, biscuit...)

ensinavam outros interessados em aprender. Foram muitas as atividades, que talvez tenha marcado o momento mais periférico à academia vivido em minha carreira. O trabalho na obra era construído em meio às ações da Engenharia, do mestre de obras, de associações comunitárias, de órgãos governamentais de assistência social. Por esse trançar de profissões e por estar sem o respaldo universitário, esse trabalho marcou-se por tatuar-me significativamente, ou seja, inaugurando diálogo e ação com as áreas bastante distantes à minha na direção de uma produção coletiva. Lá eu era a parte humanas de uma construção civil. Lá comecei minha trajetória com a Engenharia e com a comunidade. Uma ação política?

Passei, então, a trabalhar como coordenadora social junto a vários movimentos comunitários. E, mais tarde, fui contratada por uma companhia de trem para acompanhar o reassentamento de famílias de outra região. Nesse último trabalho, saí do canteiro de obras e minha prática foi sendo construída em visitas domiciliares, nas ruas, desbravando becos, subindo longas e estreitas escadarias. Poderia resumi-lo como sendo uma ponte entre as famílias e a equipe de obras da companhia de trem. Não se tratava de uma negociação de cronograma de obras, já que tudo já estava em andamento. Tratava-se mais de um trabalho de Hermes: conhecer, compreender e interpretar, como que um intérprete entre as famílias e a companhia de trem.

Contudo, encontro em cada uma dessas situações de con-vivência que nunca me desliguei do trabalho clínico da Psicologia. Pelas andanças entre áreas, sempre estive disponível a essa ação genuinamente minha, como a atitude de quem entrava na Fundação Casa e ouvia um “boa noite” diferente, que pedia para ser interpelado. Nessas situações de canteiros de obras ou visitas domiciliares, realizei muitas intervenções clínicas com famílias, casais, grupos e também individuais. Entre áreas, não perdia a Psicologia singular em mim.

1.4 Universidade: o retorno

Retornei então à universidade, agora via concurso público: era uma psicóloga contratada. Desde o início estranhava a passagem de tempo. Havia ficado fora da USP por anos, mas nada lá parecia ter mudado. Era como se as pessoas nem tivessem notado minha ausência. Tudo parecia como era antes. Mas eu estava diferente e vivia o estranhamento de trabalhar novamente somente com a Psicologia, quando algo aconteceu.

Fui surpreendida por um chamamento: o Projeto Bandeira Científica, que dizia sobre uma ação entre áreas que visavam saúde. Era um projeto de extensão que pretendia sair não apenas do *locus* universidade, mas também do *locus* cidade. Na imersão de alunos de graduação

de diferentes áreas em um município do país, aconteciam atendimentos como o de Maria-das-dores. Talvez, fora de casa, as áreas pudessem se relacionar mais intimamente? Espantava-me tal intimidade, que eu conquistava através de colaborações e negociações ao longo de minha trajetória profissional. De repente, via acontecer assim, na imersão das áreas por 10 ou 11 dias em um canto distante. Como um projeto de extensão como esse poderia propiciar tamanho contato estrangeiro assim já na graduação? Como o espaço interdisciplinar, ou entre áreas, promovido por uma ação via extensão universitária pode encaminhar a formação profissional do aluno?

Quando proponho a palavra interdisciplinar, refiro-me às áreas mescladas, de corpos híbridos, percebendo-se assim ou não. Digo de trajetórias profissionais que se encontraram: áreas no mundo com outras porque assim pôde ser. Digo de tatuagens que se fizeram corpo, embora nem sempre reconhecidas. Como o imperador viajante por terras lunares contado por Serres (1993), que volta com o corpo matizado pelos lugares por onde passou, cujos súditos o vêem como arlequim, apesar de seu dizer: “Lá é tudo como cá...” Penso na situação vivida entre áreas como experiência impregnada a ser refletida, antes de se fazer conceito “interdisciplinar”.

Capítulo II

Bandeira Científica: um ensaio cartográfico

Foi um ano bastante difícil aquele. Estava profissionalmente perdida em meio a bombardeios institucionais em espaços anteriormente vividos como um porto forte e seguro. Fazia um ano que retornara à universidade, vinda de trabalhos comunitários realizados nas periferias de São Paulo. Agora era psicóloga do laboratório em que realizei a maior parte da minha carreira acadêmica. Até então eu voava mundo, alçando ventos outros, quando novamente me engaiolei na universidade. Deveria estar bem alocada. Mas não. Minhas certezas escorriam entre os dedos como claras...

Sem a intenção de me alongar na prosa, é preciso dizer, no entanto, que a minha história com o Projeto Bandeira Científica começa nesse furacão. Para mim, a Bandeira surgiu como um suspiro, algo novo que poderia dar um gosto diferente, agriçoce talvez, naquele ano tão amargo. Era um convite dos alunos, um chamado por ajuda. Posso dizer que aquele foi então um ano mesmo especial. Começo, dessa forma, porque se a Bandeira poderia ser um chamariz de salvador de mundo aos alunos, e ela mesma chegou a mim como uma grande salvadora. Seria apenas para mim? Agora, inicio então apresentando esse tal projeto.

Numa busca rápida pela internet, encontramos mais reportagens do que artigos acadêmicos sobre o assunto. Talvez por esse motivo, a forma mais simples de contar da Bandeira seria a performática como todo aluno a apresenta: O Projeto Bandeira Científica foi proposto por alunos da Faculdade de Medicina da USP em 1957, interrompido em 1969 devido à instabilidade política a partir do golpe militar de 1964, e retornado em 1998. Trata-se de um projeto de extensão universitária que atende um município brasileiro com baixo IDH – índice de desenvolvimento humano.

Entretanto, parece mais verdadeiro⁴ retomar essa história falada por todos, ampliando-a com a história vivida por um e outro. Ao recorrer ao jogo difuso das lembranças, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido através do vivido pelos participantes do projeto-acontecimento. Parte-se do próprio encontrar-se (experienciação e elaboração da experiência)

⁴ Fala-se em verdadeiro para retomar o termo grego *aletheia* – a verdade como aquilo que pôde ser desvelado; e contrapondo o termo *veritas* - da verdade como verificada, constatada.

para comunicar o vivido e a história social compartilhada, recuperando o sentido da experiência através da narrativa e a transmissão de saberes coletivos, pela qual a palavra circula sem o aprisionamento da fala especializada (BENJAMIN, 1985). Talvez ainda não haja material suficiente para essa proposta; tal retomada histórica do como foi a Bandeira em seu acontecimento não é o objetivo desse trabalho. Talvez sim, resgatá-la como projeto de graduandos em busca.

Deste modo, ficarei nesse momento nos poucos registros encontrados de um mercador sedentário aqui ou um viajante⁵ acolá. Passei a ouvir interlocutores de um modo quase que também biográfico, entremeado na experiência vivida do narrador. Nessa direção, foram realizados dois encontros mais significativos com duas testemunhas, atualmente professores da FMUSP, mas que atuaram no projeto de formas diferentes: Profa Dra Diana Helena Beneditto Pozzi, das histórias mais remotas e Prof Dr Luiz Fernando Ferraz Silva, das mais recentes. As conversas foram realizadas em anos diferentes, em diferentes gestões, na reitoria, quando cada um ocupava cargos de destaque à extensão ou à graduação.

Como ouvinte, apresento como essas narrativas juntas a outros relatos-documentos constituíram em mim possibilidade de compreensão do caminho percorrido por esse projeto. Ou seja, a narratividade de protagonistas descortinando a trajetória de ações muitos encaminhando um *pro-jeto* em ação para muitos outros: a historicidade da Bandeira.

Início, então, contando do Projeto Bandeira Científica pela biografia⁶ de um de seus protagonistas iniciais. Após concluir o curso de Medicina em meados dos anos 40 e de não se contentar com o trabalho clínico do consultório, Luis Rey foi trabalhar em um vilarejo de apenas duas ruas no Amazonas. Com espírito descrito como “jovem e aventureiro” sensibilizado pela ação da Medicina em locais de acesso restrito, o médico, já com seus 90 anos quando no momento do escrito biográfico, ainda se emociona ao contar de um tal menino que lá conheceu. Era um garoto que quando aparecera pela primeira vez no posto de saúde estava eliminando vermes pela boca, nariz e anus; mas que quando retornou ao posto com a mesma queixa, não encontrou o médico, que viajava de barco para outros atendimentos, e faleceu. Percebia-se, com essa perda, que não bastava tirar os vermes da população; era preciso uma mudança nas condições epidemiológicas. Assim foi seguindo sua trajetória profissional e, já como professor da Faculdade de Medicina da USP, em 1958, atendeu ao pedido de alguns alunos para

⁵ Uma alusão aos personagens de O Narrador (BENJAMIN, 1985).

⁶ PERFIL. Luís Rey: uma vida nada monótona. Fernanda Marques - <http://docplayer.com.br/7756240-Perfil-luis-rey-uma-vida-nada-monotona-fernanda-marques.htm> - acessado em 29/11/2016

acompanhá-los em um “inquérito” no Mato Grosso. Nascia então a primeira expedição do Projeto Bandeira Científica, segundo Silva (2012), configurada pela coleta de informações na passagem por três cidades do estado.

Assim, o projeto surge como que num movimento estudantil que pretendia transgredir a regra de que estudantes de Medicina estão na universidade para aprender um ofício, cuja prática seria restrita aos consultórios. Na proposta de mudanças epidemiológicas do projeto Bandeira Científica, nota-se uma abertura da universidade às problemáticas sociais da época, não apenas para conhecê-las, mas fazer delas *locus* de práticas de extensão universitária. Parece então estar em consonância à reflexão proposta por Santos (1997) acerca dos movimentos históricos da universidade e suas crises. Segundo o autor, na contradição entre os conhecimentos exemplares e funcionais, será por volta dos anos 1960 que a universidade passa a se conectar com a comunidade, deixando de ser apenas um espaço de alta cultura e conhecimento científico para fazer-se também um espaço de responsabilidade social.

Para além da vertente economista e produtivista, o apelo à prática teve, a partir dos anos sessenta, uma outra vertente, de orientação social e política, que consistia na invocação da “responsabilidade social da universidade” perante os problemas do mundo contemporâneo, uma responsabilidade raramente assumida no passado, apesar da permanência crescente desses problemas e apesar de a universidade ter acumulado sobre eles conhecimentos preciosos. (p. 205)

“Éramos um bando de malucos se metendo no meio do mato com um professor comunista” - essa foi a definição me dada informalmente pelo pediatra Alois Bianchi, aluno da primeira expedição do projeto na época. Hoje, se lamenta não conseguir lembrar bem das histórias que viveu. Mas sua pouca lembrança já traz o resquício de um movimento político e transgressor, inaugurando uma aproximação da Faculdade de Medicina da USP a espaços sociais antes pouco visitados.

Em entrevista, a Profa Dra Diana Helena Pozzi relembra a época em que os centros acadêmicos se empenhavam em atividades de extensão universitária como a Bandeira, que visavam um atendimento à população menos favorecida. Foi quando aconteceu o ano de 1964 e qualquer atividade social era definida como comunismo, suspensa e taxada; até mesmo a biblioteca, quando “livros foram sequestrados só por terem capas vermelhas”. E tudo que era social, era também comunista.

Depois da primeira expedição, houve ainda mais 10, quando em 1969, as atividades da Bandeira foram interrompidas pela instabilidade política vivida dentro da Faculdade de

Medicina da USP pela ditadura militar. Trinta anos depois, foi retomada por outro grupo de alunos. Nasciam, então, outras formas de ação da Bandeira. Implementando a prática de pesquisa, os alunos passaram a dedicar-se também ao clínicar via atendimento básico em nível primário à população local, em uma vertente assistencial. A ideia de reativar a Bandeira, mas com esse outro espírito, ou seja, já não mais com o vínculo de professor e pesquisa de endemias, mas formado por alunos acima de um certo tempo de curso, para fazer atendimento, a Bandeira ganhava corpo na assistência. Visava-se ainda a construção de um diagnóstico populacional de saúde (Silva, 2012). Segundo Scarcelli et al., “busca-se avaliar as condições locais e problematizar possibilidades de atuação de longo prazo para um processo de transformação gradual que envolva a população e o poder público nas diversas esferas sociais” (2009, p. 34).

O retorno da Bandeira, no final dos anos 1990, está também contextualizado no momento histórico do sistema de saúde no país. Cabral (2004), apoiada em leituras de documentos oficiais do governo federal, apresenta o Sistema Único de Saúde (SUS) de uma forma bastante otimista. Seus estudos foram realizados quando as ações do Programa Saúde da Família estavam sendo iniciadas, em época bem próxima ao retorno das expedições do projeto.

Dentre as propostas e diretrizes do SUS, está a participação popular, segundo Cabral (2004), que pretende garantir “maior controle social das políticas públicas de saúde desenvolvidas”. Assim, na Política Nacional da Atenção Primária, encontra-se o Agente Comunitário de Saúde – ACS, uma das figuras mais simbólicas dessa proposta de participação popular. Como membro da equipe de saúde do Programa Saúde da Família, ao mesmo tempo em que faz parte da comunidade, a profissão do agente transita entre os espaços do Estado e da comunidade, fazendo-se um elo interlocutor.

Em 2003 e 2004, as estratégias do Programa da Saúde da Família e do Programa de Agentes Comunitários de Saúde já davam os seus resultados e não mais existiam cenários de municípios em que 50% da comunidade não via um médico, o sistema de saúde vigente passou a garantir maior acesso da população à atenção básica. Gerava-se assim uma grande demanda por atendimentos mais especializados. O projeto como estava não mais se sustentaria, ou seja, não mais adiantava chegar com as equipes de ginecologia e pediatria. Quais as queixas da comunidade? A queixa era de dor postural porque a população carregava água na cabeça, por Profa Dra Diana Helena Pozzi, a Bandeira deveria ter sido aberta aos politécnicos visando saneamento. Segundo Prof Dr Luiz Fernando Ferraz, essa abertura precisaria ser cuidadosamente pensada, já que a ampliação de uma área era necessariamente a restrição de

outra: como acolhê-las? quais impactos sofreriam? Nesse contexto, em 2004, também por prudência, a Bandeira abria o projeto à Fisioterapia, área bastante próxima, ainda que fisicamente na FMUSP.

A Bandeira então sofreu uma mudança, embora tímida diante das transformações sociais. Eram necessárias outras novas áreas. Num primeiro momento, haveria um cronograma de uma nova área a cada dois anos. Mas, com o intuito de potencializar as questões da saúde, dois anos depois, em 2004, novas disciplinas foram incorporadas, incluindo a Psicologia. E a Bandeira ia ampliando sua atuação para a colaboração do planejamento de políticas públicas locais via Saúde Coletiva (SCARCELLI et al., 2009). Acontecendo de ano em ano, até os dias atuais, a Bandeira já contou com áreas diversas: as várias especialidades da Medicina (Clínica Médica, Fisiatria, Psiquiatria, Pediatria, Ginecologia, Medicina da Família, Oftalmologia), Odontologia, Psicologia, Fonoaudiologia, Nutrição, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Agronomia, Administração, Engenharia, Audiovisual.

Quais foram os impactos com a entrada de outras áreas? Tal pergunta procede na medida em que, para além do desafio da ciência e da prática a partir do encontro com a comunidade desconhecida, fazia-se agora presente a perspectiva da ação política da Bandeira, para além de se defrontar com impactos internos no projeto pela dispersão de saberes profissionais ali presentes. Ou seja, já se configurava como uma prática pela participação de mais de 200 alunos, incluindo-se os “estrangeiros” na sua composição; assim, como aproximações e exclusões foram se re-configurando em mesmas áreas e se configurando em outras que foram surgindo?

Sem dúvida, foram muitos os caminhos percorridos. Mas pretendo, neste momento, contar um pouco de como o projeto tem acontecido nos últimos anos, quando estive mais próxima. Apesar de já não ser mais tão assim. É que o projeto “tem a tradição de um ano”, como diz o Prof Dr Luiz Fernando Ferraz. Na troca anual da diretoria, sempre formada por graduandos, toda a experiência de gestão, tomada de decisões ou elaboração de novas propostas parecem, aos olhos do novo grupo que se forma, milenares e por vezes até ultrapassadas. Talvez ali já se revelasse o caráter juvenil de transformação da Bandeira, reproduzindo toda a estrutura exposta da universidade, com as rivalidades, falta de recursos financeiros e de pessoal.

Nesse contexto, seja na logística e burocracia, seja na proposta e execução das atividades realizadas em campo, o projeto é tarefa e responsabilidade dos alunos graduandos. Os alunos são orientados e supervisionados por professores e profissionais de cada área. A cada ano, um novo grupo de alunos se forma e a rotatividade dos integrantes faz parte da construção deste

projeto (ZAIAT, 2013). A intervenção ocorre durante um ano: de agosto a julho. Inicia-se com o corpo diretivo já montado: são alunos graduandos da USP das áreas que vão compor o projeto daquele ano. Em geral, essa diretoria faz uma lista de cidades possíveis, analisando o IDH⁷, sua localização⁸, cobertura do Programa Saúde da Família⁹, etc... Os alunos então entram em contato com as prefeituras dos municípios para oferecer a Bandeira daquele ano. Desse modo, em geral, não há um pedido inicial da cidade pela intervenção do projeto.

Aqui, gostaria de propor uma breve ressalva. Tenho participado de projetos de extensão pelo Instituto de Psicologia da USP desde minha graduação e, em cada um deles, o pedido que vinha do corpo diretivo da instituição era fundamental para nossa entrada interventiva (AUN e MORATO, 2016). Isso porque esse pedido podia então ser um pretexto para se escutar a queixa desse porta-voz instituído, para então nos aproximarmos daqueles que vivem e adoecem as e nas instituições, conhecendo e construindo de fato uma demanda. Assim, era a partir dessa demanda que nossa intervenção era proposta, mesmo que reconhecendo todo esse processo como já interventivo (MORATO, 2006; OLIVEIRA, 2006). Sendo nosso o pedido inicial, seria possível conhecer queixas e demandas?

Já na Bandeira, o município é que aceita o pedido pela intervenção, dedicando-se a ela e oferecendo recursos para que a expedição possa acontecer. Tal comprometimento poderia então dizer desse pedido? Talvez sim. Trata-se de um grande evento na cidade. Seja com intenções de melhorias nas políticas públicas de saúde do município ou nas políticas partidárias da gestão em vigor. A Bandeira considera tal dedicação como o pretexto necessário para conhecer e construir demandas.

Após a decisão pelo município a ser trabalhado, há o momento chamado de “pré-visita” ou “pré-expedição”. Nela, alunos de diversas áreas vão até a cidade-foco para organizar logisticamente com a prefeitura local a expedição (locais onde serão montados os postos de saúde, alojamentos, etc.) e conhecer as “demandas” locais por referências¹⁰ indicadas pelo

⁷ Trata-se de um projeto com cerca de 200 participantes, assim o IDH do município baixo demais poderá indicar que o projeto levará mais prejuízo (como falta de água, comida etc.) ao local do que benefício.

⁸ Quando se faz possível transporte aéreo pela FAB, a localização da cidade pode ser mais distante de São Paulo. Caso contrário, a escolha do município mais próximo dependerá da possibilidade de transporte terrestre.

⁹ Ter cobertura do Programa Saúde da Família faz-se um critério importante já que o projeto pretende parceria com as agentes de saúde locais.

¹⁰ Termo usado para se referir às pessoas que se fizeram referência, sejam eles profissionais de saúde, líderes comunitários, ou qualquer outro munícipe eleito como tal pelo modo como marcam a comunidade.

corpo diretivo do município e pela população. É nesse momento da pré-expedição que as atividades são construídas pelas áreas e o diálogo entre as disciplinas já começam a acontecer.

Entretanto, cada disciplina constrói sua história singular no projeto. A Psicologia faz a seleção de seu grupo já no início dessa fase, para que toda a equipe possa participar ativamente desse momento do projeto. Nos últimos anos, tem se encarregado de elaborar um documento para as outras áreas da Bandeira com os dados da cidade revelados nas entrevistas com referências. Desse modo, a construção de um projeto para aquela cidade estaria mais próxima de sua realidade e “demandas” locais.

Nesse momento, de agosto a dezembro, há reuniões constantes entre e intra áreas, nas quais os alunos vão vislumbrando as atividades a serem realizadas na expedição: os atendimentos em postos de saúde e em visitas domiciliares; e as atividades coletivas. Num exercício interdisciplinar, são reelaboradas estratégias experienciadas em anos anteriores para melhor fluxo nos postos de atendimento e pensadas as temáticas e dinâmicas para realização de atividades coletivas com grupos sociais (professores, mulheres, idosos, agentes de saúde, adolescentes, etc.).

A expedição no município acontece durante 10 dias de dezembro. São quatro dias de trabalho ininterruptos, um dia de descanso carinhosamente chamado de “social do meio”, e mais quatro dias de trabalho. Trabalha-se muito. Tudo o que fora planejado nos últimos meses será realizado, revisado, pensado, frustrado.

O retorno da expedição é o momento do grupo se recompor. Após aquela vivência intensa, relações foram estabelecidas, algumas desgastadas, outras fortalecidas como aço. Esse grupo bastante modificado ainda terá a tarefa de elaborar um relatório para então entregá-lo à cidade através de novas atividades a serem realizadas em julho do ano seguinte. Tal visita marcará o fim anual do projeto.

2.1 A Bandeira ela mesma: um dia

Nenhum aprendizado dispensa a viagem. Sob a orientação de um guia, a educação empurra para fora. Parte, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa do pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos. Tuas ideias iniciais só repetem palavras antigas. Jovem: velho papagaio. Viagem das crianças, eis o sentido da palavra grega pedagogia. Aprender lança errância. (Serres, 1993, p. 16)

A Bandeira traz para mim o contato com terras distantes, de um Arlequim-antropólogo, viajante curioso ansiando novas histórias, novas cores. Era um des-engaiolar-se, na *buscativa*

por mestiçagem. Para Serres (1993), “Escorregadio, o lugar mestiço expõe o passante. Mas nada passa sem este escorregão. Ninguém jamais se modificou, nem coisa alguma no mundo, sem se recuperar de uma queda. Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço.” (p. 19).

Fui chamada para compor como discutidora a equipe de Psicologia na Bandeira de 2011. Estava a apenas 10 dias da expedição, tempo suficiente para tomar as vacinas que o território estrangeiro exigia. Dele, nada conhecia. Lançada na errância, abria-me lugar escorregadio - *locus* das próximas quedas.

Tão pouco conhecia o projeto; mas o lugar que estava me sendo conferido nele seria muito semelhante ao que conhecia como “supervisor de campo” e esse me parecia bastante familiar. Construí a figura do que conheço como supervisor de campo numa prática, para cuja execução colaborei, na Fundação Casa entre os anos de 1999 e 2006. Em meio a rivalidades de grupos institucionais e vulnerabilidade dos alunos plantonistas, o supervisor de campo seria a figura com maior experiência que se dispunha a circular entre grupos e oferecer o suporte aos alunos (AUN, 2005). Em cada instituição e em cada projeto de extensão universitária, o supervisor de campo se faria diferente (COSTA, 2014). Como seria na Bandeira? Tudo o que se sabia era que, diferente do supervisor de campo, a figura do discutidor era consolidada em todas as áreas: o profissional que discute com o aluno residente os “casos”: diagnósticos e encaminhamentos necessários.

Gostaria, então, de apresentar o diário de bordo¹¹ de um dia como discutidora ou supervisora de campo na Bandeira. Traçando sentido à prática e questionamentos, conto então de um tal último dia de expedição.

Um último dia

Já faz mais de cinco anos. Difícil recordar... difícil como se fosse ontem.

Era o último dia da expedição. Vivíamos um grupo que se recuperava fisicamente de diarreias em mais um dia de calor intenso. Não era só isso... Naquele dia, o posto de saúde estava improvisado em uma igreja no centro da cidade. Como de costume, nós da Psicologia atendíamos onde era possível.

¹¹ Diário de bordo será mais claramente apresentado no capítulo seguinte.

Aquele “caso” seria atendido no altar. Éramos palco e estávamos mais perto dos morcegos que, inquietos com os forasteiros, sobrevoavam para lá e para cá.

Por volta do meio da manhã, talvez ainda no início, não sei ao certo, fomos chamados pela equipe de ginecologia. Ou teria sido a psiquiatria? Todos pediam ajuda por Lara¹². O que ela pedia? Lara era uma moça de 18 anos, trazida pela mãe, que tinha se machucado com um graveto na vagina. Já durante o epidemiológico¹³ realizado com um estagiário da ginecologia, houve a suspeita de uma tentativa de aborto induzido. “Ela fala muito pouco”, alertou o aluno. O pedido pela Psicologia, vindo de um dos nossos bandeirantes, clamava por revelar como o graveto emudecia o dizer de Lara?

Logo uma de nossas alunas da Psicologia se dispôs a atendê-la em encontro único. A limitação de tempo era imposta pelo fim da expedição; já sua disposição dizia respeito a sua história como velha de guerra em Plantão Psicológico no IPUSP, além de apaixonada pela Bandeira, deixando transparecer toda a fascinação que o “caso” poderia causar. De alguma forma, eu também conhecia essa sensação. Assim, percebendo sua ansiedade, retomei a fala do aluno e reforcei a necessidade de se ter calma (ou ir com calma).

O que eu pedia à aluna? Éramos palco e estávamos mais perto dos morcegos inquietos com os forasteiros.

Ao longo daqueles 10 dias de expedição, brigávamos para ser vistos. Cada área, exceto a Medicina, parecia dizer-se necessária. No posto, algumas áreas entravam no sistema, ou melhor, no fluxo obrigatório do posto. Outras, como nós, tentávamos conquistar espaço, nos fazer compreendidos e procurados. Tarefa difícil. Mas achávamos importante que assim fosse. Por esse motivo, tínhamos que nos fazer compreender e conhecer em meio à hegemonia médica.

Alguns casos de abuso sexual envolvendo crianças já tinham assombrado nossas jovens ideologias. Havia ainda a lenda do Boto que atacava meninas no rio e seus filhos: os filhos do Boto eram crianças com deficiências. O que diz a lenda? Será que de fato acreditavam nela? O abuso parecia fazer parte da cultura... como?... pedofilia cultural? Não. As crianças estavam emudecidas. Era deveras violento. Era violência em qualquer cultura.

Lara estava emudecida.

Pouco depois de iniciar o atendimento, a aluna voltava com o semblante revoltante e frustrado misturadamente. Não havia cumprido sua tarefa: Lara falava muito pouco. Falava meias palavras e as metades soltas já revelavam uma história de sujeição vivida de forma angustiada. Casada com um senhor viajante de mais idade e posses. Há 16 anos prometida a ele. Sim, desde seus 2 anos de idade.

¹² Lara é nome fictício. Derivado do grego, quer dizer "muda".

¹³ Trata-se de um conjunto de questionários que eram preenchidos assim que o usuário chegava ao posto.

Em troca, entre uma viagem e outra, ajudava financeiramente a família. Carregando o dever de suprir de recursos a pobreza da família, Lara estava muda para o que tinha vivido, para o graveto em sua vagina, para seus projetos já tão inexoravelmente destinados. E a angústia espelhada, fazia chorar Psicologias e Psiquiatrias. Des-espere! Não havia mais o que esperar. E era nosso último dia...

Fazia poucos dias, em um posto improvisado mais distante do centro, atendemos um menino de apenas 5 anos. Conheci o menino quando, na sala dos discutidores, a aluna de Psicologia veio me procurar, já branca e quase sem forças, depois de mais de hora com o menino: dizia que o menino falou através de gestos e desenhos, que um homem o atacava todos os dias na volta da escola. Na porta da nossa sala, a mãe espiava preocupada. Não me atentei à mãe. Naquele momento, olhava minha aluna e seu enfraquecimento. Já passava da hora do almoço, quando a pediatra foi comunicar à mãe do acontecido. Como essa decisão aconteceu? Eu não sei e eu estava responsável por outros atendimentos que aconteciam no posto. Talvez tenha sentido a autoridade hegemônica da pediatria, talvez apostasse na confiança estabelecida pela aluna com a família, talvez preservasse aquela mãe da quantidade de profissionais. Mãe e filho saíram do posto para almoçar e não mais voltaram. Podia ter sido diferente? Não foi.

Desta vez, percebendo que Lara iria embora, eu mesma fui tentar convencê-la a ficar. Perderíamos a silenciada moça para sempre e eu queria mantê-la por perto. Mas esse era seu desejo? Talvez sim, afinal veio procurar por nós forasteiros. Mas nosso curto espaço de tempo para qualquer atuação revelou outra violência: precisávamos agir antes que fôssemos embora. Violência para quem? Lara calou-se e partiu. Sentou-se ao lado da mãe e foi embora. Foi sem mesmo levar as prescrições do ginecologista, que tinha ido almoçar. Lara foi embora e levou apenas a nossa ilusão de transformação.

Já estávamos no meio da tarde e tudo o que podia fazer era levar a aluna para almoçar. Cidade pequena. Comemos os restos de um bar qualquer.

2.2 Psicologia e o olhar estrangeiro

Quando a Psicologia entrou no projeto em 2006, foi recebida com certa estranheza. O que poderia a Psicologia realizar em tempo tão curto? Munida não apenas do olhar na saúde, mas também nas relações sociais, a Psicologia entrou cartografando. A invenção cartográfica se dá através das vozes dos que vivem e constroem aquele espaço (AUN, 2005), num resgatar de dizeres não apenas instituídos, mas principalmente bastardos.

Já em seu primeiro ano na Bandeira, os alunos de Psicologia, orientados e coordenados pela Profa Ianni Scarcelli, desvelaram dizeres para além de queixas, revelavam demandas. Em

artigo publicado pelo grupo (SCARCELLI et al., 2009), contam das diversas queixas de pais que levaram para atendimento seus filhos surdos e mudos. Eram diversas crianças da região que carregavam a mesma queixa. Nos postos de saúde, a Psicologia pôde oferecer-se como área de conhecimento ao questionar a relação mãe-filhos e como o crescimento da criança poderia ser ameaçador e vivido como abandono pela mãe. Mas também pode olhar através da proposta das entrevistas com as referências para outro silenciamento e outra ameaça. Talvez, questionavam-se, a criança surgisse como “porta-voz de um acontecer grupal” (p. 41). Havia na cidade outros tipos de silenciamento? “A mudez parecia ser também política, como disse uma das referências, fato que relacionamos à herança autoritária e violenta ainda presente nessa parte do país.” (p. 41). Representava o silenciamento das crianças um modo de vida das pessoas daquela cidade? A escuta do silêncio proposta pela Psicologia naquele ano parecia já revelar o caminho que essa área de conhecimento teria para percorrer.

No trançar das disciplinas, há aquele que deverá dar voz ao interdito. Na prática da Bandeira, experienciava-se a interdisciplinaridade em ação: “Longe de recursos tecnológicos, estudantes das diversas áreas descobriam pela necessidade o valor da troca e da construção de um saber numa composição conjunta” (COSTA, 2014, p. 23). De forma outra, mas também revelando transformações, Silva (2012) aponta:

Resultados preliminares de um estudo qualitativo em andamento mostram que para mais de 70% dos ex-Bandeirantes da área médica, o projeto mudou sua forma de encarar a relação médico-paciente e sua visão da realidade do sistema de saúde do país. (p. 40)

Se a Medicina traz esse estudo em seu modo científico de ser, como eu poderia revelar a Bandeira em seu modo cartográfico de existir? Quais outras transformações sofreram as áreas? Quais sentidos para saúde e doença tem cada uma? Acreditariam ser possível atuar em conjunto? Posso compreender a expedição como momento de catarse – um acontecimental, em que relações não-ditas estão em jogo? Pode-se compreender a expedição como um modo caricatural das relações das disciplinas de saúde nos tempos atuais?

O que revelava a busca e o silenciamento de Lara? Do incômodo desconfortável do interdito atendimento seja de Lara ou daquele outro menino também vítima de um tal “boto”, muito se poderia dizer da relação entre nós estrangeiros, estranhos viajantes, porém companheiros acontecimentais. Eis aqui minha inquietação e não emudecimento.

2.3 Fala e Saúde: projetos perdidos

Ancorado nas reflexões heideggerianas, Ayres propõe o espaço de saúde como um projeto que tenha a felicidade como norte:

Na expressão do projeto de felicidade, como na produção do poema, da pintura, da escultura, misturam-se razão e afetos, luz e sombra, o explícito e o suposto, o retratado e o não-retratado, o retratável e não-retratável. O projeto de felicidade é, no modo como se expressa, uma totalidade compreensiva. (Ayres, 2007, p. 57)

Ora *luz* ora *sombra*, como podemos pensar projetos lançados a partir do encontro da Bandeira com Lara? O que as dores da moça comunicaram às dores dos profissionais da Psicologia e Medicina?

Teria sido na dificuldade se relacionar e cuidar, que a Psicologia foi chamada como em uma representação caricatural de cuidado àquilo que transcende à Medicina do ponto de vista concreto da compreensão saúde-doença? O aluno também reconhecia o sofrimento de Lara, mesmo que ainda *não-retratado*, mas era percebido numa comunicação sensível de seu próprio sofrimento.

Discutindo o termo cuidado, Ayres (2004) aponta “o cuidado como designação de uma atenção à saúde imediatamente interessada no sentido existencial da experiência do adoecimento, físico e mental, e, por conseguinte, também das práticas de promoção ou recuperação de saúde.” (p. 22). Seria por essa atenção e cuidado de si, que profissionais em saúde encontrariam um modo de contemplar uma relação interdisciplinar?

E Lara tendo indo embora, o que restou? O que não nos foi possível? O que foi? E Lara? Onde esteve? Lara não se deixava revelar como projeto. Ela não se fazia autor.

Como autor dessa obra (projeto), o sujeito interessado na ação de saúde (o usuário, a família, a comunidade, uma população) pressupõe que ela será apreciada por alguém (o profissional, a equipe, o gestor, outros sujeitos como ele). Já se põe, então, em contato consigo mesmo e com o outro ao se expressar. Ao retratar seu projeto de felicidade, trará elementos narrativos que, embora co-existent (e porque co-existent), pressupõem uma história, um sentido para estarem ali. Cada elemento constrói o sentido do todo retratado e, simultaneamente, recebe deste todo o seu próprio sentido. (Ayres, 2007, p. 57)

Como compreender uma Lara saudável, quando seu emudecimento dizia de um não poder ser nem viver sua própria vida apesar de medos, temores, sofrimento? Afinal, o que os estudantes de Medicina e de Psicologia aprenderam acerca de saúde com Lara?

O sofrimento de Lara era bastante comunicado, mas sua história estava oculta em projetos interditados. Talvez, para Lara, o nosso espanto e aflição em mantê-la por perto revelasse o quanto o seu modo pacato de ter sido apresentada à vida adulta era estranho, fugia do normal de um futuro predestinado. Como ficava então a *eficácia* de uma intervenção tecida dessa forma? E os alunos? O que puderam aprender? O que pudemos ou não compreender de seu silêncio?

À universidade compete organizar esse compromisso, congregando os cidadãos e os universitários em autênticas comunidades de interpretativas que sugere as usuais interações, em que os cidadãos são sempre forçados a renunciar à interpretação da realidade social que lhes diz respeito. (SANTOS, 1997, 195)

Trata-se de um projeto de formação em campo. Lara fez-se comunidade na aprendizagem de um projeto. Sua experiência vivida revelava muito mais do que aulas pudessem ensinar e intervenções pudessem ser meramente “aplicadas”. Quem sabe, ouvindo Guimarães Rosa, pudéssemos encontrar uma outra possibilidade de compreender o que foi aprendido pelos estudantes através de Lara, e numa direção muito próxima a Santos. Em Tutaméia (2008), o escritor diz que aprender é mais um *sair de si* do que se manter no *em-si-mesmo*.

Capítulo III

Entre vistas e falas: cartografando narrativas inventadas

“A história é uma história e o homem é o único animal que ri”. O refrão da comédia dramática de Millôr Fernandes brinca com essa tarefa humana de fazer-se e saber-se história de si e de mundo. O homem não é apenas o único animal que ri; ele é também um contador de casos. Coexistente, o homem precisa comunicar, como que para consolidar, através do testemunho do outro, aquilo que foi desvelado e expresso por ele. Segundo Critelli, “tudo o que um homem em particular percebe e compreende exige compartilhamento. Toda novidade, toda nova verdade precisa encontrar lugar num mundo comum para conquistar alguma possibilidade”. (2012, p. 28).

Poderia propor uma tese que contasse apenas de como o encontro entre disciplinas de um projeto de extensão pode provocar ação, experiência e aprendizagem. Mas fazer isso é perder-se na história dos homens que riram e choraram em cada expedição/imersão¹⁴.

Em minha dissertação de mestrado (AUN, 2005), utilizei diários de bordo de alunos-pesquisadores-clínicos para a reconstituição de uma prática psicológica em instituições para jovens infratores. Mergulhadas em e reconhecedoras de contexto, historietas eram construídas a cada escrita, testemunhando perplexidade, curiosidade e questionamentos, apontando o passo a ser dado a seguir, resgatando o *destinar-se* da ação, seu *dever*. Diário de bordo ou então cadernos de campo, talvez, sejam compartilhamento e autenticação de uma experiência, em uma escrita pela produção de sentido, na articulação de uma história. Critelli (2012) aponta que “somente quando nossa existência puder ser articulada numa história e tivermos testemunhas para ela, o sentido que fazemos na vida se descobrirá” (p. 70). Assim, os diários revelavam não apenas as emoções do escritor-autor, mas também os afetos envolvidos nas cenas que eram constituídas pela prática proposta.

No romance de Lewis Carroll, o espelho mágico de Alice permite o andar no sentido inverso, o se perder na própria identidade ou na busca de uma re-direção. Mas qual o inverso de um jogo de espelhos? Ao mirar espelhos, não será somente contemplada nossa imagem; “vemos refletidos nós e outros, ou melhor, em nós os outros e nos outros nós mesmos.” Uma

¹⁴ Expedição e imersão são os termos usados pela Bandeira para se referir àquele tempo de cerca de 10 de estada de todo o grupo no município.

mistura que aponta para a comunicação e diz de um “entrelaçamento entre observador e imagem, nós e os outros, e da disposição estética das mútuas mudanças, resultantes” (MORATO *et all*, 1999. p. 232). Denunciador de angústias e momentos de desamparo na e da prática, o diário relata sentimentos e dúvidas provocados pela arriscada experiência do encontro. Revela, num jogo reflexivo de espelhos, os caminhos percorridos da ora pequena ora grande Alice, aquela que busca perder-se para encontrar-se.

Nesse movimento de criar história por historietas fragmentadas em diários, o projeto da dissertação pode ser compreendido como uma cartografia da prática realizada, acompanhando a transformação das paisagens que surgiam. Propondo a ação cartográfica como trabalho de um antropólogo, Rolnik (1983) diz:

... o cartógrafo não pretende explicar nada, e muito menos revelar. Para ele não há nada em cima – céus transcendência -, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados, são intensidades buscando expressão. Afetos que ele quer descobrir e linguagem que quer, para eles, inventar. (p. 8, grifo do autor)

Nesse movimento de invenção de linguagem como criação de mundos, o “cartógrafo tem a pele marcada por todos os encontros que faz em seu nomadismo. *Ele é antropólogo. Vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado*. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas.” (Apud, p.10, grifo do autor).

No contexto da dissertação, enquanto rememorava a prática em questão, notava que o projeto ia sendo “construído através da atitude de um cartógrafo e atenção de um clínico” (AUN, 2005, p.36). Por se tratar de uma prática psicológica em *lócus*, cada ação clínica era flexível às novas invenções, acompanhando instabilidades e humores institucionais. Assim, foi inspirada por essas colocações de Rolnik que comecei a construir a *cartografia clínica*. Ao mesmo tempo em que inventa territórios, o cartógrafo questiona, participa e cria novas narrativas com o protagonista. Diários possibilitavam registros das marcas das constantes transformações da prática e/em contexto. Só os diários?

Se tivesse comigo, os diários de bordo dos alunos-bandeirantes das várias áreas do Projeto Bandeira Científica, sem dúvida novamente utilizaria apenas esses instrumentos para me lançar a essa nova expedição antropológica de criar outras cartografias. Mas estão à minha disposição apenas alguns diários de alunos de Psicologia de um ou outro ano do projeto.

A cartografia inventada difere-se da história contada. “Dos cronistas da Idade Média aos historiadores contemporâneos da história ‘total’, toda a tradição histórica desenvolveu-se como exercício regulado da memória e seu aprofundamento espontâneo, a reconstituição de um passado sem lacuna e sem falha” (NORA, 1993, p. 10). Por essa reflexão, talvez seja possível contar a história do projeto sem lacunas ou falhas, por tratar-se de um projeto mutante com as transformações de gerações por um lado, e por outro perdido de afetos dos alunos que se afastaram dele. Se assim fosse, poderia ser feita uma historiografia do projeto. Nessa direção, para além de cada passagem, o que pode ser registrado para a história? Mas de fato é isso que essa tese pretende ser: a história da história poderia ser contada por relatórios e atas? Se assim fosse, esse trabalho seria apenas um registro de documentos históricos, cuidadosamente elaborados para se manterem além do tempo. Mas embora cuidadosamente elaborado, onde tais documentos guardariam afetos vividos?

Acompanhando Rolnik, podem surgir então outros *critérios de escolhas*, para mim como cartógrafa, para que *elementos/alimentos* sejam devorados. Assim considerando, retomo a cartografia clínica, rememorando diários recordados, juntamente com entre-vistas.

3.1 Narrativa construída entre falas

O contexto entre-falas, proposto pela entre-vista, faz-se mediador, como um artesão de jardinagem, propondo possibilidade de nascimento/crescimento da terra e do jardim. Faz-se menos na atuação de um engenheiro agrônomo que visa a produção mais eficaz, através da atualização de substratos da terra. Tal analogia jardineiro-engenheiro foi proposta por Sá (2008) e faz-se como metáfora simples de uma ação clínica e da questão da técnica. A entre-vista-e-falas é um modo proposto na direção de uma ação clínica. Nela não cabe apenas a colheita de memórias, mas o nascimento de um dizer daquilo que foi interditado, como aponta Figueiredo (1995), de tensões, conflitos e paixões.

Alojado no viver cotidiano, o sentido de ser não está relacionado à razão, mas intimamente amalgamado aos afetos e humores. Critelli (1996) aponta que o “ser se faz sentido antes ao coração do que ao intelecto. Por isso mesmo aparece como algo sempre pleno de misteriosidade, e não como algo perfeitamente definível em conceitos ou idéias.” (p. 127).

Esse dizer de humores e paixões é, na academia, como metáforas que pretendem conduzir pelo sentido, para além dos significados. Para além da história de memórias, busco uma cartografia de afetos. Seria um dizer *poietico*? Diferente de um interrogatório que busca a

descrição de situações, a narrativa contemplaria narrador e ouvinte/autor. Busca-se a fala viva, dinâmica e confusa, trazendo, junto ao acontecimento, a *poiesis*.

Para Safra (2004), Floriênski compreende que o lugar ontológico do ser humano é como ser que habita fronteiras, paradoxo em tese e antítese, que se faz partido por toda a ciência ocidental assentada na racionalidade como acesso à “verdade”. A escrita especializada ou o relatório, tão comum em pesquisas “científicas”, parecem tentar esse encontro com a verdade que anula fronteiras. Promovendo ruptura, busca-se uma fala criativa, poética. “A poesia é resistente. Não é possível reduzi-la ou submetê-la a qualquer dissecação em busca de sua anatomia. Ela preserva, resiste e revela algo originário da condição humana. A poesia diz e preserva o mistério.” (p.46).

Recorrendo ainda a uma poetisa, Adélia Prado compreende o ser humano como o único em sua possibilidade de incomodar-se, de comover-se com o cotidiano. Nesse sentido, o espantar-se pode ser experiência de natureza poética que liga o homem a um centro de significação e sentido. Se cabe ao ser humano a vida comum, busca-se o sentido no heroísmo de viver o cotidiano.

Pretende-se buscar heróis narradores, retomar o pesquisador cartógrafo. Ele busca “matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretendem ‘entender’”. Assim, ele não busca o verdadeiro ou falso: “O que ele quer é participar, embarcar na constituição de amálgamas de corpo-e-língua. Constituição de realidade.” (ROLNIK, 1983, p.8). Uma realidade, como lembra Critelli (2012), “cheia de falhas, de ângulos imperfeitos, de contradições e incongruência” (p.32). Uma realidade construída pela memória narrada com humores e afetos, interpelada pela história de acontecimentos vividos.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censuras ou projeções. A história, porque opera intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. (NORA, 1993, p.9).

Ou seja, como transitar cartograficamente entre vividos vívidos? Eis a dúvida metodológica que se impõe: buscar um caminho (*odos*) para ir adiante (*meta*) via invenção cartográfica, por entre-vistas-e-falas pelas história e memória de heróis protagonistas/autores-narradores.

Recorrendo à etimologia, protagonista decorre do grego *protos* (primeiro) + *gonos* (origem), ou seja, o que se distingue originariamente. Contudo, pode-se ainda considerar que protagonista é aquele que seria o ator principal de uma encenação, afeito, assim, à deliberação de um autor. Porém, no teatro épico,

O ator tem de mostrar alguma coisa e ele tem de se mostrar. Ele naturalmente mostra a coisa ao se mostrar e ele se mostra ao mostrar a coisa. Embora isso coincida, não deve, contudo, coincidir de modo tal que desapareça a diferença entre essas duas atividades. Em outras palavras: o ator deve reservar-se a possibilidade de, num dado momento, saltar com arte fora do seu papel. Ele não deve deixar que lhe seja retirada a possibilidade de, num dado momento, fazer o papel de quem reflete (sobre o seu papel) (BENJAMIN, 1985, p. 217).

Nessa direção, protagonista refere-se ao ser-em-acontecimento. Não se trata de eleger papéis principais ou coadjuvantes. O protagonista representa nosso herói em peça criada e encenada por heróis, autor e autores de narrativas que se mesclam por dores fingidas e verdadeiras sentidas.

Ser protagonista não é ser um personagem. Em cena, este busca um autor para lhe dar um script, ou, busca uma situação que o abrigue para se apresentar a partir dela. Para BENJAMIN (1985, p. 150), o objetivo do teatro gestual é o ator/protagonista apresentar-se a si mesmo, interpretar a si mesmo no palco da cena em acontecimento. Ou seja, o ator protagonista interpreta a si mesmo a partir de uma experiência, dada como argumento, e discutida com o diretor/ouvinte: não se busca imitação, mas autenticidade. Interpretando a si mesmo revela-se e comunica o vivido, que pode assim ser diretamente apreendido pelo espectador.

Nessa direção, implicado o protagonista por sua humanidade, pelo ser humano que é, recorro à compreensão do modo de ser humano pela perspectiva fenomenológica existencial. Em sua abertura autêntica ao mundo, o ser humano é, bem ou mal, sempre humorado. Heidegger (2001a) utiliza-se do termo *Befindlichkeit* para dizer dessa condição fundamental da existência. O humor ou a disposição afetiva, na qual o ser-aí se encontra imerso, revela o seu modo de ser junto ao mundo. A tradução do termo *Befindlichkeit* seria disposição na qual alguém se encontra ou tonalidade afetiva em que se encontra (MORATO, 2009). No destrinchar da palavra alemã, *Befindlichkeit* seria um *como-aí-você-se-encontra*, ou seja, sendo-no-mundo-com-outros, entre o afetar e o afetando-se, como está você? Tal questionamento, não tão corriqueiro como utilizado cotidianamente, nos leva a resgatar história e sentido num tempo e espaço, compartilhando-os.

Essa também é a proposta de uma entre-vista, um registro de experiência, implicando eu/mundo/outro através do dizer de como fui afetado. Ou seja, pro-vocado por uma interpelação, abre-se possibilidade de dizer a compreensão do vivido. É nessa mesma direção que acontece entre-falas: ouvindo o narrador/protagonista, abre-se a possibilidade de o ouvinte/autor narrar *como-aí-nos-encontramos*, buscando sentido-sentido ao que vivemos, ao que nos afetou.

Resgatando o sentido da palavra experiência¹⁵, recorro à língua alemã, na qual duas palavras remetem a esse significado: *Erlebnis* e *Erfahrung*. Enquanto a primeira refere-se à vivência, à emoção, a segunda refere-se à elaboração do vivido. É dessa última que Benjamin (1985) considera como sendo cada vez mais rara, dado que vivência implica como o homem na modernidade se relaciona com o tempo. Para os gregos antigos, também havia duas palavras que remetiam a tempo: (1) *Chronos*, que se referia a um tempo mensurável, cronológico e linear; e (2) *Kairós* que diz do tempo do plantio ou da colheita, de um “tempo existencial”, de *ritmos humanos* (SAFRA, 2004). Assim, convocar o protagonista-narrador a destinar-se ou demorar-se em sua fala do tempo vivido (*Kairós*) é propor a ele que se coloque na contramão da pressa tecnológica, no estranho desconforto do “perdendo tempo” (*Chronos*).

Tal tendência a permanecer na lógica da cotidianidade também diz da dificuldade do homem atual de lançar-se ao pensamento reflexivo, sensível, como que embotado pela onipotência tecnológica. Heidegger (2001a), em sua crítica à metafísica, diz de uma lógica identitária como resultado da tradição científica ocidental, na qual se criaram as diversas crenças daquilo que seria o ser, confinando o mundo numa única interpretação, estreitando sentidos, limitando possibilidades do pensar, do indagar, indicando uma verdade única e absoluta. Como con-vocar o dizer não do ocorrido como verdade, mas do vivido como sentido? Para Nancy Unger (1991), o Ocidente, na história do conhecimento, opera uma ruptura que aprisiona o sentido no significado, o múltiplo no uno, instalando uma dicotomia entre homem (sujeito) e mundo (objeto). Tal *de-cisão* histórica exclui a ambigüidade tensional inevitável entre razão e mistério, ciência e poesia, negando, por anulação, a incerteza como também possibilidade verdadeira.

Nessa direção, em seu texto *Serenidade*, Heidegger (2001b) diz dessa contraposição entre o “pensamento que calcula” e o “pensamento que medita”. O primeiro marca e está marcado pela pesquisa e investigação, enquanto o segundo, pela reflexão sobre o sentido da

¹⁵ Também para mim esta discussão se faz importante e retornarei a essa temática ao longo do texto.

existência e dos entes. O autor atenta ainda ao perigo de um homem enfeitiçado pela revolução tecnológica da modernidade e sua admissão única do “pensamento que calcula”, impedindo a reflexão, serenidade para com as coisas e abertura ao mistério.

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concebem-nos a possibilidade de estarmos no mundo de um modo completamente diferente. Prometem-nos um novo solo sobre o qual nos possamos manter e subsistir, e sem perigo, no seio do mundo técnico. A serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora se desvanece rapidamente. (p. 25)

A perspectiva fenomenológica existencial, que parte da ontologia heideggeriana, encontra, pela tensão, um modo de recuperar o olhar da perplexidade: a irrupção do oculto, do mistério insondável, enigmaticamente provocando o descentramento desse olhar. Olhar de espanto encontrando híbridos, mesclados e mestiços fora e dentro de si mesmo. Segundo Figueiredo (1995), desvela o olhar plural, que toca e é tocado, simultaneamente vê e é visto por todos iguais/diferentes: reflexividade plural-única, expondo toda singularidade como sujeito e captando-se pela diversidade da alteridade.

Figueiredo (1998) aponta que a questão crucial posta por Benjamin diz da precariedade da experiência como narratividade, tanto como sabedoria transmissível quanto como vivência íntima afetiva. Critelli (2012) compreende que “se não pudermos, através das palavras, nos afirmarmos como autores de nossos atos, o risco é o de nos perdermos de nós mesmos, absorvidos pelo testemunho dos outros.” (p. 37). Exclusiva e intransferível, a história pessoal testemunha uma rede de histórias interligadas, fala de uma trajetória existencial de cada um e todos nós, na condição humana de co-existência.

Ao recorrer à narrativa entre-falas como vestígios pelos quais se percorre uma investigação, recuperam-se modos constituintes de subjetivação singularizada. Como num jogo de espelhos, busca-se uma reflexão compreensiva do sentido entre autores/atores participantes do espetáculo, partindo do próprio encontrar-se (experenciação e elaboração da experiência) para comunicar o vivido como um acontecimento. “É o real que se torna suportável quando podemos narrá-lo. As histórias arrumam os fatos e os transformam em coisas compreensíveis, em acontecimentos”. (Critelli, 2012, p.32 – 33).

Retomando a narrativa como experiência autoral e compartilhada, Benjamin (1995, p.16) diz:

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é também a força de um texto, uma se alguém lê, outra se o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair soldados de uma fila.

Por esta perspectiva desvela-se a possibilidade de entre-falas como modo de circulação de falas e saberes. Diz de como a con-versação pode abrir uma vereda ao caminhar adiante de uma investigação. Faz-se diálogo, na proposta hermenêuticas de *fusão de horizontes* (GADAMER, 2003). Em diálogo, horizontes sempre lançados num contexto cultural, com seus pressupostos, preconceitos e concepções, fazem-se possibilidade de construção de uma nova narrativa fundida em experiências desveladas na fala.

3.2 Protagonistas/Narradores

Como palco ou pano de fundo de minha tese de doutorado está um projeto de extensão universitária formado por alunos de graduação, acompanhados por profissionais recém-formados (residentes talvez) e docentes de diferentes áreas e ofícios. Entre-vistas-e-falas serão propostas aos protagonistas das diversas disciplinas e terá como norte a recuperação de uma experiência. Para iluminar a criação/invenção dessa narrativa, proponho uma questão disparadora de dizeres: Como foi sua experiência no tempo em que participou do Projeto Bandeira Científica e como você compreende essa experiência na sua formação profissional?

A invenção cartográfica das relações entre áreas seria então com memórias de heróis protagonistas. As entre-vistas-e-falas serão transcritas e devolvidas aos autores/narradores. Assim, podem também eles percorrerem as histórias contadas pelas memórias lançadas.

Encerro, então, marcando a coautoria dessa cartografia inventada não apenas pelo pesquisador - aquele que dá vez e voz ao protagonista, mas pelos heróis das expedições vividas. Se o cartógrafo propõe a composições de linguagem dos vários narradores que pretende

conhecer, poderia então dizer de sua função de co-autoria como também pelo exercício de composição de linguagens de tradutor?

... o lugar fronteiro e a atividade intelectual, também definem a função do tradutor, esse mestre das passagens e dos intervalos. [...] Dividido entre o desejo de dar vez e voz ao *outro*, ao autor *original*, e o esforço próprio necessário à acumulação de múltiplos saberes (linguísticos, históricos, culturais, Psicológicos) para cumprir sua tarefa, o tradutor oscila, todo o tempo, entre duas atitudes opostas e complementares: ele é um ‘coitado’ ou um ‘herói’ [...], ele passa da ‘humildade’ à ‘soberba [José Paulo Paes] e da depressão à mania como, justamente, um exímio melancólico. Na medida em que ele admira o outro, o original, a autoridade do autor, ele se apaga a si mesmo para melhor deixar brilhá-lo...” (GAGNEBIN, 2007, pg 14 – 15, *grifo do autor*)

Inaugura-se, então, um trabalho de fusão de coautorias, no qual cartógrafo-tradutor coloca-se ao dispor das autoridades dos muitos autores que passaram pelo projeto: como coitado ou herói, da humildade à soberba, da depressão à mania. Deixa-se brilhar.

Capítulo IV

Um olhar clínico para experiência e formação via extensão universitária

Não nos foi possível encontrar outra história como aquela, porque não era das que se inventam no papel. Inventa-as a vida, e quase sempre à força. (GARCÍA MARQUÉZ, 2003, p.469)

Não trago aqui as memórias de velhos. Eis o jovem. O Bandeira Científica reúne graduandos prontos para nascer vida: inventar. Eis o jovem em comunidade. Do latim *communitas*, comunidade diz de companheirismo, do público, do compartilhar. Em palestra dada no IPUSP, Dulce Critelli (2019) utiliza-se de uma das principais obras de Hannah Arendt, *A Condição Humana*, para apontar a alteridade, o outro, como condição necessária para a criação de realidade, de mundo. O outro é preciso para dar sustento ao vivido, para partilhar existência. Memória e história, o outro se oferece como contorno, como testemunha: “Viver algo notável gera a necessidade de contar: você sabe o que eu vi? você sabe o que me aconteceu? E tudo o que nos acontece é notável porque nos concerne.” (ADES, 2004). Viver pede o compartilhamento. Mesmo que seja de algo ruim, “tudo que é ruim de passar é bom de contar”, dizia Ariano Suassuna.

Por outro lado, em tira desenhada, a menina Mafalda diria: “Justo a mim, coube ser eu!”. No singular da existência, Mafalda comunica a inauguração ímpar que é o nascer e o aparecer no meio dos homens. Mafalda é Mafalda, nasce e cresce para ser Mafalda, inaugura-se Mafalda na ação mundana de ser-com-outros. Assim, a “pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir” (ARENDT, 2002, p.16).

Por que você vai estudar fisiologia cardiorrespiratório?!... E aí quando você vê a pessoa, com afeto, com corpo, com história, isso deixa de ser um estudo de caso e ganha uma concretude que faz você ver o sentido da sua formação.

São muitos os protagonistas dessa história que tiveram voz através de seis narradores já não mais graduandos, uns recém-saídos da faculdade, outros em fase de residência ou ainda pós-residentes. Nem todas as áreas estiveram presentes, embora existentes nas histórias construídas: cada singular entrevista diz de mundo compartilhado, de um viver plural, de ações

inauguradoras. Nesse sentido, seria corriqueiro encontrar narrativas que diriam que o sentido da teoria acontece no encontro com a *praxis* profissional; ou que a fisiologia cardiorrespiratória, a depressão ou a fibromialgia habita um corpo, uma história, afetos, habita mundo.

Não me ative, assim, a contemplar todas as áreas, embora todas tenham sido convidadas. Estiveram comigo: a Psicologia, a Medicina, a Fisioterapia, a Farmácia, a Terapeuta Ocupacional e a Engenharia. Entrevistá-los foi um misto de empolgação e frustração. Quanto mais próximo ao projeto, maior a paixão à bandeira. Quanto mais distante, maior a paixão à profissão. Sim, foram encontros com seis apaixonados. Talvez este seja o principal “vício” desse trabalho: a prontidão com a qual responderam meu convite para participar já indicava comprometimento e afetos. *Acaba sobrando aos apaixonados!...*, como revela a mim um dos entrevistados. Quanto mais próximos à experiência de Bandeira, talvez mais difícil fosse para pensar na pergunta proposta por mim: *Como foi sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica, e como essa experiência teve impacto na sua formação como profissional?* Narrativas mais truncadas, quase de perguntas e respostas. Talvez ainda não muito contadas pelo pouco tempo para pertencer.

4.1 Graduandos-errantes em busca de sentido: des-afio em/para encontrar-se

**“Eros e Psique”
(Fernando Pessoa)**

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
Do além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.

Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, ainda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

Início com poesia: arte, como bandeira ativa que aponta para a importância da expressão artística, facho de luz em tempos sombrios, no acesso mais verdadeiro às questões humanas. A importância da linguagem no tecer sentido, no desvelar de verdades como clareira foi muito usada e trabalhada nos textos de Heidegger: “O texto poético é onde a essência da linguagem mais pode transparecer. O sentido do texto poético aparece a partir do momento em que o poeta sai de cena. É quando a linguagem fala. Nesse momento, a univocidade vai embora e dá lugar à polissemia.” (EFKEN E SILVA, 2014, p. 239)

Aqui, essa linguagem, que tenta fugir da linguagem cientificista, será sempre a eleita, como já percebido ao longo desse trabalho. Propõe-se um falar que atravessa as disciplinas e um ouvir polissêmico. A linguagem como poética que diz da coisa mesma e que permite que se abra uma criação. Seria possível uma linguagem que atravessa disciplinas? Imagens, poesia, contos: a arte como metáfora para aproximação do leitor, propondo-o como também errante, viajante e nômade, criador de muitos sentidos seja ele de onde vem caminhando, vivendo a formação que for.

Proponho, assim, a poesia como guia, retornando a ela ponto a ponto, num entrelaçar das narrativas e outros tantos textos que por ela surgirem.

4.1.1 Do além do muro da estrada: o jovem em busca / transgressão.

Conta a lenda que dormia
 Uma Princesa encantada
 A quem só despertaria
 Um Infante, que viria
 Do além do muro da estrada

É enlouquecedor pelo volume de trabalho, por todas as coisas que você tem que fazer. Eu estava atendendo no posto, aí vinha o Secretário de Cultura me procurar para falar sobre o sarau, tinha a atividade de educação que era com os professores, enfim. Isso foi meio adoecedor, tanto que no último dia da imersão eu passei muito mal.

Cansaço, projetos e expectativas: adoecedor. O que buscam alunos de graduação quando se dispõe a um trabalho tão intenso? Volume, posto, sarau, imersão: buscam estrada ou a princesa encantada?

E apesar de todo esse processo que ela me fez mudar na vida, pra mim hoje, ela não faz sentido e não sei se ela vai fazer... Deve fazer!... se eles estão tocando... Justamente por isso: por eu ter a paixão pela Bandeira, pela Bandeira ter me dado para eu seguir minha vida, por ter conhecido minha esposa na Bandeira... [...] Fez super sentido! Assim... 2015 e 2016 foram super frustrantes e eu carreguei isso ainda. Mas aquilo que eu passei antes foi apaixonante, me fez como profissional, mudou quem eu quero ser...

Estradas que velam sentidos, muros que distanciam, o graduando-infante caminha por ver-se viajante apaixonado, ora raivoso ora animado, mas trilhando em busca daquilo que muda quem se “*quer ser*”, ou melhor, busca esse *vir-a-ser*, projetos de vida próprio e profissional misturadamente.

Mas eu contribuía com a minha visão sobre aquilo que eu tinha visto e que tinha a ver com a Psicologia, e não só com a minha visão pessoal. Então, de uma certa forma, foi ali que eu comecei a perceber, para além de atender e entrevistar, a postura ... postura como esse empoderamento de construir, de estar lá para o que aparecer, e o que a gente vai fazer com isso, e construir junto.

Empoderar-se para construir a si ou construir-se? Ou então, um empoderar-se para destruir o já visto e conhecido da Psicologia? Se certa forma, diz-se de um ganhar postura para criar e crescer *do além do muro da estrada*. Walter Benjamin (1995), em seu texto *O Caráter Destrutivo*, propõe que as ligações mais profundas da nossa existência partem de humanos cujo caráter destrutivo faz-se em acordo: *construir junto*.

Imersão. Acho que é um projeto de imersão... porque mesmo durante a preparação é muito intenso, são muitas reuniões, muitas atividades. Sem dúvida eu me dediquei muito a esse projeto. E quando você vai e passa os dez dias lá, é essa sensação de “o que eu posso como psicólogo?” o tempo inteiro. Aqui é diferente. Você faz um estágio, vai para sua casa, depois você volta, daí você pensa de novo. Já na imersão, mesmo com os prós e contras que ela tem... acho que os prós é porque é uma coisa intensa.

Na intensidade das imersões, entre diálogo e ação, o caráter destrutivo do graduando-errante pode encontrar, nas brechas do muro, si mesmo ou ainda uma possibilidade para um transpor: *o que eu posso?* Sendo além do muro, faz-se viajante.

O caráter destrutivo conhece apenas uma divisa: criar espaço; conhece apenas uma atividade: abrir caminho. Sua necessidade de ar puro e de espaço é mais forte do que qualquer ódio. O caráter destrutivo é jovem e sereno. Pois destruir rejuvenesce, porque afasta as marcas de nossa própria idade; reanima, pois toda eliminação significa, para o destruidor, uma completa redução, a extração da raiz de sua própria condição. (BENJAMIN, 1995, p.236)

Como construir uma narrativa minha diante do outro? Cabe ao jovem, o ir além, o nascer. Em minha dissertação de mestrado acolho o termo *transgressão* como possibilidade do jovem para *ir além* no agir e sentir, no criar:

Entre movimentos e tribos, com o assombro heróico para ultrapassar fronteiras, a transgressão surge como forma para conhecer limites e possibilidades de si mesmo, do outro, do mundo; cria-se, pelo avesso da transgressão, novos modos desafiantes como possibilidades para pertencer, para ser e estar social.” (AUN, 2005, p. 70).

Nesse sentido, o “*ir além*” do muro da estrada faz-se encontro de si e abertura de novos mundos.

Perceber a Engenharia como parte de um cuidado, até pessoal, fez com que eu parasse de olhar só para um aspecto das questões... Então a gente fez trabalhos com o pessoal da Fisioterapia para adaptação de cadeira de rodas, TO...

Na ação, a Engenharia rompe com o que se espera e revela-se também outra: como cuidado, colocava-se muro transposto, abrindo-se na destruição, algo novo. Eis a transgressão. Como o menino-infante de Guimarães Rosa (2008) que, diante uma casa em demolição, observa: “Olha, pai! Estão construindo um terreno!¹⁶”, o encontro com a comunidade destrói ao mesmo tempo que aponta possibilidades de uma profissão em ação, cria.

¹⁶ Aletria e hermenêutica

A Engenharia já entrara no projeto tendo a Fisioterapia como seu principal parceiro, atuando junto às dores da comunidade, consequência do transportar baldes de água em certa cidade de uma região mais seca do país. Mas o *cuidado até pessoal* revelava um encontro da Engenharia como outra prática de saúde, fugindo das tradicionais obras de saneamento como a construção de fossas ou transporte água, para construir acesso de forma artesanal a pessoas com mobilidade reduzida, ao mesmo tempo em que criava outros acessos a si como disciplina e formação.

Eu morria de medo de fazer alguma coisa errada. E aí... chegou uma senhora muito agitada. Todo mundo ficava falando: “Ela está em surto! Está em surto! Chama o pessoal da Psico”. O pessoal da Psico estava lotado, aí a discutidora me chamou: “Então... Você disse não queria, não é mesmo? Eu acho que você consegue. Vai lá”. Aí eu fui... morrendo de medo! E isso me marcou muito. Eu lembro que eu fiquei quatro horas e meia com a senhora, entre sair do posto, dar uma volta, falar com a família, enfim para, quando ela conseguisse um atendimento e um encaminhamento para Rede, ela pudesse ter um resgate histórico. Ela tinha uma história muito não linear, então conseguimos costurar. Foi uma experiência que me marcou muito, eu achava que não ia dar conta, e a discutidora dizia “vai sim, qualquer coisa eu estou aqui”. A gente entrou em poucos atendimentos, esse foi um deles. A gente entrou em alguns de idosos, com questão de perda de memória, a gente entrou com crianças, com problemas de desenvolvimento e pessoas com deficiência, na parte de reabilitação física junto com a Fisio. Acompanhando esses atendimentos, mas não compondo muito oficialmente ainda, a gente conseguiu entender o que o posto faz.

Manter as possibilidades de acesso rompe medo e cria oportunidades. A situação de crise imposta pelo posto, naquele dia, fez da graduanda-errante uma desafiadora de sua própria história, quebrando medos e preconceitos do encontro, no entrar e sair da costura por uma história, tecendo-a tão demoradamente. O aprendizado era construído nas brechas que surgiam do muro: clara satisfação.

Nada confere mais sentido do que mudar de sentido. Relatarei por meio de imagens a lembrança da mutação. Ninguém sabe nadar de fato antes de ter atravessado, sozinho, um rio largo e impetuoso, um braço de mar agitado só existe chão em uma piscina, território para pedestres em massa. Parta, mergulhe. Depois de ter deixado a margem, você continuará durante algum tempo muito mais perto dela do que da outra à sua frente, tempo bastante, pelo menos, para que seu corpo se aplique ao cálculo e silenciosamente reflita que ainda pode voltar. Até um certo limiar, você conserva esta segurança: o mesmo que dizer que ainda não partiu. Do outro lado da aventura, o pé confia na aproximação, desde que tenha ultrapassado um segundo limiar: você está tão próximo da margem que pode dizer que já chegou. (SERRES, 1993, p. 11)

Eu vejo como ganho maior em aprender a dialogar com o diferente, trabalhar com as outras áreas era o maior ganho. Porque ao fazer isso, eu percebia o que era próprio da psicologia e que, de alguma forma, não era tão claro antes da Bandeira. E também aprendi a como eu tinha que falar sobre psicologia, para que as outras áreas conseguissem entender, algo que profissionalmente fazemos o tempo todo. Tanto quando você fala com pessoas de outras áreas do seu trabalho, como quando no seu trabalho você interage com outros profissionais

Partir e mergulhar. O encontro com o outro revelava a busca em mim mesma. Cria e encontra a si mesmo.

4.1.2 Deixando o caminho errado: crises

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

Eu sempre quis fazer Medicina, mas eu nunca tive ninguém que eu conhecesse que fizesse, nunca foi uma coisa que fez parte da minha realidade. Mas eu sempre tive essa vontade, esse interesse... aí quando eu entrei na faculdade eu pensei “vish, era isso?”. Eu não me identifiquei com aquilo que me foi apresentado no meu primeiro ano da faculdade. Acho que eu fiquei mais interessada pela Atlético, por conhecer as pessoas, do que por aquilo que me foi apresentado academicamente.

A expectativa criada com a entrada na faculdade é rompida já no primeiro ano. O sonho do *sempre quisto* perde o *para sempre* no confronto do “era isso?”. Revela-se pelo “vish”, a decepção. Caminho errado? Conhecer pessoas faz-se então um modo mais atraente para permanecer na graduação. A extensão abre respiro de mundo via atividades fora do acadêmico, via encontro. Como defendido por Ayres (2015, p. 77):

As atividades culturais realizadas por uma universidade não devem ser entendidas apenas como um incentivo à erudição, ou ilustração de seus membros – docentes, alunos e funcionários. Produzir, conhecer, divulgar, ensinar e discutir as mais diversas manifestações da cultura universal, nacional, regional e local é uma forma de produzir a tal interação entre a universidade e o mundo na qual ela está inserida.

E todo mundo em casa era engenheiro. [...] Eu entrei no curso e detestei. Detestei! Só que o ciclo básico é ruim em toda faculdade... Os dois primeiros anos de todos os cursos são uma bosta! O que eu olho dos meus amigos é sempre isso. E aí eu fui puxando matéria, fui fazer uma Iniciação Científica, fui atrás de outros projetos... e foi assim que eu conheci a Bandeira.

A extensão como fuga desse ciclo básico tão maçante: desânimo com a faculdade, com o destino traçado pela tradição. Aprendizagem no sentido clássico: certo ou errado. A extensão em busca da ruptura...

Porque os primeiros anos da faculdade ainda são bem voltados à formação médica... e a minha formação Médica, que foi numa escola muito tradicional, que é a USP, ainda é muito engessada e segmentada. A gente vai ter contato com paciente só no terceiro ano da faculdade... Então as coisas ficam um pouco dissociadas...

Na tradição da formação, o distanciamento da prática mantém a ordem e faz-se zelo em meio ao engessamento. Como na cidade do conto de Edgar Allan Poe¹⁷, a tradição ditada pelos batimentos do relógio do campanário não pode ser quebrada ou questionada e marca a perfeição do lugar:

Há um homem cuja função é zelar pelo relógio. E nunca ouvi falar no menor problema com o instrumento. A simples ideia de um enguiço no relógio seria considerada uma heresia. A vida inteira o grande sino tem batido regularmente as horas. E o mesmo se dá com todos os outros relógios da cidade. Nunca existiu lugar mais perfeito para se marcar a hora certa.

... muitas crises sobre os motivos de estarem fazendo TO, sobre o fato dessa não ser uma profissão reconhecida. Mas eu não tive isso, acho que justamente por conta dessa possibilidade de circular na atenção primária, acompanhar o trabalho de uma TO no NASF, acompanhar outras profissões...

No conto, há um dito de que “nenhuma felicidade pode vir dos morros” que circunferem a cidade. E é a figura do forasteiro, o diabo, quem rompe o batimento do relógio e quebra a ordem, abrindo as fronteiras da cidade: *possibilidade de circular e acompanhar outros estrangeiros*.

Eu entrei na Farmácia sem nem saber direito o que o farmacêutico fazia. As pessoas geralmente não conhecem... farmacêutico, ainda, né? Eu sempre falo: “que criança fala ‘eu quero ser farmacêutico quando crescer’”? Ninguém nem sabe o que faz direito. Mas logo que eu entrei, eu tive essa ideia de ser mais profissional de saúde e orientar, do que ir para área da indústria e ser mais técnico. Então eu procurei coisas sobre isso e a extensão fez bastante diferença para mim nesse sentido. Porque a gente tem pouco disso na faculdade, em geral... a gente tem algumas matérias específicas de atenção farmacêutica e de farmácia hospitalar... mas pouco. A gente tem uma matéria optativa de atenção multidisciplinar, na qual a gente faz um trabalho em UBS

¹⁷ ALLAN POE, E. O Diabo no Campanário In _____ **Histórias Extraordinárias**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008

junto com outras áreas. Mas é uma matéria optativa, que abre duas ou três vagas por semestre... não é, então, uma coisa que a gente tem na faculdade. Se a pessoa procurar ela vai ter, mas não é uma coisa que a gente vai ter obrigatoriamente. Se a gente não for atrás, a gente não vai aprender sobre o que as outras áreas fazem. Se eu não fosse para os projetos de extensão eu não saberia qual é a diferença entre TO, Fisio... o que eles fazem... a Fono... Acho que eu não teria essa ideia se eu não tivesse ido para os projetos de extensão.

Iniciar uma graduação remete uma escolha profissional e desencontros com sonhos de criança. No *ninguém nem sabe o que faz direito*, a extensão oferece possibilidades para além da grade curricular, tece sentido, faz-se aprendizagem e contato com ações possíveis, como *atenção farmacêutica* e de *farmácia hospitalar*, e diferentes da tradicional. Para além do morro da cidade do campanário é possível criar narrativas forasteiras: conhecer não apenas a mim no fazer de um profissional da farmácia, mas também ao outro, nos fazeres de ofícios até então desconhecidos.

Ele [coordenador] faz social... conversa com o prefeito, com o discutidor insatisfeito, com o aluno que surtou... ele amarra os nós. Tem muito aluno que surta, porque é um trabalho desgastante: você dorme mal; você come mal... não come mal, come bem, mas não é aquela comida que você está acostumado a comer; é muito trabalho; você está numa realidade que não se vê aqui; é muita “pobreza”; muita gente em situação de risco para a área que você estiver indo e o aluno não está preparado...

Entre o mal e o bem, vencendo o caminho que pode levar à princesa, o graduando vive muitas crises: um trabalho *desgastante* esse de transpor muros e morros. É preciso caminhar, por um lado, por outro, perder referências, sentir-se diferente. Novamente, “Escorregadio, o lugar do mestiço expõe o passante. Mas nada se passa sem este escorregão.” (SERRES, 1993, p. 19). Como passante, o aprendiz se encontra entre as muitas crises. Nas quedas, a ação da liderança passa também pelo apaziguamento, um *fazer social*, *levar um doce*, *conversar* e atar *nós* dos afetos que transbordam no escorregar. Seria possível apaziguar a dor? “Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço.”

4.1.3 Orna-lhe a fronte esquecida: a comunidade como locus de aprendizagem

A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,

E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

No primeiro ano, não foi uma experiência muito legal, porque estava numa pegada de não gostar de ser Fisio, na época... tinha uma questão de identidade profissional. Fisio era legal, mas... eu não tinha muita paciência... ter no consultório atendendo a pessoa 85 vezes e tal... A Bandeira foi até legal porque... aquela coisa louca: uma pessoa a cada meia hora... Foi legal! Foi bacana. Mas por formação profissional não foi tão bacana. Quando eu virei diretor, eu comecei a me aproximar mais das questões de organização da Bandeira e contato com a cidade.... E foi aí que a Bandeira deu uma virada na minha formação...

Sonhando em morte a vida. A tradição do ofício em um contexto de muitas carências trazia um encontro *bacana* ou *legal*, mas a crise do adormecimento da princesa só seria mesmo rompida quando o pensar das questões maiores, como a gestão de pessoas e de um projeto, na criação de um ser diretor, vive a *virada* no *vir-a-ser* fisioterapeuta de outro modo.

Para além da questão da localização, tem a questão da construção de um projeto. Acho que quando você está dentro dos projetos da USP ... os muros trazem um projeto já realizado, que eu vou e entro. E a Bandeira, de alguma forma, solta um pouco isso. Apesar da construção desse projeto ter um vício... de postos, de atividades coletivas... ele é uma construção sua.

Da princesa que dormia, eis a grinalda de hera. Hera, deusa grega, esposa de Zeus, protetora dos partos, nascimentos. Hera que orna a cabeça da esquecida espera: a virada. A possibilidade de criação de um projeto a partir do contato com gestores de um município parece também oferecer ao graduando um construir-se para além do *já realizado*. Cabe a comunidade, via a extensão universitária, apresentar ferramentas ao jovem para lutar contra uma ideia de universidade aversa a mudanças e aos desafios postos pela sociedade.

Mas eu sempre tive essa coisa de sair para conhecer o que estava do lado de lá. E eu acho que a gente deve muita coisa para a saúde no Brasil... a gente que está aqui em São Paulo, em um lugar privilegiado, estudando numa escola pública, ou seja, financiada por todos os brasileiros que estão por aí sem nenhum acesso a saúde... isso sempre me incomodou. E a Bandeira tinha essa proposta. Então inicialmente foi meio que “nossa, vou ver gente, vou ver paciente, vou conhecer histórias, vou sair pelo Brasil, vou sair do centro de São Paulo e ver como as coisas são em outros lugares”

Boaventura (2010) em constante análise acerca do caminho da universidade, dá à extensão a possibilidade de “incubar inovação”, aqui destacado pelo *conhecer* de *histórias* ou pelo *sair do centro* no compromisso de uma *escola pública* responsável pela formação dos protagonistas.

Agora que eu fui estudar Psicologia Social, eu vejo que tem muitas coisas ali que de certa forma a gente pensava. Quando você está diante de uma outra cidade, uma outra cultura, eu gostava muito disso também: de poder ter um olhar para todo o contexto. O quanto o contexto da cidade, o contexto político, o contexto social, a história da cidade, tudo isso interferia no modo como a pessoa trazia uma queixa, por exemplo, para o posto de atendimento. Então isso era um ganho que eu percebo.

Estar diante de algo muito diferente do que você está habituado... talvez facilitasse para ver, por exemplo, as influências da cultura local no que a pessoa vive, seu contexto social, político... saía do que a gente vive todo dia.

O contato com a comunidade, com a diversidade cultural, com *outros lugares* e *outros brasileiros* sem acesso traz ao graduando um aprender fora do ambiente tradicional da sala de aula, aprender, na e com a comunidade, como uma “*queixa*” que também está inserida num contexto histórico, social e político.

Errante no *contato com a cidade* forma uma universidade aberta às questões do mundo, à construção de novos conhecimentos e metodologias para a comunidade a partir dela mesma. Poderíamos dizer até de novas técnicas: “incubar inovação”?

Desde de minha graduação (AUN, 2005), minha formação foi de mestiçagem no contato com esse não “*habitual*”, ou melhor, com aquela gente que vive sim no nosso dia a dia, mas que não a vemos ou não a percebemos. Oferecer à prática profissional o contexto social e político de uma população, de uma queixa, é fundamental para a “cura” de suas dores. Mas essa aprendizagem não vem de forma adormecida e passiva das salas de aula. Vem da esquecida Hera, dos nascimentos de encontros, do viver ativa da extensão.

A primeira destas dimensões diz respeito ao sentido mais profundo de efetivo encontro com o outro, a experiência de alteridade e os aprendizados e reconstruções que nascem dele. Formatado pelas estruturas institucionais e culturais tradicionais do ensino e prática da medicina, tanto o ambiente hospitalar, quanto as velhas práticas de ensino, resistem, como é de se esperar, às transformações de papéis, hierarquias, saberes e técnicas nas práticas de promoção da saúde, prevenção de agravos, tratamento de doentes e sua reabilitação nos aspectos físicos, psicoemocionais e sociais. (AYRES, 2015, p. 78)

Ayres (2015) destaca ainda a resistência de instituições de ensino. Pensar na ação da extensão universitária englobaria um estender conhecimentos e técnicas a alguém num certo domínio humano para transformar mundo (FREIRE, 1983). Na dimensão do encontro, a universidade também se faz mundo vulnerável às transformações e à construção de novos conhecimentos, desta vez vindos de outras fontes, novas demandas.

Muitas vezes a Bandeira foi cancelada e voltaram atrás por interesse político mesmo: “ah, isso vai ser bom ou ruim pra minha gestão?” [...] e aí no ano seguinte a gente voltou e o secretário de saúde era outro. A gente foi dar a devolutiva e era um novo secretário de saúde, totalmente diferente do anterior, o qual estava adorando que a gente fosse. E ele me falou: “legal, você me gerou mais de não sei quantas mil demandas que agora eu não sei como eu vou fazer. Porque eu não tenho médico na cidade, porque eu não tenho...” E eu lembro que foi bastante impactante para mim na época.

Talvez então a “ajuda humanitária” gera demandas ao vento e receber a devolutiva da comunidade seja ainda mais impactante do que a quantidade de atendimentos realizados. Os questionamentos político-partidários já apontavam um desconforto: estavam a serviço de quem? Estar em comunidade é também destruir os muros internos. Como na narrativa de um outro projeto de extensão universitária, que tantos graduandos foi recrutando, tantos foi destruindo:

Olhando o mundo por outros ângulos, através de prismas espelhados: perdendo a ilusão de um funcionário era apenas um carrasco e que um assassino era simplesmente frio, a ilusão de que minha prática profissional como agente social ou agente de saúde salvadora de vidas que não me pertencem. (AUN, 2015, p.21).

Mas, para além da perspectiva profissional e de abertura da formação acadêmica e da Universidade às necessidades da comunidade e das questões socio-políticas, como poder ainda compreender o sentido da estrada do infante em direção ao encontrar-se consigo em trânsito mestiço?

No último dia de Afogados, teve aquela apresentação de frevo. Já que a Bandeira insiste na ideia de ir para lugares que tenham uma cultura diferente, eu e as meninas da TO tivemos a ideia de fazer um sarau. Sarau também é saúde, é você valorizar a cultura local, os artesãos... No dia do sarau a gente convida os artesãos, o pessoal que trabalha com economia solidária para exporem os trabalhos e a gente conhecer e ter acesso, ou mesmo comprar. Já que estamos em 200 pessoas naquela cidade, vamos aproveitar também o que eles têm a nos oferecer. Essa briga do sarau sempre foi muito grande, foi uma coisa que eu sempre insistia que era importante. A gente foi encontrando parcerias: a Psico foi uma parceira muito grande, a Odonto também... fomos ganhando parceiros no micro...,

A luta e resistência do sarau, na *insistência* pelo encontro com *culturas diferentes*, apontam a tal vulnerabilidade da universidade para a diversidade e a possibilidade de uma “extensão ao contrário”, como pontua Boaventura Santos (2010): a de “ecologia de saberes” (p. 56). Seria então uma forma da universidade abrir-se à comunidade para conhecer novos saberes.

É possível criar novos espaços de interação em locais e estruturas já bem estruturadas para a prática da medicina – e os desafios, e potenciais, não são

menores aqui. Experimentar novas linguagens, como a arte, o riso, a meditação, os trabalhos corporais, tudo isso faz aparecer novas identidades, aspirações e possibilidades onde antes parecia haver sempre o mesmo. (AYRES, 2015, p. 79)

Havia um tempo em que a agronomia também participava desse projeto, atuando junto a trabalhadores rurais. Talvez o contato direto com a terra e o plantio experimentassem a diversidade de um sarau.

Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. Eis as três primeiras estranhezas, as três variedades de alteridade, os três primeiros modos de se expor. Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. Nunca mais saberei quem sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas. (SERRES, 1993, p.15)

Eis a possibilidade de ornar-lhe “a fronte esquecida, verde, uma grinalda de hera”.

4.1.4 Rompe o caminho fadado: o aprendiz para além da graduação

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

A formação médica é muito biológica ainda, eu acho, sabe? Acho que ao longo dos anos isso está mudando em relação ao que já era... acho que hoje está muito melhor. Mas a gente não teve oportunidades de desenvolvimento social e de relacionamento com o outro. Acho que a gente está muito voltado ainda para pesquisa, diagnóstico e menos para pessoa. E na Bandeira, naturalmente por você ter que tomar decisões em relação a um projeto que envolve 200 pessoas, 200 mil reais, patrocinadores... você transportar pessoas para uma cidade x... e se responsabilizar por isso num grupo de pessoas heterogêneo, com formações diferentes, faz com que você... para mim, me fez uma médica melhor. Me faz uma médica melhor. Muito mais do que o atendimento em si, o ir até lá e conhecer uma realidade diferente cria uma noção de cidadania... cria uma noção de responsabilidade social que todos nós assumimos perante aquilo que a gente escolheu fazer. Não dá para a gente se omitir. Pelo menos é assim que eu acredito. Mesmo que seja para você se responsabilizar por aquele que te procura no seu consultório, você de alguma maneira está se envolvendo com aquela pessoa... e isso tem um papel social também. A pessoa vai vir até mim e eu não vou prescrever alguma coisa, pedir alguns exames sem eu criar um vínculo, ou algum tipo de relação que vai dar frutos futuros, de alguma maneira, para mim e para a ela.

O momento da aprendizagem é aquele que rompe e cria. O infante parte à travessia e, no caminho fadado, faz-se além da *biologia*, da *pesquisa* ou *diagnóstico* da formação graduada. Faz-se mestiço nas oportunidades de encontro. E, *sem saber que intuito tem*, a extensão poderá então fazer-se palco para o encontro de mundo e possibilidades ignoradas. Eis o infante-aí; ei-lo múltiplo, sem poder *omitir-se*.

Mas ao mesmo tempo foi tão transformador... de repente, no terceiro ano da faculdade, você ter aquela responsabilidade toda, ter que correr atrás das coisas, e ter que ligar para um monte de canto que você nunca ligou e ser cara de pau. Foi tão rico praquela momento da minha vida... acho que se tivesse alguém mais experiente e falando todas as coisas que deveriam ser feitas não seria a mesma coisa. O discutidor estava lá, mas só para caso a coisa ficasse muito feia, só se a gente realmente não desse conta... ele não tinha um papel próximo, de liderança. Era uma coisa meio solta.

Perceber-se *correndo atrás* ou em direção a algo, “*por ele ignorado*”, revela a riqueza daquele momento: transformador na construção de um profissional, que busca, resolve, vai atrás. Mas diz de exercício da “cara de pau”. Seria essa a compreensão de seguir pelo caminho da experiência?

Eu comecei a buscar a Bandeira principalmente por ser multi... por ter outras áreas e por ser uma oportunidade de ter contato com outras áreas. Na faculdade, lá na Farmácia, a gente não tem oportunidade nenhuma, eu acho.

Então já tinha a questão da saúde pública vindo do primeiro momento, dessa aproximação que eu não tive... nem disciplina de atenção primária!... de Fisioterapia e atenção primária... Eu tive três aulas de uma professora que era de UTI. Então a Bandeira me trouxe isso.

Se a graduação oferece uma grade de disciplinas para *formar* o aluno num profissional, é no aprender fora desse ambiente “*formal*”, “*informante*” e “*formador*”, em espaços de encontro com a diversidade do fazer da sua e de outras profissões, que surge a *oportunidade* e *aproximação* daquilo que *não se teve*, do que não foi apresentado na universidade. Seguindo o significado da palavra *formação* (*buildung*), ela pode se referir à construção de imagem presa em cópia e modelo (GADAMER, 1997). No entanto, pensando como composição contractada, *forma-ção*, seria possível compreender como *formar+ação*?

O que mais me interessa na Bandeira é essa possibilidade de criar relações de uma maneira totalmente diferente da que a gente se dispõe na faculdade.

Num projeto de extensão universitária que propõe o aluno-infante em ação no mundo com outros, a formação deixa de ser meta. Gadamer propõe uma reflexão sobre formação nos tempos atuais, como a frequente transferência do devir para o ser e não o contrário do ser para ao seu devir. É quando a formação deixa de ter sua importância como processo e passa a designar apenas resultado.

Na formação, ao contrário, no que e através do que alguém será instruído, pode também ser inteiramente assimilado. Nesse sentido, tudo que ela assimila, nela desabrocha. Mas na formação aquilo que foi assimilado não é como um meio que perdeu sua função. Antes, nada desaparece na formação adquirida, mas tudo é preservado. A formação é um conceito genuinamente histórico, e é justamente o caráter histórico da "preservação" o que importa para a compreensão das ciências do espírito. (Apud, p.5)

Ou seja, como poder compreender o sentido da formação no transitar errante de um bandeirante?

Quando você tem a possibilidade de conhecer o outro quando você está sendo formado é muito diferente de você conhecer o outro quando você já está formado. Essa experiência durante a formação deveria ser obrigatória.

Como uma experiência pode ser obrigatória? Experiência é fazer sofrer, afetar e ser afetado. Em direção à essa multiplicidade, para Figueiredo (1994), em seus estudos heideggerianos: “fazer experiência é um encontro com o outro na sua alteridade e, portanto, um acontecimento dramático e completamente despojado de matizes idílicos e românticos” (p. 122). Não se trata de aquisições de informações e conhecimentos. Seriam esses os propósitos de uma formação?

Na contramão dos tais acontecimentos dramáticos, como tem sido vivida a *adormecida* formação pelos graduandos que não se percebem infantes na construção de estrada? Para ele é dado um caminho: escola, universidade, salas de aulas, créditos a concluir e então estarão “formados”. Formado sem nem saber pelos caminhos por onde andou ou chegou, tão pouco o seu devir: *Longe o Infante, esforçado, sem saber que intuito tem.*

O objetivo geral da pré-visita era conhecer a cidade, apresentar o projeto e pegar dados para trabalhar em cima ao longo do ano. Eu acho que ali eu me dei conta de outros papéis para além do atendimento, da entrevista... para além do que era mais óbvio que era da Psicologia.

Nosso curso aqui na Farmácia é muito voltado para a indústria. Então a gente tem pouca coisa de contato com paciente, dessa coisa que a gente chama de atenção farmacêutica... que é isso de ter um contato mais próximo com o

paciente, orientá-lo quanto ao uso correto dos medicamentos. É uma coisa muito nova, até nova no Brasil. Então não existe muito do farmacêutico ter contato com o paciente... na faculdade a gente também não teve muito. Mas existe.

Estendendo-se pela formação e rompendo *papéis* esperados, recortados e limitados, o contato com o poder existir mais do que o *óbvio* destina, desvela possibilidades e o infante como devir, como estrada em contínua construção. Extensão e invenção de modos de práxis: um fazer o novo, experimentar, conhecer, aprender e criar.

No segundo ano, a gente entrou com mais força, trabalhando nessas frentes: lúdico, deficiência, assistência nos postos e educação em saúde. Eu nunca entendi a prioridade da TO no Bandeira estar no posto. Apesar de isso ser contra a lógica biomédica, mas eu achava que a gente tinha muita potência em outros lugares. Mas com o tempo, se você quer ser reconhecido, você tem que ceder um pouquinho para essa lógica mais biomédica, de estar no posto. É interessante, mas eu fico pensando para a população...

O conhecimento tem sido “transferido” de forma fragmentada: a separação entre a teoria e prática é um dos modos de fragmentação – método esse que vem sendo questionado. Tal questionamento vem desde a infância, na escola, na contramão da passagem de *lógica* conteúdo, estão as instituições de ensino que oferecem a brincadeira, o estudo de meio, a exploração e indagação natural do estudante como produção de conhecimento, como que resgatando um aprender menos racionalizado e mais afetivo. O modo como o ser humano fragmentou o mundo como forma de conhecimento: mente e corpo, antropologia e sociologia, etc., espelha ao mesmo tempo em que é espelhado pelas formas como as profissões têm proposto a ação humana no mundo através dos especialistas e suas especialidades. Seria essa a tal *lógica biomédica* referida?

Acho que todo mundo entra na lógica biomédica. É muito fácil você entrar nela. O posto vira prioridade muito rapidamente, se você não prestar atenção. O que eu sempre procurei levar para as meninas da TO foi uma reflexão sobre o nosso papel no posto, sobre por que a gente está lá.

Mesmo que questionando, volta-se a ela: o que seduz ou o que promete a *lógica biomédica*? Quando propomos uma reflexão sobre a formação como a transferência de conhecimento, na intenção de construir novos iguais, como ficam os estereótipos de cada

profissão com os arquétipos que carregam? Talvez a figura/imagem (build) do médico como salvador se encaixe tão adequadamente quanto convenientemente.

Mas foi bem legal conhecer as outras áreas... no sentido de pensar “nossa, não tinha ideia de que eles faziam isso”. As próprias áreas que não são tanto de saúde que vão para o projeto... tipo a FEA, POLI... tipo “nossa, não sabia que eles poderiam fazer isso”. As próprias áreas que eu já não conhecia muito, tipo TO, Fisio... não sabia que as adaptações que eles fazem lá são muito legais...

Fugir dos papéis instituídos é também conhecer outras possibilidades de praxis do que se pode realizar entre áreas. Revela-se a si e ao outro também como desconhecido.

E a experiência da diretoria é uma experiência completamente diferente, porque acho que é um ano que você fica muito mais próximo de coisas mais organizativas. E eu acho que em alguma medida se afasta um pouco das coisas mais próprias da Psicologia. E isso teve ganhos e perdas. Eu acho que o ano da diretoria me fez aprender coisas de organização, de como você planeja um projeto, como você faz acontecer... e menos de trazer tanto a contribuição do olhar.

Na experiência de viver a diretoria, entre um olhar próprio que diz de todos, trançando a práxis das áreas, resgata-se projeto e acontecer. Talvez perceba-se menos como psicóloga, mas o traço de união une sem perder o olhar. “Por meio desse novo nascimento, ei-lo exilado de verdade. Privado de casa. Morto sem sepultura. Intermediário. Anjo. Mensageiro. Traço de união. Para sempre expulso de todas as comunidades, mas um pouco, e levemente, em todas. Arlequim já.” (SERRES, 1993): psicólogo-diretor; bandeirante-infante.

4.1.5 Cada um cumpre o Destino: entre-áreas

Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

Quando a gente fazia atividades fora do posto era muito legal, porque a maneira como o aluno de Medicina pensa, em geral, é muito diferente da maneira que o aluno de Psico pensa, o aluno da Fono pensa, da Fisio, da Farmácia, da Administração pensa... cada um tem uma linha tênue e semelhante, de pensamento que segue ao longo da nossa formação. E na hora que você se confronta, mesmo que positivamente, para poder criar uma coisa para uma outra pessoa, você fala: “Nunca tinha pensado por esse lado!”. Então vai despertando coisas novas. Com certeza na diretoria, foi quando eu

mais vivi esse ganho de linhas de pensamento muito diferentes terem que chegar num lugar comum... e isso trouxe uma produção de algo que me fez diferente. Mas no dia a dia ali da Bandeira, nos atendimentos também... acho que porque eu buscava sempre discutir as coisas com os outros. Não sei se todo mundo tem essa pegada. Mas acho que é uma coisa que está ali, livre, à vontade para você descobrir e discutir.

Despertar-se para o novo e fazer-se diferente assim revelava-se o tal *processo divino* que faz existir a estrada? O encontro entre áreas é convocado pela diversidade de lados para se chegar num “*lugar comum*”: talvez um diálogo não em busca por uma síntese, mas em busca de si mesmo, diferente e em *pro-dução*¹⁸.

Não dá para falar “ah, queria que a Bandeira existisse em todos os lugares”. Não, não é isso... mas depois daquela vivência você pensa: “poxa, como seria discutir com outras pessoas”, “puts, esse caso me lembra uma situação parecida, talvez fosse interessante discuti-lo com alguém de outra área.” Mesmo com outras áreas médicas mesmo... eu acho que você não está só, e o paciente não está só naquela queixa. Então como transbordar, como oferecer mais?

No seu caminhar, sem saber para onde ir, ele vai e faz o existir da estrada, divino e sem tino. Esse modo diverso de estar em extensão universitária parece propor encontros de destinos, mesmo que cada um velando ou encantando o seu. Saber-se *não estar só*, reconhecer o outro também plural faz querer *transbordar*.

“Não precisava ser eu para resolver essa queixa” ou “a gente podia simplificar”. Eu acho que eu penso muito mais em possibilidades de integrar os atendimentos agora do que eu fazia antes. Então antes eu achava que tudo era responsabilidade minha, e todas as decisões tinham que partir do médico... E hoje em dia não. Hoje em dia a gente fala “puts, uma equipe multi faria muito mais sentido”. Ou mesmo que outro profissional conseguiria atuar nisso muito melhor do que eu. Eu tinha essa coisa do “sou muito responsável” antes, e acho que está um pouco menor agora. Um pouco mais de ‘guarda compartilhada’ acho...

Esse sentir *muito responsável* convoca o *transbordar* do trecho-relato anterior. Como cabe num estudante ou mesmo num “profissional adulto” *todas as decisões*? O apelo por uma *guarda compartilhada* aponta uma desmedida. Ayres (2007), propondo uma discussão sobre o conceito saúde, aponta as muitas presenças que transbordam responsabilidades: “usuários e profissionais, populações e serviços, como portadores de compreensões e projetos relativos à

¹⁸ Pro-dução como expressão de movimento: *ir na direção de*. CAUTELLA JUNIOR (2012)

existência compartilhada, que precisam tomar decisões acerca de “Que fazer, ou não fazer?” (Por quê? Para quê?) e “Como fazer” (Com que meios)? Em que medida? A que custos?” (p. 52).

No cuidado concreto faz muito sentido estar junto com outras pessoas, mas não como pessoas de áreas específicas. Você sempre leva sua carga teórica, mas o mais importante é estar com a pessoa naquele momento. Eu via isso muito no CAPS, as meninas da limpeza sendo co-terapeutas.

Estar com o outro não seria apenas um compartilhar responsabilidades, mas englobar mundo, revelar a potência da inserção daquele que sofre nas relações já estabelecidas e conquistadas por ele, recorrendo a possíveis *co-terapeutas* ou *co-terapias* na ação do cuidado, ou seja, a guarda compartilhada para cuidar cuidando-se.

E isso faz parte do nosso senso comum. E a minha faculdade – não sei como estão as outras – definitivamente não me ofereceu isso. Se eu não tivesse feito parte da Bandeira eu acho que eu estaria muito pobre em relação a isso... sobre saber trabalhar em conjunto, a sentir no dia a dia, na pele, no atendimento, o quão melhor pode ser se você tiver uma equipe que oferece abordagens diferentes para um mesmo problema. E eu acho que eu cresci muito ao longo dos processos, e não em si nos 10 dias que eu estava lá. Foi ao longo das discussões, das reuniões...

Na multiplicidade de olhares, a formação se dá em conjunto nas discussões da extensão, nas reuniões com a diversidade de áreas mais do que nas salas de aula. Talvez na pele, no atendimento, seja difícil definir que qualidade tem ou não essas relações, mas a potência de mundo e saberes aqui deixa um legado para ela: *eu cresci muito*.

Para mim falar que a Bandeira interdisciplinar, pra mim é balela. Ela é multi. Porque quando tem algum problema cada um volta pra sua casa... Cada um volta pra sua área. A Bandeira me trouxe trauma com algumas áreas e a Psico é uma delas. A Psico é uma área muito difícil de lidar. Tem uma questão de formação, vocês são muito mais questionadores... pensadores. E eu sou uma pessoa muito mais prática. Pra se aproximar, como coordenador, era muito difícil, talvez por isso por ser muito prático. Vocês eram muito questionadores, a Psico era uma área muito difícil.

Não pretendo aqui discutir os conceitos de interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar, mesmo que velados e desvelados em cada narrativa. Definir se uma área atua de acordo consigo mesmo, se há ligações, rede ou se pretende uma prática única, não é o objetivo aqui, mesmo que o *locus* desse trabalho traga muitos subsídios para essa discussão.

Tem toda uma questão segmentada no atendimento, não é porque o atendimento é compartilhado que eu vou dizer que é multidisciplinar. Cada um faz a sua pergunta e isso não é interdisciplinar. Isso é um sonho, eu vejo que eles estão trabalhando nesse sentido hoje.

Segmentação, integrar ou interdizer, essa forma de fazer extensão universitária em comunidade na comunidade traz *sonho*, diálogo das áreas e a tensão do compartilhar ação: “traumas” e questionamentos, porém co-existindo.

O tipo de vivência que eu tive lá, eu nunca tive aqui. A maneira como é feito lá é impraticável aqui, pela questão de tempo e tudo mais. Não teria como a gente fazer o que faz lá... e acho que nem é a proposta... acho que não precisa ser da maneira como é. Como eu disse, é até exaustivo para as pessoas, para o cliente que está ali. Mas acho que dá para melhorar bastante... Acho que exaustivo em todos os sentidos. Porque eles tinham que chegar, na minha época – não sei como está agora -, e preencher um cadastro epidemiológico, que tinha um milhão de perguntas. Aí depois passavam por uma triagem para saber para onde iriam. Aí passavam no atendimento médico. A partir do atendimento médico ou a partir da triagem ele era dirigido para as outras áreas. Aí ele passava no atendimento da outra área... ouvia um milhão de coisas que todo mundo estava cheio de energia e de sede para falar... e a pessoa saía de lá assim: “ãhm? Faz um resumo.”

Todo mundo discutia tudo. E a gente tinha que prestar muita atenção se os alunos da Medicina, que estavam fazendo acolhimento, não iam procurar só os discutidores da Medicina. Então a gente tinha que ficar de olho nisso o tempo todo. Aí nessa discussão a gente tinha que perguntar para pessoa o que ela queria passar, qual era queixa principal, e aí a gente discutia com os alunos quais eram as áreas que eles achavam que a pessoa tinha que passar e o porquê, e depois disso vinha o encaminhamento. Então não necessariamente a pessoa tem que passar pela Medicina. Houve alguns casos que vieram diretamente pra gente da TO, alguns casos que a gente atendeu junto com a Psico, que não queriam passar pelo médico...

Ao longo da história recente do projeto, houve duas propostas para receber os usuários nos postos de atendimento: a triagem e o acolhimento. Uma era *exaustiva e impraticável*, outra dizia de um *diálogo maior*, questionando “*para quês*” e “*por quês*”, mas ao mesmo tempo dizia também da tensão de um “*ficar de olho*” para não apenas estar entre mesmos.

É muito diferente quando você faz uma extensão de promoção e educação em saúde, porque não tem a parte da assistência, então “borra” completamente essa parte de conhecimento específico de cada área, ou qualquer coisa assim.

Os postos de atendimento em si são pontos de muitos questionamentos entre os profissionais da Bandeira. Lá criam-se demandas, atende-se sem dar continuidade, trabalha-se no micro da cidade, aparentemente apenas na assistência ou assistencialismo. Mas aos graduandos o posto traz um encantamento. Talvez, na condição de infante, a ação mais tradicional da profissão ofereça um pouco de estrada. Talvez, na direção avessa, a crise do posto configuraria um momento de encontro: todas as áreas da saúde juntas para discutir e criar novas

estradas. Talvez por se proporem a resgatar a nitidez *diferenças e conhecimentos específicos* para a tensão e revelação de conflitos.

...a nossa formação aqui na USP ainda é muito segmentada. Então as oportunidades que você tem de estar com outras profissões, que vão estar te acompanhando no seu dia a dia no mundo profissional fora da Universidade, são muito pequenas.

Na imersão, a assistência do posto é oportunidade de reunião intensa entre áreas, vivida anteriormente apenas pela diretoria através das crises impostas por decisões a serem tomadas para o acontecer de um projeto.

A gente tem as reinters¹⁹, que tentam reunir os bandeirantes e fazer eles trabalharem em conjunto antes de irem para expedição... acho que justamente para estimular eles a se conhecerem e tentar fazer algum vínculo já antes de ir para Bandeira para alimentar essa coisa interdisciplinar... só que aí é um pouco mais difícil. Os alunos tendem a ser um pouco mais distantes das outras áreas, talvez por causa da nossa formação na faculdade... que é bem “cada um na sua área”... e talvez por não ter muito contato mesmo com os outros. Mas aí a diretoria tenta estimular isso.

Criar campos de *aproximação e vínculo* já aparecem como pauta importante àqueles que organizam o projeto e, portanto, são veteranos nele. Tenta-se uma ação de aproximar àquilo que na formação universitária está tão distante: uma oportunidade para *estar com entre*.

Acho que o diálogo vem muito mais fluido com os discutidores de Medicina da família e comunidade, porque acho que são pessoas que tiveram contato com outras áreas. Mas quando eu percebia que era um discutidor que ficou muito dentro da própria área, não sabia o que era TO, tipo: “ah, vocês vão ocupar as pessoas? Não trouxeram madeira para fazer um artesanato?”, aí a gente tinha que se apresentar, explicar o que fazíamos, e aí sofriamos mais resistência. E é muito diferente quando você tem um aluno.

Estar em formação é estar mais aberto para o contato com o outro e a aprendizagem mestiça. Mas de algum modo a fala traz uma depreciação da ação da outra área: ocupar com madeira de artesanato? Uma ação sem sentido. A resistência estaria no aceitar a diversidade ou na ampliação de um conceito de saúde? Reserva de mercado?

Eu percebo essa distância e essa dificuldade de aceitar que as pessoas vão olhar para as situações de maneira diferente... e que não é melhor ou pior que a sua, só é outra. Na diretoria eu senti bastante isso também... Eu, particularmente, nunca me senti atacada. Talvez por ser uma preocupação minha e uma coisa que eu valorizava... eu sempre tive muita facilidade de trocar com as outras áreas. Mas eu já ouvi de colegas meus, coisas do tipo “ah, só porque a gente é da Medicina...”, sabe? De se sentir assim... inclusive

¹⁹ Reuniões entre as áreas realizadas antes da ida à imersão para apresentação, conhecimento, discussão, orientação etc..

na diretoria tinha bastante isso. Mas também tinha mais gente da Medicina na diretoria, então não sei se isso também influenciava. Mas eu já senti muito dos meus colegas... acho que rola... a diferença não vem só da gente, né? A diferença é uma construção de ambas as partes. Então quem cria essa distância não somos só nós.

Quem cria a distância não somos nós. Estradas que se distanciam desde infante errante. Talvez a distância esteja posta já pelos modos de cuidar diversos. E quem sabe até mais: a figura/imagem (build) do médico como salvador impõe-se como tradição, porém traindo a imagem de *Quirão*, o deus na forma de centauro que de tanto buscar a cura da própria ferida, torna-se o *curador ferido* (BRANDÃO, 200)

Nessa direção, talvez a preponderância da técnica já faça com que determinados olhares fiquem subestimados na mão do médico. *A diferença é uma construção*, assim é também a valorização da técnica, principalmente quando vida e morte duelam. Essa distância dificulta diálogo, como possibilidade de partilhar decisões e procedimentos?

Até hoje isso [lúdico no posto] é uma questão, porque nós não estamos lá para humanizar o serviço da Odonto. Nós estamos lá para fazer nossa atividade, mas lá é o único lugar que a gente acha crianças com facilidade. Os pais não vão levar os filhos para brincarem com o pessoal de uma profissão que eles nem conhecem. Mas para o atendimento de Odonto, eles vão. Na verdade, nossa atividade era pensada tanto para os adultos como para crianças. A ideia era levantar com os pais quais eram os repertórios lúdicos deles, se eles tinham ou não esse momento de brincadeira com os filhos, o que era brincadeira para eles, ou se eles não tinham esse repertório presente, eram mais atividades de trabalho. A gente tinha essa proposta, mas na história do Bandeira a gente sempre conseguiu fazer muito mais com as crianças do que com os pais, porque eles vão, deixam as crianças e vão embora.

Também para a comunidade há uma desvalorização ou um desconhecimento de outras possibilidades de saúde. Trabalhar o espaço lúdico da família está no campo de um cuidado outro; mas se apresenta no avesso do esperado, e as formas de lidar com o brincar, antes possibilidade de trabalhar com história, cidade, tradição, repertório familiar etc., ficam restritas no disfarçar a chatice da espera por um atendimento odontológico.

Difícil ter que ficar explicando por que nossas ações também são importantes. Ter que justificar porque somos tão importantes quanto a Medicina, porque é importante ter vaga para TO. A gente precisava justificar absolutamente tudo que a gente ia fazer. Isso foi muito cansativo, mas me faz cavar referências bibliográficas, mergulhar na teoria para eu poder me justificar.

E aí na ação que algumas pessoas vinham e falavam: “ah, entendi mais ou menos o que é TO, depois de ter atendido um caso junto com vocês”. Para justificar as vagas você tem que recorrer à teoria. Mas é na ação que você vai encontrar o sentido da teoria, de uma área... Tiveram muitas meninas da

Medicina que falavam: “ah, acho que estou começando a entender o que a TO faz”. Mas isso vem do fazer, né.

Critelli (1996) recorre a Heidegger para retomar a questão da técnica em sua busca pelo universal e conceitual, controle e previsão, ditando um modo de existir no ocidente. Estando a saúde no cerne de um projeto de extensão, como se revela esse ser esquecido pela coisificação técnica de mundo? No viver e no morrer do homem no ocidente, a Medicina é aquela que se almeja *dever ser tão importante quanto*. Partilha-se de uma tal valorização do pensamento científico, que pretende anular incertezas, mistérios e o lúdico, desde que colocando nas *referências bibliográficas* a justificativa em estar presente. Entretanto, será na ação que a possibilidade desses ofícios se mostra, quando errante vem-a-ser as possibilidades de uma profissão não apenas pelo o que é historicizado nos textos, mas principalmente do que pode ser criado junto às demandas.

Eu acho que é você sair da sua zona de conforto, ir para um lugar totalmente diferente, discutir com outras áreas... eu conhecia muito pouco ou quase nada de qual era a atuação do fisioterapeuta, além do senso comum. Qual é a atuação do psicólogo além daquilo que é o senso comum... Eu lembro das várias discussões que a gente tinha com a Psico... não é porque a pessoa chorou que ela tem que ir para a Psico!

Heidegger (2009) em seminários voltados a médicos, propõe uma reflexão acerca do *corpo* e do *psicossomático*. Rebatendo a possibilidade de se medir o luto, ele traz as lágrimas:

Na verdade, porém, as lágrimas nunca podem ser medidas. Quando se mede, medem-se na melhor das hipóteses um líquido e suas gotas, mas não lágrimas. As lágrimas só podem ser vistas diretamente. Qual é o lugar das lágrimas? São elas algo somático ou algo psíquico? Nenhuma coisa nem outra. Tomem outro fenômeno: alguém enrubesce de vergonha e embaraço. Pode-se medir o enrubescimento? O enrubescer também não pode ser medido, mas sim a vermelhidão, por exemplo, pela medida de fornecimento de sangue. O enrubescimento é algo somático ou psíquico? Nem um, nem outro. (108-109)

Não apenas o envergonhar-se manifestar o enrubescer da face também a febre ou contraste de temperatura do corpo com o ambiente frio. Galimberti (1991) utiliza-se da distinção das nomenclaturas de corpo *Korper* e *Leib*, apontada por Hurssel e outros filósofos. Enquanto *Korper* diz respeito a um corpo físico, do corpo humano como mera coisa da natureza: o líquido das lágrimas. Outra modalidade de corpo, *Leib* diz de um corpo vivo, um corpo que existe e é conhecido na multiplicidade das experiências cotidianas: o chorar.

Assim também, “‘Corpo vivo e vida’ [*Leib*], é algo inteiramente diverso do que se pode medir. Em contrapartida, ‘corpo’ [*Korper*], no seu significado mais amplo, nunca se subtrai de

todo ao que se pode estabelecer e medir pela objetivação.” (GADAMER, 2009, p. 149). Nesse sentido, Leib, o corpo existente, revela-se como aquilo que se projeta ao ser-no-mundo.

As lágrimas não podem ser medidas. Nem o DNA. Faço um parêntese. Retomo minha ida recente a uma escola, palco de um massacre envolvendo mortes e medos. Na construção da escola, logo na entrada, o chão era coberto por um ladrilho antigo, tingido então pelo sangue das vítimas daquela tragédia. No primeiro dia de abertura da escola à comunidade, os ladrilhos tinham sido limpos e pintados, apagando até mesmo o desenho da tradicional entrada da escola. “Tem muito DNA aqui.”, dizia a mim a professora. Ali sempre tivera o DNA (*Korper*), desde que o primeiro ser vivente pisou naquele chão e deixou restos de pele, saliva ou fios de cabelos. Mas não era desse DNA que ela se referia. Ela dizia de um chão que ganhava novas memórias, ela dizia das manchas de sangue que encobriam as antigas memórias. O ladrilho estaria para sempre marcado e marcando para quem o olha (*Leib*).

A gente via mesmo que entre os alunos que estavam fazendo atendimento, tinham alunos que agiam como “quero fazer meus atendimentos, vou discutir com meu discutidor e essa é a minha parte”. Mas tinha aluno que não... que ia lá, discutia com o discutidor dele, e que vinha também discutir com a gente porque um medicamento e porque não outro... e a gente via que ele ia lá e discutia com outra área também... mas é uma coisa que depende muito do aluno.

“Essa é a minha parte”, a fatia de *Korper* que cabe à minha formação acadêmica ou da minha especialização. A proposta das várias áreas abertas para “discutir” já implica a exposição de uma tensão: como está a abertura do aluno-bandeirante para dialogar com outras possibilidades de compreensão de saúde? Como ele se coloca como infante que cumpre seu destino: abre-se ao conflito?

E que pode somar. Não é excludente. Acho que quando você está dentro do mercado as coisas ficam muito agressivas. E é importante saber que a gente pode fazer junto. Eu acredito muito no fazer junto. Mas está todo mundo tão nervoso de ter que garantir o seu, que quando você fala “eu não estou aqui para roubar o seu, eu estou aqui para fazer junto”, as pessoas se assustam. Isso é muito triste e doido. Você fala “eu quero entender como você faz, você entende como eu faço e a gente pensa em alguma coisa juntos”.

O poder fazer junto construiria um *ethos* humanitário? A Bandeira como possibilidade de somar, criar relações, mesmo que eu vá reproduzir uma lógica restrita em especialidades, estar junto também pode ser um processo *triste e doido* de questionar o estabelecido, ou de perceber-se segregador. O caráter destrutivo tanto do jovem como da própria extensão em comunidade é capacidade de criar e transgredir, é possibilidade do dizer.

É esquisito... é segregado, é separado. Existe um tabu. É bem essa a palavra. E aí por achar que a gente sempre esteve nessa posição de status... e querendo ou não a gente ainda ganha melhor, tem acesso ao trabalho de uma maneira mais fácil. Isso existe ainda, a realidade ainda é essa. Existe uma segregação real de valorização do médico que eu não sei se é tão por aí assim... é uma coisa que precisa ser mudada ao longo do tempo, mais ainda é muito enraizado. Querendo ou não, o quanto a pessoa ganha no final do mês ainda é levado em consideração... e isso cria uma ideia de segregação, de que você é diferente de mim. E isso faz com que quem saia perdendo seja sempre a pessoa, os pacientes.

Como a Curva de Moebius, a valorização da ação de algumas profissões e especialidades em detrimento das outras traz também o gosto amargo da segregação às relações entre os estudantes das várias áreas.

O mercado, na forma como ele se dá hoje, faz com que as profissões tenham essa disputa de mercado. Isso é uma discussão. A outra discussão é quando você fala de integralidade do cuidado, da pessoa e do concreto. Tem uma lógica que atravessa o cuidado – a da fragmentação – que não faz sentido quando se faz o cuidado.

Ao mesmo tempo em que o exercício da técnica rompe, ela silencia um diálogo ancorado nas incertezas e mobilizado pela construção daquilo que a própria etimologia da palavra pretende: a *techne* – um fazer, uma arte, um dar a ver, uma criação. A técnica, como segregação, objetiva a existência.

Observa Karl Jaspers (1986) que, nos últimos séculos, ser-médico tem sido, junto àquele que sofre, um revelador de doenças, como processo da natureza que ataca o corpo. Nesse sentido, o médico presta um serviço ao paciente, apoiado num poder cientificamente fundado. Entretanto, diz ele: “Esse tratamento médico assenta em dois pilares: por um lado, no conhecimento científico-natural e do poder técnico; por outro, no do ethos da humanidade.” (p. 07).

Receber daquele que sofre com todos os seus processos, com sua autonomia decisória e sua liberdade em existir, para além dos exames, propondo diálogo e história é provocar voz e oferecer novos caminhos, autonomia e existência “encruzilhadas”, por alunos nas diversas áreas

4.1.6 Vencendo estrada e muro: o cuidado

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,

E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

Olhando para trás eu vejo que eu pude acompanhar muitas lógicas diferentes e muitas profissões diferentes, mas sempre estando no cuidado com o outro. E aí quando você tem o cuidado com o outro como centro, e não as especificidades de cada área no centro, as coisas fazem sentido. Eu acho que é por aí. Então eu tive muita oportunidade de ter contato com o cenário prático, onde faz sentido o cuidado junto....que eu não vou dar conta, eu sempre preciso do outro... seja do outro serviço, de um outro me ajudando a pensar, um outro vendo outras demandas e possibilidades que quando eu olho para o mesmo caso eu não vejo. Eu acho que é nesse concreto do cuidado com o outro que se faz sentido o interprofissional e as formações diferentes. Eu tive muita sorte.

Em falso, ele vem seguro, acompanhando as *muitas lógicas diferentes*, vencendo estrada e muro, caminhando com. Quem são os personagens desse *cenário prático, onde faz sentido o cuidado junto*, pessoas que se reúnem para a discussão de uma história trazida por *aquele-que-sofre*, como uma possibilidade de conselho que se dedica a sugerir àquele que sofre a continuação de uma história²⁰? Por *aquele-que-sofre*, compreendo todos os afetados pelo mal-estar numa relação clínica: o “narrador”, o “ouvinte” que é solicitado e *não dará conta, o que ajuda a pensar, aquele que precisa do outro, o outro que vê demandas diferentes ou novas possibilidades*. Um *conselium* a apoiar àqueles afetados pelo encontro clínico em busca do *ethos humanitário*.

Apesar de ser apresentado para a pessoa que “olha, eu sou estudante, eu vou discutir seu caso e a gente vai vir com uma proposta, e você pode aceitar ou não”, é diferente de participar de fato. Enfim, eu acredito nessa potência da Bandeira como articuladora de Rede. E quando você está no posto isso acontece no micro.

O *ser estudante* traz, aos encontros provocados pelo projeto de extensão, *potência* para uma *articulação de rede*. Articulação essa instigada pela própria proposta de um olhar para o *ethos humanitário* na atenção à saúde, não pautada apenas em procedimentos técnicos, mas em história, desejo e decisões de todos: *daquele-que-sofre*, dos alunos, profissionais e todas as suas especialidades. Um exercício de co-construção de uma nova forma de clinicar, de ser entre as áreas, questionando então estrada imposta.

Eu nunca esqueço que uma das coisas que eu mais aprendi na Bandeira foi: “o que eu posso fazer por você hoje? Porque eu nunca mais vou te ver, então o que você acha que a gente pode te oferecer hoje?”. E eu levo isso para a

²⁰ Referência à proposta de Walter Benjamin (1985) para aconselhar.

minha vida... eu estou aqui para trocar com você, com o que você acha interessante. Eu não estou aqui para falar o que você deve ou não fazer. E acho que a Bandeira trouxe esse chão.

Para Gadamer (2009), os procedimentos técnicos da análise e diagnóstico distanciam a ação clínica de sua característica originária: debruçar-se ao leito do doente. Se não há a possibilidade de diálogo, não se entende nem corpo nem alma, nem história. Trata-se corpo, mas não o existente.

O que eu posso fazer por você hoje? – convidar o outro na abertura de um diálogo possível desmistifica a prescrição solitária e subserviente. Para Gadamer (p.151):

O diálogo que médico e paciente devem tratar entre si não possui apenas o significado da anamnese. Esta é uma variante que também faz parte da conversação, sobretudo porque o paciente deseja recordar e falar de si mesmo. Acontece então muitas vezes o que o médico procura, na realidade, como médico: conseguir que o paciente esqueça que é um paciente em tratamento.

É pelo diálogo, ou seja, em conversação, que se abre uma possível fusão de horizontes: um encaminhamento con-junto a uma direção.

Hoje em dia eu vou ao médico, e eu odeio ir ao médico, acho que por causa disso até. Eu vou, e quase que não existe interação nenhuma, exame físico quase que nenhum, e antes de você entrar ela já estava pensando em quais exames ia pedir para você, numa troca praticamente inexistente... o que essa pessoa acrescentou na minha vida? Não que eu ache que tem que revolucionar, ou fazer um rebuliço na sua vida. Mas assim, a pessoa nem olhou, nem perguntou “o que eu posso fazer por você hoje? O que você acha que dá para trabalhar aqui? Qual é seu interesse?”. Não, a pessoa já vai premeditada...

O pensar em *quais exames pedir*, procedimentos e protocolos, deixa rendida qualquer relação de diálogo que possa se estabelecer. Rende-se o paciente no preme-ditado técnico do profissional de saúde. Rende-se o profissional de saúde que “*nada tem a dizer*” (Aput, p. 144) e de quem só espera o serviço. Resgatando o ofício médico como arte de curar, Gadamer (2006) recupera na palavra grega *techne*, a capacidade de feitura, a arte tanto no *ser-capaz-de-fazer*, como na produção de uma obra que perpetuará para além do artista. Assim, o termo técnica, originalmente, não se refere ao saber teórico, mas a um conhecimento prático, a uma capacidade de produção.

As pessoas não fazem o que você fala... você oferece um tratamento e aí a pessoa vai ver se ela faz ou não faz. Eu falo por mim mesma (risos). A construção de verdades absolutas e o médico como uma figura que está acima é uma noção completamente ultrapassada. A gente precisa de uma nova construção. E fazer isso numa faculdade tão tradicional e tradicionalmente

arrogante, nesse sentido de estar acostumada a estar num status social superior, isso...

Nesse sentido, na *arte de curar* do profissional de saúde encontra-se o seu *ser capaz de resgatar da arte de cuidar* daquele-que-sofre. Deste modo, em uma proposta reflexiva, questiona-se Morato (2018, p. 179):

Afinal, quem é o doente? Um ser humano diferente, que se encontra diante do real de sua condição: ser mortal. E esse sofrimento, profundo lamento, procura ser ouvido com atenção e cuidado vindo de onde vier. E essa pro-cura precisa partir daquele que sofre para poder dirigir-se ao bem-estar, não podendo apenas manifestar-se no poder do cuidador.

O cuidador propõe um tratamento que vai ou não ser abraçado por aquele que sofre e procura ajuda, mas ele não cura. É no estabelecimento de um diálogo, que o tratamento é inaugurado e a cura acompanhada e construída por ambos (GADAMER, 2009, p.147).

Com efeito, os escritos da medicina antiga estão, em larga medida, cheios de descrições das condições ambientais em que se encontra o doente. Entretanto, também nós vamos aprendendo, cada vez mais, que a saúde exige uma harmonia com o meio social e com o ambiente natural. Só isso permite-se a alguém incorporar-se ao ritmo natural da vida. É o que acontece, por exemplo, com o ritmo da respiração ou com a economia da vigília e do sono. Bastará para tal a arte de medir, característica da nossa ciência?

... Se bem que seja obscuro tudo que pela estrada fora...

Eu brinco que é muito mais fácil para mim lidar com uma emergência – eu fui formada para isso – do que sentar com uma mãe que me diz “minha filha foi abusada pelo meu marido, o que eu faço?”. Aí você não faz ideia do que você faz... E aí você não está preparado para isso, você não se sente confortável com isso...você acha que isso não é responsabilidade sua, sendo que foi você que ouviu, sendo que foi para você que ela resolveu contar... acha que isso pode ser resolvido por uma outra pessoa, por uma outra instância... e querendo ou não, como a gente não aprende a lidar com situações da subjetividade, a gente foge e não acessa, e segue a vida sem acessar...

O que salva o médico quando ele reproduz todos os procedimentos e protocolos que foi “*formado para*” em uma situação de emergência? *Korper* e *chronos*²¹, ou seja, salvam um corpo biológico e um certo tempo cronológico. Entretanto, outras dores, como um *abuso sofrido*, assustam, repelem, trazendo o desconforto de perceber que, nessa situação, não basta o protocolo de salvamento.

Cuidar da saúde de alguém é mais que construir um objeto e intervir sobre ele. Para cuidar há que se considerar e construir projetos; há que se sustentar, ao longo do tempo, uma certa relação entre a matéria e o espírito, o corpo e a

²¹ Os gregos antigos tinham duas palavras para designar tempo: *chronos* - o tempo que se mede, cronológico e *kairós* – o tempo destinado a algo.

mente, moldados a partir de uma forma que o sujeito quer opor à dissolução, inerte e amorfa, de sua presença no mundo. (Ayres, 2004, p. 37)

Busca-se equilíbrio dessa dor ou o encontrar-se destinado em projeto? Talvez não haja mesmo um protocolo que dê conta do sofrimento revelado pela dor compartilhada da violência vivida. Nessas situações, fica nítida a fragilidade dos procedimentos técnicos quando utilizados de forma isolada e amorfa. Seria possível a abertura de um diálogo para a tal *arte de cuidar*? Na contramão do *fugir e não acessar*, está o ficar e fazer-se testemunha e, como aponta Morato (2018), dar abertura do vivido e sentido do acontecimento, pelo esforço de linguagem, recuperando mundo: não se alivia a dor simplesmente narrando, tampouco acalma pelo silenciar. Há que se per-seguir *Kairós*, ou seja, o tempo vivido.

E é até bastante arrogante da nossa parte achar que a gente está indo lá para fazer alguma diferença na vida das pessoas. Por isso que eu acho que o que faz o projeto valer a pena é a formação dos alunos. É definitivamente para os alunos. O que me faz querer continuar é isso. E não é para querer aprender Medicina também não... acho que eu devo ter aprendido bastante coisa, mas acho que é muito mais o sair do lugar, é o viver a prática de uma forma totalmente diferente do que você vai viver por aí.

Entre o silêncio e a fala, entre a fuga e o testemunho, o *viver da prática* faz esse projeto de extensão *valer a pena* à des-formação dos alunos. Não se sabe quanta diferença se fez na *vida daquelas pessoas*, mas do que poder-se-ia dizer da vida do aluno-infante? Não é sobre saber, mas talvez sobre a experiência (ex-perire)²² do aprender a aprender... “onde em sono ela mora”.

4.1.7 Encontra hera: pertencer/permanecer

E, ainda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

E a Bandeira traz tudo isso muito à flor da pele. É tudo muito intenso. Você viaja com as pessoas, e isso é uma coisa muito legal... porque é aquela convivência muito intensa e isso cria uma sensação de proximidade muito gostosa com as pessoas e com o ambiente... está todo mundo naquela mesma situação, né? Então eu acho que para quem vai como aluno, para quem vai da Bandeira, eu acho que é um fenômeno... principalmente de formação de coletividade, de você pensar além daquilo que você está acostumado, e de

²² Experiência: ex-perire = fora do perigo.

olhar para o ser humano como um ser humano completo... e não só como aquilo que ele tem, aquilo que trouxe ele ali pura e simplesmente

A *intensidade* da *con-vivência* traz-se à *flor da pele*. Se o intuito era buscar *formação*, encontrava si mesmo e ao outro na co-existência/pluralidade. Perceber ser humano diverso, *completo*, ou talvez complexo, em sua dor mais do que em sua doença. Flor e pele revelavam *hera*, e dor e encontro comunicam também um outro em si mesmo.

...começando a trabalhar com a gestão do município, conversando com secretário, com os coordenadores..., “Pô!... quero trabalhar com saúde pública!...”. E foi nessa experiência de ser diretor em 2011, que eu me aproximei de fato... comecei a gostar. Foi em 2010! Na Bahia, em Inhambupe... foi superlegal a Bandeira, foi caótica, foi divertida, mas eu me aproximei muito da gestão pública. E com aquela história de fazer um relatório junto com a gestão consegui me aproximar, a entender e gostar da Saúde Pública. Meu TCC saiu daí. Eu fiz entrevistas com alguns ACSs²³ na época... Meu TCC saiu desse projeto.

Começar, conversar, trabalhar, fazer, aproximar, entender, gostar e sair. Na ação e diálogo com gestores do município, ele se percebia inserido em seu projeto profissional. Palavras e atos inauguram caminho em meio à vivência “*caótica*” e “*divertida*”. O que se espera? Espera a princesa que espera. Encontra-se na própria busca esperançosa de ver-se sentido: possibilidade do aluno fazer-se caminho pela condição própria de ser caminhante.

Então assim, como a Bandeira é uma extensão mesmo, é aquela coisa bem intensa de viajar... a viagem cria essa proximidade, você fica no quarto do lado dos seus amigos... por isso que é tão interessante. É um boom. Mas como é que isso fica depois? Como é que isso se perpetua depois?

Trata-se de um projeto que, por sua intensidade e proximidade, pede presença e pertencimento, tendo como fundamento ser uma comunidade em comunidade. Talvez seja esse o ponto que o deixe mais confuso quanto a princípios e ações, mas ao mesmo tempo o que o diferencia de outros, na medida em que abre a possibilidade de experienciar-se por dupla mestiçagem.

Revela jovem em ação, que já tem em si um inaugurar a si e ao mundo para ser e estar junto a outros na direção de um ofício de cuidado. Na ocorrência da comunidade em comunidade, é possível que a aproximação e o distanciamento, ou ainda, a sensação de pertencimento se faça solo fértil para que, crescer e encontrar-se-no-mundo com e entre outros, destine a profissão como projeto próprio.

E também aprendi a como eu tinha que falar sobre psicologia, para que as outras áreas conseguissem entender, algo que profissionalmente fazemos o tempo todo. Tanto quando você fala com pessoas de outras áreas do seu

²³ Agentes comunitários de saúde.

trabalho, como quando no seu trabalho você interage com outros profissionais.

“A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?” (ROSA, 1994, p. 42) O questionamento presente no romance *Grande Sertão: veredas* convoca o diverso do momento do atravessando. que solicita nova linguagem, como sempre nos desaloja esse *autor inventante*.

Partir exige um dilaceramento que arranca que arranca uma parte do corpo à parte que permanece aderente à margem do nascimento, à vizinhança do parentesco, à casa e à aldeia dos usuários, à cultura da língua e à rigidez dos hábitos. Quem não se mexe nada aprende. Sim, parte, divide-te em partes. Teus semelhantes talvez te condenem como um irmão desgarrado. Eras único e referenciado. Tornar-te-ás vários, às vezes incoerente como o universo que, no início, explodiu, diz-se, com enorme estrondo. Parte, e tudo então começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte. Tudo começa por este nada. (SERRES, 1993 p 14 – 15)

Nesse contexto, a proposta do uso do verbo *partir* em seus muitos significados de partir (partir para, partir-se, em partes, à parte) resgatam o sentido de um nascimento que rompe, explodi, desgarrar.

Então assim, eu percebi ali que eu era diferente e que todos os olhares se complementavam. E eu acho que quando você está sozinho como representante da psicologia... eu estava ali sozinha como psicóloga... eu acho que eu me apropriei do que eu tinha que falar, porque eu tinha que explicar o que a gente fazia, tinha que me posicionar como representante de algumas ideias também, e de um ponto de vista. Acho que aquilo foi muito importante para o modo como eu passei a atuar também. E eu acho que isso é o legal da Bandeira... não é bem uma independência ... mas é uma autonomia que se dá para o aluno, de ir a frente das coisas... Eu acho que isso é importante como postura profissional. Acho que isso dá uma confiança... você vai se experimentando no ambiente que é seguro, porque você tem um grupo, você tem os discutidores, você tem professor.

À “vizinhando do parentesco, à casa e à aldeia”, como comunidade USP, tem-se um ambiente de olhares que permitem o experienciar com certa segurança, percebendo-se *diferente* ou “desgarrado”, ao mesmo tempo em que reconhecendo seu pertencimento ou sentindo-se “*representante*” de outras aldeias ou de uma escolha profissional.

Eu queria fazer era uma coisa mais voltada para às demandas diretas das pessoas. Eu não entrei na Engenharia para trabalhar com mercado financeiro, consultoria... Eu tinha ódio de pensar em trabalhar atrás de um computador o dia inteiro. Então eu queria coisas em que eu pudesse conversar, falar “como eu posso melhorar sua vida?”. Aí, eu fui para Bandeira e me apaixonei completamente... Só que voltando para São Paulo, não tinha como continuar com isso daqui. A parte de Ambiental mais social é muito, muito, muito rasa aqui no Brasil. Mesmo que eu trabalhasse com ONG

não teria como eu seguir, não teria muita perspectiva... Aí me deu 5 minutos um dia, e falei 'não!!! o que eu tô fazendo aqui?'

Aí, eu fui... O que buscava? Encontro? Experiência? Vida? Sentido? Talvez buscasse rua, interação, integração, pertencimento. Princesa-infante, agora *apaixonada*, desencontra o graduando-errante: *o que estou fazendo aqui?* Buscava-se no projeto, na extensão e nas relações aquilo que se é ou aquilo que possa ser: o caminhar que desvela caminhos, pode assim revelar novos atalhos, e permanecer andarilho pode então surpreender em escolhas diferentes.

Nesse contexto de busca da e pela ação, eis novos nascimentos de autoria daquele que se mostra e que se dá a ver (ARENDT, 2002). Fazer-se autor não diz de se manter ou não naquela formação iniciada, mas sim da apropriação de si como projeto. O acolhimento dos caminhos que se criam pela ação do caminhante permite possibilidades outras de ser quem se é e ir adiante. Permite se distanciar daquele que um dia sonhou ser: surpresa em ver-se a princesa que dormia.

Eu me lembro de voltar da expedição e dormir por dias, porque vinha um cansaço muito grande depois. Mas mesmo essas questões de relação você aprende... inclusive profissionalmente também. O que você precisa aprender a aceitar, ceder... ou a discutir as opiniões diferentes, ou a entender o momento do outro naquele dia, diante de todas essas pressões... enfim, acho que isso é importante também. Pessoalmente e profissionalmente. Eu aprendi com isso também, bastante. E acho que talvez mais pessoalmente... meus limites, entender o momento do outro, ponderar se o que importa mais ali é o resultado do projeto ou a relação que está colocada, o que vale a pena ou não. Pode ser que profissionalmente possa existir situações assim, e que eu me lembre dessas situações da Bandeira... de ponderação, de confronto.

Estar em extensão com outros não diz apenas de encontrar-se em seu próprio momento; diz de encontrar outros também infantes e errantes perdidos de estrada. Cada confronto, o momento de me debruçar ao outro também é uma possibilidade de apropriação de si, naquilo que é possível ceder, nas crenças e na capacidade de ponderação. O desgaste desse tão difícil encontro também faz adormecer, mas já não apenas a espera.

A gente se aproxima do outro a partir de algum interesse em comum. Médico é bom para falar horas sobre a mesma coisa, do paciente, da doença... "nossa, porque eu vi um caso assim e assado"... e fica falando horas e horas a fio disso. Sei lá como é que consegue, mas consegue... eu também já fui assim por um tempo na minha vida. Acho que você estar com um outro que vai falar coisas completamente diferentes e discutir aspectos totalmente diferentes daquilo que está na sua zona de conforto é um pouco mais difícil para gente. A gente tem uma formação um pouco mais quadrada ainda, eu acho...

A Psico era isolamento. Chegava na expedição, ela vira um nicho... estão sempre chorando... Mas é que estão sempre em reunião à noite.... A Fisio também fazer a reunião à noite, mas nas reuniões da Fisio todo mundo podia se chegar lá e falar uma besteira e brincar... Já na reunião Psico... sempre existe aquela tensão, por isso que eu acho que a Psico ficava meio isolada.

Em certos momentos, o *nicho* se fazia necessário, talvez para se perder *horas e horas a fio*, ou então para esconder-se no *isolamento* daquele que *sempre chora*. Seria a insistente procura da cura das próprias feridas de *Quirão*? Ou o reconhecimento das novas feridas que surgem do áspero encontro com o outro?

Você vai conversar com alguém de outra área: “meu, estou com um caso assim, o que você acha que a gente pode fazer?”... “ah, acho que a gente pode fazer isso”... “vamos tentar?” ... “posso assistir seu atendimento?”... e daqui a pouco está um monte de gente discutindo o mesmo caso. Puts, quando você vê isso no hospital? Eu, sinceramente, pouquíssimas vezes tive a oportunidade de estar com tantas áreas de uma maneira, de fato, interdisciplinar.

Aí a gente acabou pegando mais amizade com os outros alunos das outras áreas, e com a amizade e proximidade com outros alunos ficou mais fácil a gente achar coisas que conseguíssemos fazer em comum.

Por outro lado, os nichos se abrem na *oportunidade de estar com*, negociar. Acontecer entre nichos, sendo singular e plural misturadamente, abre o “*vamos tentar?*”; “*posso assistir?*”: ação com outros, que possibilitam a *proximidade*, facilitando relações e o *fazer em comum*.

Parece que tem gente que vai, mas não gosta. Em 2014, os alunos da Fisio fizeram greve!... não queriam mais atender!... não queriam mais fazer atividade nenhuma: coletiva, visita domiciliar. Fizeram greve!! No ano passado, os alunos da Psico fizeram greve. No último dia, fizeram meio greve, porque estavam fazendo o acolhimento, a entrada, e estava uma bagunça, estavam encaminhando para onde queriam. Chegou num dado momento, que dissemos que cada conduta teria que ter um profissional para discutir. E eles estavam fazendo sem um discutidor... a ideia inicial era fazer com um discutidor, mas eles estavam ignorando o profissional. E aí os alunos da Psico se revoltaram: Psico e TO. Aí não fizeram o acolhimento, fizeram as outras atividades, mas não fizeram o acolhimento.

No espaço de ação com e em relação a outros, abre-se para diálogo ou manifestações: o espaço político daquele que segue a ação ética. Surpreende-se o narrador quando a greve revela um modo de participação outro. Seria mesmo um desinteresse? Ou seria um buscar sentido e

voz em meio à construção coletiva? Como pedir por espaços políticos de diálogo e de construção? O ato de parar talvez pudesse comunicar mais do que um desleixo: a *revolta*.

... a Bandeira necessita que os alunos tenham essa coisa pessoal, essa vontade de se relacionar e ter contato com as outras áreas... Mas a Bandeira, por ela mesma, já estimula isso. Ela tem o ambiente que vai estimular isso. A gente como diretoria acaba vendo as coisas não muito como área... na diretoria a gente tem que dividir o trabalho independentemente da área que a gente é. Então de alguma forma a gente acaba criando vínculos com os outros alunos, independentemente da área. E eu acho que isso fortalece os vínculos entre as áreas, de uma forma ou de outra. Então eu acho que a Bandeira precisa disso, mas ela também estimula, ao mesmo tempo.

A *vontade de se relacionar* e criar *vínculos* parecem *fortalecer* relações e trabalho, como em uma sustentação em teia: um olhar ao outro. Boulos (2017), em sua dissertação de mestrado, defendida na mesma FMUSP da Bandeira, conseguiu relacionar o ingresso de participantes em ocupações de movimentos sociais com a diminuição do sentir-se deprimido. O autor relaciona, então, alguns elementos para compreender a ocorrência de tal fenômeno: a ampliação das relações sociais; reconhecimento/acolhimento; resgate de autoestima; vínculo de solidariedade; e pertencimento. As ocupações ofereciam espaços compartilhados de comunidade (p. 90-91):

De noite, especialmente no inverno, fazem-se pequenas fogueiras, que acabam sendo uma oportunidade para que as pessoas compartilhem suas histórias de vida, contem “causos” e possam falar sobre seus problemas cotidianos. Formam-se novas relações de vizinhança. Esse tipo de convivência comunitárias, que praticamente desapareceu da vida urbana, reaparece no acampamento, proporcionando novas relações sociais, escuta e reconhecimento mútuo, especialmente para aqueles que viviam na solidão.

E é engraçado que meus grandes amigos da faculdade acabaram sendo da Bandeira também... acho que tem essa coisa do estilo, né? Quem curte a Bandeira... não é todo mundo da faculdade que gosta. Acho que isso vale para todos os cursos. Não é todo mundo que curte sair por aí... tem muita gente que critica – e acho que tem muita coisa criticável mesmo – a Bandeira. Mas é sensível... você vê o quanto sair daquele ambiente, se colocar em outro, ver a realidade de outro lugar e ver como o Brasil é diverso e como as coisas podem ser completamente diferentes logo ali, é uma coisa que modifica muito as pessoas. Enfim, eu acabei me aproximando de pessoas que também tinha esse mesmo interesse.

Boulos fala de uma realidade outra, de uma fatia da população, vítima de humilhação e anonimato sociais. Uma fatia bem diferente daquela que representa os estudantes universitários

da USP. Mas ambos parecem encontrar promoção de saúde no espaço político, que, em sua característica de coletivo, torna preciso compartilhar, participar, dividir, vincular e fortalecer.

Eu acho que você aprende sobre relação, sabe? Eu não senti falta de aprender Medicina no Bandeira... quando você participa de um curso, vai para um congresso, vai para um intercâmbio conhecer outra faculdade, você vai com o intuito de “preciso aprender mais sobre esse assunto”. [...] O que eu estava sentindo falta e que eu procurei quando entrei na Bandeira? Justamente de interação, de relação, de ver o paciente...

Acho que a Bandeira, na Jornada - que era um projeto específico da Farmácia - eu acabei fazendo bastante coisa... Eu fiz parte da Atlética por três anos, joguei futsal todos os anos da faculdade... e tem outras coisas... os amigos... então acho que tudo que eu fiz fora da sala de aula ajudou a fazer minha graduação ser mais leve e mais rápida, a ser mais tranquila mesmo...

A *pro-cura* do graduante-errante pela extensão aponta um desejo por integração, relacionar-se, conhecer, estar-com. Encontrar espaço ao redor de “fogueiras” para a contação de “causos”, tornando mais leve e tranquila a o cotidiano e os caminhos de formação.

O que faz o aprendizado todo é a imersão. É o que faz você ter que se achar no meio daquilo tudo, de ter que pensar “quem eu sou aqui e o que eu posso fazer”. Mas é também o que desgasta. No momento da graduação, é o que faz sentido.

Eu brinco que a Bandeira foi o que me segurou na faculdade. Eu não participei no primeiro ano porque nem pode, nem é aberta a possibilidade. Aí eu participei no segundo, terceiro, quarto e quinto ano. No sexto também não pode porque é na mesma época que a gente está prestando a prova de Residência... e foi a experiência que mais fez sentido na minha vida acadêmica, foi o que eu mais me identifiquei. Aí conheci a Bandeira e no primeiro momento é aquela paixão: “puts, que legal!”. E aí você conhece todas as outras áreas e se envolve de uma maneira mais... porque assim... acho que a Bandeira num primeiro momento foi essa paixão, essa coisa de “puts, que legal, estou vendo as pessoas, ouvindo o que as pessoas sentem, quais são as demandas dos lugares diferentes”.

Para além da extensão universitária como integração da universidade e da comunidade; do saber e da ação e da extensão como interação entre produzir, ensinar e aplicar conhecimento (AYRES, 2015), ela se revela também como um modo facilitador do aluno, graduando-infante, para *se segurar na faculdade*, permanecer e encontrar-se como projeto, com e em comunidade.

Agora essa questão da paixão da Bandeira... acho que vai muito do perfil das pessoas. A Bandeira tinha uma questão de paixão, muito porque existia um imaginário de ir para um lugar distante, para mudar a vida daquelas pessoas... isso apaixona um pouco mais.

Não sabia... e não vão te contar na faculdade, a não ser que seja um interesse seu, ou você vai por um acaso para um caminho que vá te aproximar disso... A gente não é formado para dividir, para partilhar, para construir com o outro. A gente é formado para diagnosticar, para curar, para tratar...

Jaspers (1986) quando discute o contexto em que o médico está inserido, ressalta a relação comprometida entre médico e doente: um detentor de saber, outro na espera paciente que o perito científico o ajude. O doente vai ao médico para ser tratado.

Recentemente, pude eu-psicóloga experienciar claramente o papel especialista. Refiro-me novamente àquela escola pública, dia depois de um tiroteio que causara mortes, medo, luto, sofrimento, revolta e incerteza. Comunidade amedrontada, governantes responsabilizados convocando a universidade como especialistas prontos a usar a extensão como utilidade pública em momento de crise. Para eles, tínhamos a expertise do sofrimento humano e da cura. No primeiro dia de abertura da escola, o lugar se tornou palco para diversas manifestações religiosas, artísticas e nós, da saúde. Algumas claramente no intuito de disfarçar a dor, outras tentando ritualizá-la. Qual o papel do psicólogo-especialista então? Curá-la, por que não? A mim, no pátio do colégio, chegavam pais assustados, com seus filhos já adolescentes quase que de volta ao colo, trazendo-me falas sem reflexão, soltas, sem abertura, mas que esperavam de mim uma prescrição, pois a tragédia já dava seu diagnóstico: “Eu vim, porque minha filha não consegue dormir”. A mãe pedia-me por um cotidiano esquecido para ela e para filha. Dispunha-se a lembrar?

Como encontrar outro modo de compreender esse pedido/queixa? Não basta que ela volte a dormir... ela deseja encontrar-se como *era*, ou melhor, busca-se a cura por novos nascimentos, por *hera*.

Na construção de novas narrativas, nós-psicólogos aprendemos que as memórias são importantes para tal “cura” via esquecimento. Buscavam a mim, mas o que elas tinham a dizer? Seria a cura da garota que poderia “apagar” a experiência de uma pertença coletiva ferida?

Afinal, Gadamer (2009), discutindo a ação do médico como especialista na cura, revela que “a Saúde depende de muitos fatores e, no fim de contas, não se depara só com ela, mas com

a reinserção do paciente no seu anterior lugar da vida cotidiana. Esta é a “recuperação” completa que, muitas vezes, ultrapassa decerto as possibilidades e competências do médico”. (p. 145, grifo do autor).

Reinserir-se no “seu anterior lugar da vida cotidiana” não significa extinguir os encontros e feridas de um mundo vivido com outros, mas recuperar-se como ser que pertence a mundo ferido, vida e projeto. Implicado no ser com vários, ela demanda encontrar-se como era/era em meio a outras tantas heras em jardins que, pelo brotar diverso, abre também possibilidade para ações coletivas de cuidado saudável.

Nessa direção, o infante-princesa descobre-se ser humano, entre outros homens que ainda vão por estradas buscando romper muros para pertencer agindo politicamente: bandeirantes como autores na direção de saúde como *saudação* do *ethos humanitário*.

Capítulo V

Tudo o que já foi é o começo do que vai vir

Como aquele que se despede é mais facilmente amado! Porque a chama por aquele que se distancia queima mais pura, alimentada pela fugitiva tira de pano que acena do navio ou da janela do trem. O distanciamento penetra como matéria corante naquela que desaparece e o embebe de suave ardor. (BENJAMIN, 1995 p. 16)

O nome Bandeira Científica provoca muito incômodo. Poderia então propor não a Bandeira que desbrava e finca na terra, marca dos bandeirantes paulistas, mas como aquela *fugitiva tira* de pano branco que acena, que vem e passa, que marca pelo desaparecimento, pela distância, pelo viajante. Das áreas que acenam umas para as outras encerrando o ano de intenso encontro e paixões.

“Constando-lhe por informação dos índios, que nas vizinhanças de Cananéa, havia ouro, aprontou uma Bandeira de 80 homens, e por eles mandou examinar o sítio indicado das Minas, mas com sucesso infeliz; porque os bárbaros Carijós, senhores do país existente ao Sul do Rio de Cananéa, mataram os exploradores das minas, antes de as descobrirem.”²⁴

Tal episódio narra a descoberta das minas gerais. Na etimologia da palavra *bandeira*, está *band-*: reunião de pessoas. Na história paulista, a palavra está intimamente ligada àqueles como os *exploradores de minas*, em meio à guerra e à colonização, exploração e morte, nas expedições para ampliar território e demarcar novas fronteiras. Na qualidade de *científica*, que sabe e conhece, que reúne especialistas, manteria então seu estigma paulista de um cuidador colonizador, na figura daquele que vai e recolhe? Ou mapear as doenças tropicais justificaria a intervenção da ciência?

Parece difícil compreender a escolha por esse vocábulo tendo uma história não tão distante de intervenção cultural abrupta aos povos indígenas. Na tentativa de desprendê-lo das violentas expedições, poderíamos encontrar a palavra com outros sentidos no regionalismo do nordeste como um *cortejo* que homenageia ou ainda como *mutirão*. Por outro lado, como sinônimo à *bandeira*, está também a palavra *expedição*, bastante usada por nossos narradores, antigos frequentadores do projeto, para definir os “concentrados” 11 dias de intervenção.

²⁴ FREI IGASPAR DA MADRE DEI DEUS — Memórias para a História da Capitania de São Vicente, 3.a edição (Cia Melhoramentos de São Paulo), 1920, pag. 19, citado por Cola, W (1955) A Bandeira em sua origem vocabular. *Revista da Faculdade de Direito*. Universidade de São Paulo, 50, 319-343.

Expedição poderia ser definida como uma jornada com propósito definido, caminhada, andada, viagem. *Ex*-pedição marca o caráter do “movimento para fora”, para além da comunidade, tanto do projeto de extensão universitária como dos bandeirantes paulistas. Atualmente, tem se usado o vocábulo *imersão* que pode significar *meter-se em*, *lançar-se a*²⁵.

Um *bando*, *lançados a si em movimento para fora*, constrói essa tão breve narrativa como parte da tessitura da experiência de jovens em seu encontrar-se:

Uma anedota é como um fósforo: riscado, deflagrada, foi-se a serventia. Mas sirva talvez ainda a outro emprego a já usada, qual mão de indução ou por exemplo instrumento de análise, nos tratos da poesia e da transcendência. Nem será sem razão que a palavra “graça” guarde os sentidos de gracejo, de dom sobrenatural, e de atrativo. (ROSA, 2008, p.7)

A Bandeira Científica poderia ser assim como um fósforo riscado: vai, passa e acaba a serventia. Entretanto, ela mesma foi eleita como *locus* desse trabalho, por ter se feito gesto *provocativo* também a mim com todo seu modo repentino e intenso.

Novamente, aceno que não tenho a intenção da crítica à ação do projeto nos municípios. Considero ser bom um trabalho como o de retornar às comunidades e conhecer como ficaram os gestos da Bandeira aos munícipes e seus gestores, às “laras” e às “marias-das-dores”²⁶. Contudo, meu olhar voltou-se aos alunos de graduação que, através das narrativas, lançaram a Bandeira na formação de futuros profissionais de saúde. Para eles, a graça é deflagrada na formação e na experiência: entre gracejo do pertencer e a graça do permanecer. Propondo um olhar a outros focos, também são reveladas outras marias e dores.

A esse movimento helicoidal em torno das dores, talvez pudéssemos propor um início pelo ingresso na universidade, recorrendo a um texto curto curiosamente chamado *Ideia de Felicidade*.

Em todas as vidas existe qualquer coisa de não vivido, do mesmo modo em que toda a palavra há qualquer coisa que fica por exprimir. O caráter é a obscura força que se assume como guardiã dessa vida intocada: vela atentamente por aquilo que nunca foi e, sem que o queiras, inscreve no teu rosto a marca disso. Por essa razão, a criança recém-nascida parece já ter semelhanças com o adulto: de fato, não há nada de igual entre esses dois rostos, a não ser, num como no outro, aquilo que não foi vivido. (AGAMBEN, 2016, p. 88)

²⁵ Conceitos consultados nos dicionários on-line houaiss.uol.com.br e Webster's New Collegiate Dictionary (1974). Springfield, Mass.: C&C Merriam Company.

²⁶ Referência à Lara e Maria, mulheres personagens de encontros no início desse trabalho

Na *ideia* de um *por vir*, o ingresso na vida universitária está no ainda-não do jovem, no não-vivido como possibilidade de ser. É uma conquista experienciada como “divisor de águas”, ou seja, a decisão por um caminho em meio a muitos. Ao escolher uma profissão, ele se percebe deixando de lado todas as outras, por vezes faz cumprir a mesma ou outra história familiar. Entre o cumprir ou o quebrar de expectativas, a universidade resgata a marca do rosto do adulto no rosto do infante. O jovem ingressante remete à tradição da família, seja pela escolha ou pelo acesso: tarefa ou vitória? Na língua inglesa, o vocábulo *ingresso* tem como significados: *entrada, portal, passaporte*²⁷. Revela-se *certa* liberdade em fazer-se viajante ou andarilho, enclausurada na ruptura da tradição que faz ficar atado à família, ao mesmo tempo em que busca o reconhecimento de quem eu sou.

A saída do ninho faz-se como um *portal* para encontro com mundo: quem são as pessoas que vou encontrar? Serão relações de cooperação ou competitividade? Como são os espaços de encontro, há áreas de respiro e lazer, *balburdia*²⁸? Haverá tribos? Quais as pressões acadêmicas? Como serão montados o curso e a grade de disciplinas? Será mesmo o que se espera? Na saída do ninho, há o encontro ou a busca com um projeto mais próprio ou pessoal. Haverá *locus* para que o infante caminhe e busque o outro em si? Quais serão as ações dessa profissão até então vivida apenas como ideia para pautar escolhas? Como o mundo a acolhe? O que se espera no futuro ao infante?

Até então, nas escolas próximas ao ninho, na maioria das vezes, a vivência escolar está no cumprir das grades e a tarefa é *passar de ano*. Nas formas de sofrimento, está a perda de experiência de liberdade e desejo; como que sendo coagido a fazer, o infante precisa cumprir um destinamento que não é seu, como se fizesse parte uma engrenagem que desconhece no todo. Se um novo ingresso é possibilidade de ruptura, será mesmo possível se fazer viajante, no desamarrear dessa ação de um “todo o mundo e ninguém²⁹”: de uma co-ação?

O que uma compreensão antropológica do sofrimento poderia dizer do sofrimento de nossos alunos?

O homem é história encarnada e no bojo de si mesmo vive não só no sofrimento decorrente dos encontros e desencontros vividos ao longo de sua biografia, mas também vive o testemunho da dor de todos os homens ao longo

²⁷ Consultado em Webster’s New Collegiate Dictionary (1974). Springfield, Mass.: C&C Merriam Company.

²⁸ Palavra utilizada recentemente para desmoralizar o encontro entre os jovens no ambiente universitário.

²⁹ Gil Vicente – Auto da Lusitânia. Diálogo entre Todo o Mundo (um rico mercador) e Ninguém (um homem pobre), enquanto um busca ganância cobiça, outro busca virtude e modéstia.

da história. O seu mal-estar é também afetado pelas condições de vida inerentes ao tempo.” (SAFRA, 2019 p. 159)

Um sofrimento tão ancorado num tempo e espaço, um mal-estar cultural que diz de um momento histórico contemporâneo. Podemos pensar em uma crise na humanidade, num momento em que a humanidade perde o seu dizer.

Proponho um retomar de Walter Benjamin (1994), quando aponta o retorno mudo dos soldados da guerra, silenciados pela vivência da violência, pela pobreza da experiência individualista do horror. Perde-se a interação entre as pessoas, distanciadas por obstáculos.

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. (BENJAMIN, 1994, p. 114)

Quais espaços de hoje são “aberturas” como as antigas lareiras? Bosi (1992), em seu trabalho de acolhimento de memórias, revela: “A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destinos, trajetória da alma.” (p. 148). Entretanto, há uma dificuldade imposta pelas metrópoles para a correspondência. Atualmente, temos cidades construídas entre estreitas calçadas, por avenidas movimentadas em cimento cinza e frio. Os espaços urbanos são para descolamento, obstáculos para o encontro. Seria vazio do olhar outro que oportunamente corresponde-se na vazão de um espaço virtual? É possível um intercambiar de visões e conhecimentos por relações virtuais?

Entre obstáculos e distancias, a revolução industrial marca a história da humanidade com a crise da perda da experiência. Fez-se um tempo quando o homem deixa de se sentir parte de um todo, perde-se em contexto: sentido e pertencimento em comunidade. Ao longo da história, o homem está cada vez mais desconectado da natureza, isolado, sem religiões, mais urbano, mecanizado e tecnizado. Percebe-se peça de uma engrenagem, sem saber ao certo a que se destina o todo do maquinário. Sem sentido, projeto ou finalidade, não há lugar para as palavras, o corpo, as relações e as histórias. Na crise instaurada pela perda da experiência de comunidade, há um indivíduo isolado do todo.

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para aqueles que experimentam a contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 62-63)

Como é lançar-se no escuro? Como apostar todo um devir em certa universidade ou em certo curso formador? No escuro, o presente vem em trevas, e abandona-se percurso para fazer cumprir um destino que não se sabe por onde vai. O obscuro como experiência íntima, senão anônima, convoca ao desvendamento? Há espaços de correspondência nas trevas? No obstáculo para a correspondência, o isolamento é pano de fundo aos nossos jovens graduandos. Talvez haja um respiro em forma de feixe de luz que transpassa muros.

O graduando, infante e princesa, no caminhar de sua história ainda obscura, pode permanecer estudante e assim cumprir o destino um dia *gracejado*? Na etimologia, a palavra *per-manecer* é composta por *per-* (duração, continuidade) e *man (s)* – (ação de morar, de assistir em; morada, pousada, estalagem)³⁰. Poderia compreender que permanecer diz respeito à ação de dar continuidade na ação de morar, ou ainda, manter-se morada.

A palavra *permanência* no ambiente universitário compõe uma fala já institucionalizada e ligada a programas de permanência estudantil, bastante difundidos nas últimas décadas como políticas de assistência ao aluno, quando o acesso à universidade e a inclusão social começaram a ser pautados. São ações das universidades para auxiliar alunos com dificuldades socioeconômicas a se manterem nos cursos ingressados. Entretanto, mesmo com todas as ações possíveis para manter o aluno estudando, parece que há uma ameaça velada da desistência deflagrada por um outro sofrimento: o (mal-)estar. Uma tal falta de sentido em ocupar a carteira escolar revela que não basta o permanecer estudando, mas também pertencer esse ser e estar, a um projeto profissional. Revela-se a intimidade entre permanência e pertencimento.

Retomemos então à etimologia da palavra *per-tencer*, composta pelo mesmo prefixo *per-*, desta vez unido à *ten-* que indica: ocupar, deter, lembrar-se de, reter na memória, agarrar, laços³¹. Tanto pertencer como permanecer dizem de continuidade e ocupação, mas parece que pertencer remete à construção de laços e lembranças, como se o *locus* da morada do pertencimento ancorasse em uma rede de relações nas composições de memórias, um habitar. Delgado (2019) desenvolveu um estudo que circula o habitar do homem como destinação e, ancorado na fenomenologia-existencial, diz que “habitar é projetar-se em direção às coisas. É interpelar e ser interpelado, ser arremessado em direção ao mundo e dele extrair a possibilidade da experiência à medida que as coisas se desvelam na forma de sentidos.” (p. 27).

³⁰ Dicionário on-line houaiss.uol.com.br.

³¹ Idem

Nesse sentido, se a permanência diz de uma ação institucionalizada da universidade para que as pessoas se mantenham no curso, a ação de pertencimento aparece em igualdade de importância, na medida em que dá destinação à essa permanência. No entanto, pelo foco que revela outras marias e dores, a extensão universitária como promoção de saúde ao aluno é revelada pelo *habitar*. O pertencer e construir memórias tece sentido à jornada inventada por esse devir: projeto que surge na vida jovem, mas que se esvai quando o ciclo básico dos currículos se faz desabitado, como que aprendendo as *letras* fora das *palavras*. Extensão universitária não surge apenas como uma possibilidade em ver *frases*, ou seja, um encontro com a prática profissional, mas também em estar com outras marias e dores desabitadas. Nessa direção, a proposta dos *coletivos* tem sido recorrente nas universidades, como que um movimento juvenil de encontro na tentativa de resgatar a comunidade em meio às dores anônimas.

O conhecimento “transferido” de forma fragmentada a protagonistas silenciados, seja através de um distanciamento entre teoria e prática ou do isolamento de alunos em carteiras escolares, vem sendo cada vez mais questionado. E já desde o ensino infantil, quando, na contramão da passagem de conteúdo, estão as instituições de ensino, que oferecem a brincadeira, o estudo de meio, a exploração e indagação natural do estudante como cooperação, interação, produção de conhecimento, resgatando um aprender menos racionalizado e mais afetivo. Nessa direção, sobre o distanciamento da relação entre pais e filhos no brincar, Benjamin (2002) resgata o brinquedo em sua industrialização. Diz o autor:

Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos. Mais tarde vieram os metais, vidro, papel e até mesmo o alabastro. (BENJAMIN, 2002, p. 92)

Inerente ao brinquedo, está o brincar e necessidade de resgatar o brincante como parte ímpar da brincadeira. Retoma-se a permanência estudantil não como imanência plástica, mas com a possibilidade de mudança, transformação, criação ou invenção. Nesse sentido, o espaço da extensão universitária pode ser a *madeira, ossos, tecidos e argila* que convocam à interação e pertencimento: brincante e brincadeira no habitar do “era uma vez”. Nesses novos contos, cabe até a plasticidade da invenção, ou seja, a mudança na constante do permanecer, quando na de-cisão por novas direções, está mantido seu destinar-se.

Em seu modo de fragmentar mundo como forma de conhecimento (mente e corpo, antropologia e sociologia, etc....), o homem espelha ao mesmo tempo em que é espelhado pelas

formas como as profissões têm proposto a ação humana no mundo: os especialistas. Na contramão dessa cisão, a extensão em comunidade, com as várias “especialidades” juntas e também (mas outra) comunidade que não se foca em apenas área, é possibilidade de abertura: como se revelam as demandas dessas comunidades? Nesse sentido, entre disciplinas em ação, abre-se outra dimensão para o sentido da escolha profissional, legitimando um fazer.

O brincar da extensão universitária oferece *habitar* ao momento íntimo de proximidade do aluno com o profissional de saúde/educação que o acolhe, em uma ação que propõe encontro entre alunos em momentos de formação diferentes, recém-formados, alunos de pós-graduação, residentes e internos, qualquer seja o nome que se dê aos diversos momentos da formação profissional. Assim, extensão pode ser compreendida como diálogo e mundo, como construção: ação política de permanência e pertencimento estudantil. Em que medida, o construir do pertencimento possibilita o habitar da permanência?

Heidegger (2006) encontra o verbo *ser* num estudo etimológico sobre o verbo construir em alemão, ou seja, o homem é na medida em que habita e, por habitar, constrói. Nesse contexto, construir faz-se cuidar de um crescimento, no sentido de um habitar: ser e estar sobre a terra, pertencer para construir e permanecer.

Habitar, ser trazido à paz do abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. *O traço fundamental do habitar é esse resguardo.* O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre a terra. (p 129, grifo do autor)

Figueiredo (1995), em texto acerca da ética na prática psicológica, retoma o termo *ethos* como morada, partindo de um relance etimológico, no qual hábitos e habitações compartilham da mesma raiz. Nesse sentido, aproxima *ethos*, habitar e saúde e diz: “O habitar sereno e confiado é assim também a condição do pensar, do representar, do brincar e do experimentar, exatamente porque o abrigo da casa nos dispensa uma acolhida que dispensa qualquer representação: também neste sentido a casa liberta”. (FIGUEIREDO, 1995, p. 47)

Serão nesses espaços de confiança e afeto, que a inauguração dos primeiros gestos se torna possível. Nessa direção, Safra (2004) ressalta que é na relação mãe-bebê, que o gesto inaugura possibilidade de ser, com a ação do bebê que convoca presença em seu ser-no-mundo-com. Diz ele: “O bebê, a fim de que possa iniciar a constituição de si mesmo, necessita que alguém no mundo seja seu anfitrião e acolha seu gesto que constitui o início para si mesmo” (p.

103-104). Assim quando, junto à criança, nasce também o novo, inaugura-se um ser diferente. Nas palavras de Riobaldo: “Um menino nasceu. O mundo tornou a começar” (Rosa, 1994).

Já para Arendt (2002), a natalidade é possibilidade de criação do novo no mundo. Como ser singular, cada homem se inaugura pela primeira vez; logo, o nascer carrega consigo a potência de iniciar algo novo. Nesse sentido, o homem não nasce apenas como espécie, nasce também como criação única, tecendo história e biografia, *gestando* novos gestos, novos encontros. Cada nascer é um início, e cada ser novo no mundo é forma de ser no novo mundo: *é mundo tornando a rodar*.

Deste modo, na ação, está a possibilidade do nascer e o feitio de outras tessituras. O graduando em contato com o mundo, quando se faz autor de uma experiência de invenções e descobertas, é possibilidade de ser em ofício, através de seus novos gestos que convocam presença. Quebram-se muros para possibilidade de encontro, buscando em si o caráter destruidor, que desaloja, mas apropriadamente faz crescer. Na qualidade de universitária, a extensão propõe inserção no mundo sempre com novos personagens, *gestando* novas ações, convocando outras presenças. Entre personagens e presenças, eis a fala como possibilidade de relacionar-se, mover-se em busca de sentido, buscar encontro pelo diálogo como construção. Para isso, há a necessidade de espaços coletivos para possibilitar a fala para um habitar construído em comunidades que, destinando-se, destinam.

Tal comunidade pode não ser aquela na qual o sujeito nasceu, mas aquela que origina uma rede solidária de confiança mútua, a partir da qual os projetos e ações singulares encontram-se atravessados pelos valores coletivos. Tal confiança pode surgir da presença constante ao longo do tempo e, diante de um contexto social impregnado por valores individualistas e imediatistas, torna-se uma condição cada vez mais precarizada, revelando-se como exceção à regra do modo de vincular-se ao mundo. (NUNES, 2015, p. 16)

Gestar novas memórias, como numa tradição artesanal feita no encontro da fogueira, constrói experiência coletiva. Nesse sentido, a *comunidade de destino* (BOSI, 1992) descola o isolamento do impessoal da terceira pessoa do singular para um dizer da primeira pessoa do plural: o nosso momento. Na proposta de uma extensão comunitária em comunidade, o destinar-se coletivo faz do *nós* possibilidade de experiência para sair-com: passear, colher encontros e viver o mundo, prover andanças.

Um pano de linho

O mistério da saúde permanece recôndito. Da sua preservação faz parte o ocultamento, que consiste no esquecer. Uma das grandes forças curativas da vida é a possibilidade de sucumbir, todas as noites, ao sono reparador que permite o esquecimento. Não poder esquecer é uma grave doença: não é uma capacidade. (GADAMER, 2009, p.153).

Se a saúde do corpo está no esquecer dos órgãos, a saúde da alma poderia ser nutrida por memórias compartilhadas? Gostaria então de finalizar com o meu ou nosso adoecer.

Digo das minhas memórias de partir. Talvez o projeto dos mutirões tenha me levado às periferias da cidade pela primeira vez concretamente. Entretanto, já tinha antes realizado várias expedições através das histórias contadas, causos dos adolescentes da Fundação Casa, como que contados na clareira de uma lareira.

Hoje, ao partir, o não lembrar atualiza em mim um medo de perder-me, de não mais voltar ou de não perceber o perigo. Tentando nomear o não esquecimento das batidas do coração, brinco: a Síndrome de Dorothy, aquela que se perde em meio a um furacão e, como inexorável viajante, encontra mundo.

O mundo me tinha sido apresentado pelo olhar da malícia, da armadilha aos ingênuos, pela distância violenta entre ora fracos ora fortes. Eu era diferente, não havia como negar. Que privilégio ter sido acolhida por tantas famílias, mesmo diferente que era. O que podia um psicólogo nesse âmbito social? Tudo o que eu tinha não tinha era o cimento para a construção concreta do sonho. Cabia a mim: relações. Cabia a mim, fortalecer bandeira. Bordar.

Bordar, num pano de linho
um poema Tambor que desperte o vizinho.
Pintar, no asfalto e no rosto,
um poema alvoroço, que adormeça a cidade.
Dançar com tamancos na praça.
Cantar, porque um grito já não basta.
Esfarrapados, banguelas e meninos de rua, poetas, babás,
vistam seus trapos,
abram os teatros,
é hora de começar:
alerta, desperta, ainda cabe sonhar.

A canção acima, parte da cantata *Um Bastidor de Utopias*³² conta, através de poemas e canções, a história de Mariana Pineda, a jovem heroína, executada em 1831, por bordar a bandeira da revolução espanhola, desafiando o autoritarismo monárquico.

No bordar do poema que faz lembrar e cantar para nunca bastar, termino com a bandeira como símbolo de revolução. Não digo mais daquela bandeira científica, mas da bandeira universitária: tão temida pelas possibilidades de criar. Na ação de novos nascimentos do extramuros, a extensão faz-se bordadeira de comunidade que se destinam ao coletivo do nós que não deixa esquecer, da construção de novas memórias como pro-moção de saúde.

³² Bastidor de Utopias – Texto escrito em meados de 1925 por Federico García Lorca.

REFERÊNCIAS³³

- ADES, C. **A memória partilhada**. Resenha de: BOSI, ECLÉA. O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000200012&script=sci_arttext. Acesso em 01/06/2019.
- AGAMBEN, G. **Ideia de Prosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016
- _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ALLAN POE, E. O Diabo no Campanário In _____ **Histórias Extraordinárias**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002
- AUN, H. A. **Trágico Averso do Mundo: narrativas de uma prática Psicológica numa instituição para adolescentes infratores**. 2005. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005
- _____. Atenção Psicológica em instituição: Plantão Psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, H. T. P., BARRETO, C. L. B. T. e NUNES, A. P. **Aconselhamento Psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2009.
- AUN, H. A. e MORATO, H. T. P. Atendimento em plantão Psicológico: das instituições ao retorno à clínica escola. In: MORATO, H. T. P., EVANGELISTA, P. E MILANESI, P. V. **Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia: alguns estudos**. Rio de Janeiro: Veritas. 2016
- AYRES, J. R. Uma concepção Hermenêutica de Saúde In: **Physis**: Ver. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17 (1): 43:62, 2007

³³ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023)

- _____. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. In: **Saúde e Sociedade**. v.13, n.3, p. 16-29, set-dez 2004
- _____. Extensão universitária: aprender fazendo, fazer aprendendo. In **Rev Med** (São Paulo). 2015 abr.-jun.;94(2):75-80
- BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994
- _____. Obras Escolhidas, v. II, **Rua de mão única**, trad. de R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa, São Paulo: Editora Brasiliense, 1995
- _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Lisboa: Editora 34, 2002
- BOSI, E. **Memória e Sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- BOULOS, G C. **Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017
- BRANDÃO, J. **Dicionário Mítico-Etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2000. V. II
- CABRAL, B. **Cartografia de uma ação territorial de saúde: transitando pelo programa saúde da família**. 2004. 207 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2004
- CAUTELLA JUNIOR, W. **Do inominável à pro-dução de sentido: O plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico**. 2012. 280 f Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.
- Cola, W A Bandeira em sua origem vocabular. In **Revista da Faculdade de Direito**. Universidade de São Paulo, 1955, 50, 319-343.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

- _____. **História Pessoal e Sentido de Vida**. São Paulo: EDUC; Fapesp, 2012.
- DELGADO, V. T. **Habitar: o espaço como horizonte ontológico da existência**. 2019. 74 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.
- EFKEN, K. H. e SILVA, M. J. A essência da linguagem em Heidegger in **Ágora Filosófica** . v. 1. n. 2 (2014), pp.235-258 e-ISSN 1982-999x
- FIGUEIREDO, L. C. **Revisitando as Psicologias: da epistemologia à Ética nas práticas e discursos Psicológicos**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. Temporalidad y Narratividad en los procesos de subjectivación de la clínica Psicoanalítica. In: RVALETTI, M. L. (Org.). **Temporalidad. El problema del tiempo en el pensamiento actual**. 1 ed. Buenos Aires, 1998. p. 271-282.
- _____. **Escutar, Recordar, Dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica**. São Paulo: Educ/Escuta, 1994
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983 93 p.
- GADAMER, H.-G. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- _____. **O mistério da saúde: o cuidado da saúde e a arte da medicina**. Lisboa: Edições 70, 2009
- _____. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006
- GAGNEBIN, J M. Prefácio. In: LAGES, S. K. **Walter Benjamin: Tradução e melancolia**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- GALIMBERTI, U. Introduzione In JASPERS, K. **Il medico nell'età della tecnica** Milano: Raffaello Cortina Editore, 1991
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Viver para contar**. Rio de Janeiro, Record, 2003
- HEIDEGGER, M. (1927) **Ser e Tempo**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2001a. 325 p.
- _____. (1959) **Serenidade**. 1ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001b. 69 p.

_____ Seminários de Zollikon. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____ Habitar, Construir e Pensar In Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2006 p.125 - 141

JASPERS, K. **O médico na era da técnica**. Lisboa: Edições 70, 1986.

MORATO, H. T. P. Atenção Psicológica e Aprendizagem Significativa. In: Morato, H. T. P.; Barreto, C.; Nunes, A. P. (ORG) **Aconselhamento Psicológico na perspectiva Fenomenológica Existencial: uma introdução** São Paulo: 2009, p. 22-40

_____ Reflexões a cerca de saúde: implicações para o desassossego humano contemporâneo. In Dutra, E. **O desassossego na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Verita Editora, 2018

_____ Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES, 2006.

MORATO et all. Supervisão de Apoio Psicológico: espelho mágico para desenvolvimento de educadores de rua. In: MORATO, H.T.P. (Org.) **Aconselhamento Psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 177-186

MORATO, H. T. P.; SCHMIDT, M. L. S. Aprendizagem Significativa e Experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica. In: MORATO, H. T. P. (Org.) **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

NORA, P. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: Projeto História n.10. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, 1993.

NUNES, A P. **O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, M. M. **Clínica, experiência e sentido: narrativas de plantonistas**. 2006. 155 f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006

ROSA, J. G **Tutameia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

_____. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SÁ, R. N.; TERRA, C. G.; AZEVEDO, C. S. C. de. Projeto Plantando Sonhos – uma oficina de jardim. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 30, n 1, p. 32-42, jan.- jun., 2008.

SAFRA, G. A **po-ética na clínica contemporânea** 3ª ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2004. 159 p.

_____. Atenção e necessidade da alma In Bingemer, M. C. (org). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: Paulinas, 2019.

SANTOS, B. S. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 4. ed São Paulo: Cortez, 1997.

_____. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCARCELLI, I. R.; GUEDES, C. F.; MOTTA, C. G.; SATO, F. G. Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação em Psicologia: a experiência na Bandeira Científica. Transformações em Psicologia, v. 2, 2009, p. 32-50

SERRES, M. Filosofia Mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190 p.

SILVA LFF. Projeto Bandeira Científica: história, estratégias e resultados. Rev Med (São Paulo). 2012 jan.-mar.;91(1):36-43.

ROLNIK, S. B. Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial. Tese (Doutorado em Psicologia). 1987. 188 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 1987.

UNGER, N. M. O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991. 94 p.

ZAYAT, C. A Trajetória de uma Ação: Experiência no Projeto Bandeira Científica. Relatório PIBIC. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2013

ANEXO A – Entrevista com o profissional da Fisioterapia

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como Fisioterapeuta?

Nossa!... Isso daria uma tese essa pergunta!... Como foi minha experiência na Bandeira?... Entrei na Bandeira por vias tortas!... Acho que vou contar uma história que vai dizendo um pouco de tudo isso. Eu entrei em 2008, quando estava no 2º ano da graduação. Na verdade, eu não entrei na Bandeira, mas em projeto paralelo que existia na época: O Incra. Não sei se ouviu falar... Tinha um programa, que o Incra contratou a Bandeira para fazer uma avaliação e uma intervenção em alguns assentamentos no noroeste de São Paulo.... Aí eu entrei nesse projeto e fui participar do processo seletivo da Bandeira: Bandeira – Bandeira.

Mas esse do Incra era uma ação de intervenção na área da saúde em reassentamentos organizados, como o MST etc...?

Isso. Era bem parecido com a Bandeira: tinha a avaliação, faziam os atendimentos, mas passavam alguns questionários validados – o SF-36³⁴... não esse não, passavam o WHOQOL de qualidade de vida. Mas eu não participei dessas entrevistas, porque eu estava muito novo na graduação. Depois foram analisados esses dados e bolamos intervenções para aquela comunidade. Quem tocava isso era a Fisio na época. Depois entrou a poli, a Odonto e... aí acabou. O Incra parou de dar dinheiro para esse projeto... acabou no meio do caminho.

Nesse meio tempo, eu fui prestar Bandeira-Bandeira para a expedição do meio do ano. E aí eu estava lá fazendo provas, entrevistas e sei lá o que... Eu surtei! Não quero isso! Porque era um processo muito maçante, desgastante: uma semana de aula, uma prova teórica super complexa... um processo burocrático e esquizofrênico... Era prova... uma prova teórica complexa... questionavam como era o processo de aprendizagem neuropsicomotor... não sei como isso era aplicável na Bandeira... Tudo bem! Essa pergunta, eu fiz questão de não responder... “Eu não vou responder isso!!”... E depois na entrevista, me perguntaram por que não respondi, foi então que respondi na entrevista e disse que não tinha respondido: “porque acho isso uma imbecilidade”.

Então eu fui para a Bandeira como aluno... E eu gostei. A experiência foi bacana... tive meus problemas, era do 3º ano tentando atender... tentando entender aquela complexidade... tentando atender as pessoas... não sabendo atender as pessoas... E aí no ano seguinte, me disseram para eu virar diretor da Bandeira. Foi aí que eu comecei a me envolver um pouco mais.

No primeiro ano, não foi uma experiência muito legal, porque estava numa pegada de não gostar de ser Fisio, na época... tinha uma questão de identidade profissional. Fisio era legal, mas... eu não tinha muita paciência... ter no consultório atendendo a pessoa 85 vezes e tal... A Bandeira foi até legal porque... aquela coisa louca: uma pessoa a cada meia hora... Foi legal! Foi bacana. Mas por formação profissional não foi tão bacana.

Quando eu virei diretor, eu comecei a me aproximar mais das questões de organização da Bandeira e contato com a cidade.... E foi aí que a Bandeira deu uma virada na minha formação... Eu sempre pensava

³⁴ Short Form Health Survey SF: 36 – questionário sobre qualidade de vida.

em trabalhar com Fisio esportiva e tal... Fisio esportiva ainda era uma coisa que me tocava o coração, mas eu não tenho muita paciência.

Mas com a Bandeira, começando a trabalhar com a gestão do município, conversando com secretário, com os coordenadores... “Pô!... Quero trabalhar com saúde pública!...”. E foi nessa experiência de ser diretor em 2011, que eu me aproximei de fato... comecei a gostar. Foi em 2010! Na Bahia, em Inhambupe... foi super legal a Bandeira, foi caótica, foi divertida, mas eu me aproximei muito da gestão pública. E com aquela história de fazer um relatório junto com a gestão consegui me aproximar, a entender e gostar da Saúde Pública. Meu TCC saiu daí. Eu fiz entrevistas com alguns ACSs³⁵ na época... Meu TCC saiu desse projeto.

Aí em 2011.... eu gostei muito de trabalhar com área de gestão... aí eu virei diretor pela segunda vez. Fui um o primeiro imbecil, ou melhor, um dos primeiros imbecis pela segunda vez. Primeiro foi o Cacá (hoje professor), e depois fui eu... e mais alguns. Em 2011, minha expectativa era trabalhar muito mais com a cidade de uma forma mais integrada com a gestão e, ao mesmo tempo, tentar melhorar alguns gargalos que eu via que existiam na Bandeira. Eram questões burocráticas de *time* como fazer o projeto andar e de outras questões de: como melhorar a formação do aluno, como inserir melhor o aluno nessa comunidade, como inserir melhor um docente fora o Cacá nesse processo. E eu tinha esses objetivos, nesse segundo ano de diretor.

Sempre focando mais na gestão do que na clínica.

Isso é uma coisa que, na graduação da Fisio, eu não tive: gestão. Foi lá que eu me aproximei do processo de gestão e de planejamento de ações. São pouquíssimos Fisioterapeutas que se aproximam desse campo de ação. A maioria vai se formar clínico e técnico e poucos estão no planejamento. Isso tem muito a ver com o meu doutorado.

Então em 2011, eu tinha todos esses objetivos e não consegui fazer nada!! Isso porque foi a expedição de Belterra e foi um desastre Belterra!!! A secretaria destruiu com a gente, toda essa questão de trabalhar com a gestão, a secretaria não quis. Ela utilizou toda a questão assistencialista da Bandeira para ganhar voto na eleição do ano seguinte. E todos os acordos que eles tinham feito com a gente, não só em relação a nossa atuação, mas em relação a oferecer alimentos não perecíveis para a gente, eles não cumpriram: tanto que comemos ovo com feijão preto a semana inteira!.... quer dizer... o feijão preto, a culpa foi minha!... eu que comprei! Era mais barato...

E a gente comeu feijão preto a semana inteira, porque a prefeitura não deu a carne! Mesmo o transporte era supercomplicado no município, eles não queriam oferecer os ônibus, tivemos que pagar por combustível, que não estava acertado...

A relação de grupo de diretores foi um desastre também. Havia diretores que estavam fazendo diretoria pela segunda vez e diretores novos. Aí existia uma briga durante todo aquele ano, e boicotes mútuos, apesar de... sei lá, por exemplo: A Fono durante a Bandeira, mudava o fluxo de atendimento e eu ou algum velho dizia que era necessário parar de fazer isso, alguns novos até concordavam, mas por birra, eles defendiam que deveriam continuar fazendo. Havia toda uma relação desforme entre a diretoria e a cidade. Foi um pouco frustrante e eu peguei infecção urinária nessa expedição, fiquei 4 dias deitado na cama com frio... estava 40 graus e eu estava com frio... e... e não tinha um médico para me dar um mísero remédio!!! Na verdade, me deram para baixar a febre, mas não conseguiam me diagnosticar com infecção urinária, era necessário um exame de urina. Deram um remédio para diminuir a febre, diminuir

³⁵ Agentes comunitários de saúde.

a dor, mas não um antibiótico. Tudo bem... voltei para cá, fui direto no São Luiz e a infecção estava no talo!... fiquei duas semanas com antibiótico!!... tudo bem...

Voltei já sabendo que eu não ia mais para a Bandeira... achando que eu não iria mais para a Bandeira.

Nesse meio tempo, eu me formei... e, não sei porque cargas d'água, me chamaram para ser discutidor.... 2012...

Aí em 2012, eu gostei muito!... Foi uma das Bandeiras que eu mais me diverti sendo discutidor. Apesar de brigar com a outra discutidora da Fisio... eu brigava com ela todos os dias!... porque ela era muito exigente e eu achava que os meninos estavam surtando por ela ser muito exigente... Eu me diverti muito, eu gostei muito. E essa segunda... essa volta como discutidor, me fez entender que ser docente faria muito sentido para mim... na vida.

Então já tinha a questão da saúde pública vindo do primeiro momento, dessa aproximação que eu não tive... nem disciplina de atenção primária!... de Fisioterapia e atenção primária... Eu tive três aulas de uma professora que era de UTI. Então a Bandeira me trouxe isso. E nesse segundo momento, como discutidor, a Bandeira me trouxe essa questão da docência que eu gostei bastante e, eu não sei se os alunos mentiram para mim, mas aparentemente, eles gostaram bastante... vieram me agradecer, foi muito legal a interação com eles... foi bacana... Tinham casos que não tinha nada para fazer, mas você buscava em algum lugar na sua cabeça e tinha a resposta ou a aproximação com aquela resposta.... E foi muito legal!! Foi aí que eu disse: quero ser docente.

A Bandeira me trouxe essas duas oportunidades. Ela que me tirou do querer ser Fisio esportivo, por ter sempre praticado esporte, sempre ter gostado... e ela me trouxe... me levou por esse caminho.

Aí veio 2013... “não sei se vou para a Bandeira...” Era o... 1 como Bandeirante, 2 como diretor e 1 como discutidor... era o 5º ano. Em 2013, o Cacá estava para sair. Eu estava no conselho essa época... me chamaram... ficávamos discutindo burocracia, como faríamos sem o Cacá... como a Bandeira funciona etc.. E aí tínhamos definido que quem tocaria a Bandeira... tínhamos dividido a Bandeira em área de trabalho, julgando que ninguém conseguiria fazer tudo o que o Cacá fazia.

A gente loteou a Bandeira, de forma bem burocrática mesmo: uma pessoa cuidaria do financeiro, ou do patrocínio... e ponto. E quem seria o coordenador seria um aluno da Medicina, e eu seria o vice. Chegou no final do ano, alguém precisava ir para a expedição e esse aluno não podia. E eu fui para a expedição de novo, mas dessa vez como sombra do Cacá.

E nessa expedição, eu fui conhecer o que ele, o coordenador, fazia durante as expedições e descobri que ele não faz nada... ele faz social... conversa com o prefeito, com o discutidor insatisfeito, com o aluno que surtou... ele amarra os nós.

Tem muito aluno que surta, porque é um trabalho desgastante: você dorme mal; você come mal... não come mal, come bem, mas não é aquela comida que você está acostumado a comer; é muito trabalho; você está numa realidade que não se vê aqui; é muita “pobreza”; muita gente em situação de risco para a área que você estiver indo e o aluno não está preparado... Vocês da Psico vão a partir do terceiro ano... Na Fisio, o aluno vai a partir do primeiro ano. Na Medicina, a partir do segundo. Nutri, primeiro. Odonto, primeiro. Então... você joga um moleque lá de 18 anos, que tinha aula no Santa Cruz, que ganhou um carro do pai para ir para a faculdade, e joga ele numa comunidade dessas, que a mãe chega e fala: “Não consigo comprar mamadeira, leite”... É complexo... Então as pessoas surtam bastante na Bandeira. Inclusive discutidor! Tem discutidor que surta também...

E o Cacá fazia esse trabalho lá com todas as áreas... com todo mundo. É que tinha áreas lá que o Cacá tinha mais facilidade de entrar e eu também. E outras mais difíceis. A Psico é uma área muito difícil da gente entrar. A gente não conseguia. Até porque... eu não sei porque... mas era muito difícil. A gente não conseguia entrar para conversar!... Todo ano, você tinha um aluno da Psico chorando... então a gente entrar para conversar com esse aluno, a gente não sente segurança. Eu não sentia! O Cacá falou que a Psico é meio difícil... A Odonto também é uma área muito fechada entre eles. Mas você pela a Fisio, a Medicina, a poli até a FEA e a Fono são áreas mais fáceis de se aproximar do aluno e do discutidor para conversar. A Psico e a Odonto são áreas que se isolam nesse sentido.

Então em 2013, eu aprendi que ele fazia um pouco desse meio campo também, não só com os alunos lógico... mas também com a cidade... Ele tinha um trabalho de deixar todo mundo feliz... Meio Mc Donald... o Cacá comprava chocolate para toda a diretoria... Na minha época (de diretor), ele não fazia isso e eu perguntei para ele. Ele disse que começou a fazer em 2012, porque os diretores estavam muito nervosos... e aí ele ia lá e comprava chocolate, coca-cola... coca-cola ele já comprava na minha época. Comprava umas coisinhas para deixar as pessoas felizes...

E aí em 2013, ele me largou lá... tinha eleição para reitor e ele disse: “então, eu tenho que voltar para São Paulo e eu não volto. Toca aí.... não vou contar para ninguém, toca aí!...”. Ok. Fiquei três dias... só os diretores e um discutidor da Medicina perceberam. E aí foi uma experiência que para a minha formação (voltando à pergunta original de formação), não foi uma experiência tão grande...foi legal para aprender a lidar um pouquinho com os alunos, mas como eu cheguei um mês antes, foi uma relação um pouco mais de distanciamento deles. Não tinha uma confiança deles por mim e nem minha.

E aí em 2014, o Cacá saiu, um aluno da medicina era o coordenador, eu o vice. Maio, o aluno espanou, desistiu e eu assumi. E aí em 2014, já sem o Cacá já foi um processo longo com a diretoria para organizar a Bandeira. Isso foi importante para eu aprender a ligar bastante com o aluno, dos desejos, anseios, às vezes a falta de comprometimento, às vezes comprometimento em excesso. E para minha formação como docente, isso foi muito importante... às vezes até querendo desistir! Porque era um inferno trabalhar com alguns deles! Mas não. Foi legal para começar a montar isso na minha vida, a questão de como lidar com essas pessoas jovens... apesar de não ser tão mais velho que eles...

Em 2014, a primeira coisa que a gente falou foi: A gente não tem ideia do que estamos fazendo aqui também! Vocês não tem ideia? Nós também não!! Foi legal para construir junto... saber lidar com eles... Foi muito bom e aí... eu fui para a sexta expedição!

Em 2014... foi tudo bem... tudo tranquilo...

E aí em 2015, entrou um grupo de diretores difíceis de se lidar... bem difícil! Era um grupo que queria... que tinha esse anseio de tomar decisões... de querer fazer tudo por si só... e usar a gente como instrumento para alcançar os objetivos. E nessa época já estávamos tentando já... deixar que eles fizessem algumas coisas... por si só. Mas as duas coisas que deixamos nas mãos deles “deu pau”! O que ressaltou em mim o fato de não confiar nas pessoas. Deixamos o patrocinador com eles, que eles não responderam ao patrocinador e o patrocinador ficou *puto*... quase perderam o patrocínio para esse ano! E o contato com o CRM – você precisa pedir autorização para trabalhar em outro estado e eles não fizeram, aí baixou o CRM lá na Bandeira... foi o caos! Para as outras áreas, como está vinculado à universidade e é menos de um mês, conta como estágio, não precisa dos conselhos. O CRM precisa.

Em 2015, então foi bem problemático... essas coisas que acabaram me levando ao meu desligamento. Mas também foi importante para eu ver essa faceta desse novo jovem que está aí... depois eu comecei a ler bastante sobre essa nova geração... uma geração questionadora... questiona muito, mas não quer ter

responsabilidade... que ainda quer ter uma certa proteção ou do pai ou da universidade ou de quem quer que seja... mas quer questionar!

Esse processo me fez, a Bandeira lá trás, me fez esse caminho de trabalhar hoje com políticas, planejamento e gestão, me fez entender que eu quero ser um docente, mas ao mesmo tempo me fez entender que para trabalhar com esses alunos, eu preciso ainda entender melhor.

Você não se via como um jovem questionador?

Eu questionava, mas... eu sempre questionei, na verdade... menos até do que eles. Mas tem uma coisa para mim muito forte que é a responsabilidade. Se eu falo que eu vou fazer A, eu vou fazer A. Se eu não vou conseguir fazer A, eu vou avisar um tempo antes, que eu não vou conseguir fazer ou vou ter uma justificativa coerente para não conseguir fazer o A. Então... eu sempre acreditei nisso: se você se responsabiliza, você faz; se você não conseguir fazer, tudo bem, desde que venha bem coordenado, bem definido e com motivo coerente. Eu questionava coisas, mas eu propunha...

Você acha que a falta da figura do Cacá poderia ter causado algo?

Isso deu problema sim!

A saída do Cacá trouxe problema de identidade para a Bandeira: Quem é esse que está coordenando a Bandeira? Quem é essa pessoa? Quem ele pensa que é? Como o Cacá deixou ele na coordenação?... Como o Cacá larga e deixa na mão desse cara?!!!!... que tem opiniões próprias, que discorda... eu discordei muito de coisas do Cacá...

E que não levava chocolates?

Levei! Levei chocolates e funciona bem... Levei para a primeira. Para a segunda, eu já estava tão de saco cheio daqueles moleques, que...

Que quem precisava de chocolates era você!

Agora essa questão da paixão da Bandeira... acho que vai muito do perfil das pessoas. A Bandeira tinha uma questão de paixão, muito porque existia um imaginário de ir para um lugar distante, para mudar a vida daquelas pessoas... isso apaixona um pouco mais. Hoje, as pessoas não tem muito esse perfil: elas querem... não sei na verdade... tem gente que quer viajar, curtir uma viagem. Parece que tem gente que vai mais não gosta. Em 2014, os alunos da Fisio fizeram greve!... não queriam mais atender!... não queriam mais fazer atividade nenhuma: coletiva, visita domiciliar. Fizeram greve!! No ano passado, os alunos da Psico fizeram greve. No último dia, fizeram meio greve, porque estavam fazendo o acolhimento, a entrada, e estava uma bagunça, estavam encaminhando para onde queriam. Chegou num dado momento, que dissemos que cada conduta teria que ter um profissional para discutir. E eles estavam fazendo sem um discutidor... a ideia inicial era fazer com um discutidor, mas eles estavam ignorando o profissional. E aí os alunos da Psico se revoltaram: Psico e TO. Aí não fizeram o acolhimento, fizeram as outras atividades, mas não fizeram o acolhimento.

Não sei por que... mas não tem mais paixão a Bandeira. Um ou outro ainda tem... mas essas pessoas estão se afastando, porque existe um sentimento de... é forte... sentimento de mediocridade que tomou conta da Bandeira... mediocridade no sentido de não se responsabilizar de novo: tanto faz como fez... ah vamos lá... a gente faz... foda-se... a gente entrega um relatório qualquer. A gente que se responsabiliza pelas nossas ações, as pessoas que tentam ser um pouco mais... fazer a coisa direito, se responsabilizar, tentar escrever um bom relatório, um bom projeto... elas se isolam do grupo. O grupo

isola elas. Essas pessoas que tem grande paixão. Se exclui as pessoas que tem grande paixão, que não quer ser medíocre e ficam essas pessoas que querem... ir lá... discutir... passar um tempo... sem se responsabilizar...

... E foi também por isso que eu saí...

... Eu deixei de acreditar...

Eu sempre falava pros meninos, em 2014 eu não quero que você se matem o tempo todo pela Bandeira. Se vocês estão na Bandeira é porque vocês estão na graduação. E é importante vocês se dedicarem à graduação. Não quero que ninguém pegue DP... teve aluno que pegou DV de propósito por causa da Bandeira, para continuar na Bandeira. "Vocês não precisam fazer isso, vocês podem se dedicar aos dois"... "Teve gente que não estudou, porque estava ligando para as cidades!... Não precisa fazer isso!... Tem outras pessoas que certo que podem fazer isso, por isso a diretoria feita por muita gente. Tem que ser responsável!!! E sumiu... As pessoas responsáveis começaram a ser excluídas. E aí nisso eu comecei a perceber que não tinha mais sentido continuar na Bandeira.

E apesar de todo esse processo que ela me fez mudar na vida, pra mim hoje, ela não faz sentido e não sei se ela vai fazer... Deve fazer né... se eles estão tocando... Justamente por isso: por eu ter a paixão pela Bandeira, pela Bandeira ter me dado para eu seguir minha vida, por ter conhecido minha esposa na Bandeira.

Como foi sua experiência entre essas outras áreas?

Para mim falar que a Bandeira interdisciplinar, pra mim é balela. Ela é multi. Porque quando tem algum problema cada um volta pra sua casa... Cada um volta pra sua área.

A Bandeira me trouxe trauma com algumas áreas e a Psico é uma delas. A Psico é uma área muito difícil de lidar. Tem uma questão de formação, vocês são muito mais questionadores... pensadores. E eu sou uma pessoa muito mais prática. Pra se aproximar, como coordenador, era muito difícil, talvez por isso por ser muito prático. Vocês eram muito questionadores, a Psico era uma área muito difícil.

Com as áreas técnicas acho que é mais fácil de lidar. Com eles, até ser coordenador, eu não tinha relação nenhuma. Tinha uma relação de amizade com algumas pessoas. Com a poli, Med Júnior, e FEA antes não tinha relação de trabalho, só de amizade.

Claro que eu aprendi algumas coisas no meio do caminho: aprendi o que era uma fossa séptica ou uma fossa negra. Mas não era algo que era desenvolvido junto, a poli e fazia sozi

nha. E aí de repente falavam: "olha eu vou fazer uma fossa séptica" "E o que é isso?" E eles vão lá e explicam...

As áreas técnicas trabalhavam... trabalham mais separadas. Até entre si. O que é um problema. Porque as vezes vão fazer a mesma coisa e não se articulam.

A minha maior experiência multi, atendendo a ser inteiro, foi com a Medicina... por incrível que pareça...

Talvez pelo número de alunos muito grande, talvez pela alta demanda de dor osteomuscular... então trabalhávamos muito com eles, na atuação prática de atendimento em si. Isso mostrou pra mim até um problema de formação de médico, porque eles não sabem trabalhar com isso, podemos mostrar pra eles, mesmo quando aluno e depois como discutidor, como manejamos neste tipo de paciente... por que com

eles a interação foi muito interessante, apesar da Medicina ser historicamente fechada. Achei que com eles a interação foi muito boa.

E quando eu virei coordenador, a área que mais me deu espaço pra trabalhar foi a Medicina. Mas até do que a Fisio. A Fisio se fechou pra mim.

Das outras áreas da saúde... a Odonto É um buraco negro, é um projeto à parte... Às vezes, um diretor ou outro, numa ação individual, tem interesse em fazer uma atividade coletiva com outra área, mas isso não é nem multi, isso é colocar duas pessoas numa sala para conversar.

E tem gente que fala trans dentro da Bandeira... Quero dar uns tapa!

Com a Nutri a minha relação foi boa, eu aprendi bastante coisa. Mas também... E assim são duas áreas muito técnicas. Cada um vai ficar muito no seu quadrado. Então eu aprendi muito mais com a Nutri quando eu fui diretor, quando se trabalhava com a dinâmica da alimentação do grupo. Porque aí eu pessoa, não Fisioterapeuta, aprendi algumas coisas de manejo alimentar interessantes para minha vida, não para minha profissão.

Se restringindo bastante a isso.

Já a TO... a TO já peguei como coordenador da Bandeira. Elas foram em 2012, mas foi bem residual e eu nem tive contato... elas estavam só em três. Eu peguei como coordenador a TO, então não tem muito o que dizer.

Já a Fono... aí parece meio pessoal, eu não gosto da Fono... aí vem... de onde eu vim! Lá na FOFITO, dentro da faculdade de Medicina - o departamento de Fisio, Fono e TO, a Fono é um curso problemático lá... Não deixa as coisas acontecer... as coisas tem que ser centralizadas nelas. Então já tem um atrito que vem da faculdade.

Com a Medicina me ajudou bastante, eu aprendi bastante e pude integrar bem. Com a Nutri também, quando eu era diretor, aprendendo muito mais do que passando conhecimento. Com as outras áreas, não consigo ver nada... além de ter arrumado uma esposa!

As pessoas falam que a Bandeira é inter, mas acho que não... acho que ainda é um desejo muito... a JUS (jornada universitária da saúde) parece ser bem mais inter que a Bandeira.

Tem toda uma questão segmentada no atendimento, não é porque o atendimento é compartilhado que eu vou dizer que é multidisciplinar. Cada um faz a sua pergunta e isso não é interdisciplinar. Isso é um sonho, eu vejo que eles estão trabalhando nesse sentido hoje.

Eu participei pouco da Bandeira, mas me lembro de um grande esforço da Psico em atender junto. Eu mesma fui com a Nutri, com a Ginecologia, discutia caso... com a Fisio foram poucas oportunidades mesmo.

Mas aí tem um aspecto bem particular da Fisio, como é uma área muito técnica, ficava muito no quadrado.

Mas não nas visitas domiciliares...

É... Não! Nas visitas domiciliares... até uma época diziam que a visita domiciliar era a visita da Fisio: Fisio e amigos. Era onde a Fisio conseguia ser um pouco mais... fazia acontecer ali algumas mudanças

importantes. Mas dentro do posto, a Fisio sempre ficava muito ali... com a Medicina tinha uma boa relação.

E quando você fala, você se refere mais ao posto de atendimento e a visita domiciliar era o momento da Fisio de acontecer.

É... eu não tive muita experiência lá... eu não fiz nenhuma VD. Nem como aluno... tinham vinte alunos, fizeram uma escala e eu não fui... Eu não tive experiência de visita domiciliar na Bandeira. Na verdade eu tive, quando em 2013, fundaram o posto de adaptação. Que é aí onde tem um pouco mais de experiência multi. Esse posto de adaptação pega uma pessoa que usa uma cadeira de rodas ou algo quebrado, em mal estado de conservação, e você faz uma adaptação de baixo custo ali... como construir uma cadeira de banho de baixo custo. E aí eu fui fazer VD como discutidor para essas pessoas. Ia eu, um aluno da Fisio, às vezes um aluno da poli e a gente ia lá e fazia uma avaliação. Mas...de novo... era uma avaliação técnica daquela pessoa. E aí na expedição, começou em 2012/2013, tentando ser uma relação de parceria entre a Fisio, a TO e a poli-mecânica, que funcionou relativamente bem em 2012/2013. Então juntos eles viam casos, juntos discutiam casos e juntos bolavam uma adaptação para aquela pessoa. Mas em 2014/2015, esse trabalho que estava tendendo para o multi, que estava superlegal... ele começou a quebrar, porque aí a poli assumiu um protagonismo, já que as equipes da Fisio e da TO estavam com muita demanda no posto ou nas atividades coletivas e deixaram o posto de adaptações de uma forma secundária. Então a poli assumiu o protagonismo e começou a fazer todas as ações por conta própria. Então ia um Fisio ou um TO fazer a avaliação daquele paciente, mandava para a poli, a poli pegava aquela avaliação... que muitas vezes não entendiam... e faziam uma adaptação maluca! Então uma adaptação que começou super boa, se quebrou. Hoje, uma colega da Fisio, está conversando com os caras lá para tentar melhorar esse acordo... Foi bem chato... O ano passado mesmo foi bem chato... a poli fazia tudo.

Ou seja, é um projeto que vai e se perde... vai e se perde... vai e se perde... E nesse sentido, deve ser muito desgastante permanecer há tanto tempo!

Você vê que eram iniciativas boas, mas aí vem um novo grupo de pessoas e não gostam daquela iniciativa e faz outra coisa...

A Bandeira poderia ter uma atuação muito mais efetiva naquela comunidade, e aí eu não digo nem de atendimento... mas efetiva mesmo de proposta de um relatório bem feito, ter uma devolutiva boa... se essas experiências fossem sendo mantidas: “Pô isso foi legal no ano passado, vamos manter?”... Geralmente, todo ano, começa tudo de novo... tudo de novo... isso desgasta e isso atrapalha... Não consegue avançar...

Os docentes poderiam fazer esse papel de constantes no projeto? Isso porque isso acaba sendo a tarefa de um conselho formado por profissionais já formados que trabalham sem remuneração e por paixão...

A Fisio tinha uma docente interessada, querendo fazer coisas novas, mas aí chega a universidade e diz: “então, você produz pouco”. E ela diz: “eu gasto 30 horas na extensão”... “Foda-se! Você precisa produzir artigo, ciência, dar aula na pós.” E aí a universidade não ajuda. E aí acaba sobrando mesmo para uns... você chama de apaixonados e eu chamo de idiotas.

Todo apaixonado é idiota... se não fosse, não estariam apaixonados....

Acaba sobrando aos apaixonados. E isso é muito ruim...

O meu sonho quando eu era um apaixonado, e estava na coordenação, era contratar uma secretária para a Bandeira. Acho que muitos problemas seriam resolvidos com uma secretária, mas não conseguimos com fluxo de caixa que tínhamos. Assim alguns problemas burocráticos eu não precisava fazer, os apaixonados não precisavam fazer, e a gente poderia desenvolver outras questões dentro do projeto: com uma devolutiva melhor, uma integração interprofissional melhor... porque a burocracia da Bandeira é muito desgastante, é muito chato!

É uma burocracia que se faz todo ano, como assinar contrato com patrocinador, conversar com o diretor das unidades...

Você resume bem quando fala que a Bandeira trabalha com apaixonados, e hoje eu vejo que essa paixão tem diminuído, as pessoas apaixonadas não têm vontade de ficar tanto tempo... porque acaba sendo muito desgastante, porque tem muita picuinha... as picuinhas universitárias estão entrando dentro da Bandeira. Isso é um pouco chato... às vezes...

Picuinhas entre as pessoas, entre áreas... as pessoas têm que lutar por direitos, mas às vezes isso atrapalha... atrapalha não... às vezes a luta pelos seus direitos se sobrepõe ao coletivo. É legal você poder encaminhar a pessoa por onde ela quer, mas tem um grupo aqui e você tem que trabalhar com esse grupo.

E as picuinhas entre áreas... elas... Hoje, eu tenho dó do grupo de alunos da Medicina. Eu tenho grandes questionamentos com a atuação médica, profundos questionamentos: eles formam uma reserva de mercado, eles fazem o que querem com a saúde... Mas esses alunos de graduação hoje são massacrados, porque outros médicos fazem isso... carregam o estigma. Então qualquer coisa que der errado, a culpa é da Medicina: “a Medicina é centralizadora”; “é o cuidado médico centrado”; “a Medicina acha que pode fazer o que quer”. É lógico que tem alunos que refletem essa cultura logo no 2º e 3º ano, mas vocês não precisam começar o ano, batendo em moleques que vocês mal conhecem! Nesse ano, segunda reunião da diretoria e os moleques da Medicina já tomando porrada dos outros alunos!.. Dá dó dos meninos... e aí parece que “já que estão me dando porrada, então eu vou reforçar esse comportamento”... não sei...

E aí formam nichos dentro da diretoria, de picuinhas e... Quem é muito apaixonado se cansa...

Tinham duas meninas da Nutri super boas, super apaixonadas, e conseguiram cansar antes que eu cansasse, começam a ir sem vontade... Pessoas arrumando desculpas para não ir à reunião da diretoria, para mim é sintoma claro de que isso não está mais funcionando.

As coisas ficam mais distanciadas, nessa relação inter, que você disse, fica ainda mais difícil.

Meio frustrante, né?!

É... Esse meu final foi bem frustrante.

Pra quem ficou tanto tempo, você tinha mais paixão do que qualquer uma dentro.

2014 foi um ano superlegal!!!! Até 2014 foi muito divertido... Até metade de 2015 foi bem divertido... Daí começou a ficar pesado, estranho... E aí acabou toda vontade de continuar. E eu saí. E quando saí, foi esquisitíssimo! Porque eu tinha tempo para estar em casa à noite, eu poderia assistir séries no Netflix e ganhando a mesma coisa, pouco, mas continuo!

Não sei se eu ajudei mais do que atrapalhei...

Para mim no trabalho entre as áreas ficou muito distante, talvez pela posição que eu me coloquei na Bandeira e pela físico.

Mas quando você vem trazendo as particularidades das outras áreas, será que um outro profissional de Fisioterapia teria esse olhar?

É... É que esta posição da coordenação me fixou muito mais do que como profissional Fisioterapeuta. Por isso que eu não sei se eu ajudei o piorer a tua pesquisa. Porque eu acabei vendo este outro lado de olhar para todo mundo, da mesa de negociações, de pensar mais do que executar. E quando eu executei meu contato foi muito maior com a Medicina, eu tive maior liberdade eles. Talvez eu tivesse um contato bom com a TO, porque eu sei que a Fisio e a TO fazendo um trabalho superbom juntos, mas na minha época até TO não existia na Bandeira... Era uma TO começando.

A Psico era isolamento. Chegava na expedição, ela vira um... nicho... estão sempre chorando... Mas é que estão sempre em reunião à noite.... A Fisio também fazer a reunião à noite, mas nas reuniões da Fisio todo mundo podia se chegar lá e falar uma besteira e brincar... Já na reunião Psico... sempre existe aquela tensão, por isso que eu acho que a Psico ficava meio isolada. Teve um momento que eu brinquei com a Psico. Foi num social do meio, eles estavam numa rodinha e eu disse: "e aí quando vocês vão começar a chorar?". E eles me olharam com uma cara de "eu vou te matar!"... E eu nunca mais conversei com um grupo de Psicólogos juntos.

Perigoso?!

Vocês são malucos!!

Acho que foi uma trajetória... e você está no momento muito...

Você me pegou no momento ruim.

... muito pensativo, mas a sua trajetória da Bandeira fala de algo que fez sentido estar lá, pela sua permanência lá.

Não! Fez super sentido! Assim... 2015 e 2016 foram super frustrantes e eu carrego isso ainda. Mas aquilo que eu passei antes foi apaixonante, me fez como profissional, mudou quem eu quero ser...

ANEXO B – Entrevista com a profissional da Terapia Ocupacional

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como terapeuta ocupacional?

Eu acho que, primeiramente, a nossa formação aqui na USP ainda é muito segmentada. Então as oportunidades que você tem de estar com outras profissões, que vão estar te acompanhando no seu dia a dia no mundo profissional fora da Universidade, são muito pequenas. Mesmo meu instituto sendo composto por Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, nós fazemos uma ou outra aula juntos, não é nada multi: “esse caso vai pra Fono, esse pra TO, esse pra Fisio” ...

É tudo separadinho...

É tudo muito separado... E na prática, no mundo concreto, não acontece muito assim. E aí eu tive a sorte de poder participar de alguns projetos de extensão... A Bandeira com certeza foi um deles, o PET - que era tanto de saúde da família como de saúde mental – e a JUS também.

Sobre a Bandeira, eu acho que ela se diferencia mais nesse sentido de ser “o de fora” que vai para algum lugar. E dentro desse “de fora” existem muitas profissões... O projeto vai desde apresentar sua área, então desde você fazer o movimento de pensar sobre o que sua área faz especificamente, para conseguir apresentar para os outros, até isso de: “olha, será que não dá pra nós aprendermos juntos?”. Essa divisão entre profissões é acadêmica, serve para reserva de mercado (risos). E na prática a gente vê que faz muito mais sentido quando nós estamos juntos com outras profissões. Então a Bandeira me ajudou a olhar para TO, para conseguir apresentar para o outro e a partir disso fazer uma prática conjunta.

Você está falando de um reconhecimento de si mesma?

Sim. Um reconhecimento da própria área. Às vezes você vai achando que todo mundo conhece... não pensa que você vai ter que apresentar sua prática ou justificar porque você está lá. E na Bandeira a gente tem que fazer muito isso: justificar o porquê a gente estava lá... até hoje! Então você tem que dizer por que você está lá: “ah, a gente está aqui porque a gente também precisa de vagas, porque a gente pode trabalhar com isso e aquilo”. A gente faz isso tanto para conseguir espaço lá dentro como para conseguir trabalhar juntos.

Quando você cita os outros projetos de extensão, você teve experiências interprofissionais neles também? Me conta um pouco, eu conheço pouco o PET, porque quando ele começou eu estava em licença maternidade.

O PET foi uma iniciativa do Governo Federal. Eu participei de dois: o de saúde da família e saúde mental. O de saúde da família era esse perfil de você ir até uma UBS. O seu preceptor não precisava ser alguém da sua área e o objetivo era você acompanhar o dia a dia de uma Unidade Básica de Saúde da Família, e a implantação da estratégia de Saúde da Família. Eu participei em 2012 e 2013. A Estratégia Saúde da Família e os NASF estavam sendo implantados, e foi uma oportunidade de entender, na prática, o que é atenção primária. Eu fiquei no setor administrativo, na regulação, acompanhei consulta médica, visita domiciliar, o estágio da terapeuta ocupacional de lá, reunião de NASF. Então eu tive a oportunidade de estar em vários lugares. Quando você é profissional você não vai poder ter esse tempo de entender o que as outras pessoas fazem, de analisar as relações, como é a vida de uma ACS (Agente comunitária de saúde), entender melhor o papel etc. Lá também passava por essa lógica interdisciplinar,

porque minha dupla era uma menina da Nutrição e a gente podia propor coisas juntas. Ficaríamos com a mesma dupla, mas com a mudança de semestre, não deu, já que passamos a frequentar em períodos diferentes. Assim, acabávamos compondo com quem estava lá: estagiários de assistência social... das várias profissões... E tinham as estagiárias da Terapia Ocupacional, se eu não estava com elas, acabava acompanhando os profissionais mesmo. Para mim foi muito importante para entender, de verdade, o que é atenção primária.

No segundo ano eu fui para o PET de Rede de Atenção Psicossocial, e fiquei um ano no CAPS AD (que eu acho até que fechou), que era referência para toda essa área do Butantã, Raposo, até Vila Madalena. Foi completamente diferente, mas também entender o que é um serviço especialista dentro de uma rede, quais são as dificuldades ou não. E aí eu fiz a matéria do PET, que foi com algumas professoras que tem essa ‘pegada’ de tentar esse inter, a ensinar essa interdisciplinaridade, a aprender juntos. Então foi muito legal.

E aí a JUS foi uma experiência um pouco diferente, porque você não vai pela sua profissão. É um projeto de promoção e educação em saúde, que vão três anos para uma cidade que é próxima. Eu fui dois anos para a cidade e no terceiro ano eu fui só colaboradora. É muito diferente quando você faz uma extensão de promoção e educação em saúde, porque não tem a parte da assistência, então “borra” completamente essa parte de conhecimento específico de cada área, ou qualquer coisa assim. É um projeto que eu percebo que você vai muito mais como pessoa, independentemente dos conhecimentos da sua área... apesar das vagas serem divididas em áreas de conhecimento.

É como se a identidade de cada área não estivesse muito clara?

Isso.

E isso é bom ou é ruim?

Para mim foi bom, porque, na prática, apesar de não perceber, eu podia ver o que eu estava aprendendo no curso que contribuía para as discussões. Então... fez muito sentido... estar em contato com o mundo concreto desde o primeiro ano da graduação, te dá um outro olhar e você vai aprendendo muito. Na TO, a gente só entra no campo prático no segundo semestre do segundo ano. Então se não fosse por esses projetos eu não teria tido esse contato com a prática tão cedo. E aí se você não faz nada de extensão, você entra na Universidade às 8h, sai às 18h, e não tem nada que te incentive a olhar para o lado. Todos os projetos de extensão foram muito valiosos.

Então me conta como eles entraram e participaram da sua formação. Você está falando de uma formação que começou já no primeiro ano da TO. Você entrou no primeiro ano, bixete, e já se meteu em projetos. Como é que foi? Como isso apareceu para você?

Já na semana de recepção do calouro... Se eu estou em um lugar, eu realmente estou naquele lugar. Eu sou escoteira, e no primeiro ano eu acabei deixando isso de lado porque eu decidi que eu queria viver tudo que faculdade poderia me oferecer. Aí na faculdade eu me enfiar em vários times (futsal e handebol) e aí muito por contato com as meninas do time que já tinham participado ou participavam desses projetos de extensão, com as quais eu fui ficando amigas, eu comecei a me interessar. Você ouve falar, ouve falar, e acabei indo atrás. Tanto que a nossa ideia de enfiar a TO na Bandeira saiu por conta dessa convivência. A gente ficava muito com uma aluna da Fisioterapia, que até hoje é do conselho, e a gente via muito as meninas da Fisio e da Fono indo pra Bandeira, e a gente passou a se perguntar: por que a TO não está indo? O que aconteceu? Então acho que eu acabei entrando logo no primeiro ano nesses

projetos, muito pelas relações que eu tinha e pela vontade que eu tinha e pela possibilidade também. Aí eu fiz o processo seletivo da Bandeira e passei.

Então quer dizer que você entrou via esporte?

Isso, entrei via esporte.

E o esporte também é misturado? Fono, Fisio e TO?

Sim.

Engraçado, vocês têm essa vivência sempre misturados.

Sim, é que entram 25 pessoas por curso... Então é muito pouco. A Atlética é da Fono, Fisio e TO. Isso é tem o lado bom e o ruim. O CA também, mesma coisa.

A FOFITO acaba aparecendo em todos os lugares então. E com esse nome fofo ainda. (risos)

E nem era para ser esse nome. Era para ser FIFOTO (risos). É porque era pra ser em ordem alfabética: Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Só que os médicos acharam que ficava muito ruim, e FOFITO é “tão fofo” né... E acaba virando as “meninas da FOFITO” ... Complicado isso aí.

E como isso atravessa o trabalho de vocês nos projetos de extensão? Querendo ou não vocês trabalham com essas pessoas. Os três projetos são da USP né?

Não, o PET é do Governo Federal. Era né, porque eles acabaram cortando, não tinha verba. Pelo menos na TO eu sei que os projetos não existem mais, que eram o Rede Cegonha, Rede de Atenção Psicossocial e mais uns outros. Mas é isso. No primeiro ano foi via esportes que eu fiquei conhecendo as meninas, e fui me interessando. Desde o começo do curso eu me interessei pela JUS, que se aproximava muito de algumas coisas que eu fazia nos escoteiros. Eu super me interessei pelo projeto, aí eu passei no processo seletivo junto com outras duas meninas da minha sala.

A JUS é composta pela Medicina e...

Fono, Fisio, TO, Enfermagem, Nutrição. No ano que eu participei foram três pessoas da Psico, duas da Farmácia também.

Todos da graduação?

Sim. A JUS tem esse diferencial de ser um projeto de promoção e educação em saúde. Por isso é um projeto que você não tem contato direto com os docentes. Lá você está mais com os estudantes, porque não tem assistência. E isso traz muitos pontos positivos. Essa experiência de você estar com seus pares lá, vendo as coisas acontecerem e sem estar tão “protegido” é muito legal. Por mais que seja educação e promoção, questões são levantadas. E como é que você lida com essas situações? Aí que você entende mais a diferença entre assistência e promoção/educação e que você não está lá para fazer assistência. E isso é difícil também... Foi um grande processo para eu entender isso, acho que só lá no terceiro ano, que eu estava lá como colaboradora, eu vi isso melhor...

No segundo ano eu fui tanto no JUS como na Bandeira. Então eu consegui ver nitidamente a diferença entre os dois. Foram experiências muito importantes, para conhecer a realidade, conhecer os outros cursos, outras pessoas, entrar em outros universos, e tudo isso é muito legal. No primeiro ano meu grupo do JUS era, superdistante da faculdade, era sobre “Meio Ambiente”, então a gente fez discussão em várias faixas etárias: desde crianças da pré-escola até idosos. Foi muito louco! Claro que quando a gente vai fazer essas coisas a gente sente falta de mais mil áreas: não tem Biólogo?... não tem...? Então foi uma aventura fazer isso.

E no JUS vocês também vão para uma cidade? E ficam imerso por um tempo lá?

Isso. É igual o Bandeira. Só que o JUS acontece na semana da pátria. Normalmente são cidades bem menores que as do Bandeira, de 10, 15 mil habitantes... Nos anos que eu fui foi em Barra do Chapéu, que fica quase na fronteira com o Paraná. É depois de Apiaí. Foi muito legal ter tido essa experiência no primeiro ano, sabe? De você estar em contato desde o primeiro ano com as pessoas de todos os anos, em estágio, e chegava no final do dia a gente se encontrava e conversava sobre como foi o dia de cada um, como foi o estágio, aquela matéria que desde o primeiro já impõe medo... E isso foi me ajudando a ter mais noção das coisas.

O legal é que por vocês serem um grupo pequeno na faculdade, vocês acabavam tendo essa experiência interdisciplinar dentro da própria faculdade. O que é um pouquinho diferente dos outros Institutos, que acabam ficando meio isolados. Então talvez não tenha sido muita novidade para você a proposta interdisciplinar desses projetos de extensão.

É e não é. A gente tem algumas matérias juntos com a Fono (Fisiologia e Anatomia), com a Fisio e a Fono (Neuroanatomia). Nem sempre ter o mesmo espaço é o suficiente para que uma prática inter aconteça. O pessoal da TO ficava com o pessoal da TO, o pessoal da Fono com o da Fono, e da Fisio com a Fisio. Os professores direcionavam as discussões de caso para cada profissão, não tinham a ideia de misturar as pessoas.

Ah, que pena!

É muito louco. Na faculdade a gente vai percebendo como a formação acaba influenciando a gente. Dentro da FOFITO, a TO é “de Humanas”. Aí sempre o maior número de alunos do CA, a maioria dos alunos que se mobiliza nas paralisações, é da TO... Muitas vezes fica conflituoso mesmo o clima entre os cursos... A TO, por exemplo, querer parar estágio e a Fisio não... Na verdade é bem complicada essa questão lá dentro.... São mundos completamente diferentes. E a Atlética e o CA são juntos. Só que como a Atlética tem um objetivo externo, fica mais fácil a convivência e os acordos. Todo mundo tem aula das 8h às 18h, então os horários de treino tem que ser depois das 18h. Já o CA, que trata mais de questões acadêmicas, os acordos são mais difíceis. Então, apesar da gente morar no mesmo bloco, se você não tiver um amigo ou o mínimo interesse, você não vai ficar sabendo o que o colega está aprendendo na sala do lado, ou porque a gente tem aula de brincar...

Me conta um pouco como foi sua experiência na Bandeira.

Na Bandeira, eu aprendi muito, mas foi muito pela dor também. Eu tinha a experiência da JUS, na qual eu não precisava ficar explicando o que é TO, tinha 10 vaguinhas para TO... era equitativo... assim como para todos os outros cursos também eram 10, não importava muito as especificações das profissões. Sobre a Bandeira, eu e algumas amigas ouvíamos o pessoal falar da Bandeira e não

entendíamos: por que a TO não está nisso?! A gente é uma profissão também, né?! Então a gente se juntou e foi pensar porque não estava. Aí a gente escreveu um projeto. Pedimos para as meninas da Fisio emprestarem os projetos de alguns anos deles para darmos uma olhada e entendermos melhor como era. Olhando esse projeto a gente foi levantando os furos e pensando em como a gente podia contribuir com esses furos a partir da nossa formação. A gente escreveu 10 propostas de intervenção, para além da assistência... além de atender no posto, o que mais a gente poderia contribuir. Daí fomos numa reunião do conselho com o coordenador e tivemos que ouvir que a gente era um “balaio de gato”, que a gente misturava Psicologia com Serviço Social e Fisioterapia. Então para a gente conseguir entrar a gente teve que “botar o pé na porta” e dizer que também somos importantes. Foi completamente ao contrário da experiência que eu tinha tido no JUS e foi bem dolorido. Eu percebi que eu escolhi uma profissão que eu vou ter que explicar toda hora o que é e o que faço, e que não é simples. E aí eu fui tendo a dimensão: você está na balada, conhece alguém e diz e se apresenta como aluno de administração para não explicar o que faz. Na verdade, as pessoas conhecem o que as profissões fazem e, por TO não ter muita divulgação, ter pouco número de profissionais, fica mais difícil das pessoas saberem.

Como se lá no mundo de fora tudo bem, mas o choque para você foi encontrar isso...

Foi muito chocante. Dentro da Faculdade de Medicina, sabe? Nessa reunião o conselho levantou duas propostas para gente trabalhar, além da observação no posto de atendimento, que eram: o lúdico e o levantamento de pessoas com deficiência – projetos que já aconteciam. O lúdico a gente conseguiu fazer dentro do posto da Odonto: que é uma proposta de um levantamento lúdico na região. Lá era uma região com muito trabalho infantil, então nossa busca era para entender o repertório lúdico das crianças, como esse trabalho acontecia, enfim, através do brincar fazer esse levantamento.

Além disso, a outra intervenção era uma “bola de neve”: fazer o levantamento das pessoas com deficiência e perguntar a elas como era o acesso delas à rede de assistência. Foi uma experiência muito legal. A gente começou com a indicação de 3 pessoas, e aí cada pessoa com quem a gente conversava indicava mais 3 pessoas. E era engraçado porque o endereço que eles davam era tipo “o Zé da esquina do Bar Piragi”. Aí a gente tinha que ir lá, procurar o Bar Piragi, perguntar se alguém conhecia o Zé. Nisso as pessoas falavam “ah, o louco”, “ah, o deficiente”, sabe? Quando a pessoa não tinha muito acesso ficava mais difícil ainda de encontrar. Quando ela aparecia no posto eu dizia “que bom, estava te procurando!”. A gente fez junto com a Fisio, e foi uma experiência muito legal. Esse foi nosso primeiro ano. No segundo ano, a Luiza se formou, aí eu fiquei sozinha.

Ou seja, no primeiro ano foi um projeto junto com aquela área que vocês já conheciam: a Fisio.

Mais ou menos. Porque a gente ficou no posto para acompanhar e tentar entender o tal fluxo do posto. A gente acompanhou todas as reuniões da diretoria. Então... tanto eu como a Luiza éramos área e éramos também diretoria, nós éramos tudo. Daí a gente convidou a Dani para pensar junto. Ela por ser muito próxima das meninas da Fisio conversou com elas sobre o que é um discutidor, e isso foi ótimo. Ajudou a gente a pensar o projeto. O que a gente apresentou tem muito a ver com a minha formação e com a dela. Outras duas outras meninas também ajudaram muito a gente, mas elas não puderam ir. Eram só duas vagas e uma de discutidora.

Na imersão, a gente ficou se dividindo entre períodos no posto e outros nas outras atividades. A gente fez também uma atividade de promoção e educação em saúde junto com a Poli, que era sobre meio ambiente e tinha uma questão do brincar envolvida.

Foi isso: atividade de promoção e educação em saúde com a Poli; o levantamento com a Fisio; e o lúdico no posto da Odonto. Até hoje isso é uma questão, porque nós não estamos lá para humanizar o serviço da Odonto. Nós estamos lá para fazer nossa atividade, mas lá é o único lugar que a gente acha

crianças com facilidade. Os pais não vão levar os filhos para brincarem com o pessoal de uma profissão que eles nem conhecem. Mas para o atendimento de Odonto eles vão. Na verdade nossa atividade era pensada tanto para os adultos como para crianças. A ideia era levantar com os pais quais eram os repertórios lúdicos deles, se eles tinham ou não esse momento de brincadeira com os filhos, o que era brincadeira para eles, ou se eles não tinham esse repertório presente, eram mais atividades de trabalho. A gente tinha essa proposta, mas na história do Bandeira a gente sempre conseguiu fazer muito mais com as crianças do que com os pais, porque eles vão, deixam as crianças e vão embora.

Em 2012 a gente conseguiu atender nos postos algumas vezes, e isso deu um start em que eu falei: “é isso!!” Eu lembro que eu falava para a Dani, quando estava no segundo ano: “Dani, eu posso atender tudo com você, menos saúde mental”. Eu morria de medo de fazer alguma coisa errada. E aí um dia a Luiza estava atendendo uma criança, e chegou uma senhora que estava muito agitada. Todo mundo ficava falando: “ah, ela está em surto, está em surto, chama o pessoal da Psico”. O pessoal da Psico estava lotado, aí a Dani me falou: “então, lembra que você disse que você não queria? Eu acho que você consegue. Vai lá”. Aí eu fui, morrendo de medo, e isso me marcou muito. Eu lembro que eu fiquei quatro horas e meia com a senhora, entre sair do posto, dar uma volta, falar com a família, enfim para, quando ela conseguisse um atendimento e um encaminhamento para Rede, ela pudesse ter um resgate histórico. Ela tinha uma história muito não linear, então a gente conseguiu falar com a família e com isso conseguimos costurar a história dela. Foi uma experiência que me marcou muito, eu achava que não ia dar conta, e a discutidora dizia “vai sim, qualquer coisa eu estou aqui”.

A gente entrou em poucos atendimentos, esse foi um deles. A gente entrou em alguns de idosos, com questão de perda de memória, a gente entrou com crianças, com problemas de desenvolvimento e pessoas com deficiência, na parte de reabilitação física junto com a Fisio. Acompanhando esses atendimentos, mas não compondo muito oficialmente ainda, a gente conseguiu entender o que o posto faz.

Aí no ano seguinte, 2013 em Pedra Azul, a gente conseguiu inserir um pouquinho mais formalmente nosso trabalho. A gente ainda não estava nos postos todos os dias, mas a gente já conseguiu quatro vagas. Fomos eu, a Dani, a Carla e duas discutidoras. Foi um ano difícil, porque antes ia ser Borba, mas acabou mudando para Pedra Azul. A gente tinha se preparado para uma cidade, tínhamos conversado com pessoas lá na pré-visita, enfim. 30 minutos

A gente conseguiu melhorar um pouco a proposta do Posto de Adaptações, nos juntamos com a Fono e a Fisio, e entramos para participar e apoiar. No primeiro ano a gente foi um ou dois dias para ver como funcionava. Adaptação de baixo custo também é uma área da TO, só que a gente que era da TO naquele momento não conhecia muito do que se tratava, então fomos pouco. No segundo ano a gente entrou com mais força, trabalhando nessas frentes: lúdico, deficiência, assistência nos postos e educação em saúde. Eu nunca entendi a prioridade da TO no Bandeira estar no posto. Apesar de isso ser contra a lógica biomédica, mas eu achava que a gente tinha muita potência em outros lugares. Mas com o tempo, se você quer ser reconhecido, você tem que ceder um pouquinho para essa lógica mais biomédica, de estar no posto. É interessante, mas eu fico pensando para a população...

Mas essa lógica é ditada por quem? Porque vocês começaram a TO na bandeira.

Sim, mas pra gente conseguir vaga a gente tinha que ter número x de atendimentos. Como é que a gente consegue um número de atendimentos? Nos postos. Como é que a gente justifica levar pessoas? Com esses atendimentos

Não eram considerados como atendimento o número de crianças que vocês atendiam na Odonto?

Não. Algumas crianças que a gente atendia na Odonto podiam virar atendimentos que a gente fazia no posto, aí contava como atendimento.

Engraçado, porque isso depende do conceito de atendimento. Porque vocês estavam atendendo pessoas também, em outras modalidades. O que é atender, né?

Sim, concordo. Mas nunca foi contabilizado.

Vocês nunca pararam para pensar que poderia ser? Ou essa discussão não tinha a ver?

Essa discussão não chega a acontecer. Porque atendimento dentro da Bandeira é entendido como posto de atendimento. A Psico e a TO são as únicas áreas que olham para a Assistência Social, então me chocou um pouco ver que a gente não mexia nesse outro sistema (SUAS) que é tão importante quanto o SUS. No último dia de Afogados, teve aquela apresentação de frevo. Já que a Bandeira insiste na ideia de ir para lugares que tenham uma cultura diferente, eu e as meninas da TO tivemos a ideia de fazer um sarau. Sarau também é saúde, é você valorizar a cultura local, os artesãos... No dia do sarau a gente convida os artesãos, o pessoal que trabalha com economia solidária para exporem os trabalhos e a gente conhecer e ter acesso, ou mesmo comprar. Já que estamos em 200 pessoas naquela cidade, vamos aproveitar também o que eles têm a nos oferecer. Essa briga do sarau sempre foi muito grande, foi uma coisa que eu sempre insistia que era importante. A gente foi encontrando parcerias: a Psico foi uma parceira muito grande, a Odonto também... fomos ganhando parceiros no micro..., Mas teve que ser muito no micro para acontecer.

Em 2013, eu fiquei sozinha na diretoria grande parte do ano, e foi muito, muito difícil. Não recomendo para ninguém. Então é muito importante ir encontrando parecerias. Tudo que a gente conseguiu de espaço foi costurado no micro. Por isso que nossas atividades sempre foram muito borradas. Não tem um posto da TO, por exemplo.

Quando você fala de difícil, foi difícil como?

Difícil ter que ficar explicando porque nossas ações também são importantes. Ter que justificar porque somos tão importantes quanto a Medicina, porque é importante ter vaga para TO. A gente precisava justificar absolutamente tudo que a gente ia fazer. Isso foi muito cansativo, mas me faz cavar referências bibliográficas, mergulhar na teoria para eu poder me justificar. Então tinham perguntas do tipo “ah, porque vocês precisam x pessoas pra essa atividade?” Aí tínhamos que dar todos os motivos, explicar o que cada uma faria. Ou “porque essa atividade é importante?”. Por isso, isso e aquilo. Foi muito cansativo nesse sentido, e por isso que eu digo que foi dolorido. Mas foi um dolorido que depois eu consegui transformar numa coisa boa.

Em 2013, nós conseguimos uma equipe com 5 pessoas, duas a mais que no ano anterior. E no processo de seleção nós avisamos que a pessoas que fosse para a Bandeira naquele ano teria que continuar no ano seguinte. O processo seletivo não foi muito bem um processo seletivo. Eu fui apresentando o projeto pela TO e convidando quem quisesse para compor e que quando saísse o número de vagas, que provavelmente seriam duas - porque uma só não dava mais -, veríamos quem ficaria com as vagas.

Então diminui o número de vagas?

Não, nós éramos três, no primeiro ano: duas alunas e uma discutidora. No ano seguinte, minha dupla se formou e eu fiquei sozinha como diretora, então eu precisava de pelo menos duas alunas para continuar, porque não dava para ficar só uma pessoa. É enlouquecedor pelo volume de trabalho, por todas as coisas

que você tem que fazer. Eu estava atendendo no posto, aí vinha o Secretário de Cultura me procurar para falar sobre o sarau, tinha a atividade de educação que era com os professores, enfim. Isso foi meio adoeceador, tanto que no último dia da imersão eu passei muito mal. Aí eu falei: “bom, não dá para uma pessoa só fazer isso, preciso de pelo menos mais duas estudantes. Eu e mais duas”. Com isso a gente conseguiria se dividir em mais de uma atividade. A gente também precisava de pelo menos duas discutidoras. Isso é a equipe mínima da mínima para conseguirmos ir e oferecer um bom trabalho. Graças às parcerias que a gente fez nós conseguimos ir: “eu abro mão de uma vaga para vocês levarem mais uma”. Isso é uma luta até hoje.

Aí, em 2014, eu fiquei mais nos backstages. Eu não cheguei a ir para a cidade. Eu só voltei para o Bandeira ano passado, agora formada, como discutidora. E quando você vai como discutidora a experiência da Bandeira muda, o que é muito louco. Quando você vai como discutidora, a Bandeira muda! E eu fui a única discutidora da TO que já tinha participado do projeto como aluna. As outras duas discutidoras eram da parte de reabilitação física. Eu era discutidora da parte de social/desenvolvimento infantil/saúde mental; e as meninas têm formação específica em reabilitação física, órtese - coisa que eu não sei muito. Quando eu estava no posto e chegava um monte de pessoas candidatas a fazerem órtese para mim, a gente tinha que remarcar e tal. Foi muito legal essa experiência, porque dentro da nossa formação aqui na USP a gente é formado para o campo social e da saúde mental. A nossa parte de reabilitação física fica bem falha. E na Bandeira eu pude aprender muito com as meninas.

Mas como eu já passei pelo processo da Bandeira como aluna, agora como discutidora eu não consigo “desver” o que a diretoria está passando, ou quais são os furos do fluxo de posto. Você não consegue desligar o botão de não analisar o que está acontecendo no projeto como um todo, mesmo você estando ali com um papel muito específico. E aí quando você está ali como discutidora fica muito na cara que a proposta da Bandeira é o aprendizado do aluno. Quando você é aluno, e tem uma certa capacidade crítica, você tem uma noção. Mas quando você vai como discutidora, só para isso, isso fica muito claro. Foi muito complementar ir como discutidora.

Eu estava formada há um ano, e no campo da saúde mental a gente atende junto com outras áreas. É mais fácil o diálogo com o pessoal da Psicologia, sabemos que podemos atender juntos. Mas com a Psiquiatria ainda é muito difícil, sobre sentir que a gente pode encaminhar, que pode atender juntos, que a gente está juntos também. Antigamente as pessoas passavam primeiro pela Medicina e depois iam para as outras áreas. Hoje em dia o fluxo mudou. Primeiro tem o acolhimento, que é feito por uma dupla interprofissional, por exemplo um aluno da farmácia e um da TO, aí eles discutem com o discutidor da med.

O discutidor é da Medicina obrigatoriamente?

Não. Pode ser qualquer um. Na verdade dentro da sala dos discutidores tem uma conversa sobre quem vai ser o discutidor que vai discutir acolhimento. O certo é isso, mas nem sempre é assim. O combinado era esse, nem todo mundo cumpriu o combinado. E aí era para ser elencados três discutidores para discutir acolhimento.

E na realidade aconteceu o que?

Todo mundo discutia tudo. E a gente tinha que prestar muita atenção se os alunos da Medicina, que estavam fazendo acolhimento, não iam procurar só os discutidores da Medicina. Então a gente tinha que ficar de olho nisso o tempo todo. Aí nessa discussão a gente tinha que perguntar para pessoa o que ela queria passar, qual era queixa principal, e aí a gente discutia com os alunos quais eram as áreas que eles achavam que a pessoa tinha que passar e o porquê, e depois disso vinha o encaminhamento. Então não necessariamente a pessoa tem que passar pela Medicina. Houve alguns casos que vieram diretamente

pra gente da TO, alguns casos que a gente atendeu junto com a Psico, que não queriam passar pelo médico...

Quer dizer, uma baita experiência. E dava certo?

A ideia era boa. Algumas vezes teve um gargalo, porque juntava muita gente no acolhimento. No começo do posto ninguém está atendendo, então todo mundo pode acolher. Quando os acolhimentos começam a chegar para o atendimento, não tem mais ninguém para o acolhimento, e aí começa a juntar acolhimento. E aí não tem gente, porque as pessoas estão atendendo e os atendimentos demoram. Então ficou um gargalo mais para o meio, final do posto. Aí os discutidores tinham que ir fazer isso, com outro discutidor como dupla. O que também é legal. Não é exatamente o seu papel lá, mas o papel do discutidor pode ser discutido também, nesse sentido.

Foi muito legal essa proposta nova de acolhimento. Não é todo mundo que gosta. E mesmo com essa proposta tem casos que não dá para entender porque passam só por uma área, porque não fazem atendimento conjunto. A gente foi fazer reunião de contra-referência no CAPS, aí eu levantei uma ficha e pensei: ‘por que essa pessoa passou só pela Medicina?’. Era um caso megacomplexo, não tinha nada escrito sobre a vida da pessoa, só eram informações da psicopatologia. Então ela mora com quem? E o CAPS falou: não tem essa informação. Ainda tem essas falhas, mas acho que com o tempo essa lógica vai ser quebrada. É tudo processual.

Quebra de lógica você se refere, é à própria da Medicina mesmo? Ou outras áreas entram nisso?

Acho que todo mundo entra na lógica biomédica. É muito fácil você entrar nela. O posto vira prioridade muito rapidamente, se você não prestar atenção. O que eu sempre procurei levar para as meninas da TO foi uma reflexão sobre o nosso papel no posto, sobre por que a gente está lá. Eu entendo que é uma coisa concreta, que a gente precisa mostrar esses atendimentos para justificar as vagas, caso contrário a gente não tem vaga no ano seguinte, ou não teria dinheiro para comprar termoplástico no ano que vem, enfim. Essa é uma discussão que eu, como discutidora que conhecia a Bandeira, conseguia levar para o grupo. Mas é muito fácil essa discussão não acontecer. É muito fácil você falar: “ah, mas a gente vai ter que fechar posto esse dia, então não vou fazer aquela atividade outra”. Então se tiver que fechar posto, vai fechar posto. Se tiver que fechar alguma coisa, para mim é o posto, apesar de tudo. Eu acredito que a potência da Bandeira são algumas atividades que não estão tanto no posto. Eu acho que isso pode acontecer, que o posto tem sua potência, mas assim...

Você acha que o posto tá ligado a essa força vinda da Medicina?

Acho que sim. Porque as pessoas chegam lá por queixa.

Elas não vão por demanda.

Não. A atenção primária marca essas consultas pra elas nos postos, por conta de alguma coisa. Vendo bem de fora, agora que eu estou na Rede de Saúde, eu vejo como é importante para própria Rede um fator externo, como a Bandeira, para facilitar a comunicação. Ela marca uma reunião de atenção primária, secundária e terciária juntas, porque esse momento não acontece. Mostra a importância dessas pontes serem feitas. Eu acredito muito na importância do projeto, como uma pessoa que está vivenciando uma Rede de Saúde hoje. Puts, ia ser muito legal se viesse um projeto assim. Às vezes, quando a pessoa de dentro tenta fazer isso, isso não é validado. Santo de casa não faz milagre, né. Quando vem a galera da USP, de fora, isso é validado de alguma forma, entendeu? Eu acredito muito nessa potência da

Bandeira como articuladora de Rede, na verdade. Eu acho que dá para fazer isso nos casos, mas é muito no micro.

É, nos casos acaba ficando muito mais ligado à formação mesmo...

Sim. A pessoa vai lá, o aluno atende, aí deixa a pessoa esperando, vai discutir, demora meia hora, 40 minutos - porque a discussão é densa -, volta, enfim.

E o cliente não participa dessa discussão.

É. Apesar de ser apresentado para a pessoa que “olha, eu sou estudante, eu vou discutir seu caso e a gente vai vir com uma proposta, e você pode aceitar ou não”, é diferente de participar de fato. Enfim, eu acredito nessa potência da Bandeira como articuladora de Rede. E quando você está no posto isso acontece no micro.

É engraçado, porque você tem uma noção clara do que você acha desse trabalho interdisciplinar, do que você acha que funciona ou não na atenção primária... e agora que você está na Residência eu não sei o quanto isso se mistura... Aí eu fico pensando: o que esses projetos te trouxeram, o que isso traz para sua formação? O quanto esses projetos de extensão tiveram força dentro da sua formação como terapeuta ocupacional?

Puts, às vezes dentro da sala de aula eu só conseguia achar sentido nas coisas que eu aprendia porque eu estava nesses projetos, pra ser bem sincera. Porque quando você está longe da realidade concreta, porque você vai estudar fisiologia cardiorrespiratório? E aí quando você vê a pessoa, com afeto, com corpo, com história, isso deixa de ser um estudo de caso e ganha uma concretude que faz você ver o sentido da sua formação.

Durante a graduação é muito normal ter evasão da turma da TO, ou pessoas com muitas crises sobre os motivos de estarem fazendo TO, sobre o fato dessa não ser uma profissão reconhecida. Mas eu não tive isso, acho que justamente por conta dessa possibilidade de circular na atenção primária, acompanhar o trabalho de uma TO no NASF, acompanhar outras profissões, enfim...

Olhando para trás eu vejo que eu pude acompanhar muitas lógicas diferentes e muitas profissões diferentes, mas sempre estando no cuidado com o outro. E aí quando você tem o cuidado com o outro como centro, e não as especificidades de cada área no centro, as coisas fazem sentido. Eu acho que é por aí. Então eu tive muita oportunidade de ter contato com o cenário prático, onde faz sentido o cuidado junto....que eu não vou dar conta, eu sempre preciso do outro... seja do outro serviço, de um outro me ajudando a pensar, um outro vendo outras demandas e possibilidades que quando eu olho para o mesmo caso eu não vejo. Eu acho que é nesse concreto do cuidado com o outro que se faz sentido o interprofissional e as formações diferentes. Eu tive muita sorte.

E na UNIFESP, na Residência, não existem discussões de núcleo. Então lá é completamente transdisciplinar, as aulas são todo mundo junto, a supervisão é interprofissional. E as vezes até eu, que já passei por esse processo todo, fico em crise. Às vezes, você faz um trabalho tão em comum, que você não consegue ver o específico.

É, você se perde, né?

É, isso mesmo... Aí tem hora que está tudo bem, mas tem horas que penso: “porque tem 8 psicólogos no CAPS e um terapeuta ocupacional e um assistente social?”. E daí eu fico triste. Mas depois eu penso

melhor... Acho que essas crises sempre vêm em momentos em que ... por exemplo, o CAPS está sem TO porque a TO está na gerência. E aí você pensa: “poxa, a gente faz parte da equipe mínima”, e você percebe a diferença da equipe. É muito doido isso. Você percebe quando tem uma equipe que é mais inter e, portanto, tem uma mistura de profissionais, e também quando tem vários profissionais de uma mesma categoria. Eu fiquei em um CAPS que tinha muito psicólogo, e aí eu tive que aprender psicanálise “na marra”, porque se eu não soubesse do que eles estavam falando, eu não conseguiria me fazer entender.

E não tinha um esforço para o diálogo?

Não, não tinha! Porque é isso... você é residente... quem é você “na fila do pão”?

Mas porque você é um residente não tem um esforço para se comunicar ao outro?

Não, não é isso. A questão é que eles ficavam falando muitas coisas de psicanálise. E eu falava: gente, me explica o que é isso. E toda hora eu tinha que ficar fazendo isso.

Então, não era feito esse esforço de perceber que a sua linguagem é diferente da deles.

Sim, dava vontade de começar a falar “TOsês” também (risos).

Exatamente!

É muito doido isso! (risos).

É isso que eu estou querendo dizer... É perceber que o seu modo de falar é diferente, e mais do que diferente, ele tem um vício, e esse vício não é compreendido pelo outro.

Sim. Por ter muita galera da psicanálise, eu tinha vontade de virar para o meu preceptor da TO – e falar: “vamos falar “TOsês aqui e ver se eles percebem que eles estão falando só entre eles”. Toda hora eu tinha que perguntar: “o que é nome-do-pai? Não estou entendendo.”

Nossa, nesse nível assim?

Sim, nesse nível.

E assim eles chegavam a que conclusão?

Até hoje eu não sei (risos). Algumas vezes fazia sentido, outras vezes eu achava que não fazia tanto sentido.

Mas isso você encontra mais lá na Residência do que nos projetos que você estava na graduação?

Sim.

E você percebe porque tem essa diferença?

Eu acho que nos projetos tem pessoas em formação ainda. Quando você tem a possibilidade de conhecer o outro quando você está sendo formado é muito diferente de você conhecer o outro quando você já está formado. Essa experiência durante a formação deveria ser obrigatória.

E aí a minha pergunta é: como discutidora você percebeu isso? Na Bandeira.

Sim

Com o resto dos discutidores?

Sim, sim!

Como é que apareceu isso para você?

Acho que isso apareceu quando eu ia apresentar a área para alguns discutidores, de áreas mais específicas, principalmente da Medicina, tipo a fisioterapia, sobre o papel da TO, os trabalhos que desenvolvemos, por exemplo. Aí eles também falavam o que estavam fazendo lá, quais os trabalhos que estavam desenvolvendo. Acho que o diálogo vem muito mais fluido com os discutidores de Medicina da família e comunidade, porque acho que são pessoas que tiveram contato com outras áreas. Mas quando eu percebia que era um discutidor que ficou muito dentro da própria área, não sabia o que era TO, tipo: "ah, vocês vão ocupar as pessoas? Não trouxeram madeira para fazer um artesanato?", aí a gente tinha que nos apresentar, explicar o que fazíamos, e aí sofriamos mais resistência. E é muito diferente quando você tem um aluno. Quer dizer, acho que tem alunos que tem posturas diferentes, mas...

Quando você está falando da Bandeira, quando você ainda estava tentando se colocar na Bandeira como TO, você se percebia ainda por trás de um referencial teórico. Isso é trazer uma linguagem. Isso é recorrer a uma linguagem que te distancia daquilo que você está falando, mas para se colocar. Isso me chama atenção... Como diretora não, isso você quando estava querendo entrar como TO. Depois do balde de água fria que vocês levarem, era quase como se eles convocassem vocês a se mostrarem como gente grande. É isso?

Sim, foi bem assim. Foi preciso bancar que era importante e que para mim fazia sentido.

Ou seja, a gente banca pela teoria. É isso?

Foi pela teoria e foi pela prática. Em São Paulo, você tem que bancar pela teoria. Lá na imersão, você tem que bancar pela prática.

Pela ação.

Sim, pela ação. E aí na ação que algumas pessoas vinham e falavam: "ah, entendi mais ou menos o que é TO, depois de ter atendido um caso junto com vocês". Para justificar as vagas você tem que recorrer à teoria. Mas é na ação que você vai encontrar o sentido da teoria, de uma área... Tiveram muitas meninas da Medicina que falavam: "ah, acho que estou começando a entender o que a TO faz". Mas isso vem do fazer, né.

Bacana... É interessante como esse verbo "bancar" aparece bastante... Parece que você tem que bancar sua própria existência, o sentido da minha presença nesse lugar?

Tem um texto muito interessante que eu li na Residência, que fala desse paradoxo. Ele fala que para as profissões existirem, você precisa fazer uma reserva de mercado, com atos exclusivos de cada uma. Mas quando você faz o trabalho na prática, isso perde um pouco o sentido, porque a pessoa é uma só. O mercado, na forma como ele se dá hoje, faz com que as profissões tenham essa disputa de mercado. Isso é uma discussão. A outra discussão é quando você fala de integralidade do cuidado, da pessoa e do concreto. Tem uma lógica que atravessa o cuidado – a da fragmentação – que não faz sentido quando se faz o cuidado. E eu *super* vejo isso. O processo da Bandeira faz pensar muito nisso. Eu tenho que ficar

justificando, justificando, justificando o que a TO faz, sendo que na ação o estar junto faz muito mais sentido, as áreas são super complementares.

Nesse ano a gente quase não teve atendimento só da TO. Eles estão fazendo questão do atendimento compartilhado. Então colocam, por exemplo, Medicina, Fisioterapia e TO para atender um caso só. Ou Psico e TO para atender um caso só. Acho que esse é um passo muito importante. No cuidado concreto faz muito sentido estar junto com outras pessoas, mas não como pessoas de áreas específicas. Você sempre leva sua carga teórica, mas o mais importante é estar com a pessoa naquele momento. Eu via isso muito no CAPS, as meninas da limpeza sendo coterapeutas. Na Bandeira fica muito forte esse processo de você ter que justificar, porque você precisa de tantas vagas, ter que bater o pé e bancar, só que isso na prática não faz sentido. Quando você vai estar com o outro isso não faz sentido.

E é interessante como você está vivendo isso com a Psicologia lá no CAPS, né?

Pois é. E a Psicologia que sempre foi uma parceira.

Sempre foi um parceiro, e sempre foi um parceiro na busca pelo espaço também.

Sim, sempre foi. A psico sempre compartilhou as mesmas questões. A gente percebe que as áreas que normalmente tem uma crítica maior e não ficam nessa loucura de atendimento, são áreas que sofrem mais para conseguirem vagas. Acho que isso tem mudado um pouco, o perfil da galera da Medicina tem mudado, e tal, mas enfim.

E agora você está em um momento, de novo, de ter que brigar pelo seu espaço.

Agora eu estou em um CAPS infantil, e no infantil a TO tem um lugar mais sedimentado. Mas no serviço que eu estava antes, de adulto, fica muito fácil você cair na lógica comum de trabalho – que é muito comum. Eu acho que a potência que a gente pode trazer é trabalhar com muitas linguagens. A gente tem uma formação que explora muito a linguagem não verbal, e acho que isso é muito importante dentro da parte de saúde mental. E acaba que você é engolido por um trabalho em que você tem que fazer plantão, tem que fazer acolhimento e consegue pouco desenvolver isso. E quando você só tem um profissional, ele fica preso nesse trabalho e não consegue... E quando você tem 6 psicólogos e 1 TO, o trabalho que é desenvolvido no serviço ganha muito essa característica... por exemplo, quando eu fui fazer uma oficina de culinária, e a intenção era conversar sobre: “com quem você come, comer te lembra o que, etc”... Era entrar um pouco nessa análise de atividade, que é como a gente chama. E aí quando eu ia fazer com a galera da psico, acabava virando mais uma roda de conversa, e aí mudava a característica do grupo. Era muito interessante observar isso. Aí nas férias eles saíram e aí deu uma diferença muito grande quando eu fazia o grupo com os profissionais, ou com o AT- que é muito da prática também. Quando era com o pessoal da Psico, mudava o “click” do grupo. E isso eu só fui entender no final, quando eu estava saindo: Ah! É isso que aconteceu!!!” Então a característica do serviço tem muito a ver com os profissionais que estão nele.

Eu acho que o que você está falando é de uma dificuldade de se colocar, e de colocar o modo que você acredita.

Sim. E que pode somar. Não é excludente. Acho que quando você está dentro do mercado as coisas ficam muito agressivas. E é importante saber que a gente pode fazer junto. Eu acredito muito no fazer junto. Mas está todo mundo tão nervoso de ter que garantir o seu, que quando você fala “eu não estou aqui para roubar o seu, eu estou aqui para fazer junto”, as pessoas se assustam. Isso é muito triste e

doido. Você fala “eu quero entender como você faz, você entende como eu faço e a gente pensa em alguma coisa juntos”.

E você acha que isso é só reserva de mercado? Eu fico pensando o quanto isso não é uma necessidade de se encontrar, de ter uma identidade para se achar encontrado no mundo e não ter aquela sensação de estar perdido, sabe? Então o cliente me assusta, mas o “nome-do-pai” não. O nome-do-pai é muito mais próximo a mim, do que o coitado do cliente que está sofrendo. Percebe? E aí eu vou me encontrando no desalojamento do encontro com o cliente, porque ele desaloja a gente – ainda mais no CAPS -, tira a gente do lugar, porque a saúde mental é assim.

você é tirado do lugar toda hora...

É o tempo inteiro. Se você ficar dentro do lugar, você não está dentro da saúde mental. Eu lembro que você falou que não queria atender na Bandeira saúde mental. É por causa disso! É difícil mesmo de estar.

Eu estava no segundo ano, eu tinha medo, eu sabia disso

É incômodo, é desconfortável, é você se sentir exposta, porque uma pessoa em surto não tem essa noção de diferença corporal, ela invade seu espaço.

Ela invade seu espaço, seu corpo.

É difícil, é muito difícil. E aí nesse movimento de “me perdi”, a teoria é um modo de encontrar uma certeza. E entro no blábláblá da teoria.

É verdade. As pessoas se sentem também muito solitárias na prática de trabalho. Em Santos está rolando uma tentativa de implementação de OS, então está todo mundo muito assustado... E a gente como residentes chega nesse lugar de tentar entender o que o outro faz e tentar fazer juntos. É muito louco que a gente sai desse lugar de estudante, que é supercrítico e você vai para a Residência que é trabalho, trabalho, trabalho.... E aí quando vê você entra na lógica do trabalho, e pensa: “não posso entrar nisso, é isso que eu não gosto, perai”. E aí eu tenho que voltar e fazer o exercício de pensar porque as coisas estão assim. Acho que a Residência tem sido muito essa experiência.

ANEXO C – Entrevista com a profissional da Psicologia

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como psicóloga?

Eu participei três anos do projeto: em 2010, 2011 e 2012. E eu fui tendo uma participação diferente a cada ano. No primeiro ano, eu comecei como bandeirante. No segundo, eu era bandeirante também, mas como eu já tinha um ano de projeto, eu atuei ali de um jeito mais próximo da diretoria. E no último ano, eu fui diretora. E foram três experiências completamente diferentes.

No geral, eu acho que foi extremamente importante pra minha formação como psicóloga. Eu vejo como ganho maior em aprender a dialogar com o diferente, trabalhar com as outras áreas era o maior ganho. Porque ao fazer isso, eu percebia que era próprio da psicologia e que, de alguma forma, não era tão claro antes da bandeira. E também aprendi a como eu tinha que falar sobre psicologia, para que as outras áreas conseguissem entender, algo que profissionalmente fazemos o tempo todo. Tanto quando você fala com pessoas de outras áreas do seu trabalho, como quando no seu trabalho você interage com outros profissionais. Eu acabei indo para a área hospitalar logo em seguida, e pra mim foi extremamente importante que eu já tivesse um pouco desse treino: entender qual é o papel da psicologia no trabalho multiprofissional, quais eram as dificuldades do diálogo. E eu já tinha experienciado isso um pouco.

Você encontrou coisas parecidas no hospital?

Encontrei coisas parecidas no hospital... No trato com pessoas de outras áreas, com médicos... Com enfermeiros, que não tem na Bandeira, mas tem uma linguagem bastante parecida com a da medicina... Com nutricionistas e tal. O que eu não encontrei tanto era disponibilidade como a do projeto de todos aprenderem todo tempo o que o outro faz e estar muito aberto a isso... Acho que, no dia a dia do trabalho, as pessoas estão mais fechadas na sua atuação do modo como estão acostumados a fazer e menos aberto ao aprendizado diário. Mas eu percebia que a linguagem que eu usava, eu já tinha aprendido a usar na bandeira....e... Acho que esse foi um dos ganhos.

Outro foi de me experimentar como psicóloga e pensando as diversas áreas da psicologia... Eu considero... a bandeira, pelo menos, na estrutura dela como área na época, não sei como está hoje... Mais para o final estava um pouco diferente... Mas, como um projeto que tem possibilidade de atuação que dá para pensar em Psicologia Educacional, Psicologia Social, em clínica... eu acho ele muito abrangente e que abrange pessoas que tem interesses diferentes e de diversas áreas. Eu achava isso muito rico também como experiência. Tem coisas que eu me lembro até hoje da Bandeira. Agora que eu fui estudar Psicologia Social, eu vejo que tem muitas coisas ali que de certa forma a gente pensava. Quando você está diante de uma outra cidade, uma outra cultura, eu gostava muito disso também: de poder ter um olhar para todo o contexto. O quanto o contexto da cidade, o contexto político, o contexto social, a história da cidade, tudo isso interferia no modo como a pessoa trazia uma queixa, por exemplo, para o posto de atendimento. Então isso era um ganho que eu percebo.

Eu gostava muito do projeto e do conceito dele como um todo. Acho que o que é comum dos três anos talvez sejam essas experiências.

Conta para mim que linguagem é essa que você aprendeu com a Bandeira.

Quando você fala entre psicólogos, tem coisa que já estão explicadas, quando você conversa.

Viciadas...

É, tem coisas que já tem um sentido comum e compartilhado entre aquelas pessoas. Você não precisa explicar o lugar da psicologia numa situação: o que eu posso fazer aqui? Já se tem alguma ideia daquilo. Tem uma linguagem que às vezes usa alguns termos da Psicologia... Eu percebia que eu tinha que ser mais objetiva quando eu falava com pessoas de outras áreas e menos complicada ou sem usar muitos termos que fossem só próprios da Psicologia, então ao mesmo tempo, simplificar, mas sem deixar raso, que eu acho que é um desafio, para não cair no senso comum. Explicar o que se faz num atendimento psicológico... explicar sem ser muito complicado, usando palavras que não farão sentido e ficarão abstratas. Talvez falar de um jeito mais concreto, mais colocado no que está acontecendo ...

E você percebia esse esforço das outras áreas em conversar com você também?

Menos, talvez. Mas eu acho que sim. Principalmente em reunião de diretoria, que acabam sendo uma experiência mais semanal, mais próxima... Por exemplo, quando eu fui na pré-visita, quando vamos e passamos juntos alguns dias... tinha muito uma troca: o que eu faço, o que você faz... e tinha sim uma tentativa dos outros também... talvez não tanto na linguagem, mas muito mais de explicar... talvez sim e eu não percebesse. Acho que sim. Acho que tinha sim. Pensando agora nos alunos da Medicina explicando alguma doença... acho que isso se dá sempre, porque eu trabalho no hospital e eu percebia isso muito mais claramente, porque eu via eles discutindo entre eles e eles conversando comigo sobre a doença do paciente, por exemplo. Eu percebia essa diferença. Então eu imagino que na Bandeira também fizessem isso e eu não via a outra linguagem. Mas eu percebia esse esforço em mim ... e eu sentia como uma coisa de ganhar um espaço ali. Acho que é um projeto que tem uma força muito na Medicina... é um projeto da faculdade de Medicina. E eu sentia que a Psicologia era a menos conhecida de todas aquelas áreas ali. A menos conhecida no seu fazer... mas eu percebia isso na Odonto também, por exemplo, que começou em 2011 a ter umas ações diferentes das que sempre tinha, como a prevenção do câncer de boca, por exemplo. Acho que eles também foram se inserindo em coisas que eles tinham que explicar que eles podiam... Acho que era muito mais da iniciativa de cada área naquele ano, do que da profissão em si. Mas eu sentia que a gente tinha que se explicar, explicar o que a gente fazia, o que a gente poderia fazer ali...

Eu me lembro que para mim foi muito importante o momento da pré-visita. Eu acho que ali eu entendi o meu papel de psicóloga, no que eu poderia ajudar ... diferente do que os outros podiam também... para além do atendimento.

Onde você fez a pré-visita? Como foi?

Foi em Belterra. A gente foi para conhecer a cidade, tinha uma série de reuniões com CRAS, com o prefeito, com assistente social... Tinha uma série de reuniões para apresentar o projeto e ao mesmo tempo pegar dados da cidade. E uma das tarefas da equipe de Psicologia eram entrevistas, já que a gente já começava com as entrevistas das referências... das pessoas consideradas referências na cidade. Então eu já comecei a fazer entrevista na pré-visita. Essa era a única tarefa que era para a equipe de Psicologia e para o trabalho que a gente fazia e era próprio da Psicologia. No resto eu estava ali como integrante... e como psicóloga, como representante da psicologia.

Era um grupo entre áreas?

Era um grupo entre áreas, e tinha um de cada área. Na pré-visita ia um de cada área, que não necessariamente precisava ser da diretoria. Nesse ano eu não estava na diretoria. Cada área escolhia quem iria.

Mas você já tinha participado?

Sim, eu já tinha feito um ano. O objetivo geral da pré-visita era conhecer a cidade, apresentar o projeto e pegar dados para trabalhar em cima ao longo do ano. Eu acho que ali eu me dei conta de outros papéis para além do atendimento, da entrevista... do que era mais óbvio que era da Psicologia. Quando a gente conversava com todas as pessoas da cidade, cada um tinha um olhar para o que tinha ouvido sobre como era a cidade, e sobre as informações que tinham sido dadas. E eu percebi que eram olhares diferentes. Cada um de acordo com a área que estava. Então quando a gente ia discutir... no final do dia a gente sempre discutia sobre tudo que a gente tinha feito ao longo do dia... eu percebia que tinha coisas que eu apontava que eram diferentes das que os outros apontavam. Tinham coisas que os outros apontavam que eu não tinha visto... e que isso tinha a ver com a formação.

O ângulo, né, que cada um vai olhar ...

Sim, o ponto de vista. O que um tinha reparado, o que o outro não tinha... Ou uma informação que um falou “puts, a gente podia ir atrás dessa informação”, então a partir disso que a gente fazia. Então assim, eu percebi ali que eu era diferente e que todos os olhares se complementavam. E eu acho que quando você está sozinho como representante da psicologia... eu estava ali sozinha como psicóloga... eu acho que eu me apropriei de que eu tinha que falar, porque eu tinha que explicar o que a gente fazia, tinha que me posicionar como representante de algumas ideias também, e de um ponto de vista. Acho que aquilo foi muito importante para o modo como eu passei a atuar também. E eu acho que isso é o legal da Bandeira... não é bem uma independência ... mas é uma autonomia que se dá para o aluno, de ir a frente das coisas... Eu acho que isso é importante como postura profissional. Acho que isso dá uma confiança... você vai se experimentando no ambiente que é seguro, porque você tem um grupo, você tem os discutidores, você tem professor.

Mas ao mesmo tempo é de se lançar. É um projeto no qual você se lança muito para um desconhecido, tanto no trabalho com outras áreas, como para as cidades, num contexto completamente diferente de São Paulo... Isso eu achava muito legal também, estar num contexto diferente e não tão diferente, né.

Mas dentro dos seus estágios na Psicologia você se lançou em alguns projetos, né?

Sim, que eram de atendimento, em situações diferentes, como no HU, por exemplo, no plantão. Mas é um se lançar diferente. Cada um foi diferente... se lançar a atender, se lançar a entender o que é um plantão..

Mas quando você fala da Bandeira, você fala de uma particularidade de lançamento. A Bandeira traz isso de uma forma diferente.

Eu acho que ela sai dos muros da universidade... e dos muros da Psicologia. Porque é o único projeto, pelo menos que eu conheci, que você conversa com pessoas de outras áreas. Esse treino de se experimentar diante de outros profissionais, é uma coisa que você vai fazer, né, independe do que você faça na Psicologia. Acho que isso era diferente. Se eu tivesse que escolher uma coisa que foi importante para mim, era esse contato com outras pessoas de outras áreas. E para além disso, acho que a coisa de ir para uma outra cidade ... acho que te tira da clínica-escola, do contexto da faculdade, do Instituto de Psicologia. Mesmo quando era no HU, era o HU da USP. E lá na Bandeira você vai atender pessoas num outro lugar, numa realidade diferente... Eu sempre falei que eu achava que a Bandeira também poderia ir para um lugar mais perto de São Paulo, ou mesmo na periferia, de repente. Já é um contexto diferente. Acho que teria o mesmo efeito. O ir para tão longe é legal, porque de certa forma você conhece partes do Brasil que você não conheceria, mas acho que é a realidade diferente que importa, mais do que a distância... o sair do muro da Universidade. Eu achava isso legal. Eu acho que esse contraste talvez facilitasse de perceber algumas coisas... estar diante de algo muito diferente do que você está habituado...

talvez facilitasse para ver, por exemplo, as influências da cultura local no que a pessoa vive, seu contexto social, político.. saía do que a gente vive todo dia.

Quando você fala da saída dos muros, acho que tem uma coisa até além disso. Você está falando da construção de um projeto também. E quando você está dentro dos projetos daqui, você está entrando num projeto já formatado. Mesmo os atendimentos, né. Qual é a formatação do atendimento? É para psicólogo... e assim é que vai ser.. . Então estou aqui pensando junto com você: para além da questão da localização, tem a questão da construção de um projeto. Acho que quando você está dentro dos projetos da USP ... quando você fala de muros, me vem isso. Os muros trazem um projeto já realizado, que eu vou e entro. E a Bandeira, de alguma forma, solta um pouco isso. Apesar da construção desse projeto ter um vício... de postos, de atividades coletivas... ele é uma construção sua. E eu acho que você vive isso na hora que você fala da pré-visita. A pré-visita foi um dos momentos mais importantes, como você disse.

E por isso que eu acho que é um projeto que tem impacto... teve impacto para mim. Eu acho que eu comecei a me construir como psicóloga ... mais do que isso, a me posicionar. Os outros estágios me ajudaram a entrar em contato com atendimento, a me lançar na questão do atendimento psicológico e tal. Mas me posicionar como psicóloga ... pra que que eu, enquanto psicóloga, “sirvo” numa situação qualquer... eu acho que foi na Bandeira. Porque são situações diversas e você tem que lidar com elas. Na pré-visita tinham situações que eu achava “ah, essa é a reunião que é importante para a área tal”. Mas eu contribuía com a minha visão sobre aquilo que eu tinha visto e que tinha a ver com a Psicologia, e não só com a minha visão pessoal. Então, de uma certa forma, foi ali que eu comecei a perceber, para além de atender e entrevistar, a postura ... postura como esse empoderamento de construir, de estar lá para o que aparecer, e o que a gente vai fazer com isso, e construir junto.

Acho que isso que você falou de construir me remete ao que eu falei de cada ano ter sido diferente... cada ano foi diferente porque eu fui mudando ao longo do processo. Tanto pela graduação como um todo, porque cada ano que passa tem um ano a mais de Psicologia, mas também pelo que eu tinha construído dentro do projeto.

Eu sinto que no primeiro ano eu era muito mais observadora do que alguém que construía algo ali. Então eu estava muito mais aprendendo, atendendo junto ... eu estava no terceiro ano, então eu atendia junto... então acho que eu estava muito menos construindo algo e numa postura um pouco mais passiva, talvez, ali.

No segundo ano, a partir do momento da pré-visita, eu acho que foi diferente... e por isso eu tive uma participação mais próxima a diretoria também, porque daí eu comecei a ir em algumas reuniões para contar da pré-visita... quando a gente retornou, as pessoas que foram na pré-visita foram em reuniões da diretoria. Dentro da equipe da Psicologia eu acabei tendo esse papel que - quando eu saí já tinha um nome - que era o de coordenadora de área. Naquele ano ainda não tinha esse nome, e foi meio natural pela construção que eu estava fazendo dentro do projeto. Eu me apoderei daquilo, me apoderei do que eu podia ajudar... me apropriei... me empoderei! Acho que essa é a palavra. Então a minha atuação foi diferente. Eu era bandeirante, mas eu não era mais uma bandeirante do ano anterior. Eu era uma bandeirante que tinha ideias, que falava mais sobre o que eu achava que a gente podia fazer e tal.

E a experiência da diretoria é uma experiência completamente diferente, porque acho que é um ano que você fica muito mais próximo de coisas mais organizativas. E eu acho que em alguma medida se afasta um pouco das coisas mais próprias da Psicologia. E isso teve ganhos e perdas. Eu acho que o ano da diretoria me fez aprender coisas de organização, de como você planeja um projeto, como você faz acontecer... e menos de trazer tanto a contribuição do olhar. Eu percebia que eu era muito mais uma porta-voz do que a equipe de Psicologia tinha conseguido absorver, porque estava com o olhar aberto para tudo aquilo que a Psicologia podia contribuir... enquanto parte da diretoria eu estava muito mais

voltada para organização do projeto. Então foi um ganho pessoal, porque eu acho que isso também é uma coisa importante, e tinha a questão de ser a porta-voz da Psicologia ali... mas eu acho que o segundo ano foi o mais importante para mim enquanto psicóloga. Mais do que no ano da diretoria.

Pensando na sua formação, você acha que foi o que mais te ajudou?

Isso, pensando na minha formação como psicóloga. Para depois. Eu aprendi muita coisa e eu acho que em mim teve uma transformação naquele ano, 2011. Enquanto postura profissional.

E você consegue reconhecer isso na pré-visita e nos outros momentos também?

Também. Eu acho que a partir da pré-visita eu comecei a me posicionar diferente... eu comecei a ter uma postura ativa e menos passiva. Foi a partir desse ano que surgiu a ideia do coordenador de área... ao mesmo tempo foi uma experiência esquisita, porque isso não era instituído... que o bandeirante participasse da reunião de diretoria... ao mesmo tempo se fazia necessário, de algum jeito, justamente pelo que eu falei: quando você é diretor, você está mais afastado do olhar da Psicologia porque você também é envolvido em coisas de organização do projeto. E é difícil coordenar tudo isso dentro de você, dentro de um projeto acadêmico. E acho que isso é uma coisa que você vai conseguindo adquirir com o tempo... de lidar com tudo isso ao mesmo tempo. Eu percebia isso como raciocínios diferentes. Uma vez que você é diretor, você tem que lidar com coisas da organização. E organização é ligar para fulano, ver quando vai custar não sei o que, ver se tem vaga na pousada ou não... coisas muito mais práticas e operacionais, de fazer acontecer. E mesmo na expedição, também. Se você está no posto, você não está ali só com o olhar de psicólogo, você está com o olhar do fluxo do posto, do atendimento, se está formando fila ali, se pode formar fila ali... se tem gente chegando e tumultuando na frente, e o que eu vou fazer... atende, não atende... então você está com um olhar para a organização. E quando eu não era diretora, um ano antes, os diretores também estavam com um raciocínio assim. Então era importante que fosse alguém, e que fosse alguém que foi na pré-visita para trazer coisas que a gente tinha observado e pensado do ponto de vista da Psicologia. Porque você está livre desse olhar da organização, da gestão do projeto, do operacional do projeto.

E eu acho que foi a partir daí que a gente começou a discutir isso. Ao mesmo tempo era uma sensação estranha, porque não era oficial que algum bandeirante fosse para a reunião da diretoria... mas eu ia. E na expedição eu não sabia se eu tinha um papel diferente, ou não tinha... o que eu tinha que fazer, o que eu não tinha... Então depois que passou a gente começou a discutir isso e achou que fazia sentido ter alguém e ter esse papel mais pensadinho, com o que era para fazer e o que não era, de forma mais clara, e tal. Mas eu acho que foi o papel mais interessante, porque você transita pela discussão com as pessoas das outras áreas, que é a parte que eu mais curti, sem estar presa às questões da organização... e por isso você está mais em contato com quem você é enquanto psicólogo, e com menos pressão do ponto de vista de fazer acontecer operacionalmente o projeto. Então foi o ano, para mim, enquanto psicóloga, mais importante... apesar de achar que essa questão da organização e do operacional também é importante para mim enquanto psicóloga. Mas acho que a virada foi na pré-visita... de postura mesmo, postura profissional... de me apropriar.

E num primeiro momento, que você comenta que estava mais observadora, você aproveitou pouco?

Não. Eu aproveitei bastante. Mas eu acho que muito mais no papel de aluna, do que no de uma aluna que está construindo uma coisa para o projeto. Então eu absorvi muita coisa.

Como formanda, digamos assim...

Sim. Então eu aprendi sim. Eu atendi, eu observei, eu ia nas reuniões, eu discutia... mas como uma aluna que está indo numa aula, por exemplo, ou que está fazendo um estágio... Por isso que eu falo de uma postura profissional. Parece que ali eu virei psicóloga, no outro ano, e antes eu estava numa postura de aluna. E enquanto aluna eu aprendi muito. Sem esse ano, o ano seguinte não teria sido possível. Mas se eu tivesse feito só esse primeiro ano, não sei se teria sido tão impactante para minha formação... fazer um ano só como bandeirante... eu acho que não. E acho que por isso que eu quis fazer o segundo ano, e quis fazer o terceiro ano como diretora para ter uma experiência diferente daquela que eu tinha tido nos outros dois anos.

Eu acho que foi um projeto muito rico porque foi um processo... e não sei... se por ser um projeto que pode se estender por mais de um ano, ele permite que você perceba a sua transformação. Eu fico pensando se um outro projeto, que dure mais de um ano... você vê também sua transformação... no plantão, por exemplo, você vê como você atende num ano, como você atende no outro. Mas a Bandeira é um projeto muito amplo, né. Tem muitas frentes diferentes. Você se lança numa situação em que você está o tempo todo pensando naquilo, acho que também é uma imersão muito grande... eu vivi a Bandeira assim. Com muita intensidade.

Imersão...

Imersão. Acho que é um projeto de imersão... porque mesmo durante a preparação é muito intenso, são muitas reuniões, muitas atividades. Sem dúvida eu me dediquei muito a esse projeto. E quando você vai e passa os dez dias lá, é essa sensação de “o que eu posso como psicólogo?” o tempo inteiro. Aqui é diferente. Você faz um estágio, vai para sua casa, depois você volta, daí você pensa de novo. Já na imersão, mesmo com os prós e contras que ela tem... acho que os prós é porque é uma coisa intensa.

E os contras é porque é uma coisa intensa, também.

Exato, e que daí que começa a interferir em outras questões. E que podem até atrapalhar o aprendizado.

Atrapalhar o aprendizado? Como assim?

Ah, como uma tensão... acho que gera um clima muitas vezes de uma tensão... em virtude do cansaço, das condições mais extremas... Eu me lembro da convivência com as pessoas, e você começa a perceber que fulano fica irritado quando não come e fulano fica irritado quando não tá podendo tomar banho porque o chuveiro quebrou ou não tem água. E aí tem a questão do humor... ou a pressão do trabalho, porque você se prepara o ano todo. Aí você vai lá e tem uma série de frustrações... o impacto que aquilo pode ter para a cidade. Eu acho que tem uma ilusão que vai se desfazendo. Você vai se deparando com os limites, com o que não é possível fazer, e você achava que seria super possível por causa de uma atividade que você fez antes. E isso você vai vendo ali... então tem a frustração de todo mundo e tal... e aí lidar todo mundo junto com tudo isso, o tempo todo, é muitas vezes exaustivo. E por ser exaustivo eu acho que pode sim atrapalhar o aprendizado, a relação entre as pessoas...

É, eu acho que a relação entre as pessoas... Porque quando você fala de aprendizado, é *como se você também não tirasse nada dessas situações limite*.

Ah sim, como aprendizado de vida, de experiência. Acho que muitas vezes não na hora, mas a posteriori.

Sim, eu acho que você está se referindo a um desgaste da relação, de um cansaço... não sei se isso dificulta o aprendizado. Acho que isso é outra coisa... acho que dificulta as ações, o trabalho...

Sim, você tem razão. Isso vai gerando um desgaste grande, e por isso é exaustivo. Eu me lembro de voltar da expedição e dormir por dias, porque vinha um cansaço muito grande depois. Mas mesmo essas questões de relação você aprende... inclusive profissionalmente também. O que você precisa aprender a aceitar, ceder... ou a discutir as opiniões diferentes, ou a entender o momento do outro naquele dia, diante de todas essas pressões... enfim, acho que isso é importante também. Pessoalmente e profissionalmente. Eu aprendi com isso também, bastante. E acho que talvez mais pessoalmente... meus limites, entender o momento do outro, ponderar se o que importa mais ali é o resultado do projeto ou a relação que está colocada, o que vale a pena ou não. Pode ser que profissionalmente possa existir situações assim, e que eu me lembre dessas situações da Bandeira... de ponderação, de confronto.

Mas acho que é uma imersão mesmo. As pessoas colocam muita expectativa e energia naquilo, o que vai se perdendo ao longo dos anos que vão passando do projeto.

Eu acho que é um projeto que tem muito mais potencial de aprendizado para as pessoas que participam do que, de fato, de ação para a cidade para onde vai. Eu acho que toda ação que você faz vai ter algum impacto, em alguma medida, mensurável ou não. Eu me lembro de no primeiro ano da bandeira... e isso mostra como eu aprendi no primeiro ano... de me sentir feliz em alguns atendimentos por perceber que mudou alguma coisa para aquela pessoa, que foi importante que ela fosse ouvida... e pensar: “bom, se for só esse o impacto que o meu trabalho tiver nessa cidade, já está valendo a pena”. Então eu acho que um projeto que abarca 200 pessoas e vai para um lugar fazer coisas, tem algum impacto... nem que seja pessoalmente para as pessoas que participaram e não para a estrutura da cidade, enfim. Acho que daí entramos em questões políticas, na estrutura que já está posta na cidade... coisas que a gente não tinha condição nem de entender ou de acessar. Então eu confio nesse impacto mais pontual. Para as pessoas que estão ali, que veem o projeto, que entram em contato e tal.

Ou seja, você confia mais no impacto que tem na formação dos alunos, do que no impacto próprio tem na cidade.

Eu acho que o impacto que tem para a cidade é mais esse impacto pontual. Para as pessoas da cidade que de alguma forma se envolveram com o projeto, seja sendo atendidas ou em reunião... Não para a estrutura da cidade ou como as coisas funcionam. Eu não sei qual é o poder de ação dos relatórios que você faz pós-visita, por exemplo.. eu não sei o que se faz com isso de fato. Eu confio pouco nessa parte. Mas sem dúvida nenhuma, para a formação é um projeto excelente. Eu faria de novo os três anos que eu fiz se eu entrasse de novo na graduação.

E você não quis voltar?

Não. Nos anos anteriores tinha uma dificuldade de conciliar com meu trabalho. Não tinha muita abertura para pedir para minha chefia e tal. Era muito burocrático para pedir uma flexibilidade para adiantar minhas férias, ou pedir folga por uma semana. Nesse ano eu poderia, do ponto de vista de disponibilidade de tempo. Mas eu não quis esse ano. Eu tenho vontade de um dia voltar. Eu me vejo um dia com a vontade de participar... até por isso de estar em um outro papel. Eu tive uma experiência diferente em cada ano, então acho que seria uma outra experiência diferente. Mas eu acho que por ser um trabalho tão intenso e eu ter essa ideia de que é uma imersão completa, que eu acho que eu fico com um pé atrás... de num momento profissional acabar me envolvendo demais com o projeto e me envolvendo de menos com outros projetos que eu tenho que investir na minha vida profissional.

Ou seja, você tem medo de investir tanto quanto você investia.

Sim... porque eu acho que é um projeto que, de algum jeito, te leva a investir muito. Então para você não investir tanto... você tem que ficar ponderando. O que também é um desgaste, né. Acho que o papel do discutidor leva menos a esse investimento, porque de fato ele é alguém que está acompanhando a

construção dos outros, mas interferindo ali mais como um supervisor. Mas eu acho que também é uma experiência que transforma. Eu acho que deve ser intensa também, de algum jeito... inclusive por ter a responsabilidade de acompanhar os alunos... Do ponto de vista da responsabilidade, ela é muito maior... ir acompanhando os alunos nessa experiência que é tão intensa para todos eles, como alguém que deve ajudar inclusive nisso. Então eu acho que é intenso também. Foi então uma ponderação que eu fiz esse ano... pode ser que ano que vem eu faça de novo.

A intensidade também é o doce da Bandeira?

também é. Acho que ela possibilita ...

Porque ela é uma experiência meio agri-doce, né. É uma coisa bem difícil de ser vivida, mas ao mesmo tempo é aquilo que te ... do jeito que você fala, é o momento em que se faz o mel.

Eu acho que sim. Eu acho que é..

Ou seja, você tem medo de ser seduzida de novo pela intensidade do projeto?

Sim, sim, exato. Eu acho que tem uma característica minha nisso, de entrar nas coisas de cabeça. Mas acho que é um projeto que te leva isso. Então por isso que eu acho que, mesmo não entrando de cabeça, não vivendo a imersão, exigiria um esforço. Porque eu acho que é um projeto baseado nisso, praticamente. É a imersão nele que faz que ele com que ele traga tanto aprendizado... a estrutura dele é essa. Para você não estar assim, é muito difícil. Tanto é que, no meu último ano, depois da expedição, que eu já estava no Aprimoramento, fora da faculdade, e já estava um pouco mais distanciada do projeto... e era muito difícil estar distanciada. Porque tinha uma cobrança interna de que eu não estivesse distanciada dos outros colegas que ainda estavam na graduação. Então os seis meses final de projeto, nos quais eu já estava mais afastada, foram difíceis também... acho que pessoalmente porque era difícil fazer a transição, mas também porque era estranho estar no projeto sem estar tão imersa. Então acho que é uma característica do projeto. O que faz o aprendizado todo é a imersão. É o que faz você ter que se achar no meio daquilo tudo, de ter que pensar “quem eu sou aqui e o que eu posso fazer”. Mas é também o que desgasta. No momento da graduação, é o que faz sentido. No momento depois da graduação, eu fico pensando que tem outras coisas que eu preciso imergir para conseguir me desenvolver. Então acho que essa imersão que me afasta depois da graduação. Mas acho que é uma experiência incrível, com certeza.

Não sei se é imersão. Acho que é sedução. A sedução pela imersão.

É, sim. ter que dispendir muito tempo ali, muita energia, muito pensamento a respeito daquilo. Mas eu não digo que eu nunca seria uma discutidora.

Acho que o discutidor tem uma imersão grande, mas que é muito mais na hora da expedição. O resto, que é a criação do projeto e a elaboração do relatório, são ajudas pontais que você acaba dando. Não tem essa coisa da participação das reuniões. Eles têm reuniões quase todos os dias... e é muito louco que depois eu vou ver várias vezes os projetos funcionando, e minha vontade é dizer: “só indo lá para conhecer, porque tudo que vocês constroem aqui, chegando lá vai ser diferente”. Mas eu não posso falar isso. Dá vontade, juro que dá, mas eu não posso (risos). Porque construir o projeto naquela coletiva é super importante. No ano passado fizeram uma proposta de coletiva de memória com idosos.

Que legal

Muito legal. Só que na hora ela não foi realizada. Colocaram a coletiva num horário e alguém assumiu que era uma coletiva de prevenção de dengue, alguma coisa assim... Percebe? É uma frustração gigante. E é uma ideia que, se você para para pensar na questão da construção da memória da cidade, é uma puta ideia uma atividade de memória de idosos. Mas é algo que não deu nem para se construir.

É, acho que essas são as frustrações. Mas acho que é na preparação que você dialoga e explica para o que serve cada coisa... E por isso que é um processo muito mais de aprendizado do que para a cidade em si. Tudo isso que você faz ao longo do ano todo é uma preparação pessoal, né... da sua formação... Muito mais do que você vai fazer lá. O discutidor tem esse papel diferente... menos imerso. Mais como um supervisor, que está ali para ver o que os outros estão construindo.

É isso mesmo. Primeiro porque você já tem esse olhar. O meu olhar era dar conta do que esses meninos aprontavam (risos). É isso. O que eles estão aprontando nas situações? E aí eu via o que eu podia dar de respaldo para que eles pudessem fazer aquilo que eles inventaram. Era essa a ideia (risos).

Por isso que eu acho que é um papel interessante.

Eu percebia o processo das coletivas, e mesmo alguns atendimentos, como uma grande invenção. Nos atendimentos tem isso de ver que áreas vão atender, quais não vão. Eu lembro de um diário de algum aluno falando que ficou horas esperando um atendimento voltar da Medicina... ele começou atender, aí a pessoa foi chamada para a Medicina, e ele teve que ficar o posto inteiro esperando. Não passava na cabeça dele “porque não estar com a Medicina?” e dar continuidade ao atendimento. E aí na hora que a cliente saiu do atendimento com a Medicina, ela disse que estava cansada e que precisava ir embora. E foi embora

É, não fazia mais sentido para a pessoa...

E o estagiário ficou “puts, que merda de atendimento”. Mas porque não entrar junto com a Medicina? Fica essa coisa, uma construção mesmo... E isso é uma postura que tem que vir do discutidor também, de dar um apoio e de falar: vai lá, entra junto.

Sim, concordo. Acho que se assemelha muito ao papel de um supervisor de campo. E eu acho legal. Não digo que está fechada a minha participação. Acho que ano a ano eu ponderei. Nos anos anteriores era burocraticamente impossível... teria muito impacto no meu trabalho para fazer isso. E nesse ano a ponderação foi essa... nesse momento de transição que eu estou fazendo, se eu me enfiar na Bandeira, eu vou me enfiar de verdade.

É um medo, né? É como se você estivesse falando: eu tenho medo de me perder. Eu me perdi muito naqueles três anos e eu tenho medo de me perder.

É isso mesmo...

E aí você pega discutidores agora que estão indo, que nunca foram na Bandeira. que não são nem da USP. É muito doido isso, né? As pessoas não têm se inscrito mais, você não tem mais o mesmo esquema da inscrição que tinha antes. tanto é que eles mandaram recado até para vocês, perguntando quem iria se habilitar. É como se essa imersão assustasse mesmo.

É, eu fico me perguntando... será que ela não está acontecendo demais?

Talvez, talvez...

Porque antes tinha um desejo de continuar no projeto... Até como um lugar de transição mesmo.

Tinha uma briga para se continuar no projeto! Hoje em dia você tem uma seleção em que praticamente todos os alunos que se inscrevem são os alunos que entram. Desde a graduação já está assim.

É, eu acho que também teve um aumento das residências e aprimoramentos por aí, que são uma oferta também dessa transição, que as pessoas acabam fazendo logo que se formam. E isso acaba distanciando do projeto, porque daí o número de horas torna impossível a participação da pessoa na Bandeira. Estando dentro do hospital eu vi o quanto aumentou o número de residências e de aprimoramentos profissionais agora. E eu acho que pode ter a ver com isso.

ANEXO D – Entrevista com a profissional da Medicina

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como médica?

Eu sempre quis fazer Medicina, mas eu nunca tive ninguém que eu conhecesse que fizesse, nunca foi uma coisa que fez parte da minha realidade. Mas eu sempre tive essa vontade, esse interesse... aí quando eu entrei na faculdade eu pensei “vish, era isso?”. Eu não me identifiquei com aquilo que me foi apresentado no meu primeiro ano da faculdade. Acho que eu fiquei mais interessada pela Atlética, por conhecer as pessoas, do que por aquilo que me foi apresentado academicamente. Porque os primeiros anos da faculdade ainda são bem voltados à formação médica... e a minha formação Médica, que foi numa escola muito tradicional, que é a USP, ainda é muito engessada e segmentada. A gente vai ter contato com paciente só no terceiro ano da faculdade... Então as coisas ficam um pouco dissociadas... pra mim pelo menos... pelo perfil de pessoa que eu sou, as coisas ficaram um pouco dissociadas até eu ter a prática clínica, para poder fazer sentido aquilo que eu estava aprendendo nos primeiros anos da faculdade.

E aí Bandeira... apresentaram a Bandeira na primeira semana de aula como projeto de extensão, e aí eu falei: “nossa, eu gosto dessas coisas! Eu gosto desse tipo de coisa”. Eu sempre tive essa coisa de sair, de procurar o que era diferente... agora que eu estou ficando mais velha que eu estou querendo as coisas mais óbvias e confortáveis. Mas eu sempre tive essa coisa de sair para conhecer o que estava do lado de lá. E eu acho que a gente deve muita coisa para a saúde no Brasil... a gente que está aqui em São Paulo, em um lugar privilegiado, estudando numa escola pública, ou seja, financiada por todos os brasileiros que estão por aí sem nenhum acesso a saúde... isso sempre me incomodou. E a Bandeira tinha essa proposta. Então inicialmente foi meio que “nossa, vou ver gente, vou ver paciente, vou conhecer histórias, vou sair pelo Brasil, vou sair do centro de São Paulo e ver como as coisas são em outros lugares” e eu sempre tive interesse.

Eu brinco que a Bandeira foi o que me segurou na faculdade. Eu não participei no primeiro ano porque nem pode, nem é aberta a possibilidade. Aí eu participei no segundo, terceiro, quarto e quinto ano. No sexto também não pode porque é na mesma época que a gente está prestando a prova de Residência... e foi a experiência que mais fez sentido na minha vida acadêmica, foi o que eu mais me identifiquei. Aí conheci a Bandeira e no primeiro momento é aquela paixão: “puts, que legal!”. E aí você conhece todas as outras áreas e se envolve de uma maneira mais... porque assim... acho que a Bandeira num primeiro momento foi essa paixão, essa coisa de “puts, que legal, estou vendo as pessoas, ouvindo o que as pessoas sentem, quais são as demandas dos lugares diferentes”. A gente foi pra Belterra no meu primeiro ano de Bandeira, que é no Pará, que é um lugar lindo, e lá o acesso à saúde é extremamente precário... então foi aquela coisa apaixonante. Aí no meu segundo ano de Bandeira eu fui diretora. Aí eu vi a Bandeira de um outro jeito! E foi bastante frustrante e difícil... porque aí você vê todas as falhas que o projeto tem, a limitação que ele tem. Você vê o quão assistencial ainda o projeto é, e o quão limitado ele é pela nossa inexperiência... apesar de a beleza da Bandeira é ela ser organizada por alunos e a nossa inexperiência fazer parte disso tudo que o projeto é, para as cidades que a gente vai, acaba que a gente gera uma demanda muito grande... de fato, acho que a mudança mais importante que acontece é dentro de quem participa e não para a cidade. E isso foi bastante frustrante para mim no meu ano de diretora, participando da diretoria da Bandeira. Mas mesmo assim o ideal continuou e eu continuei indo...

Quando você fala que vocês geram demandas, na verdade vocês revelam demandas?...

Exatamente. Acho que as duas coisas, porque muitos diagnósticos são feitos em regiões onde as coisas não poderão ser acompanhadas, muitas coisas são despertadas nas pessoas... e mesmo aquela vivência tão diferente de tudo aquilo que eles vivem... quando eles poderão ser atendidos do mesmo jeito? Às

vezes eles ficam até cansados... eles passam na Medicina, na Nutrição, na Psico, na Fisio e na Fono, e saem de lá depois de 1 milhão de informações... e de repente, como é que eles vão lidar com tudo isso que eles ouviram? Quem vai dar seguimento para isso? Como é que vai ser a longitudinalidade desse seguimento e qual é de fato o nosso real impacto na vida dessas pessoas? Será que é legal mesmo você falar, mesmo que seja teoricamente simples, que existe um tratamento... hipertensão, por exemplo. A pessoa está assintomática, mas está lá com a sua hipertensão. A gente mediu a pressão e viu que estava hipertenso, pediu para voltar, viu que estava hipertenso de novo, e resolveu introduzir uma medicação que o SUS oferece e tudo bem. Mas vai ter alguém que vai seguir isso, que vai entender o impacto disso? Ou só vai ter alguém para dar o remédio para essa pessoa? Isso é bom ou é ruim? Isso de fato gera qualidade de vida?

Me vieram todos esses questionamentos... Eu me lembro de que quando eu fui da diretoria, foi um ano eleitoral. Então a Bandeira ficou muito a deriva disso, e eu vi o quanto foi uma vivência mais madura, mesmo, da coisa. Eu pude ver o quanto a gente está a deriva das vontades de pessoas muito específicas... a gente ainda tem vez e voz, por causa da nossa formação e tudo mais, e por isso a gente ainda consegue fazer alguma coisa. Mas aquela multidão de pessoas que buscam e são atendidas pela Bandeira, na maioria das vezes, ficam a deriva do que o governante acha que é bom, acha que serve ou não serve. Muitas vezes a Bandeira foi cancelada e voltaram atrás por interesse político mesmo: “ah, isso vai ser bom ou ruim pra minha gestão?”.

E era reeleição na época?

Sim

O que piora mais...

Aham... e aí no ano seguinte a gente voltou e o secretário de saúde era outro. A gente foi dar a devolutiva e era um novo secretário de saúde, totalmente diferente do anterior, o qual estava adorando que a gente fosse. E ele me falou: “legal, você me gerou mais de não sei quantas mil demandas que agora eu não sei como eu vou fazer. Porque eu não tenho médico na cidade, porque eu não tenho...” E eu lembro que foi bastante impactante para mim na época.

E foi o mesmo que ganhou a eleição, não?

O prefeito sim, mas o secretário mudou.. Eu acho que o que me fez continuar na Bandeira e o que me faz querer continuar até hoje... esse ano eu quero ir para Bandeira como discutidora... eu acho que é você sair da sua zona de conforto, ir para um lugar totalmente diferente, discutir com outras áreas... eu conhecia muito pouco ou quase nada de qual era a atuação do fisioterapeuta, além do senso comum. Qual é a atuação do psicólogo além daquilo que é o senso comum... Eu lembro das várias discussões que a gente tinha com a Psico... não é porque a pessoa chorou que ela tem que ir para a Psico! E isso faz parte do nosso senso comum. E a minha faculdade – não sei como estão as outras – definitivamente não me ofereceu isso. Se eu não tivesse feito parte da Bandeira eu acho que eu estaria muito pobre em relação a isso... sobre saber trabalhar em conjunto, a sentir no dia a dia, na pele, no atendimento, o quão melhor pode ser se você tiver uma equipe que oferece abordagens diferentes para um mesmo problema. E eu acho que eu cresci muito ao longo dos processos, e não em si nos 10 dias que eu estava lá. Foi ao longo das discussões, das reuniões...

E isso a diretoria acaba vivendo mais.

Sim, sim, com certeza! A diretoria é muito mais intensa. Quando você vai como bandeirante tem os encontros, mas de uma maneira um pouco menos frequente... e você não tem a tomada de decisão.

Quando eu participei da diretoria, a gente que tomava as decisões ali naquele grupo muito diferente. A formação médica é muito biológica ainda, eu acho, sabe? Acho que ao longo dos anos isso está mudando em relação ao que já era... acho que hoje está muito melhor. Mas a gente não teve oportunidades de desenvolvimento social e de relacionamento com o outro. Acho que a gente está muito voltado ainda para pesquisa, diagnóstico e menos para pessoa. E na Bandeira, naturalmente por você ter que tomar decisões em relação a um projeto que envolve 200 pessoas, 200 mil reais, patrocinadores... você transportar pessoas para uma cidade x... e se responsabilizar por isso num grupo de pessoas heterogêneo, com formações diferentes, faz com que você... para mim, me fez uma médica melhor. Me fez uma médica melhor. Muito mais do que o atendimento em si, o ir até lá e conhecer uma realidade diferente cria uma noção de cidadania... cria uma noção de responsabilidade social que todos nós assumimos perante aquilo que a gente escolheu fazer. Não dá para a gente se omitir. Pelo menos é assim que eu acredito. Mesmo que seja para você se responsabilizar por aquele que te procura no seu consultório, você de alguma maneira está se envolvendo com aquela pessoa... e isso tem um papel social também. A pessoa vai vir até mim e eu não vou prescrever alguma coisa, pedir alguns exames sem eu criar um vínculo, ou algum tipo de relação que vai dar frutos futuros, de alguma maneira, para mim e para a pessoa.

E a Bandeira traz tudo isso muito a flor da pele. É tudo muito intenso. Você viaja com as pessoas, e isso é uma coisa muito legal... porque é aquela convivência muito intensa e isso cria uma sensação de proximidade muito gostosa com as pessoas e com o ambiente... está todo mundo naquela mesma situação, né? Então eu acho que para quem vai como aluno, para quem vai da Bandeira, eu acho que é um fenômeno... principalmente de formação de coletividade, de você pensar além daquilo que você está acostumado, e de olhar para o ser humano como um ser humano completo... e não só como aquilo que ele tem, aquilo que trouxe ele ali pura e simplesmente. Eu nunca esqueço que uma das coisas que eu mais aprendi na Bandeira foi: “o que eu posso fazer por você hoje? Porque eu nunca mais vou te ver, então o que você acha que a gente pode te oferecer hoje?”. E eu levo isso para a minha vida... eu estou aqui para trocar com você, com o que você acha interessante. Eu não estou aqui para falar o que você deve ou não fazer. E acho que a Bandeira trouxe esse chão.

A gente entra na faculdade: “ah, melhor faculdade, melhor formação...”. Será? Eu acho que a gente está ali para construir e para oferecer um bom serviço para o outro. E a Bandeira tem bem essa pegada.

Vocês sentem esse peso na hora que entram na faculdade?

Ah, com certeza. Porque é uma lavagem cerebral. E, acho que por estar na USP, existe ainda um *plus* de uma cobrança de resultado, de ser o melhor naquilo que você está fazendo... afinal de contas você está na USP e tudo mais. Claro, eu tive muitas oportunidades por ter me formado lá, e tenho muito orgulho da minha formação lá. Mas acho que a vida vai muito além, independentemente de onde você está. Mas eu sinto sim uma cobrança...

Eu acho que a Bandeira cria oportunidades de você entrar em contato com coisas que a faculdade não consegue te oferecer. Porque uma coisa é você atender uma pessoa num contexto do hospital ou do consultório. Ali é você e a pessoa; ou você, a pessoa, um colega seu e seu chefe que está te direcionando um pouco... E na Bandeira é uma demanda muito grande. Então você está um pouco mais solto e ao mesmo tempo você tem que levar aquilo para algum lugar em um curto prazo. Então você tem que ter uma estratégia, dividir ela com outras equipes... e acho muito interessante o fato de não ter um chefe que vai te dizer o que você tem que fazer. É muito mais troca. Você vai conversar com alguém de outra área: “meu, estou com um caso assim, o que você acha que a gente pode fazer?”... “ah, acho que a gente pode fazer isso”... “vamos tentar?” ... “posso assistir seu atendimento?”... e daqui a pouco está um monte de gente discutindo o mesmo caso. Puts, quando você vê isso no hospital? Eu, sinceramente,

pouquíssimas vezes tive a oportunidade de estar com tantas áreas de uma maneira, de fato, interdisciplinar.

Eu não fazia ideia do que um terapeuta ocupacional fazia. Não podia imaginar o que era e qual era sua atuação. E eu me apaixonei por terapia ocupacional e conheci isso na Bandeira. Não sabia... e não vão te contar na faculdade, a não ser que seja um interesse seu, ou você vá por um acaso para um caminho que vá te aproximar disso... a gente não é formado para dividir, para partilhar, para construir com o outro. A gente é formado para diagnosticar, para curar, para tratar... e eu acho que o cuidar vai muito além dessa objetividade toda. Então para mim foi o projeto que eu mais amei na faculdade.

E aí essa ideia da TO, da Fisio, da Psico, você conheceu nos postos ou em outras atividades? Como é que você foi descobrindo?

Acho que um pouco em cada lugar. Quando a gente fazia atividades fora do posto era muito legal, porque a maneira como o aluno de Medicina pensa, em geral, é muito diferente da maneira que o aluno de Psico pensa, o aluno da Fono pensa, da Fisio, da Farmácia, da Administração pensa... cada um tem uma linha tênue e semelhante, de pensamento que segue ao longo da nossa formação. E na hora que você se confronta, mesmo que positivamente, para poder criar uma coisa para uma outra pessoa, você fala “puts, nunca tinha pensado por esse lado!”. Então vai despertando coisas novas. Com certeza na diretoria, foi quando eu mais vivi esse ganho de linhas de pensamento muito diferentes terem que chegar num lugar comum... e isso trouxe uma produção de algo que me fez diferente. Mas no dia a dia ali da Bandeira, nos atendimentos também... acho que porque eu buscava sempre discutir as coisas com os outros. Não sei se todo mundo tem essa pegada. Mas acho que é uma coisa que está ali, livre, à vontade para você descobrir e discutir. Então acho que foi tanto nos atendimentos como nas atividades, aos pouquinhos... e conforme eu fui entendendo aquilo, eu fui agregando mais, e sentindo mais essa mescla de pensamentos.

Você foi diretora um ano?

Um ano.

E no resto dos anos você foi como bandeirante de novo?

Exatamente. A diretoria foi em 2013 e depois nos outros anos eu fui como bandeirante mesmo.

Você não quis mais ser diretora?

Não, não quis. Foi curioso porque eu tinha vontade. Até falaram para eu dobrar, porque era bom ter uma pessoa que dobrasse... porque já tem um pouco mais de experiência aí é “menos bateção” de cabeça, e tudo mais... mas eu lembro que todas as minhas amigas que se mantiveram minhas amigas depois da faculdade foram bandeirantes e diretoras da Bandeira. E no ano seguinte ao meu tinham muitas amigas queridas que queriam. Aí eu fiquei pensando: “poxa, é tão bom outras pessoas terem oportunidade”. E querendo ou não foi um ano muito intenso o da diretoria. Sua vida gira em torno daquilo... minha maior preocupação nem era a faculdade: era a Bandeira. A gente ficava muito mais envolvido com as coisas da Bandeira. E aí eu acho que também foi importante dar um passo para trás... e é muito gostoso ir como bandeirante também, é diferente... a responsabilidade é totalmente outra, a pegada é outra. Então não vou nem falar que eu não quis. Eu cheguei a pensar, mas tiveram todas essas coisas... e foi ótimo não ter dobrado, acho que foi melhor assim. Agora eu estou com vontade de voltar, agora que a Residência deu uma acalmada, para ver como está. Eu fiquei esses três anos longe do projeto...

Você foi três anos seguidos, ou quatro?

Quatro.

Então você foi duas vezes de novo como bandeirante.

Fui. No primeiro ano fui bandeirante, no segundo diretora e depois mais dois anos de bandeirante. E agora eu tenho vontade de ir como discutidora, que é outra função também, né? Vamos ver se vai dar certo... você tem que escrever uma carta de intenção, aí eles fazem uma seleção e tal. E é engraçado que meus grandes amigos da faculdade acabaram sendo da Bandeira também... acho que tem essa coisa do estilo, né? Quem curte a Bandeira... não é todo mundo da faculdade que gosta. Acho que isso vale para todos os cursos. Não é todo mundo que curte sair por aí... tem muita gente que critica – e acho que tem muita coisa criticável mesmo – a Bandeira. Mas é sensível... você vê o quanto sair daquele ambiente, se colocar em outro, ver a realidade de outro lugar e ver como o Brasil é diverso e como as coisas podem ser completamente diferentes logo ali, é uma coisa que modifica muito as pessoas. Enfim, eu acabei me aproximando de pessoas que também tinha esse mesmo interesse. Só tenho amiga bandeirante da faculdade (risos). Aliás, bandeirante e diretora. É um grupo de sete meninas e as sete foram.

Mas não no mesmo ano

Não. Em anos diferentes. Têm as do meu ano, as do ano seguinte... enfim. Ah, eu gosto demais da Bandeira. Eu sou suspeita para falar, sou uma pessoa muito enviesada (risos).

Não! Não é para falar bem ou falar mal, é para falar da experiência. E da experiência com as outras disciplinas. E você trouxe mais sobre as áreas de postos. As outras áreas ficam mais de lado... Por isso que eu perguntei sobre os postos e atividades.

Eu acho que a vivência mais intensa mesmo é a do posto. Sempre foi uma crítica minha que a gente se envolvia muito pouco nas atividades coletivas e na produção científica... inclusive foi uma frustração muito grande no meu ano a produção científica que a gente fez. A produção científica na Bandeira é um desperdício absurdo. O relatório que a gente manda para a cidade é muito pobre. Não sei como isso ficou nos anos seguintes, mas no meu ano o nosso retorno para a cidade foi muito negligenciado.

O de Afogados?

Sim. O que a gente devolveu para a cidade foi tão óbvio, tão sem novidade, sem criatividade... eu não acho que a gente está ali para resolver um problema que definitivamente não é nosso... mas acho que já que a gente se dispôs a ir até lá, a cidade nos recebeu, gastou dinheiro com isso, teve uma demanda gerada com isso, a gente tem a responsabilidade de dar uma devolutiva minimamente criativa para eles. Tipo: “olha, vimos que vocês têm muitas pessoas obesas... o que podemos fazer sobre isso”. E uma coisa que eu senti das cidades é que eles ficam muito ilhados. E quando a gente chega lá, nós somos como uma ponte, que depois vai embora. E isso é uma coisa muito falha da Bandeira. A gente cria um monte de esperança, se coloca como uma ponte de conhecimento, de troca... eu fico pensando: “ah, resolvi sair de São Paulo, curti Afogados, quero trabalhar lá”... o quão ilhada eu seria?

Essa ponte, na verdade, não existe nem aqui.

É verdade, ela não existe nem aqui... Mas pelo menos aqui você tem os grandes centros...

Sim, mas esse encontro de áreas que você fala, isso não existe. Então quando você fala da ida como ponte, é uma ponte que é irreal.

Sim, sim. É o que eu te falei... o tipo de vivência que eu tive lá, eu nunca tive aqui. A maneira como é feito lá é impraticável aqui, pela questão de tempo e tudo mais. Não teria como a gente fazer o que faz

lá... e acho que nem é a proposta... acho que não precisa ser da maneira como é. Como eu disse, é até exaustivo para as pessoas, para o cliente que está ali. Mas acho que dá para melhor bastante.

Exaustivo por quê? Pelo protocolo de ter que passar por todas as áreas?

Acho que exaustivo em todos os sentidos. Porque eles tinham que chegar, na minha época – não sei como está agora -, e preencher um cadastro epidemiológico, que tinha um milhão de perguntas. Aí depois passavam por uma triagem para saber para onde iriam. Aí passavam no atendimento médico. A partir do atendimento médico ou a partir da triagem ele era dirigido para as outras áreas. Aí ele passava no atendimento da outra área... ouvia um milhão de coisas que todo mundo estava cheio de energia e de sede para falar... e a pessoa saía de lá assim: “ähm? Faz um resumo.”

Me manda por escrito (risos).

É! Acho que é exaustivo nesse sentido. E por isso acho que é impraticável. Para você manter a atenção de uma criança por mais de uma hora no consultório... coloca uma melancia na cabeça ou alguma outra coisa, porque ela não vai ficar. Ela quer fazer outras coisas... E com o adulto é a mesma coisa. A gente numa aula não dá conta. Depois de meia hora você quer dar uma olhadinha no celular, você está distraído... Então é mais nesse sentido. É impraticável por isso. Mas justamente por ser tão intenso que é tão marcante. Acho que é uma experiência diferente mesmo... é o que você falou, isso não existe aqui. Não dá para falar “ah, queria que a Bandeira existisse em todos os lugares”. Não, não é isso... mas depois daquela vivência você pensa: “poxa, como seria discutir com outras pessoas”, “puts, esse caso me lembra uma situação parecida, talvez fosse interessante discuti-lo com alguém de outra área.” Mesmo com outras áreas médicas mesmo... eu acho que você não está só, e o paciente não está só naquela queixa. Então como transbordar, como oferecer mais?

Hoje em dia eu vou ao médico, e eu odeio ir ao médico, acho que por causa disso até. Eu vou, e quase que não existe interação nenhuma, exame físico quase que nenhum, e antes de você entrar ela já estava pensando em quais exames ia pedir para você, numa troca praticamente inexistente... o que essa pessoa acrescentou na minha vida? Não que eu ache que tem que revolucionar, ou fazer um rebuliço na sua vida. Mas assim, a pessoa nem olhou, nem perguntou “o que eu posso fazer por você hoje? O que você acha que dá para trabalhar aqui? Qual é seu interesse?”. Não, a pessoa já vai premeditada... mas enfim, claro que tem todos os problemas que vão além da pessoa que está ali na figura do atendimento. Você tem o convênio que te massacra, você tem uma fila de espera que está te massacrando, você tem o sistema falido e todas essas coisas que na Bandeira não existem.

Na Bandeira você não tem hora, não tem número de atendimentos... você está lá só por dez dias, então a sua responsabilidade é bem diferente, porque aquela pessoa não vai te procurar, não vai bater na sua porta, ligar no seu celular... é um negócio meio esquizofrênico se você for parar para pensar, né, o que você oferece lá. E é até bastante arrogante da nossa parte achar que a gente está indo lá para fazer alguma diferença na vida das pessoas. Por isso que eu acho que o que faz o projeto valer a pena é a formação dos alunos. É definitivamente para os alunos. O que me faz querer continuar é isso. E não é para querer aprender Medicina também não... acho que eu devo ter aprendido bastante coisa, mas acho que é muito mais o sair do lugar, é o viver a prática de uma forma totalmente diferente do que você vai viver por aí. Acho que isso foi o que mais me marcou, pelo menos.

Engraçado você falar isso, que não é para aprender Medicina. E ao mesmo tempo você valoriza tanto essa passagem por todas as áreas. Fico imaginando o quanto você aprende sobre outras áreas que não a sua.

Eu acho que você aprende sobre relação, sabe? Eu não senti falta de aprender Medicina no Bandeira... quando você participa de um curso, vai para um congresso, vai para um intercâmbio conhecer outra

faculdade, você vai com o intuito de “puts, preciso aprender mais sobre esse assunto”. Na Bandeira, sinceramente, o que você vê lá, aprende lá... até porque são só dez dias... claro que você vê um caso interessante, que te marca e você vai lembrar... mas não é pela parte teórica que a Bandeira interessa as pessoas, definitivamente. Às vezes eu fico pensando no que me motivou num primeiro momento e depois no que me manteve motivada... talvez sejam coisas diferentes, mas a base seja a mesma. O que eu estava sentindo falta e que eu procurei quando entrei na Bandeira? Justamente de interação, de relação, de ver o paciente...

De dar um sentido à faculdade, né? Porque fica uma coisa dissociada.

Sim! E eu fico tão triste, porque hoje eu tenho que correr atrás daquelas coisas que eu estudei lá no segundo ano, no primeiro ano...

Agora essas coisas fazem sentido...

Agora eu preciso saber aquela desgraça! (risos) Nossa, eu acho que deve ser muito gostoso e legal entrevistar as pessoas, porque cada um deve ter uma percepção completamente diferente, a partir daquilo que ela buscava quando entrou nesse projeto... que pode surpreender também... você pode descobrir outras coisas no meio do caminho. Eu não acredito na Medicina tradicional, aquela coisa bem objetiva e centrada no fazer o diagnóstico... eu acho que isso aí não deu mais certo, na minha opinião. As pessoas não fazem o que você fala... você oferece um tratamento e aí a pessoa vai ver se ela faz ou não faz. Eu falo por mim mesma (risos). A construção de verdades absolutas e o médico como uma figura que está acima é uma noção completamente ultrapassada. A gente precisa de uma nova construção. E fazer isso numa faculdade tão tradicional e tradicionalmente arrogante, nesse sentido de estar acostumada a estar num status social superior, isso...

E você percebia isso na Bandeira? Essa postura mais...

Sim, com certeza.

E de onde vinha isso com mais força?

Eu acho que eu percebia que as outras áreas conversavam entre si com mais facilidade do que a Medicina. Inclusive socialmente falando, não só no ambiente de trabalho. As outras áreas se envolviam mais e a Medicina ficava só a Medicina, um pouco mais separadinho, mais panelinha... eu sempre percebi isso. Eu acho que é difícil para gente... não é uma coisa natural pra a gente. A gente não é formado para essa coisa de discutir, de acessar outros temas que não aqueles que nos são confortáveis – que normalmente são mais objetivos: “ah, a pressão está alta, a glicemia está alta, a tireoide não está funcionando muito bem...”. A partir do momento que a pessoa joga uma informação totalmente não subjetiva, que na maioria das vezes são coisas do tipo “puts, minha pressão está alta”... e aí cara? O que significa isso dentre tantos milhões de aspectos que não só “está 14 por 9”. A gente aprende objetivar as coisas e isso gera um conforto.

Eu brinco que é muito mais fácil para mim lidar com uma emergência – eu fui formada para isso – do que sentar com uma mãe que me diz “minha filha foi abusada pelo meu marido, o que eu faço?”. Aí você não faz ideia do que você faz... E aí você não está preparado para isso, você não se sente confortável com isso...você acha que isso não é responsabilidade sua, sendo que foi você que ouviu, sendo que foi para você que ela resolveu contar... acha que isso pode ser resolvido por uma outra pessoa, por uma outra instância... e querendo ou não, como a gente não aprende a lidar com situações da subjetividade, a gente ou foge e não acessa, e segue a vida sem acessar... ou a gente dá conselho, que também é outra coisa horrorosa. Porque a gente precisa saber o que fazer, tecnicamente também, tão bem quanto a gente

faz numa sala de emergência... a gente tem que se tornar técnico, também, de alguma maneira, nesse sentido.

E aí que vem o encontro com outras áreas. Como é uma coisa que você não acessa, e confortavelmente com os seus colegas iguais você não acessa também... acho que vai um pouco da coisa do interesse também. A gente se aproxima do outro a partir de algum interesse em comum. Médico é bom para falar horas sobre a mesma coisa, do paciente, da doença... “nossa, porque eu vi um caso assim e assado”... e fica falando horas e horas a fio disso. Sei lá como é que consegue, mas consegue... eu também já fui assim por um tempo na minha vida. Acho que você estar com um outro que vai falar coisas completamente diferentes e discutir aspectos totalmente diferentes daquilo que está na sua zona de conforto é um pouco mais difícil para gente. A gente tem uma formação um pouco mais quadrada ainda, eu acho... não sei, chutando aqui o que eu sentia.

É, mas vocês vão em um número maior também, né. Não sei o quanto isso influencia na ‘panela’.

Acho que bastante... porque tem uma força, né, a quantidade em si. Acaba tendo um impacto de força mesmo. Você olha para o lado e sempre está vendo alguém que você já conhece, alguém que você já viu, já conversou... mas mesmo para correlação das pessoas da Medicina também é uma vivência diferente. São situações diferentes e casos totalmente diferentes que você conversa... também é legal a construção dentro do micromundo ali. Eu percebo essa distância e essa dificuldade de aceitar que as pessoas vão olhar para as situações de maneira diferente... e que não é melhor ou pior que a sua, só é outra. Na diretoria eu senti bastante isso também... Eu, particularmente, nunca me senti atacada. Talvez por ser uma preocupação minha e uma coisa que eu valorizava... eu sempre tive muita facilidade de trocar com as outras áreas. Mas eu já ouvi de colegas meus, coisas do tipo “ah, só porque a gente é da Medicina...”, sabe? De se sentir assim... inclusive na diretoria tinha bastante isso. Mas também tinha mais gente da Medicina na diretoria, então não sei se isso também influenciava. Mas eu já senti muito dos meus colegas... acho que rola... a diferença não vem só da gente, né? A diferença é uma construção de ambas as partes. Então quem cria essa distância não somos só nós.

Sim, por isso eu perguntei... porque tem um tabu ali. Um preconceito. Engraçado, a gente está aqui conversando, e não sei porque me veio uma imagem na minha cabeça do próprio movimento social que está acontecendo hoje... de um estereotipo, das minorias, etc. Me veio isso na cabeça. Dessa “bateção” da minoria pela maioria.

Eu particularmente não senti. Mas isso já foi muitas vezes falado por perto. Meu ex namorado é fisioterapeuta e psicólogo... e ele marcava demais essa questão. Eu via através dele isso. Ele tinha raiva, asco... e namorava uma médica. A pessoa da Medicina chegava e ele já tinha um pé atrás, sabe assim? E aí os colegas dele tinham a mesma coisa... Então existe isso sim.

Eu não sei se ele é da USP... eu não sei como são as relações da Fono, Fisio e TO, que saíram de lá. Não sei se é uma coisa mais histórica... não sei se isso tem a ver.

Não é, mas alguma coisa tem. É esquisito... é segregado, é separado. Existe um tabu. É bem essa a palavra. E aí por achar que a gente sempre esteve nessa posição de status... e querendo ou não a gente ainda ganha melhor, tem acesso ao trabalho de uma maneira mais fácil. Isso existe ainda, a realidade ainda é essa. Existe uma segregação real de valorização do médico que eu não sei se é tão por aí assim... é uma coisa que precisa ser mudada ao longo do tempo, mais ainda é muito enraizado. Querendo ou não, o quanto a pessoa ganha no final do mês ainda é levado em consideração... e isso cria uma ideia de segregação, de que você é diferente de mim. E isso faz com que quem saia perdendo seja sempre a pessoa, os pacientes. A partir do momento que você cria uma segregação, na qual existe o trabalho doméstico e o trabalho das outras equipes, quem perde é a pessoa. Porque o ideal é que a gente

trabalhasse de uma maneira integral, mais longitudinal, mais completa possível... e eu acho que por isso é tão importante você ter contato com as outras áreas. Não cabe ao médico... eu falo médico porque é minha profissão... eu tenho que saber qual é minha limitação. Eu tenho que reconhecer quando eu precisar de ajuda, que talvez tenha alguém que saiba abordar isso melhor do eu. Eu acho que eu posso trocar uma ideia com uma pessoa para saber como eu vou lidar com essa informação, já que ela chegou até mim. Cara, você cresce tanto com isso! Você tem a oportunidade de ser melhor para você e para pessoa que está ali na sua frente. Nossa, é uma pena que a gente não tenha mais disso na faculdade... mas não dá tempo, né? A prioridade da faculdade é outra.

É, o locus disso são os projetos de extensão.

Sim. Nas ligas a gente consegue um pouco mais...

Nas ligas, nos PETs...

Então assim, como a Bandeira é uma extensão mesmo, é aquela coisa bem intensa de viajar... a viagem cria essa proximidade, você fica no quarto do lado dos seus amigos... por isso que é tão interessante. É um *boom*. Mas como é que isso fica depois? Como é que isso se perpetua depois?

Você falando agora, eu estou me lembrando dos discutidores, porque eu nunca fui como bandeirante. E os discutidores da Medicina ficavam em um hotel específico para eles, que em geral era o melhor. Não tinha isso? Me lembrei disso agora...

Tinha isso mesmo. Isso me assusta...

Me lembrei de outra coisa agora. Em Afogados, que eu fui como discutidoras, tinham algumas psicólogas que eram de Pernambuco, e elas se sentiam ainda abaixo porque elas estavam em um hotel pior do que médicos e os outros profissionais da USP.

Tristeza total... eu ia falar dos alunos que foram de outras faculdades com a gente, e apesar deles terem ficado fisicamente com a gente no mesmo lugar, acho que eles tiveram essa mesma impressão de inferioridade. Acho que isso é real, existe... acho que deve ter muita gente que passa pela Bandeira e nem percebe tudo isso que eu estou trazendo para você. Mas apesar disso, para mim foi o que mais me serviu na minha vida acadêmica. A Bandeira, assim como todos os ambientes, segrega. E é natural que quando mais velha a posição, isso fica mais escancarado. Foi o que você falou... os quartos são sempre diferentes...

Em Belterra nem deu para perceber isso, porque estava todo mundo precário.

É, foi bem “roots”. Eu acho que todos os discutidores ficaram no mesmo hotel, porque tinham, tipo, dois hotéis na cidade inteira. Mas assim, de todo jeito isso é uma coisa que permeia nosso dia a dia o tempo todo. E acho que a gente está aí para desconstruir isso..

Pois é... como partir isso da própria diretoria, né? Porque essa escolha é da diretoria. A gente nem sabe para onde a gente vai, a gente simplesmente vai.

Exato, vocês só vão. Eu fico pensando... se a gente tivesse o mínimo de seguimento na Bandeira... se não fosse uma coisa tão pontual... talvez as mudanças que aconteceram nas pessoas individualmente fizessem com que as tradições fossem questionadas e quebradas. Quando eu fui da diretoria, no terceiro ano da faculdade, tinha uma receitinha de bolo lá: o que fazer, como fazer... enfim... eu nem sei quem fez as reservas dos hotéis, porque eu não fiquei com essa parte. Mas assim, eu fico pensando: se hoje eu estivesse como parte de alguma coisa de organização da Bandeira e eu soubesse que existia uma

separação de hotéis, onde os médicos ficavam num lugar melhor, isso ia me deixar completamente transtornada... e talvez na minha ingenuidade, na minha imaturidade, no meu despreparo do terceiro ano – que é a realidade da diretoria da Bandeira hoje – eu não tivesse essa sacada de falar: “gente, vocês estão entendendo que tipo de mensagem a gente está transmitindo com essa separação?”

E essa separação... porque não mistura? O ônibus vai passar em todos os hotéis. Eu estou pensando nisso agora, tá? Me chamou atenção porque você estava falando isso e eu me lembrei das psicólogas de Pernambuco falando: “a gente está num hotel que tem que subir uma escada, que é uma porcaria...”

É nessas sutilezas... que não são nada sutis... a diferença a segregação, o preconceito são coisas tão perspicazes que eles vão permeando a gente dessa maneira... sutil. Não é que alguém chegou para ela e falou: “você é de Pernambuco, né... não é tão bom assim”. Ninguém falou esse absurdo para ela, porque ninguém vai ter coragem de falar esse absurdo para ela. Mas colocar num hotel pior, não trazer para perto, não chamar para jantar na pizza junto com todo mundo, não deixar ter voz naquele lugar, tudo isso são maneiras de falar esse absurdo, que você acha que jamais você falaria. Então a Bandeira perde também nisso... de não dialogar, de perder essa longitudinalidade das pessoas.

Mas ao mesmo tempo foi tão transformador... de repente, no terceiro ano da faculdade, você ter aquela responsabilidade toda, ter que correr atrás das coisas, e ter que ligar que ligar para um monte de canto que você nunca ligou e ser cara de pau. Puts, foi tão rico praquela momento da minha vida... acho que se tivesse alguém mais experiente e falando todas as coisas que deveriam ser feitas não seria a mesma coisa. O discutidor estava lá, mas só para caso a coisa ficasse muito feia, só se a gente realmente não desse conta... ele não tinha um papel próximo, de liderança. Era uma coisa meio solta. Hoje existe o conselho, né? Pelo que eu sei ele se constrói e se desconstrói... não conseguiu se manter muito ao longo desses anos... e nele poderia ter alguém que desse um toque como esse: “então pessoal, tem que achar hotéis que sejam iguais para todo mundo, ou todo mundo vai ficar no mesmo lugar, sendo ruim ou bom, e que a gente possa pagar”.

Porque não teve mais hotel nesses últimos anos? Porque a gente perdeu o patrocínio de uma indústria farmacêutica nesses últimos anos. O que também é outra discussão... como é que você vai para uma cidade, para trabalhar pelo SUS, com um monte de aluno de faculdade pública, com um logo indústria farmacêutica de uma gigantesco nas suas costas? Muito maior que a Bandeira. É a maior coisa da camiseta. É eticamente bastante complicado, né... mas enfim, de onde a gente ia tirar dinheiro? Algum dinheiro tinha que sair de algum lugar. Mas é algo a se pensar. É algo bem complexo...

Mas perdeu agora essa indústria farmacêutica, né? Eles vão sem.

Sim. Mas isso fez com que o projeto tivesse que se reinventar de algumas maneiras... e eu acho que é melhor assim. Faz mais sentido não ter a indústria farmacêutica como patrocinadora majoritária. Eu lembro que era bizarra a maneira como eles usavam a gente...

Bizarra era até aquela caixa de remédio. Eu achava aquela caixa de remédio para lá e para cá uma besteira... deixa esse remédio no posto. A hora que as pessoas precisarem de remédio elas vão lá buscar. Ou não, não leva remédio nenhum.

Mas é a necessidade de se sentir útil e transformando a vida daquelas pessoas..

Mas você acha que era necessidade de se sentir útil? Porque não sei se usa ainda remédio... como essa indústria farmacêutica saiu, será que tem outra de remédio?

Tem a FURP, HC... Eu acho que existe aquela coisa de “estou te dando uma coisa”, do assistencialismo. Aquele prazer imediato de você achar que está fazendo uma coisa para aquela pessoa... que é uma carência tremenda também da nossa parte. Uma arrogância mesmo, de achar que por estar dando um remédio eu sou super bonzinho, estou ajudando a pessoa, sou do bem, estou indo lá para os cafundós... o que é outra coisa que precisa ser desconstruída na Bandeira, né? Você está ajudando quem? Você mesma, talvez... a população em si, já é bastante duvidoso. Mas enfim, acho que para mim serviu para eu ver as coisas de uma outra ótica, de um outro jeito, com uma outra abordagem... O que mais me interessa na Bandeira é essa possibilidade de criar relações de uma maneira totalmente diferente da que a gente se dispõe na faculdade.

ANEXO E – Entrevista com a profissional da Medicina (Politécnica)

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como médica?

Complexo... Eu acho que tiveram algumas mudanças pequeninhas que talvez eu nem tenha percebido tanto.. Agora começando a atender no internato eu estou começando a ver melhor, que é a questão do “puts, não precisava ser eu para resolver essa queixa” ou “a gente podia simplificar”. Eu acho que eu penso muito mais em possibilidades de integrar os atendimentos agora do que eu fazia antes. Então antes eu achava que tudo era responsabilidade minha, e todas as decisões tinham que partir do médico... E hoje em dia não. Hoje em dia a gente fala “puts, uma equipe multi faria muito mais sentido”. Ou mesmo que outro profissional conseguiria atuar nisso muito melhor do que eu. Eu tinha essa coisa do “sou muito responsável” antes, e acho que está um pouco menor agora. **Um pouco mais de ‘guarda compartilhada’** acho...

Mas como é que se construiu isso?

Eu acho que isso foi construído desde a minha época de Poli. Eu não participei da Bandeira só na Medicina, eu participei da Bandeira na Poli... e perceber a Engenharia como parte de um cuidado, até pessoal, fez com que eu parasse de olhar só para um aspecto das questões. Então a gente fez trabalhos com o pessoal da Fisioterapia para adaptação de cadeira de rodas, TO... Eu fui em 2011 para Belterra no Pará, eu fui a Inhambupe na Bahia em 2010, fui para o Espírito Santo em 2014 e também em 2015 como diretoria.

Como Poli?

Como Poli em 2010 e 2011. Bahia e Pará. Era muito gostoso... Belterra foi uma das minhas Bandeiras favoritas. Foi a Bandeira ceifadora de relacionamentos também. Todo mundo que foi, ou terminou o namoro na Bandeira ou terminou depois. Eu achei engraçadíssimo. Eu fico pensando o que é que teve nessa Bandeira... Eu sentia o pessoal muito mais junto nessa expedição do que eu sinto hoje em dia. Para mim a Bandeira mudou.

Você tem ido então?

Eu fui em 2014 e 2015, aí em 2016 eu tirei férias. Falei “não vou prestar, não vou fazer nada”. Aí em 2017 eu comecei o processo seletivo e liguei no meio... não fui na entrevista, não estava afim, fui fazer outras coisas da faculdade. Tive uns problemas pessoais também, então não tinha mais como ir. Aí achei melhor ficar em casa e aproveitar minha família, que eu nunca via porque eu sempre estava metida com a Bandeira...

Você estava falando que foi com a Poli... que essa sua construção começa com a Poli, quando você estava trabalhando junto com a Fisio.

Isso, eu estava trabalhando com a Fisio na adaptação de cadeiras de roda. Foi o mais óbvio dos projetos. Mas inicialmente a Engenharia tinha uma coisa de integrar com as outras áreas, muito maior do que a Medicina tinha naquela época. Hoje em dia, com os próprios atendimentos multi dentro da dinâmica do posto, eu percebo a Medicina fazendo mais interações e conversando mais com pessoas de outros grupos. Em 2010 e 2011 quando eu fui com a Engenharia, a Medicina ficava sozinha, não falava com ninguém... algumas outras áreas tinham algumas intersecções, mas eu não achava que era tanto o foco

da Bandeira quanto é agora. E a Poli tinha que justificar porque ela estava indo, não sendo uma equipe de saúde. Então tinha essa coisa de trabalhar junto muito maior. Acho que começou por aí...

Vocês foram chamados em 2010? Ou vocês já tinham um grupo antes?

Não, a Poli está desde 2006. Começou tímidozinho, com 4 pessoas. Quando eu fui, acho que foram 10 pessoas no primeiro ano, e 11 no segundo.

Você foi dois anos pela Poli e depois você desistiu da Poli? É isso?

Sim. Culpa da Bandeira também (risos). Eu entrei na Engenharia... na minha família todo mundo é engenheiro: minha mãe é civil, meu pai era mecânico, meu irmão foi para a elétrica e a minha dúvida era entre Ambiental – bem específico – ou Medicina. E todo mundo em casa era engenheiro, entrar em Engenharia era mais fácil do que em Medicina, você não morre 30 anos no cursinho e tal, sempre me dei bem com exatas ... aí eu fui para a Engenharia. Eu entrei no curso e detestei. Detestei! Só que o ciclo básico é ruim em toda faculdade.. Os dois primeiros anos de todos os cursos são uma bosta. O que eu olho dos meus amigos é sempre isso. E aí eu fui puxando matéria, fui fazer uma Iniciação Científica, fui atrás de outros projetos... e foi assim que eu conheci a Bandeira. Eu estava conversando sobre isso com um amigo, aí ele falou: “ah, tem um projeto na faculdade que vai para uns lugares... parece isso que você gosta”. Aí eu fui, passei na entrevista e fui com a Poli.

Quer dizer, então você foi porque estava desanimada com a faculdade, é isso?

Sim, e porque o que eu queria fazer era uma coisa mais voltada para as demandas diretas das pessoas. Eu não entrei na Engenharia para trabalhar com mercado financeiro, consultoria... Eu tinha ódio de pensar em trabalhar atrás de um computador o dia inteiro. Então eu queria coisas em que eu pudesse conversar, falar “como eu posso melhorar sua vida?”. Aí eu fui para Bandeira e me apaixonei completamente... Só que voltando para São Paulo, não tinha como continuar com isso daqui. A parte de Ambiental mais social é muito, muito, muito rasa aqui no Brasil. Mesmo que eu trabalhasse com ONG não teria como eu seguir, não teria muita perspectiva... Aí me deu 5 minutos um dia, e falei ‘não, o que eu tô fazendo aqui?’

E também porque não estava legal na faculdade...

Não, eu puxei matéria e continuou uma droga. Melhora, mas não o suficiente. Aí eu falei: “pô, por que eu estou fazendo isso comigo?”, “o que eu tô fazendo aqui?”. Um dia um amigo meu falou para mim... eu estava cansada, falei que queria ir embora... aí ele disse: “por que você não vai?”. Eu fiquei com isso na cabeça: por que eu não vou? Por que eu tô aqui? Por que eu tô fazendo isso?

Lá na Poli? Um amigo politécnico?

Isso, um amigo politécnico. Mas ele achou que eu estava falando “nossa, to cansada, quero ir embora hoje, ir para casa tomar um banho” e não “quero ir embora deste lugar definitivamente”. Aí eu fui. Fui embora.

E você estava em que ano quando você desistiu?

Terceiro.

Então você passou o primeiro e segundo ano da faculdade na Bandeira, é isso?

Isso.

Nossa!... você foi muito cedo.

Eu ia ser diretora no terceiro ano. Eu acho que a coisa mais difícil de largar a Poli foi falar para os meus amigos que eram diretores naquela época, que eu não seria diretora no ano que eu larguei. Foi o único momento que me pesou e eu pensei “puts, por que eu não fico um pouquinho mais?”. Por isso que eu queria também vir para a Med da USP, porque aí teria a Bandeira de novo, e pude me manter no projeto.

E de alguma forma o contato com as outras áreas... eu não sei como era o seu contato nesses dois primeiros anos, se tinha um contato mais próximo ou não, se era só na hora da expedição...

Só na hora da expedição. Não tinha ainda a... puts, como chama? Que eles se encontram...

Reinter

Isso. Não tinha reinter ainda. Tinha um encontro, que era o social antes da expedição, em que eles passavam as informações “leva repelente, leva não sei o que... vamos fazer uma dinâmica para a gente se conhecer”. Só tinha essa reunião, não tinha nenhuma outra. Então o contato que a gente tinha era só no caminho – 40 horas de ônibus ou o avião – e lá na expedição. Eu gostava... foi quando eu mais me diverti.

É então, mas também ficava um negócio no fim do ano, para dar um...

É.. a gente trabalhava muito. As equipes das áreas eram muito unidas. Mas dentro do resto das outras áreas a gente quase não se falava. Só conversava para determinadas atividades.

Então vocês politécnicos se encontravam antes de ir... faziam várias reuniões?

Sim, sim. A gente se encontrava toda semana. A gente usava o escritório piloto ali da Poli, que era basicamente o escritório da Bandeira. Então a gente estava lá sempre. Tinha reunião semanal, mas as nossas responsabilidades a gente resolvia lá. Eu via todo mundo da Bandeira quase todo dia.

Ou seja, era uma coisa que de alguma forma preenchia o seu dia, né?

Sim, era a parte gostosa. Os meus amigos eram os amigos de lá. Então a gente tinha reunião e depois saía para comer pizza, a gente se encontrava no meio da semana e saía para dançar forró... O meu círculo social lá na Poli ficou muito vinculado à Bandeira. Os amigos que eu mantenho hoje são de lá também.

Foi tranquila essa mudança? Da Engenharia para a Medicina?

Hum... não. Não foi nenhum pouco tranquilo. Eu estava tranquila com a minha consciência. Trancar a faculdade foi um dos dias mais libertadores da minha vida... eu estava leve. Mas em casa a dinâmica foi muito pesada. Isso que pesou. Pesou minha mãe virar para mim e falar “olha, você vai largar, vai voltar para o cursinho, então você tem que se dedicar. Você não pode ficar indo para a Bandeira e fazer outros projetos”. Então eu tive que largar tudo completamente. E aí pesou, sabe? Puts, vou ter que largar todas as coisas que eu gosto e que são uma válvula de escape para mim para poder entrar na faculdade. Não foi tranquilo por causa disso. Mas por consciência foi tranquilo... ah, foi. Acho que pesaria muito mais minha consciência se eu ficasse lá. Porque eu estava me torturando ali.

Sim, sim... E como é que foi entrar? Porque aí é outra realidade né?

Nossa, eu não fazia nada, nada na Engenharia. Eu fazia as coisas da Bandeira, dormia e dançava forró. Era isso que eu fazia na faculdade. Eu dormia na faculdade. Eu ia para o escritório, dormia no sofá,

acordava, fazia minhas coisas, olhava para a aula e saía para dançar forró. É isso que eu fazia. E aí quando eu fui para o cursinho, ninguém acreditava que eu ia estudar direito, porque eu não fazia nada da vida.. Você espera que a pessoa mantenha um padrão minimamente. Só que eu entrei numa rotina certinha, de dormir 8 horas, comer direito, blabla, e eu mantive isso por 6 meses. E aí foi tranquilo, passei.

Não, mas como foi entrar, não passar... Como é que foi entrar, chegar na Medicina..

Deu uma cansaça muito grande, porque todo mundo estava na primeira faculdade, todo mundo tinha 18/19 anos... eu já era mais velha, já tinha ido para todas as festas de faculdade, todas as cervejadas, já sabia como funcionava a USP, já conhecia tudo e todo mundo estava “IEI !!!!”. E eu estava “que saco, só vamos passar logo essas matérias e começar com a Medicina”. Então foram dois anos de pura encheção de saco.

Que foram os dois anos que você foi para o Bandeira?

Não, o primeiro ano não. No primeiro ano não pode ir calouro da Medicina no projeto... você tem que saber examinar, tirar uma história minimamente, para conseguir atender sozinho. E na Bandeira não tem como você ficar tutorando, atendendo com duas pessoas, porque isso diminui muito a quantidade de fichas que você vai atender. Então pode ir a partir do segundo ano, porque no segundo ano a gente sabe as matérias que eles já tiveram e o que eles conseguem fazer... mesmo que o atendimento demore mais, é melhor do que colocar junto com outra pessoa. O aproveitamento é muito maior. Então no primeiro eu não fui, não mexi com nada do projeto, não estava nem sabendo de nada do que estava acontecendo... eu sabia para onde eles iam e tal... e aí no segundo ano eu prestei e passei. E aí eu fui no segundo e no terceiro ano. No terceiro ano foi meu ano na diretoria.

Ah, você chegou a ir como diretora?

Fui como diretora. Completei. Falta só o Conselho agora.

E discutidora.

Discutidora. Se eu passar na Residência aqui na USP.

E aí pensando um pouco sobre o contato com as outras áreas...você viveu o contato como Poli e como Med.

Na Med já era uma época que tinham as reinter, já tinham os grupos de trabalho... então o contato com as outras áreas já era mais fácil até pela proximidade. E eles estavam começando aquela coisa de chamar outras áreas de forma mais intensa. Tinha isso antes, mas não era uma diretriz tão forte da diretoria, uma orientação tão forte da diretoria para os bandeirantes... Eu lembro que quando eu estava no segundo ano, ainda não sabia nada do que estava acontecendo, fazia aquele atendimento de aluninho, levava três horas para tirar uma história simples... e eu lembro de pensar: “eu demoro muito no atendimento, eu não tô rendendo muitas fichas”. E eu pedia para acompanhar atendimentos de outras áreas, eu pedia para acompanhar a Fisio quando eu fazia o encaminhamento... ainda não tinha a consulta multi. “Vou pedir para acompanhar, porque aí eu sei mais ou menos, eu ajudo na orientação”. E isso foi legal, porque eu podia participar desses atendimentos e das atividades que as outras áreas faziam. Para mim ficou mais fácil. Eu aprendi muita coisa de outras áreas... eu aprendi orientações que eles passam e coisas que eu não sabia que eles faziam. Eu não sabia, por exemplo, 90% do que a TO realmente fazia, mesmo com as aulinhas de teoria da Bandeira. Mas conversar com eles e ver o atendimento com eles, é uma forma de pensar muito diferente dos cursos que eu tinha passado. Então entender que a forma que você pensa

não é a única para chegar numa resposta, ou para entender uma problemática do paciente, foi algo que abriu muito minha mente, me fez pensar “talvez eu não esteja conseguindo acessar algo por esse caminho, então vou tentar outro para chegar lá”. Nesse ano foi importante isso... de pensar e conseguir ver como funcionava a dinâmica de cada uma das áreas.

No ano seguinte, já tinha os atendimentos multi e as equipes multi. E isso era legal para você ver uma coisa conjunta.

As equipes multi que você está falando são as equipes de acolhimento, do início, é isso?

Não. A gente tinha pensado numa dinâmica de, a partir do acolhimento, pensar como seria composto o atendimento, com todo mundo junto. É, porque antes eu ia lá, tirava história e conversava com o paciente. Depois ia outra área e tirava a mesma história... então o paciente repetia exatamente o que ele já tinha falado umas quatro vezes. Ficava um atendimento muito maior, muito mais cansativo e muito mais demandante, tanto para o paciente como para a equipe. Não rendia tanto. Aí a gente pensou: se a gente colocar as pessoas na mesma consulta, mesmo que elas tenham abordagens diferentes, a pergunta “o senhor fuma?” vai ser feita uma vez, não quatro. Vai ser menos cansativo para a equipe e para o paciente. E esse era o objetivo: a complementariedade. Foi bom por um lado, porque você consegue acompanhar, de verdade, muito mais atendimentos compartilhados e entender muito mais a outra equipe; mas, por outro lado, quando você vai fazer uma pergunta, você sempre estabelece uma linha de raciocínio, e a outra pessoa não tem a mesma linha de raciocínio que você... então se ela faz uma outra pergunta no meio, você corta e fica “puts, como eu volto praquele gancho que eu tinha deixado?”.

Eu acho que ainda estava muito no começo da preparação de um atendimento multi. Não sei como está isso nos últimos anos, como foi a preparação, se eles conseguiram perceber isso e aproveitar, mas tinha algumas falhas importantes ainda no sentido de travar o raciocínio de quem estava atendendo. Mas foi legal... hoje em dia eu encontro o pessoal da Fisioterapia nos postos e elas são minhas amigas da Bandeira. E eu falo: “dá uma olhadinha naquele paciente ali? Eu tentei orientar igual você me ensinou, mas não rolou 100%”. É muito legal... a gente se encontra por aí e é gostoso.

A TO ninguém sabe direito o que faz. Ela é muito mais ampla do que a gente sabe e ninguém sabe o que a TO faz. Então fica muito marcado... “ah, eu sou TO” e aí você olha e faz tipo: “que bom...tá”. Mas a Fisio acho que foi a área que eu mais tive atendimento compartilhado e que mais integrou... Era uma equipe muito aberta para integração. Mais do que a TO até. A TO eu lembro que integrava bastante com a Psico, a Fono com a Odonto, e a Fisio com a gente. Tinha os casamentos já do jeito de atender, e proximidades da própria área mesmo.

Bacana... E ao longo da sua graduação, como isso aparece? Você deixou de ir por alguns anos..

Aparece nas minhas brigas com todos os assistentes no internato inteiro: “a gente tem que encaminhar esse paciente não sei para onde”. E eles: “não, aqui a gente não encaminha”. E eu: “como assim a gente não encaminha? Tem que encaminhar porque não faz sentido ficar com a gente. Ele vai ser muito melhor assistido com outra área”. Então eu comprava brigas... e comprava brigas por perceber que muitos profissionais se formam sem saber o que outros profissionais de saúde fazem. Talvez grande parte. Então eu tentava levar muito isso para os meus colegas de panela... alguns foram para a Bandeira também, mas alguns não. E minha panela era bem aberta para conversar e perceber outras áreas. Mas não era a primeira forma de pensar. Você não pensa como melhorar a vida da pessoa no global... eles pensam mais em resolução de problemas agudo, específico daquele momento.

Na Bandeira você está falando?

Não, na vida. Estou falando dos meus colegas que nunca participaram, ou que participaram uma vez e foram naquela coisa do tipo “falaram que a Bandeira é legal e é bom para o currículo”... e não aproveitaram o projeto tão a fundo.

Então são pessoas que não chegaram a participar como diretores, só foram como bandeirantes?

Isso.

Tem bastante dessa galera?

Não é a maioria. Eu diria que é uns 30% da galera que vai. E a gente tenta pegar isso na entrevista.. o processo atual tem prova escrita, redação, dinâmica e tem entrevista. E aconteceram casos de entrevista, no meu ano de diretoria, de pessoas indo e falando “ah, quero ir para Bandeira porque as pessoas até que tem alguma coisa para ensinar” ou “fui ano passado então eu consigo passar para os mais novos como é de verdade”. E não entendem que cada lugar que a gente vai é um lugar completamente diferente, que tem um projeto completamente diferente, e que a dinâmica é muito específica de cada diretoria também. Então é um combo de fatores que alteram o projeto final... essas pessoas que vão muito no “já sei exatamente como o projeto funciona” são as pessoas que a gente tenta cortar, e favorecemos pessoas que são mais abertas para conhecer. Não sei se é o melhor método... não sei se talvez a gente devesse levar algumas dessas pessoas para tentar mudar a cabeça delas... mas não tem como levar todo mundo, é muito restrito. Então a gente vai priorizar alguém que já está aberto ou você vai desenvolver uma habilidade que vai dar muito mais trabalho e talvez a pessoa nem aproveite tanto futuramente? Eu achava muito ruim selecionar pessoas...

É sempre péssimo..

Isso era bom em estar com as outras áreas, porque a gente sempre tinha que trabalhar junto. Então a gente sempre pedia para as entrevistas serem com pessoas de outras áreas, porque primeiro que não tem o fator do colega, que você sabe quem é, e também porque tinha que ter uma linguagem que fosse comum... então se eles conseguissem passar por uma entrevista com outras áreas, usando essa linguagem mais próxima das outras áreas, o trabalho ia ficar mais fácil. E aí você consegue articular bem e acessar os pacientes, os usuários melhor...

Mas isso também é uma ilusão, né?

Na verdade a gente não consegue acessar ninguém muito bem, né?

Não, não... não é só isso. Acho que assim, se o cara consegue se comunicar comigo melhor... quer dizer, se ele consegue se comunicar melhor com uma pessoa de outra área, ele vai... isso é uma ilusão, porque ele está numa entrevista, para começar.

Sim, ele tá vendendo um peixe.

Sim, isso é uma coisa. E outra: o se comunicar com outra área, eu entendo que é uma grande oportunidade do projeto. Então acho que na medida em que você vai fazendo as reinters, e até a própria expedição em si, isso vai indo...

Eu não sei se a reinter contribuiu tanto assim, sabia? Eu acho que é o projeto. A reinter... nossa, era uma grande reclamação e “enchimento de saco”. Ninguém se conhece de verdade, era meio uma “forçação de barra”, todo mundo está cumprindo tabela... não foi... na diretoria que eu estava, a gente super se esforçava, pensava 30 vezes, e quando você via o resultado não era o que você esperava. Não acho que o pessoal tenha aproveitado tanto assim as reinters. Algumas oficinas de trabalho foram positivas, mas

a maioria não foi para frente... mesmo os resultados de trabalho foram ruins. As pessoas das oficinas de trabalho se conheciam mais e interagiam mais no projeto... muito mais do que nas reinters. Isso favoreceu muito mais. As oficinas são as coletivas. Na oficina de mulheres o pessoal conversava bastante... de saúde mental, algumas pessoas interagiram bem. Agora, as outras...

As que não entravam em nada, né? Tinham aquelas pessoas que não entravam em nada, né?

As pessoas da Med? Não, não. Cada um entrava em pelo menos uma coletiva. Era uma demanda... a não ser que você estivesse no quinto ano, que você já está no internato, e a gente sabe da pouca disponibilidade de carga horária. Aí ficava a critério da pessoa. Mas acho que as pessoas mais velhas que entram no projeto, que entram no final, e não vão em todos os anos, elas participam muito mais das coletivas e das atividades com outras áreas, do que os mais novos. Os mais novos começam, participam das primeiras, e chega no final do ano eles perdem o fio da meada... não sei se eles não têm essa percepção de “como vou usar isso na vida real” já tão próximo, mas eles param de ver sentido naquilo, e acabam abandonando um pouco. O pessoal mais velho não, eles aproveitam mais. E arranjam mais confusão também... Mas acho bom também. Acho importante.

Você acha que isso acontece porque os mais novos estão mais distantes da prática, é isso?

Eu acho que sim. E eu acho também que eles são muito seduzidos pelas outras atividades mais dinâmicas da faculdade, porque tem muita extensão, esporte... e uma pressão muito grande para que você participe de tudo e seja ótimo em tudo. Não existe outra opção.

Tem essa pressão? Tanto na Poli como na Medicina, ou só na Medicina?

Na Poli, tem um sentimento de “todo mundo está ferrado”, então vamos ficar ferrados juntos. A Poli tem uma coisa do “estamos ferrados juntos, então desce uma cerveja e vamos conversar sobre isso aí”, muito maior que na Medicina. Na Medicina tem uma nuvem negra de competição o tempo inteirinho, e você tem que ser o melhor em absolutamente tudo que você faz. Então você tem que ganhar todos os campeonatos esportivos, você tem que ser o melhor da turma... é uma competição constante. A galera pira, hoje em dia lá, por isso. Ninguém consegue cumprir com o que eles acham que eles têm que fazer, e com a pressão externa. É um embate eterno isso... as pessoas competindo umas com as outras. Pelo amor de Deus, você está na faculdade, vai ficar competindo por nota? Vai procurar o que fazer, vai arrumar uma preocupação de verdade, sabe? Mas eles ficam com isso, principalmente no começo... aí eles se ferram um tanto até o terceiro ano, e aí começam a dar uma relaxada a partir do quarto. Mas antes disso, eles ficam completamente enlouquecidos.

E como é que essa competição entra na Bandeira?

Ah, os primeiros anos são a maior quantidade de candidatos por vaga, e tem pouquíssimas vagas. Só que a prova da Bandeira é uma das poucas provas justas daquela faculdade, porque ela é feita exatamente com a matéria dada, e você não precisa ir com a ideia decoradinha... você tem que analisar o caso bonitinho. Aí você ranqueia a partir do seu ano e é cobrado de acordo com o nível que você está na faculdade. Você não tem que decorar picuinha, não tem nenhuma nota de rodapé, é uma prova feita por 300 pessoas, com a orientação dos médicos tutores e dos discutidores... mas tem uma competição ferrada. São duas semanas de curso, mais a prova teórica, mais a entrevista, tudo isso no meio da sua rotina da faculdade. É pesado, é um processo seletivo bem pesado. E quem vai em todas as aulas... a nota é multiplicada pela frequência. Isso eu não gosto nem um pouco... foi uma briga minha o tempo inteiro dentro da diretoria da Medicina do Bandeira, mas não consegui ganhar essa, de não multiplicar a nota da pessoa pela frequência. Mas quem sabe em algum ano eles repensam isso..

Então, de alguma forma, quando eles entram na Bandeira eles vão encontrar outras áreas que não tem essa competitividade.

Mas a partir do momento que você entra, isso muda.... Muda, porque ali dentro não tem nenhuma forma de avaliação. Depois que você entrou no projeto, não tem nenhuma forma de avaliação, não tem mais ninguém olhando para você. Você só tem que participar das coisas e aproveitar o projeto. A gente faz o máximo para eles terem uma experiência boa, e para que aproveitem o projeto... mas ninguém segura na sua mão e fala “vem cá que eu vou te ensinar”. Você tem que correr atrás também. Vai muito do interesse... e é aí que a gente consegue ver, de verdade, quem está e quem não está no projeto. A gente vê as pessoas que foram para o projeto de verdade, e quem foi para o projeto porque quer cumprir check list da vida, ou quem quer aprender e gosta daquilo, vê sentido naquilo...

Eu perguntei porque você falou duas coisas que coincidiram: você falou que nos primeiros anos a competitividade é maior e que nos últimos anos isso diminui, e que ao mesmo tempo, os primeiros anos são os que têm mais dificuldade de fazer uma relação mais inter, de mais contato com as outras áreas, e que nos últimos anos isso é mais fácil. Aí eu fiquei pensando: será que tem alguma ligação essas duas coisas?

Será que existe uma competitividade entre as áreas dentro do próprio projeto? Existe... eu percebi isso na minha diretoria, que eu estava prestando mais atenção. As pessoas mais velhas na faculdade se integram mais com o pessoal das outras áreas, mesmo no social, na hora de jantar, do que os mais novos. Eu sinto que os mais novos ficam muito fechados no grupinho da faculdade, enquanto o pessoal do quarto, quinto ano, conversam mais. Eles se fecham em alguns momentos e aí só ficam falando de doença, porque é isso que médico faz, mas eles puxam outras pessoas também e tentam conhecer a cidade, conversar com outros, tomar um sorvete com gente de outras áreas... enquanto os mais novos ficam mais fechadinhos no grupinho deles. Então talvez exista uma competitividade entre as áreas ou talvez exista uma dificuldade de identificação, de pensar que esse projeto é meu e também é da pessoa que está do meu lado, apesar dela não ser da mesma área que eu. Eu acho que talvez eles não se sintam tão donos daquilo quanto o pessoal mais velho. Acho que pode ser isso... não sei se é uma competitividade de “quem manda mais”. ... É, porque existe isso dentro da diretoria... que área tem mais força, que área toma decisão... o que é bem irritante.

Que pena que você não foi diretora na Poli. Porque você teria vivido as duas diretorias, o que seria interessante até para você conseguir dar um feedback para a própria Bandeira.

Ia ser sensacional. E foi uma diretoria gostosa a diretoria que ia ser da Engenharia. Eu conhecia o pessoal, era o pessoal de 2011... ia ser uma diretoria gostosa. Eu arranjei muita confusão na minha diretoria da Medicina. Nossa... enfiei o dedo na cara de gente vindo gritar comigo. Eu briguei muito. Foi uma diretoria estressante. Chegou no final do ano eu pesava 48kg.

Por isso que você desistiu?

Por isso que no ano seguinte eu não prestei. Eu estava acabada.. E eu saí da Bandeira, eu voltei de Alagoas, e no dia seguinte eu peguei um avião para visitar meu irmão na Alemanha... eu não queria saber do que estava acontecendo, eu desliguei tudo, falei “foda-se, vou ficar com meu irmão, que eu não vejo há 6 meses, e não quero nem saber o que está acontecendo”. Meu pai estava doente, e eu estava super cansada porque eu precisava resolver as coisas de casa com relação ao meu pai, precisava resolver as coisas da Bandeira, precisava fazer o relatório final... aí o Paulo falou assim: “você não vai fazer o relatório. Você vai se cuidar, porque você tá louca, descompensada”. Meus amigos tinham uma listinha de porquê eu não podia dobrar a diretoria... porque quando acaba dá uma vontade, né? Depois que você

vê que acabou, que passou tudo, você lembra muito mais das coisas positivas, que foi gostoso.. vê todo mundo participando, os resultados... é gostoso. Mas nossa, eu estava louca. Louca, louca, louca... Me sugou.. Eu parecia uma caveira. Eu não dormia direito, só comia tranqueira o dia inteiro ou eu não conseguia comer... eu ia pra faculdade e não sabia que eu tinha prova. Eu fui representante de sala por quatro anos na faculdade. Eu era um calendário ambulante, eu sabia todas as datas, todas as coisas... eu sei todos os processos da USP de trás para frente em relação à prova, data de entrega, blabla. Eu sei trezentas milhões de coisas. E naquela época eu não sabia. Eu cheguei lá e meus amigos falaram “ai que bom que você veio, porque tem prova”. E eu fiquei tipo: “Que? Não sei nem meu nome, e quer que eu faça prova? Não sei nem que matéria é essa, não sei nem a cara do professor porque eu não vim na aula porque estava resolvendo coisa da diretoria. E quer que eu vá fazer prova? Tá bom.” E foi meu ano com melhores notas.

Olha que interessante...

Porque como eu não tinha tempo, o tempo que eu tinha eu focava muito. Mas foi um aninho ó... Eu tenho um pouco de dó de quem vai para a diretoria hoje em dia...

Pois é, tem dó mas ao mesmo tempo você tem saudade, né?

É, eu aprendi muito, muito mesmo. Eu me viro em coisas hoje em dia, que eu não me virava de jeito nenhum. É uma oportunidade bizarra. Você vai sair acabado, mas você não vai sair a mesma pessoa também.

Vai sair uma pessoa diferente, né?

Com certeza.

Bacana.. e agora está se formando?

Formei. Peguei meu carimbo hoje! Tô na tensão da prova prática agora. Na prova teórica, você faz os testes e faz as escritas. Se você tira uma nota mínima nos testes, eles corrigem suas escritas, e a nota mínima depende da área. A nota de corte da Pediatria dos testes subiu 11 pontos do ano passado pra esse, e eu tirei exatamente a nota de corte. Então corrigiram minha prova teórica. Só que saiu a lista pré-recurso, porque depois você olha sua prova, olha o gabarito, e as vezes pontuaram errado ou corrigiram alguma coisa errado... é super raro, mas tem como você pedir recurso e aumentar sua nota ou diminuir. A minha eu não pedi recurso, porque estava corrigido super correto... tem uma questão que eu não concordo com o gabarito mas aí é um problema do gabarito e não com a minha prova... e aí quando saiu a lista, eles colocam sua classificação pelos testes... quando eu olhei os testes e vi que minha classificação estava lá embaixo, eu falei: “pronto, não passei...”. Entrei numa espiral de desespero... e eu estava indo para Minas – minha família é de lá – para ver minha avó. Aí falei: “foda-se, não vou mais voltar, eu vou ficar aqui, eu vou cuidar da vovó e daí vou pra fazenda e cuidar das galinhas... porque eu vou estudar pra residência?”. E eu estava em um grupo de estudos... Daí depois eu falei: “não, calma, perai né”. Aí, habilidades de Bandeira: abri a lista, mudei para o excel, coloquei tudo em ordem bonitinho... porque eu era a louca do excel na minha diretoria...

Afinal, você era politécnica. Ainda tinha isso em você.

Tinha traços de politécnica (risos). E ainda ensinei excel para muita gente... foi uma habilidade boa. Tem um menino que foi diretor da Medicina comigo que manja muito de excel hoje em dia porque eu falava sempre: “muda isso daqui, faz não sei o quê”.. Aí eu vi minha classificação e aí eu vi minha nota da prova teórica e eu subi mais de 50 pontos. Eu estou quase no corte para passar pra segunda fase.

Então estou esperando o recurso para ver o que vai dar... se 20 pessoas passarem na minha frente, daí eu não vou... mas a chance é pequena. Então eu estou estudando pra prova prática mesmo. Só que é gostoso, estudo em grupo, a gente faz simuladinhos... é engraçado, você brinca de faz-de-conta de ser médico.

Eu estou achando engraçado você prestar em um lugar só. É esse ou esse.

É super comum na faculdade. Quase ninguém presta outras. O pessoal que cai de turma geralmente presta fora... o pessoal que cai porque foi pro intercambio ou perdeu alguma matéria e não fez a faculdade em 6 anos, aí eles prestam mais. Acho que eles têm a cabeça muito mais aberta do que o resto. Mas quem forma com a turma do começo, quase todo mundo só presta USP. Tem alguns hospitais que a gente é hostilizado na entrevista... então já tem isso. A Paulista é uma delas. Dependendo da área, por exemplo, se você for pra ortopedia ou cirurgia, dependendo de quem está te avaliando, por causa da rivalidade nos esportes, eles perguntam: “ué, vocês não estão no Hospital das Clínicas? O que vocês querem fazer aqui no Hospital São Paulo? O que vocês querem fazer aqui na Paulista?”

Mas aí vocês não querem ir...

É que depende do tipo de hospital que você quer ir. O pessoal do atendimento primário, eles prestam USP e São Bernardo, porque é um dos melhores lugares para você fazer a Residência de saúde da família. O pessoal da psiquiatria, outros lugares que dá para prestar que são bons é Hospital do Servidor e a Paulista. A Santa Casa, com os cortes de verbas, está muito ruim... então o pessoal olha muito isso. A Paulista teve um corte de verbas gigantesco. Não tem mais cirurgia oftalmológica. O pessoal da oftalmologia não presta mais Paulista. E aqui é um dos poucos hospitais que ainda tem um volume grande de procedimento. Depois que você se forma, se sua área é de procedimento... é a maior parte da sua renda, não é seu consultório. O pessoal que é só consultório, tipo a pediatria e a clínica, tá ferrado pra sempre, então é mais tranquilo. Mas a minha questão de ter prestado só aqui foi o Hospital da Criança, o Instituto da Criança. Eu não abro mão do Instituto da Criança, que tem trezentos milhões de patologias, porque eu quero fazer especialidade aqui... tô pensando em fazer cardio ou alguma coisa do tipo, ou UTI. Todas as crianças graves nesse prédio, e eu vou para outro lugar com casos mais simples? Então para mim pesou muito isso... e eu ainda estava na dúvida de “não vou prestar residência ano que vem, vou só trabalhar, vou sair de casa e fazer minha vida”... aí eu falei: “ah, não vou prestar 30 provas, pagar 700 reais em cada uma das inscrições”. É 630,00 cada inscrição para prova... então eu selecionei mesmo.

É costume da faculdade. E era um costume da faculdade não fazer cursinho para a prova de residência... tá mudando... porque tá entrando muita gente de fora, a prova agora é teste... É o mesmo cursinho para entrar na faculdade... eu não gosto. Resolvi não fazer... não ia ter tempo, aí eu não ia fazer nem o cursinho direito nem a faculdade direito, e não gosto do sentimento de não fazer direito.

: Deixa eu te fazer só uma pergunta para fechar. Você esteve na Bandeira como politécnica e você esteve na Bandeira como estudante de Medicina. Como é que você se viu nesses dois papéis? Porque são duas áreas diferentes... são duas áreas que têm uma entrada diferente dentro do projeto.

O trabalho na Medicina era muito mais resolver problemas pessoais... muito mais o problema daquela pessoa na minha frente. O trabalho da Engenharia era muito mais amplo... você tinha que conhecer a dinâmica da região, da cidade... os projetos tinham um olhar muito mais global. Eu falo que mesmo fazendo pediatria, o que eu penso da minha vida é que eu vou acabar trabalhando com políticas públicas mais para frente, porque eu gosto muito mais do global. Eu gosto muito do “ah, vamos conversar”, mas eu gosto muito mais do global. Eu gosto muito do “vamos pensar nessa população, nessa área, nessa região...”. Não gosto de coisas bizarramente amplas, por isso que eu até larguei a Engenharia... trabalhar

com coisas muito impessoais não era muito o que eu gostava.. mas eu gosto de uma coisa que abrace mais gente ao mesmo tempo. E é uma situação completamente diferente... a forma de pensar é completamente diferente. É muito mais técnico também, se você pensar numa coisa mais global. Você tem dados muito mais objetivos... talvez seja o resquício da Engenharia aqui, a facilidade com coisas mais exatas que eu sempre tive.. mas me faz mais sentido. Eu tenho uma satisfação maior trabalhando com projetos maiores, de abrangência maior.

Quer dizer, o projeto como estudante de Medicina é um projeto mais dentro da assistência do que o projeto da Engenharia.

É, e é uma coisa que eu achava meio enxugar gelo. O atendimento pessoal na Bandeira é muito enxugar gelo... porque você vai lá, daí eles falam: “você têm trezentas pessoas para serem atendidas”. Você vai, atende essas trezentas pessoas, vão passar três meses e vão ter mais trezentas pessoas para você atender. E beleza, você resolveu aquela pontinha da vida dela, mas você não atuou na base... então naquele momento você teve um impacto talvez maior do que as áreas que agiram na base, mas futuramente... daqui 10 anos, daqui 20 anos... o que isso trouxe para a vida da pessoa? Foi um atendimento médico dela em 30 anos, sabe? Para mim faz muito mais sentido você atacar a base. Mas não se vende um projeto com base... e isso dói meu coração e é uma das coisas que tinha que reformular da Bandeira desde o comecinho dela...

Não se vende o projeto só externamente ou internamente também? Porque eu fico pensando como é que vocês venderiam também para os estudantes de Medicina.

A JUS se vende. A Jornada se vende trabalhando com muito mais base do que a Bandeira. Eu nunca participei da JUS. Mas o que eles propõem inicialmente quando estão apresentando o projeto é uma coisa muito mais de educação da população, e tratam muito mais de políticas públicas, e de buscar uma qualidade de vida e propagar. Não sei se ocorre de fato, porque eu realmente não estava lá, mas eles vendem, eles conseguem um público. Não acho que faça sentido ter dois projetos no mesmo formato, mas conversando com cidades, você não vende um projeto se não tiver atendimento. Assim como não se vende um projeto se for só a Poli... Eles vão falar: “você vão vir aqui fazer um aterro? Um projetinho de aterro para depois a gente executar?”. Não, deixa para lá... ignora... não precisa. Então tem brigas internas dentro do projeto sobre os rumos que tomar e a quantidade de pessoas, mas o que se vende para as cidades e para os patrocinadores, infelizmente, são números. Números de atendimentos, número de óculos entregues, número de dentaduras, número de coisas...

É verdade... Então tá bom Denise. “Obrigadíssimo” pela sua disponibilidade gigantesca de vir até aqui conversar comigo.

Imagina! Está maior dia bonito... aqui é muito gostoso.

ANEXO F – Entrevista com a profissional da Farmácia

Como sua experiência no tempo que participou do Projeto Bandeira Científica? E como essa experiência teve impacto na sua formação como farmacêutico?

Eu conheci a Bandeira em 2014, e na verdade eu comecei a buscar a Bandeira principalmente por ser multi... por ter outras áreas e por ser uma oportunidade de ter contato com outras áreas. Na faculdade, lá na Farmácia, a gente não tem oportunidade nenhuma, eu acho. Não sei, acho que eu não conheço outra oportunidade que não a Bandeira para a gente conhecer as outras áreas e saber como elas trabalham também. Em 2014 eu conheci o projeto e aí eu fui vendo o que eles fazem, o que as outras áreas faziam no projeto... e aí me interessei mais, e sempre fui buscando o que a Farmácia poderia dentro do projeto. Então desde 2014, quando a gente começou a escrever um projetinho para a Farmácia, a gente ficava pensando no que a Farmácia poderia fazer em conjunto com as outras áreas.

Como você conheceu o projeto?

Na Farmácia a gente tem a Jornada Científica, que é um projeto de extensão, só que é só da Farmácia. E os alunos da Farmácia que vão para a Jornada... os coordenadores vão também para a Jornada Universitária da Saúde, que é um projeto multi também de extensão, só que a Farmácia não faz parte... e tem alguns propósitos parecidos com a Jornada da Farmácia. Então indo para a Jornada Universitária da Saúde, que é multi, eu conheci alguns alunos de outras áreas e aí conversando com eles eu acabei conhecendo a Bandeira... “ah, tem outro projeto de extensão também”. E aí eu conheci a Bandeira. E aí quando a gente voltou desse projeto que eu fui atrás de saber sobre o que é a Bandeira, o que eles fazem, porque não tem a Farmácia... o que e como poderia fazer para ter a Farmácia, essas coisas... Durante 2014 e 2015 a gente foi procurando o que a gente poderia fazer... a gente se reuniu com alguns alunos, principalmente da Medicina... não por eles serem a principal área, mas por eles terem a diretoria do projeto. Pelo menos eu, antes de começar, achava que o projeto era só da Medicina e as outras áreas faziam parte. Então eu fiz bastante reuniões com a equipe de Medicina e descobri que eles levavam bastante medicamentos para o projeto e que não era uma coisa muito organizada. Então a gente começou bem em cima disso: vamos cuidar dos medicamentos que são levados para o projeto... vamos organizar os medicamentos que vão ser levados e lá na cidade vamos organizar a dispensação dos medicamentos para os pacientes. E aí foi por esse caminho que a gente foi entrando no projeto.

Foram se apresentando, né? Porque de alguma forma vocês chegaram para a Medicina falando: “olha, vamos ver no que a gente pode ajudar”. E aí eles colocam vocês dentro do projeto... era uma caixa de madeira, né? Não sei se isso existe ainda.

Sim, existe.

Era uma caixa de madeira que era a farmácia... uma caixa que o pessoal carregava de um lado para o outro.

Aham. Na verdade eu peguei o projeto todo... aquele projetão que todas as áreas escrevem o que fazem. Li ele todo para ter uma ideia do que a Bandeira fazia, porque é difícil você imaginar sem ir para a Bandeira. Então eu li o projeto todo, e na parte da Medicina eles relatavam um pouco que tinha os medicamentos e tal... e nas primeiras vezes que eu fui conversar com eles, eles falaram mesmo: “ah, que legal, porque a gente leva um monte de medicamento e lá a gente só entrega para os pacientes, e sobra muito medicamento, e são medicamentos doados pela indústria.” Então eles levavam o que eles tinham. E diziam que a cidade às vezes reclamava que a Bandeira dispensava os medicamentos para os pacientes e depois eles não conseguiam continuar o tratamento com aqueles medicamentos, porque eles não

estavam disponíveis na cidade. Então não tinha um racional para os medicamentos que eram levados. Então a gente entrou com essa proposta de organizar, de ter um racional por trás dos medicamentos que iam ser levados... não só dos que a gente tinha, mas de quais medicamentos a gente achava que ia precisar lá. No primeiro ano que a gente foi, foi em Limoeiro, a gente pegou a lista de medicamentos que eram disponíveis lá e bateu, tentou levar coisas semelhantes... e aí, chegando lá na cidade, a gente queria fazer parte do fluxo de atendimento mesmo. A gente já tinha essa ideia de fazer parte do atendimento. A gente queria organizar os medicamentos e levar os medicamentos... como uma ação de organização, mais gerencial... mas lá na cidade, como principal atividade a gente queria fazer atendimento. Principalmente depois dos atendimentos da Medicina... a minha ideia era essa: depois do atendimento da Medicina, o paciente que recebe uma prescrição vai para a gente. A gente dispensa os medicamentos para o paciente. E aí explica para ele para o que serve os medicamentos, se ele já usava outros medicamentos em casa, se ele tinha alguma dúvida sobre o medicamento...

E esse era um costume que vocês tinham faculdade?

Nosso curso aqui na Farmácia é muito voltado para a indústria. Então a gente tem pouca coisa de contato com paciente, dessa coisa que a gente chama de atenção farmacêutica... que é isso de ter um contato mais próximo com o paciente, orientá-lo quanto ao uso correto dos medicamentos. É uma coisa muito nova, até nova no Brasil. Então não existe muito do farmacêutico ter contato com o paciente... na faculdade a gente também não teve muito. Mas existe. Por exemplo, no hospital existe um pouco mais do farmacêutico ir até o paciente, conversar com ele, ver os medicamentos que ele usa e orientar... teoricamente na farmácia, quando a gente compra, era pra gente ser orientado. Então nossa proposta para a Bandeira era essa: não só entregar os medicamentos para os pacientes, como é feito, mas orientá-lo também... e ver se ele tinha alguma dúvida sobre os medicamentos que ele já usava... alguma reação adversa talvez que ele estivesse tendo... se ele não toma o medicamento porque faz mal, ou deixa de tomar porque está bem... coisas assim, sabe? Então nossa proposta era fazer parte do fluxo de atendimento e atender mesmo os pacientes.

E aí no primeiro ano isso foi um pouco difícil, porque antes de ir para a Bandeira, é muito difícil você imaginar e saber como ela é feita lá na prática. Então entrar no fluxo de atendimento é difícil, porque a gente ficava imaginando: “como será que é o fluxo?”. A gente se propôs a ir lá, e chegando lá a gente foi se ajeitando, e acabou que acho que deu certo.

Como é que vocês se ajeitaram? Como é que aconteceu?

A gente já tinha a ideia de participar do fluxo como última etapa do posto de atendimento. O que eu acho que é um pouco mais fácil né, entrar no final do que no meio do fluxo... Então a gente já tinha mais ou menos a ideia: “vamos entrar no final do fluxo”. Mais ou menos com eu te falei: o paciente era atendido pela Medicina, tinha uma prescrição médica, aí ele ia retirar os medicamentos e os medicamentos ficavam com a gente. Então ele ia até lá para retirar os medicamentos e aí a gente orientava. No primeiro ano, como a gente foi com uma equipe reduzida, só em 3...

Então vocês ficaram com a farmácia mesmo, é isso?

Sim, a gente pegou para gente. Falou: “dá aqui essa caixa, ela é nossa!” (risos).

E as pessoas iam para lá, é isso?

Isso. E aí como a gente foi com uma equipe reduzida no começo... no primeiro ano a gente foi em 3, sendo dois alunos e um farmacêutico... então a gente ficou em um posto só. Geralmente a Bandeira se divide em dois postos de atendimentos, né? Então a gente se propôs a ficar em um posto só: “vamos

tentar em um posto pelo menos. Porque qualquer coisa um posto está em teste e o outro está funcionando como sempre foi.” E aí acho que funcionou mais ou menos do jeito que a gente planejou mesmo... depois dos atendimentos os pacientes passavam pela gente e tal. E acho que na primeira expedição que a gente foi, lá mesmo tinha feedbacks dos alunos de Medicina: “ai, eu gosto de ficar no posto em que a Farmácia está, porque a gente não vai ter que entregar o medicamento para o paciente. A gente não vai ter que explicar. Ele vai para a Farmácia e a gente sabe que eles vão explicar certinho como paciente vai ter que usar”. No posto que ficava sem a gente, eles só meio que entregavam mesmo: “acabou o atendimento, toma esse medicamento, pode levar pra casa”.

Seu brinde... (risos).

Como se fosse isso. E no posto que a gente estava, a gente se propôs a orientar, a ter uma conversa com os pacientes... Ficava quase um brinde mesmo, de final de atendimento. E sem orientação... não sem orientação né, porque isso depende um pouco das condutas dos alunos.

Eu via como os médicos pegavam... tipo: “leva um treco desse aqui também”. Ficava uma coisa meio esquisita.

Era meio uma bagunça mesmo (risos). Antes de ir, quando eu comecei a conhecer o projeto, eu ficava só imaginando: “esses medicamentos devem ser uma zona lá, uma bagunça que não é de ninguém e aí é de todo mundo”. Mas aí a gente foi com a proposta de organizar, e acho que deu certo sim. A gente conseguiu organizar bem os medicamentos. Eram medicamentos simples, tipo analgésico para dor, alguns antibióticos, antiinflamatório... coisas assim. Tinham algumas coisas que os pacientes usavam de uso contínuo, mas pouca coisa. Eram mais medicamentos que geralmente são dispensados em atendimento de AMA aqui em São Paulo, sabe? Que é mais uma coisa de urgência. E que é mais ou menos o perfil dos pacientes que são atendidos lá na Bandeira. Eles não iam fazer acompanhamento, eles iam lá porque estavam com uma queixa pontual.

E como vocês foram recebidos?

Por quem?

Por todos... foi a primeira vez que vocês foram. Por quem estava lá... pelos alunos, pelas pessoas...

Pelos alunos, acho que foi tranquilo. Aconteceram algumas coisas pontuais, por exemplo: tinham muitos coordenadores de área da Medicina. Então alguns a gente via que a gente conseguia ter uma relação melhor... alguns não sei se não aceitavam muito, ou se não entendiam muito que agora a responsabilidade dos medicamentos era nossa... e acabavam fazendo as coisas sem falar com a gente antes... porque acho que eles não tinham muito ideia do que a gente estava fazendo lá. Mas acho que não foi um problema...

Mas vocês tinham ideia do que vocês estavam fazendo lá?

A gente estava bem direcionado: “a gente vai para fazer isso. Se a gente achar alguma outra oportunidade, beleza”. Mas a gente estava com uma equipe reduzida, então a gente foi centrado para fazer aquilo. E com as outras áreas, que não a Medicina, a gente teve pouco contato no primeiro ano. A gente conseguiu até fazer alguns atendimentos compartilhados com os alunos de Nutrição, porque às vezes tinham algumas dúvidas de pacientes tipo: “ah, posso tomar os medicamentos com comida ou não?”. Aí a Nutrição estava orientando sobre o alimento e daí eles faziam perguntas sobre os medicamentos junto. Mas foram poucos casos... dois, três casos pontuais. A gente não tinha muita relação com as outras áreas.

No segundo ano, em 2016, aí já aumentou um pouco... também porque em 2016 a gente participava mais ativamente das reuniões de diretoria antes de ir para o projeto. Em 2015 a gente meio que ia só para assistir... a gente não participava, não organizava como a diretoria organizava. A gente participou de todas as reuniões durante todo o ano, mas foi mais assistindo do que participando. Já em 2016 a gente participava mais ativamente... como diretoria, para organizar mesmo as coisas... de logística mesmo... ônibus, várias coisas assim. Aí a gente acabou pegando mais amizade com os outros alunos das outras áreas, e com a **amizade e proximidade** com outros alunos ficou mais fácil a gente achar coisas que conseguíssemos fazer em comum.

Ah, bacana isso!

Mas depende das pessoas, né... depende um pouco das pessoas que estão lá.

Acho que o que você diz com isso é que tem uma disposição também, né? Tem uma predisposição de estar aberto ou fechado para fazer coisas juntos. Quer dizer, o que se abre quando surgem essas outras relações?

Sim... e a gente via isso muito com os alunos da Medicina... que eram os que a gente tinha mais contato. Acho que até hoje a área que a gente é mais próxima é da Medicina... porque tem muita relação mesmo nossas duas atividades. E a gente vê... como são 5, 6, 7... não sei nem quantos coordenadores da Medicina... a gente via que tinha uns com quem a gente não conseguia ter um laço e criar uma relação. E aí ficava mais difícil de trabalhar juntos. Já os alunos com quem a gente conseguia ter mais proximidade, criar uma amizade... a gente vê que eles chamam mais a gente para participar das coisas. A gente consegue chamar eles para fazermos alguma atividade juntos...

Isso que você está falando faz todo sentido... é quase como se houvesse uma criação de uma rede de pessoas que se dão bem. E que juntos, se dando bem, vão se chamando... “ah, vem participar junto”. Porque é gostoso participar junto, porque é gostoso criar... mas é engraçado como a Bandeira consegue abarcar pessoas que tem essa disposição, esse humor para receber os outros, e abarca também as pessoas que querem só fazer o delas. É engraçado isso, né?

A gente via muito aluno da Medicina... eu falo da Medicina porque eu estava vendo mais os atendimentos deles... a gente via mesmo que entre os alunos que estavam fazendo atendimento, tinham alunos que agiam como “quero fazer meus atendimentos, vou discutir com meu discutidor e essa é a minha parte”. Mas tinha aluno que não... que ia lá, discutia com o discutidor dele, e que vinha também discutir com a gente porque um medicamento e porque não outro.. e a gente via que ele ia lá e discutia com outra área também... mas é uma coisa que depende muito do aluno.

Isso é muito interessante... porque como é que pode, né, ser um projeto que contemple esses dois movimentos. São movimentos muito diferentes.

Tem gente que quer ir mais para melhorar na sua própria área mesmo... tipo aluno da Nutrição: “ah, eu quero ir lá porque eu quero melhorar meu atendimento de nutricionista”. E tem aluno que vai porque quer realmente fazer trabalho junto com as outras áreas, quer conhecer as outras áreas... a gente tinha um pouco dos dois na Farmácia. A gente tinha muito receio de não conseguir fazer as atividades que a gente estava se propondo.

Quando eu comecei, eu estava no segundo ano e a outra menina que estava comigo estava no primeiro ano. Então a gente falou: “tá bom, a gente está indo lá, se propondo a orientar os pacientes, mas orientar o que, né? Como a gente vai orientar os pacientes se a gente não sabe orientar nem a gente mesmo?”. Então a gente teve um bom período de estudo antes de ir.

E vocês foram sozinhos?

Não, a gente foi com uma farmacêutica que salvou a gente muito. Ela era ótima, excelente. Na época ela era residente aqui do HU. Então ela tinha muito essa noção de ensino e de ajudar a gente... então antes da expedição a gente teve que se preparar muito como área. A gente teve que estudar bastante os medicamentos... a gente definiu os medicamentos que a gente ia levar, aí a gente estudou muito, muito, aqueles medicamentos que a gente ia levar... possíveis reações, para o que servia, como usava, enfim, tudo que a gente poderia orientar sobre ele. Mesmo assim era um desafio grande... mesmo para os alunos que vão hoje pela Farmácia é um desafio muito grande.

Porque é um número de medicamentos meio grande, né?

Sim, tem muita coisa.

Vai ter que olhar... não tem como...

E por incrível que pareça, essas coisas são as últimas coisas que a gente aprende na faculdade. As últimas matérias que a gente tem são de Farmacologia e tal... a gente começa a ver isso mais para o meio, fim da graduação... então aluno do segundo e terceiro ano com certeza não teve essas coisas ainda. E esse era um medo que a gente tinha... era nosso principal receio... de não encaixar no fluxo, mas a gente achava que ia dar um jeitinho... e de não ter o conhecimento para fazer as orientações.

Vocês achavam que fazia falta, nesse momento da graduação de vocês, essa prática, essa ação?

Eu acho que foi uma coisa que fez muita falta para mim. Eu acho que se eu tivesse tido mais coisas na faculdade e mais coisas antes de ter ido para a Bandeira sobre esses assuntos, ia ter ajudado bastante.

Não, ao contrário que eu estou falando! Você acha que faz falta para os alunos do segundo, terceiro ano, essa prática que vocês tiveram? Essa prática que vocês tiveram foi específica, porque vocês se dispuseram a se colocar nesse barco. Então você acha que faz falta a ausência de prática nesses anos iniciais da graduação?

Não sei se nos primeiros anos... porque a extensão a gente poderia fazer em qualquer ano e seria ótimo em qualquer ano. Eu não sei se faria falta pelo aluno ser do primeiro e segundo ano... eu acho que a pessoa não ter essa oportunidade de praticar, de ir para extensão faria falta na faculdade como um todo. Mesmo que no quarto e quinto ano da faculdade a pessoa vá aprender sobre os medicamentos, sobre Farmacologia, não é uma coisa aplicada... a gente aprende o mecanismo de ação de medicamento, mas a gente não vai orientar o paciente sobre o mecanismo de ação do medicamento. A gente vai orientar muitas outras coisas, de muitas outras formas. Então eu acho que mesmo depois do aluno aprender as coisas e adquirir o conhecimento técnico, seria ótimo se ele conseguisse aplicar isso... seria ótimo se ele conseguisse ter a experiência de orientar alguém com aquilo que ele está aprendendo. Primeiro porque você precisa entender bem, né? Se você não entender bem como é o mecanismo e a farmacologia, fica difícil você passar a informação de um jeito mais fácil para o paciente. Então acho que faz falta... não sei se para os alunos do primeiro e segundo faz falta. Para mim fez bastante diferença ter ido. Eu tive que estudar muito e eu tinha muito medo de chegar lá e não conseguir orientar. Quando eu cheguei lá no quarto, quinto ano, que eu fui ter aulas de Farmacologia, as aulas sobre os medicamentos específicos, eu já tinha um conhecimento, pelo menos básico, dos medicamentos mais usados, pelo menos. E isso me ajudou bastante a estudar melhor.

Lá nos seus estudos, né? Mas acho que na sua formação como profissional também. É engraçado, porque você fala “puts, o cara estava no primeiro ano e foi junto comigo”... Quer dizer, o que levou

vocês a procurarem isso? Vocês estavam sentindo falta de alguma coisa? Vocês foram em um congresso, aí alguém contou que tinha um projeto assim. E aí vocês se jogaram nesse projeto, que nem uns loucos... em duas pessoas... uma no primeiro ano e outra no segundo... quer dizer: o que impulsionou vocês a irem? É isso que é minha dúvida. Vocês já estavam pensando em trabalhar nesta área de atendimento dentro da Farmácia?

Eu já tinha muita ideia de trabalhar nessa área... de atenção farmacêutica e hospitalar. Desde o começo eu busquei isso na graduação.

Você já entrou na Farmácia pensando assim?

Não. Eu entrei na Farmácia sem nem saber direito o que o farmacêutico fazia. As pessoas geralmente não conhecem... farmacêutico, ainda, né? Eu sempre falo: “que criança fala ‘eu quero ser farmacêutico quando crescer’”? Ninguém nem sabe o que faz direito, né. Mas logo que eu entrei, eu tive essa ideia de ser mais profissional de saúde e orientar, do que ir para área da indústria e ser mais técnico. Então eu procurei coisas sobre isso e a extensão fez bastante diferença para mim nesse sentido. Porque a gente tem pouco disso na faculdade, em geral... a gente tem algumas matérias específicas de atenção farmacêutica e de farmácia hospitalar... mas a gente tem pouco disso. A gente tem uma matéria optativa de atenção multidisciplinar, na qual a gente faz um trabalho em UBS junto com outras áreas. Mas é uma matéria optativa, que abre duas ou três vagas por semestre... não é, então, uma coisa que a gente tem na faculdade. Se a pessoa procurar ela vai ter, mas não é uma coisa que a gente vai ter obrigatoriamente. Se a gente não for atrás, a gente não vai aprender sobre o que as outras áreas fazem. Se eu não fosse para os projetos de extensão eu não saberia qual é a diferença entre TO, Fisio... o que eles fazem... a Fono... Acho que eu não teria essa ideia se eu não tivesse ido para os projetos de extensão.

E isso faz diferença hoje para você?

Faz! Muita né? Primeiro porque eu faço um programa de Residência multiprofissional. Então as coisas que eu faço hoje na Residência... faz muita diferença eu ter feito isso já na graduação. Por exemplo, quando eu falei da Bandeira... eu conheci um pouco do perfil das pessoas que eram legais da gente trabalhar em conjunto e fazer coisas legais... e também o perfil das pessoas que só queriam ficar na delas. Hoje eu faço Residência multi, então eu sei como é legal o trabalho conjunto. Meu grupo é uma nutri, uma fisio, os enfermeiros e eu... eu sei que é legal chamar: “nutri, vem cá, vem ver o que eu estou fazendo”... ou eu chegar e falar: “fisio, deixa eu ver o que você está fazendo aí”... e fazer coisas juntos. E como é importante também a gente criar amizade, criar um laço pra gente fazer as coisas juntos... e ir aprendendo com a outra área. Acho que se eu não tivesse ido para os projetos de extensão e não tivesse conhecido um pouco mais das outras áreas, seria um pouco mais difícil minha relação com o meu grupo dentro da minha Residência hoje.

Nesse sentido de chamar as pessoas para participar. É isso?

De ter uma relação multi mesmo, e não ficar só na minha parte da Farmácia na Residência. Porque é uma Residência multi. Eu tenho bastante coisa específica só da Farmácia... mas a gente tem oportunidade de ter muita coisa das outras áreas também... de ver tudo o que eles fazem, de acompanhar tudo que a gente quiser... na Residência a gente aprende o que a gente quiser buscar para aprender. Então eu acho que fez bastante diferença conhecer as coisas específicas da Farmácia... como conhecimentos específicos, de orientar pacientes, de ter a experiência já de conversar com os pacientes... E também essa parte multi, de ser mais fácil de trabalhar com as outras áreas agora. Se eu não tivesse ido, eu acho que seria mais difícil.

Bacana... e você foi no segundo e no terceiro ano? Você não foi no quarto?

Quando eu estava no segundo ano era 2014, que foi quando eu comecei a escrever o projeto para a Farmácia. Aí eu só fui para a Bandeira no terceiro e quarto ano. Quando eu estava no segundo ano eu comecei a escrever o projeto sobre o que a Farmácia poderia fazer... só que aí não deu para a gente ir naquela expedição, porque já estava muito em cima. Aí em 2015, eu estava no meu terceiro ano e comecei a ir.

Ah tá. E aí você foi no terceiro e no quarto?

No terceiro e quarto ano.

E aí não tem quinto? São só quatro anos?

Não, são cinco. Mas no meu último ano eu não fui.

Por que essa escolha de não ir?

Não foi muito uma escolha... foi um ciclo. No primeiro ano que eu fui, fomos eu e colega graduanda da Farmácia - como alunos, para fazermos nossa atividade lá. No segundo ano que a gente foi, fomos como coordenadores de área e levamos três alunos. No outro ano, que seria meu quinto ano, meu último ano da faculdade... os alunos que foram com a gente passaram a ser os coordenadores de área e um diretor... foi o primeiro ano que a gente teve diretor... e aí eles chamaram novos alunos... e eu fiquei para fora, entendeu?

Você foi posto de fora?

Não, não fui posto... foi um ciclo meio natural. Eles foram como alunos, passaram a ser os coordenadores de área no outro ano... e eu estava como coordenador de área... então era a vez deles. Eles iam continuar o ciclo. Se eu pudesse ir naquele ano, eu iria também. Mas eu acho que era um ciclo... eu poderia ir com minha colega de novo no meu último ano. Só que quem ia continuar depois? Então foi uma coisa natural... quem vai nesse ano vai continuar e coordenar no próximo ano.

Ou seja, você pode nesse ano ir como discutidor, por exemplo.

Eu não sei se eu posso por causa da Residência. Não sei se eu posso sair nesse período e ir para lá. Seria o único impedimento para mim. Mas seria legal se eu fosse...

Então tem um desejo de continuar.

Eu acho que ia ser uma oportunidade diferente para mim... ir agora para orientar os alunos e passar conhecimentos para eles... coisas que eu estou aprendendo agora na Residência, coisas específicas da Farmácia. E passar também as coisas que eu vivi lá na Bandeira. Acho que seria legal... e um desafio para mim... de passar isso, de estar preparado para orientar também. Foi um desafio quando eu era um aluno de lá e tinha que orientar os pacientes... acho que seria um outro desafio ir agora como discutidor e orientar os alunos a orientarem os pacientes.

Como um desafio profissional.

Sim. Seria mais um desejo pessoal e um desafio profissional. Desejo pessoal de ir de novo, voltar para o projeto... agora vendo a área da Farmácia bem sólida no projeto. A gente começou lá atrás bem no "vamos ver se vai dar certo ou não"... agora já é uma área que faz parte do projeto, e seria legal voltar e

ver... ver os alunos tocando isso sozinhos... espero que a Farmácia continue na Bandeira nos próximos anos... isso seria bem legal de ver. Isso como uma coisa mais pessoal.

Engraçado, porque do jeito que foi a história da Farmácia na Bandeira... eu não sei se foi a mesma história das outras áreas... de alguma forma é mais fácil para mim ver, porque eu não vi a Farmácia na Bandeira. Então é mais fácil com esse distanciamento para enxergar. Ouvindo você falando, me dá um pouco a sensação de que a Bandeira precisa de pessoas abertas para continuar existindo como um projeto que conversa entre áreas. Pessoalmente abertas. Não estou falando profissionalmente... profissionalmente é claro, né? Mas pessoalmente, nesse sentido de só ter pessoas que queiram se relacionar... de ter uma “vibe” de uma comunicação mais interpessoal.

Eu acho que a Bandeira precisa disso... é claro que depende dos alunos que estão participando. Hoje praticamente são os alunos que fazem a Bandeira... os alunos que organizam o ano todo... a diretoria que organiza. Então depende bastante da vontade dos alunos que estão fazendo, né? Mas eu acho assim: a Bandeira necessita que os alunos tenham essa coisa pessoal, essa vontade de se relacionar e ter contato com as outras áreas... Mas a Bandeira, por ela mesma, já estimula isso. Ela tem o ambiente que vai estimular isso. A gente como diretoria acaba vendo as coisas não muito como área... na diretoria a gente tem que dividir o trabalho independentemente da área que a gente é. Então de alguma forma a gente acaba criando vínculos com os outros alunos, independentemente da área. E eu acho que isso fortalece os vínculos entre as áreas, de uma forma ou de outra. Então eu acho que a Bandeira precisa disso, mas ela também estimula, ao mesmo tempo.

Pela própria condição dela de ser constituída, criada em conjunto...

Sim, pelo jeito que se estrutura o projeto.

Pelo fato do projeto ser feito por vocês... já começa por aí. Você percebe isso entre os bandeirantes também?

Eu acho que entre os bandeirantes poderia ser mais... mas é difícil também. A gente tem as reinters³⁶, que tentam reunir os bandeirantes e fazer eles trabalharem em conjunto antes de irem para expedição... acho que justamente para estimular eles a se conhecerem e tentar fazer algum vínculo já antes de ir para Bandeira para alimentar essa coisa interdisciplinar... só que aí é um pouco mais difícil. Os alunos tendem a ser um pouco mais distantes das outras áreas, talvez por causa da nossa formação na faculdade... que é bem “cada um na sua área”... e talvez por não ter muito contato mesmo com os outros. Mas aí a diretoria tenta estimular isso.

Deixa eu te fazer uma pergunta, que é uma coisa que eu tenho percebido um pouco... a Bandeira deixou a sua graduação mais leve? Mais pesada no sentido de mais tarefas, óbvio, porque ela é tarefaira para caramba e tem muita coisa para fazer... mas de alguma forma ela te coloca num rumo de alguma coisa? Não sei... É uma coisa que tem ficado aqui para mim.

Para mim, pessoalmente, não só a Bandeira. É que eu acabei fazendo bastante coisa fora da graduação.

Então me conta o que foi.

Acho que a Bandeira, na Jornada - que era um projeto específico da Farmácia - eu acabei fazendo bastante coisa... Eu fiz parte da Atlética por três anos, então tem a Atlética também... joguei futsal todos

³⁶ Reuniões entre as áreas realizadas antes da ida à imersão para apresentação, conhecimento, discussão, orientação etc..

os anos da faculdade... e tem outras coisas... os amigos... então acho que tudo que eu fiz fora da sala de aula ajudou a fazer minha graduação ser mais leve e mais rápida. A ser mais tranquila mesmo... me ajudou a não ficar ansioso com as aulas e essas coisas assim. Respondendo a pergunta, a Bandeira sim ajudou a deixar mais leve, mas não só... não só a Bandeira por ser a Bandeira do jeito como ela é. Todas as coisas que são fora da sala de aula, e que estimulam a gente a fazer outras atividades, acabam ajudando.

Gostaria de falar mais alguma coisa? Do contato entre áreas?

Não sei, não consigo me lembrar de nada específico. Mas foi bem legal conhecer as outras áreas... no sentido de pensar “nossa, não tinha ideia de que eles faziam isso”. As próprias áreas que não são tanto de saúde que vão para o projeto... tipo a FEA, POLI... tipo “nossa, não sabia que eles poderiam fazer isso”. As próprias áreas que eu já não conhecia muito, tipo TO, Fisio... não sabia que as adaptações que eles fazem lá são muito legais...

Bacana... Obrigada, viu? Obrigada mesmo.

Imagina. Eu adoro falar sobre a Bandeira. Eu gosto muito, muito do projeto. E foi uma realização pessoal ver que agora o projeto é parte da Bandeira. Que a Farmácia faz parte da Bandeira mesmo.. e eu espero que eles continuem. Toda hora eu falo para eles: “faz o que tiver que fazer, mas não vai deixar a Farmácia sair. Se tiver que ir de novo, vocês vão de novo”.

Mas você acha que falta interesse dos alunos? Ou não?

Não... não acho que falta interesse. Acho que enquanto tiver a oportunidade vai ter aluno para fazer. Talvez não seja o interesse da maioria na nossa faculdade da Farmácia, porque acho que muitos querem mesmo ir para a indústria e ganhar muito dinheiro na indústria... (risos). Tem gente que entra para isso... que quer fazer pesquisa e desenvolver novos medicamentos e tal. Mas sobre a Bandeira, como você mesma falou... é uma coisa que dá muito trabalho. Então precisa querer participar e precisa querer organizar... Muita gente entra falando “vou fazer um medicamento novo, que vai salvar alguma coisa”.

É bonito né... (risos).

É bonito... “vamos fazer um medicamento supernovo, ganhar muito dinheiro também, fazer patente”. Acho que muita gente entra falando isso. Mas logo nos primeiros meses a gente entende que não é assim... tão simples.

ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,.....

 (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG), estou sendo convidado a participar de um estudo denominado “**A extensão universitária como ação e saúde para pertencer: o Projeto Bandeira Científica via narrativas³⁷**”, cujos objetivos e justificativas são: compreender como o espaço interdisciplinar promovido pelo Projeto Bandeira Científica pode encaminhar a formação profissional das pessoas envolvidas nele.

A minha participação no referido estudo será no sentido de, através de entrevista que será gravada e transcrita, descrever minha experiência no Projeto Bandeira Científica. Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns impactos, bons ou ruins, quando na pesquisa poderei compreender melhor minha participação no projeto, esclarecendo sua influência em minha formação profissional. Foi colocado à minha disposição atendimento psicológico, caso algum mal-estar advindo da entrevista seja percebido por mim.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a psicóloga Heloisa Antonelli Aun, aluna de doutorado do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, e com ela poderei manter contato pelos telefones: (11) 3832-2054 e (11) 3091-4285.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o IPUSP (11) 3091-4285 ou mandar um *e-mail* para lefe@usp.br

São Paulo, _____ de _____ de 20_____.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Pesquisadora: Heloisa Antonelli Aun

³⁷ Nome ainda não definido à época.